THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ9261
Book .G3F5
1866

1

BIBLIOTHECA MORÉ

2529
4503

ARNALDO GAMA

103

O FILHO DO BALDAIA

ROMANCE HISTORICO

PORTO
EM CASA DE VIUVA MORÉ — EDITORA
PRAÇA DE D. PEDRO

1866

O FILHO DO BALDAIA

POR

de Sousa Dantas da

ARNALDO GAMA

Antonio Augusto de Carvalho Mont.ro
Coimbra 18-3-66.

PORTO
EM CASA DE VIUVA MORÉ — EDITORA
PRAÇA DE D. PEDRO

1866

PQ9261
.G3F5
1866

387270
'29

PORTO
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
Rua da Cancella Velha, 62

1866

AMK 21D54

A

FRANCISCO ALEXANDRE DOS SANTOS

FACULTATIVO DA CAMARA

EM S. JOÃO DA FOZ DO DOURO

Meu querido amigo.

Á sua intelligencia, ao seu raro tino medico, e aos extremosos e prudentes desvelos da sua amizade devo eu, por sem duvida, o não ter succumbido aos terriveis padecimentos, que, durante tantos annos, tiveram por causa ignorada tres ténias; e que, nos ultimos dous, chegaram a tal ponto que, a não terem sido combatidos com tão atilada solicitude, como o foram por si, haveriam de certo acabado commigo.

Peço-lhe, portanto, licença para lhe dedicar este livro como pobrissima manifestação da grande conta em que tenho as suas eminentes qualidades medicas e todas as provas de cordial affecto, que tem dado ao

seu verdadeiro amigo

Foz 3 de Julho
de 1865.

Arnaldo Gama.

O FILHO DO BALDAIA

I

> Lá acharam a mór parte da gente da cidade; porque todos assim principes e senhores, como de toda a qualidade, acudiram áquella parte com desejo de vêr.
>
> MORAES, *Palmeirim.*

O mez de Outubro do anno de 1476 ia em meio.

Eram nove para as dez horas d'um dia formosissimo. O sol resplandecia esplendido na atmosphera transparente e sem nuvens do suavissimo céo de Tours, capital da antiga Touraine, provincia com razão denominada o *jardim da França* [1]. Os seus raios resplandentes e tepidos espargiam uma luz deliciosa por sobre a folhagem, já quasi amarellecida, do vasto e copado arvoredo, que ainda então co-

1 Talvez que seja desnecessario recordar aos leitores que a antiga divisão territorial de França foi completamente refundida pelo governo da grande revolução de 1789. Ás antigas provincias succederam os modernos departamentos, que em geral não correspondem á divisão d'ellas. A Touraine foi uma das que menos soffreu com esta alteração radical. A maior porção do seu territorio fórma hoje a maxima parte do departamento chamado do Indre-et-Loire.

bria a maior parte dos terrenos, que são hoje campinas apraziveis e aldeias pittorescas e formosas; e reflectiam-se com dourado fulgor sobre as aguas do Loire, que se deslisava dôcemente por entre as ribas frondentes e deleitosas, agora sereno e sem que a mais ligeira briza lhe encrespasse, ao de leve se quer, a face lisa e brunida como espelho de aço polidissimo. Aqui via-se, cortada por entre o arvoredo, como serpente em colleios caprichosos, uma ou outra estrada irregular, aberta pelo transito continuado dos viandantes, durante o espaço de muitos seculos. Ali e acolá via-se uma ou outra casinha, no meio de formosa clareira, e rodeada d'um campo ou d'uma campina coberta de fruteiras e de vinhas; e mais além viam-se aqui e ali, na face da collina, que aformosea este delicioso panorama, as primeiras tentativas d'essas casas abertas na rocha, a alturas irregulares — especie de tocas humanas, que hoje se vêem quasi que ininterrompidamente desde Tours até Amboise, e que fazem pasmar o viajante com o seu aspecto agradavel mas singular, e com os matos, vinhedos e jardins que lhes servem de tectos, e por entre os quaes emergem do solo, aqui e ali, as chaminés.

Este ameno e deleitoso tracto de terreno está situado quasi na ponta da peninsula, que o rio Cher fórma com o rio Loire, ao qual se reune a poucas leguas de distancia, na aldeia de Bec-du-Cher. Na margem esquerda e ao sul do Loire via-se Tours, cingida pelas suas antigas e fortes muralhas, dentilhadas de ameias e flanqueadas por torres altas e bem afortalezadas. A legua e meia, a nordeste, e não muito distante das celebres cavernas das *Gottei-*

ras (Caves-Goutières) campeava o antigo e forte castello das Rochas, de que hoje resta sómente uma torre. A sul, e apenas a um quarto de legua de Tours, via-se o famoso castello de Plessis-lez-Tours [1], residencia favorita de Luiz XI, cercado pelas suas robustas muralhas, defendidas por um sem numero de torres e bastioens, e rodeadas por um fosso largo e profundo, cingido por uma forte barbacã coberta de guaritas e atalaias. N'esta época, Plessis-lez-Tours ainda não tinha aquellas terriveis e apavoradoras obras de defeza, com que Luiz XI a fortificou nos ultimos annos, que viveu.

Eram pois nove para as dez horas da manhã d'este formosissimo dia. O caminho que de Tours levava a Plessis, estava litteralmente coberto de homens, de mulheres e de creanças, que jorravam ás lufadas pela porta da cidade, e que seguiam pela estrada fóra, uns indo, outros vindo, e a maior parte deixando-se ficar parados e aos grupos, por debaixo do frondoso e copado arvoredo, que bordava o caminho. Um facto, na verdade extraordinario, agitava n'aquella occasião os habitantes da capital da antiga Touraine. Havia cinco dias que Affonso V, rei de Portugal, entrára em Tours; e n'esse, Luiz XI,

[1] Plessis, corrupção de *palatium*, palacio, é nome commum a muitas aldeias de França, em todas as quaes se encontram mais ou menos ruinas de antigos castellos senhoriaes ou realengos. Plessis-lez-Tours, ou antes Plessis-du-Parc-lez-Tours, que era como verdadeiramente se chamava, era d'antes conhecido pelo nome de Montils-lez-Tours, o qual ainda se lhe dava n'este tempo, como se póde vêr da chronica de João de Troyes. *Lez-Tours* quer dizer, junto de Tours. *Lez* é antiga palavra franceza, que corresponde á moderna preposição *près*, junto de.

que na noite antecedente, havia chegado ao castello de Plessis, vindo d'uma romaria em que fóra a Nossa Senhora de Clery, de que era especialmente devoto, ia visitar o seu hospede, acompanhado, segundo se dizia, por uma brilhante cavalgada de cavalleiros e grandes senhores. Ora, como aquillo era cousa que se não via desde o tempo do cavalheiresco rei Carlos VII, o povo agitava-se para presenciar um espectaculo rarissimo n'aquelle reinado, e que elle lá tinha suas razoens para acreditar que tão cedo se não tornaria a repetir.

A metade do caminho, onde a estrada, pela sua maior largura, parecia dever prestar occasião de aspecto mais esplendido e apparatoso á cavalgada, que se esperava, foi onde o povo se apinhou em maior multidão. Aquillo ali assemelhava enorme feira, litteralmente atulhada de homens e mulheres, agrupados, uns de pé e outros sentados debaixo das arvores, e não poucos, dos mais abelhudos e curiosos, trepados pelos ramos compridos e robustos, com que ellas se copavam naturalmente. O ruido da multidão inquieta e curiosa zumbia nos ares, assemelhando o de enorme floresta quando agitada por furacão impetuoso. Ao de cima d'ella, como os estalos das arvores que estouram no meio d'uma tempestade, destacavam-se confusamente os sons variados dos guinchos, dos apupos e dos brados, com que os differentes individuos se apodavam ou chamavam a attenção uns dos outros.

D'entre os diversos grupos, que bordavam, mais ou menos adiantados, a estrada, destacaremos um dos mais dianteiros e não dos mais numerosos,

do qual todos os homens e não poucas mulheres, que o formavam, pareciam escutar attentamente a polemica renhida e tenazmente sustentada por dous roliços e anafados cidadãos de Tours, que no calor da discussão appellavam de quando em quando para um terceiro, que, encostado ao frondoso carvalho, debaixo do qual se achavam, os escutava de braços cruzados, sem dar palavra, e com a mais altaneira indifferença pelo que elles estavam arrazoando.

Os dous questionadores, ambos de estatura meã, anafados e de boas côres, mostravam pelos trajos, pelos gestos e pelo palavriado pertencerem á burguezia da cidade. Um d'elles, de genio mais pacifico e mais pachorrento, com as mãos mettidas no cinto com que cingia o pelote, e de que pendia uma escarcella de pelle de gamo, pespontada a vermelho, olhava o companheiro, com um sorriso de ironia nos labios e meneando a cabeça, como quem não acreditava no que elle estava dizendo.

O outro, que era o mais anafado e mais apopletico dos dous, rugia, bradava, guinchava, gesticulando com as mãos e com os pés, e pondo de quando em quando os olhos no terceiro personagem, como quem appellava para elle da duvida insultuosa, com que as suas palavras eram discutidas e escutadas.

Este, que bem demonstrava achar-se por casualidade no meio d'aquella referta, merece attenção mais particular. Era homem de estatura gigantesca, magro e reforçado de corporatura. Mostrava passar dos sessenta annos de idade. Tinha o rosto secco, severo e authorisado por uma comprida barba branca, que lhe chegava quasi até meio do peito. O na-

riz era aquilino, e os olhos pequenos e refulgentes, e duramente assombrados por duas espessas sobrancelhas tambem brancas. Trajava um vestuario meio burguez, meio militar. Por cima d'um gibão de panno grosseiro, de que apenas se lhe viam as mangas, com abertos abrochados por atilhos de couro com ponteiras de latão, trazia uma rija cota estofada, sem braçaes e com um curto tonelete de ferro batido. As calças eram de panno grosseiro, e entretalhadas de côres escuras. Nos pés tinha uns borzeguins de bezerro esfrolado, e na cabeça um barrete de pelles coberto por uma rija lamina de ferro, que lhe servia de armadura defensiva. Á cintura trazia pendente d'um cinto de bezerro preto, abrochado com fechos de ferro, uma adaga comprida e semelhante ás chamadas de mercê ou misericordia, usadas pelos cavalleiros da época, mettida em bainha de bezerro de Inglaterra com sua ponteira de aço.

O aspecto e os gestos d'este homem contrastavam singularmente com o vestuario que trazia. Ao passo que este o fazia parecer aventureiro ou, por ventura, algum dos mercenarios suissos, de que Luiz XI havia começado a inçar a França, aquelles afiguravam-n'o poderoso e rude barão, habituado a ser obedecido de joelhos e á primeira palavra. Os olhares, com que olhava, de braços cruzados, para os dous questionadores; e a indifferença altiva e desprezadora, com que os escutava e os media de quando em quando, tel-os-ia esmagado e reduzido a completo silencio, se elles não fossem os dous mais temerosos esmagadores de paciencias, que Tours n'essa época acoutava no seio.

— Então ainda o negarais? — perorou por fim o burguez irritavel, com gestos e brados de quem tinha derrotado litteralmente, com a argumentação, o adversario.

— Dizei o que vos aprouver; ainda estou pela mesma — respondeu o pachorrento, avivando o seu terrivel sorriso de pungente ironia.

— Sangue de Christo! E isso me dizeis vós, depois do que vos acabo de asseverar com meu juramento! — replicou voz em-grita o cidadão furibundo — Digo e redigo que este rei de Portugal, que é grande homem em sua terra, desembarcou em Aigues-mortes [1] com sessenta mil homens armados, que por signal ficaram alojados em Marselha...

— O Santa Maria! — atalhou-o com atroadora gargalhada o pachorrento — Forte homem sois vós devéras, amigo Marcos Cailletel! Como! sessenta mil?... Então que veio elle fazer a França?

— Sessenta mil, por Deus! micer João Ronde-Joue, sessenta mil, e tenho dito — bradou o terrivel Cailletel, quasi de todo apopletico — Vós não sabeis d'isto nem migalha. E mais vos digo que o snr. conde de Dammartin o recebeu e festejou em Lyon...

— O conde de Dammartin! Ó homem de Deus, pois não vêdes — replicou Ronde-Joue, repenicando

1 *Aigues-mortes*, ou Aguas mortas, como nós dizemos em portuguez, é uma pequena cidade de França, no departamento de Gard, que fica hoje a 5 kil do mar, mas que, no seculo XV, ainda era um dos portos francezes do Mediterraneo, como se vê dos escriptos da época. N'elle, segundo os nossos chronistas, determinava desembarcar Affonso V, quando foi a França, o que não fez por os ventos lhe serem contrarios.

a gargalhada — que o conde de Dammartin acompanhou el-rei Luiz a Nossa Senhora de Clery?

A esta coarctada Marcos Cailletel ficou um momento embasbacado; mas como homem que não cede de sua teima, bradou logo, gesticulando furioso com os braços e dando pulinhos de raiva:

— Acompanhou! Acompanhou... acompanhou um dardo!...

O pacifico João Ronde-Joue serenou de repente a gargalhada, e fez desapparecer o sorriso de ironia, um pouco atrapalhado pela violencia ameaçadora dos gestos do seu adversario.

— Ora vinde cá, amigo Marcos Cailletel — disse com bons modos, ante os quaes o irritavel burguez fez rolar as meninas dos olhos com aspecto cada vez mais feroz — ora vinde cá e ouvide-me, que eu estou melhor informado que vós. Tudo o que sei, disse-o esta manhã na minha loja João Menu, pagem do duque de Bourbon, que elle enviou a el-rei com noticias do que se passava. El-rei de Portugal desembarcou, não em Aigues-mortes, como dizeis, mas em Collieures [1], onde chegou com grande numero de navios e homens d'armas, mas não sessenta mil, que tantos não ha elle em sua terra...

— Como não! — interrompeu Cailletel — Como não, por Satanaz! se mais de duzentos mil tem elle em Africa, da qual toda é senhor, e, a não

[1] Collieures é uma pequena cidade, actualmente cabeça d'um dos dezesete cantoens de que se compõe o departamento dos Pyreneus Orientaes. É a Colybre dos nossos chronistas; naturalmente do latim *Caucolliberis* ou *Caucolliberum*.

ser assim, como poder com todo o peso da mourisma...

— Ora ouvide — atalhou Ronde-Joue, permittindo aqui que o seu sorriso de ironia lhe apparecesse ao de leve nos labios — ora ouvide. De Collieures, depois de provido de bestas e cousas que lhe cumpriam para a jornada, partiu por terra para Perpignan, onde foi com grande honra e estado recebido, e elle e todos os seus aposentados de graça, e por acatamento e reverencia de sua pessoa real, o capitão e governadores da villa mandaram soltar e abrir os carceres a todos os presos, que na cidade havia. Aqui em Perpignan se proveu para el-rei e para os de sua companhia de bestas para encavalgaduras de suas pessoas, e carretas para fardagem, com o que seguiu seu caminho por Narbonne, Bézieres, Montpellier e Nimes, todas grandes cidades do Languedoc. E na cidade de Nimes deixou el-rei a estrada romã, que vai a Avignon, e tomou a outra de Pont-Saint-Esprit, caminho da cidade de Lyon. E antes que a ella chegasse, no caminho lhe veio fazer reverencia o duque de Bourbon, acompanhado de grandes homens; e assim foi festejado e agasalhado com grande perfeição pelo senhor de Saint-Vallier...

— Isso é uma grande mentira — atalhou em voz de trovão Cailletel.

O velhaco tinha estado até aqui muito calado e attento a colher a verdade dos factos, de que a sua presumpção lhe não permittia confessar-se ignorante; mas, como naturalmente sabia d'aqui por diante muito bem tudo quanto se havia passado, não quiz dar-se por vencido, e interrompeu portanto o

companheiro, desmentindo em voz atroadora e com gestos furiosos a verdade de que elle proprio estava convencido.

— Isso é uma grande mentira — bradou pois — e vós sois um grande ribaldo e aleivoso. Tudo o que digo, ouvi-o esta manhã de Deus, da bocca do proprio monseigneur de Baldaia, embaixador do rei de Portugal, a quem fui levar um gibão novo para assistir ás vistas dos dous...

— El-rei! El-rei! — bradaram de cima das arvores os abelhudos, que n'ellas estavam empoleirados.

A estes brados, Cailletel e Ronde-Joue calaram-se de chofre. A multidão poz-se de pé, e ficou no silencio da suspensão, com que se aguarda um grande acontecimento imminente; e o velho, que escutava os dous questionadores, como quem pretendia matar o tempo, aprumou-se, e fitou a vista scintillante e sombria no logar, por onde se via assomar a comitiva real.

Esta acabava de dobrar uma volta, que o caminho fazia a pouca distancia, e aproximava-se a passo cheio, no meio d'uma leve nebrina de poeira, que as patas dos cavallos lançavam de si.

A cavalgada, apesar de não vir acompanhada do apparato de musicos, de pagens e homens de pé, de arautos e passavantes e de todos os mais officiaes publicos, de que os reis d'aquella época usavam acompanhar-se nas occasioens solemnes, ainda assim era magnifica e vistosa. Constava de cincoenta cavalleiros, cada qual mais rica e elegantemente vestido, e todos cavalgando magnificos cavallos, ricamen-

te ajaezados. Os pelotes, as jorneias, as opas, as capas curtas e todos os demais vestidos superiores, que trajavam, eram feitos de chamalotes, de veludos e de outras fazendas preciosas, de côres variadas e refulgentes; e todos fimbrados de ricos e altos bordados. Os giboens eram de magnifico fustão de Florença ou de setins primorosos. Os golpes, que haviam n'elles e nos pelotes, pelos quaes tufavam as mangas e os peitilhos das camisas de fina bretanha e de sedas doces e lustrosas, eram abrochados por firmaes de pedraria ou por torçaes de fino ouro. Sobre os chapéos brancos de largas abas, e sobre os gorros e barretes de veludo preto ondeava um mar de plumas alvas como a neve, presas em broches cravados de rubins e diamantes. As calças de cada um d'elles eram entretalhadas de muitas côres vistosas e variadas; e os borzeguins e botas de longas e compridas pontas, que traziam calçadas, eram umas brancas, outras pretas, outras escarlates ou amarellas, e todas armadas de rijas e fortes esporas douradas. Alguns traziam ao pescoço cadeias de ouro; outros collares de pedras preciosas, d'onde pendiam as insignias da ordem de S. Miguel, que Luiz XI criára havia poucos annos. As espadas e as adagas eram todas de punhos de prata ou ouro, e as bainhas de bezerros de Inglaterra com suas ponteiras de aço luzente. Os cintos, de que estas armas pendiam, eram todos lavrados de lavores de prata, e abrochados com fivellas ou fechos do mesmo metal. O sem numero de côres vivas e refulgentes misturadas em variada confusão, o scintillar do ouro, do aço polido e das pedras preciosas, e o ondear capricho-

so da immensa plumagem davam áquelle corpo de cincoenta homens um aspecto agradavel e apparatoso, que alegrava e desenfadava os olhos de todos que n'elles os punham com curiosidade.

Em seguida e achegados com elles, cavalgavam, abalando o solo com o peso dos passos dos seus possantes cavallos normandos, ricamente acobertados, cem homens da antiquissima guarda escoceza, com os barretes nacionaes adornados de pennas de aguia, e elles armados de arnezes completos de aço brunido, por sobre os quaes trajavam jorneias de veludo azul, semeadas de flôres de liz bordadas a ouro. Traziam os montantes atravessados ás costas e os arcabuzes empunhados e com as cronhas pousadas nos coxotes da direita. Esta não era a parte da cavalgada menos vistosa para o povo; tanto mais que no meio d'aquelles valentes homens d'armas, viam-se ainda muitos veteranos, cujos bigodes grisalhos e rostos duros e cortados de rugas e de cicatrizes os denunciavam restos gloriosos d'aquelle punhado de valentes, que, no desastre de Azincourt, tinham provado á França que o amor e a fidelidade, com que a serviam, eram pelo menos iguaes ao rancor, com que odiavam os seus figadaes inimigos da margem sul do Tweed.

Á frente d'esta apparatosa comitiva e encavalgado n'um palafrem, anafado e seguro, mas pobremente ajaezado, via-se um homem de estatura meã, magro, e de aspecto avelhentado, como o de quem soffre molestia latente, que vai surdamente minando a vida, e que está em vesperas de arrebentar em toda a sua pavorosa efficacia. O rosto inteiramente

barbeado, era comprido e descarnado; a bocca rasgada, mas de labios estreitos e nervosamente contrahidos; o nariz afilado e com tendencias para adunco, e os olhos pequenos, mas scintillantes, e de vista ora serena e bondosa, ora inquieta, penetrante e imperativa.

A pobreza do vestuario d'este homem contrastava singularmente com o apparatoso da cavalgada, e sobre tudo com o logar de honra que elle occupava n'ella.

Por cima d'um barrete de veludo preto, já velho e amarellado, trazia, enterradas até ás orelhas, duas enormes carapuças de lã, que lhe avolumavam monstruosamente a cabeça: e por cima de tudo aquillo um pequeno chapéo velho de mau feltro, com a aba revirada e achatada contra a copa redonda e oval, excepto sobre o rosto, onde descahia a modo de enorme viseira. Na copa d'este chapéo e a prumo sobre a porção descahida da aba, via-se-lhe solidamente pregada uma pequena e tosca imagem de Nossa Senhora, feita de chumbo. Vestia solto um saio de mau panno, e ao pescoço uma beca de chamalote, forrada de cordeiras brancas muito grosseiras. As calças eram brancas e entretalhadas de muitas côres. Nos pés trazia umas botas armadas de esporas de ferro; á cinta uma espada d'armas muito comprida com a guarnição tambem de ferro limado [1].

Os gestos e os modos, em que elle natural-

1 E' historico este vestuario de Luiz XI na sua primeira entrevista com Affonso V. Veja-se, no primeiro volume dos Ineditos, publicado pela Academia, Ruy de Pina, Chronica de Affonso V. cap. 195.

mente se movia, desharmonisavam, porém, tanto com o vestuario, como este com o apparato da cavalgada. Havia n'elles o desleixo, e o desempeno de quem tem a consciencia de ter o direito de servir de modêlo, e nem por sombras a obrigação de se modelar pelos outros.

Caminhava inteiramente absorvido e concentrado em si, e sem mesmo mostrar recordar-se de que vinha acompanhado por tão brilhante e luzida comitiva. De quando em quando fazia parar o palafrem, e logo os cavalleiros e os guardas soffreavam de golpe os cavallos. Ia ávante, e os outros iam ávante com elle; meneava a cabeça mais irregularmente em razão de algum passo menos certo da cavalgadura, e logo todos os olhos d'aquelles nobres e opulentos baroens se fitavam afincadamente n'elle, como anciosos por descobrir se desejava alguma cousa. Era admiravel aquelle espectaculo. Via-se ali a mendicancia a dirigir a opulencia, a pobreza a dominar o luxo, a humildade e o desalinhado dos gestos a prender a attenção e a inspirar respeito á cortezania e ao aprumo fidalgo dos mais nobres cavalleiros da França.

E' que aquelle homem era... O leitor já sabe muito bem quem elle era.

Era Luiz XI.

O rei de França caminhava, como disse, inteiramente concentrado em intima abstracção. Levava a vista baixa e pregada no solo; mas, de quando em quando, erguia-a, como se acordado de subito, e passeava-a scintillante e perspicaz pela multidão, parecendo seguir um por um os rostos de todos os que a

formavam. Umas vezes os labios moviam-se-lhe, como quem ia fallando comsigo mesmo; e então, ora sorria com ironia cynica e escarnecedora, ora apresentava aspecto humilde e abeatado, ou franzia o espesso sobr'olho com modo medonhamente ferino. Mais adiante parava de subito, tirava o chapéo, beijava a imagem, fazia-lhe umas poucas de mesuras, e começava a bater no peito e a dizer em voz alta: *Ora pro nobis, ora pro nobis, sancta dei genetrix, sancta virgo virginum*. Depois tornava a cobrir-se, sem fazer caso da multidão, da qual a maior parte batia igualmente nos peitos, e repetia as palavras d'elle; mas lançando, ao mesmo tempo, um olhar á surrelfa para vêr se os fidalgos se tinham descoberto, quando o rei de França tirára o chapéo. Outras vezes parava o palafrem, relanceava os nobres, fitava-os um segundo como indeciso, e por fim chamava um d'elles pelo nome. O fidalgo esporeava o cavallo, e aproximava-se respeitosamente. Então elle puxava-lhe pela rica manga do pelote ou do gibão, fazia-o curvar sobre o pescoço do cavallo, e fallava-lhe ao ouvido, costume que lhe era habitual [1], algumas palavras inintelligiveis, que o nobre fingia ouvir; e em seguida continuava para diante, sorrindo ironicamente, porque bem sabia que elle não as podia ter ouvido. Muitas vezes em logar de palavras inintelligiveis, dizia-lhe em voz alta gracinhas taes como estas:

— Monseigneur de Lude, monseigneur de Lude!...

[1] Commines. Mémoires, Liv. IV. Cap. 7.

João de Daillon, senhor de Lude, esporeou o cavallo, e aproximou-se de Luiz, de quem era um dos mais intimos e mais estimados favoritos.

O rei fêl-o baixar, a ponto de lhe poder chegar commodamente com a bocca á orelha.

— Mestre João das habilidades [1] — disse-lhe então em voz sufficientemente audivel — vós que nunca fallastes verdade a ninguem, fallai-m'a, sequer d'esta vez, a mim. Não se vos afigura que entre esta canalha, que nos cerca — e dizendo rodeou o braço de fórma que abarcou com o meneio a multidão e os nobres que o acompanhavam — não se vos afigura que n'este gentio que está como parvo espantado para nós, o meu compadre Tristão acharia mais dignos noivos da forca do que entre esses esfarrapados bohemios e vagabundos, que todos os dias o estão incommodando?

— Ah! sire — replicou o astuto cortezão — vós tendes um olho admiravel...

— Que sabe distinguir os tratantes dos homens de bem. *Pasques-Dieu!* [2] muito entendido devéras sois vós!

E, esporeando o palafrem, foi avante, sorrindo

1 *Maitre Jean des habilités* era o nome que Luiz XI dava a João de Daillon, senhor de Lude, o mais patife e atraiçoado dos seus cortezãos Commines, fallando d'elle (Mémoires, Liv. v. chap. 13) diz que era homem muito agradavel ao rei em algumas cousas; que amava muito os seus proveitos particulares, e nunca receava illudir ou enganar fosse quem fosse, pelo que tambem acreditava ao de leve o que se lhe dizia, e era enganado muitas vezes. Tinha sido creado com Luiz XI. Sabia a arte de agradar a toda a gente, e era muito prazenteiro e gracejador.

2 Era esta a jura favorita de Luiz XI.

da marota cara de beato, com que o velhaco senhor de Lude meneava a cabeça, como que assentindo do fundo da alma a esta opinião d'el-rei.

Assim veio Luiz XI atravessando o caminho até defronte da clareira, onde se achava o grupo, que ha pouco fiz notar aos leitores. Ao chegar perto d'elle, deu-lhe um d'aquelles ataques de curiosidade, de que acima fallei, e a vista rodeou-se-lhe perspicaz e scintillante por sobre a multidão. De repente os sobr'olhos contrahiram-se-lhe violentamente, os olhos chisparam-lhe vivas centelhas, e elle bradou em voz retumbante:

— Tristão, prestes... correi. Aqui, preboste; aqui, meu compadre!...

E, arremessando o palafrem para cima do grupo, estendeu imperiosamente o braço, e apontou com o dedo para o meio d'elle, bradando:

— Prendam-n'o... prendam-n'o. É o espião de Borgonha: agarrai-o, ou juro a Deus que todos vos mande enforcar...

A estas palavras o grupo alvorotou-se de subito; a multidão oscillou, baralhou-se; bateram uns contra os outros, cambalearam, cahiram; e n'esta confusão viram-se tombar estatelados de pernas ao ar o anafado Marcos Cailletel e o não menos roliço João Ronde-Joue. Em seguida a elles, e com a rapida successão de um regimento de cartas, enfileirado por mão de rapaz, viram-se cambalear e cahir de enfiada outros muitos, em linha recta, pelo seio da multidão fóra, seguindo a direcção que levava um homem, que, apesar d'ella e da espessura do arvoredo, corria com pasmosa agilidade.

Este homem era nem mais nem menos que o velho de face altaneira e severa, e de modos imperiosos e desprezadores, que assistira com altiva indifferença á esmagadora discussão dos dous burguezes de Tours. Ao chegar ali, Luiz XI havia-o notado no meio da multidão, e, apenas o notára, os olhos scintillaram-lhe com mais fogo, e a vista cravou-se-lhe profundamente n'elle, como quem topava alguma cousa, que lhe despertava uma recordação desagradavel.

O velho não desviou os olhos diante d'aquelle olhar ameaçador e penetrante do rei; mas antes com os braços cruzados e o sobr'olho soberbamente carregado, fitou-o como quem o não temia, e como quem o odiava com profundo rancor. Luiz XI soltou então aquelles brados de vingança terrivel e selvagem, como eram todas as vinganças d'elle. O velho, porém, não soçobrou. Voltou-se, arrancou a adaga rapidamente, e lançou-se em velocissima carreira atravez da turbamulta, que, tomada de subito e ameaçada pelo ferro, não teve tento nem coragem para executar com a necessaria promptidão as ordens do monarca. Ao voltar-se, o velho alargára violentamente os braços para os lados, no intuito de arredar de improviso e de golpe quem quer que tentasse sustal-o; e, colhendo com toda a violencia d'aquelle impeto desesperado os dous pobres burguezes, no meio dos quaes se achava, fel-os ir sem remedio de costas ao chão. Assim se vingou, involuntariamente, d'aquella trovoada de disparates, com que, havia apenas minutos, lhe tinham os dous mesquinhos apurado a paciencia até o amago.

Aos brados de Luiz XI, alguns cavalleiros mancebos e alguns soldados da guarda escoceza enfiaram os cavallos a galope por entre o arvoredo, atropellando a multidão, de cujos brados e gritos não se dignavam fazer caso. Ao mesmo tempo, um outro esporeou o cavallo, e appareceu de repente ao lado do rei.

Era este homem de cincoenta annos pouco mais ou menos; alto, reforçado e espadaúdo; de cara dura e severa, e de olhar negro, grosseiro e ameaçador. Na cabeça e enterrado até os olhos, trazia um chapéo branco desgraciosamente emplumado. Vestia uma cota sem braçaes, e as mangas do pelote, que trazia por baixo d'ella, eram de setim com os abertos apanhados por torçaes d'ouro. Á cinta trazia uma espada d'armas e uma adaga com guarniçoens de ferro brunido; e nos pés umas botas altas, de bezerro branco, armadas de esporas douradas.

— Compadre — disse Luiz XI em voz serena, mas levémente assobiada pela colera, de que estava impando, e que habilmente sabia dissimular — elle estava ali. Bem o conheci; era elle... elle...

E, dizendo, fez curvar o preboste, disse-lhe rapidamente ao ouvido uma palavra que fez scintillar medonhamente os olhos do celebre Tristão Ermita, e depois continuou em voz alta:

— Tristão, tu és um grande asno. Era elle, digo-te que era elle, meu compadre. Ora anda, prende-me ao menos esses dous marotos, que estavam com elle fallando; e guarda-m'os com cuidado e com muito amor até que eu volte — acrescentou em voz dôce fitando os tristes Cailletel e Ronde-Joue com um

sorriso benevolo e cheio da mais admiravel simplicidade d'alma.

Tristão Ermita, mal ouviu estas palavras, arremessou o cavallo para cima dos dous aterrados burguezes, e aferrou pela gola o pacifico Ronde-Joue, que lhe ficava a melhor geito, bradando ao mesmo tempo com voz imperiosa para Cailletel, que espavorido de terror, principiava, á laia de abestruz, a menear o seu pesado tecido adiposo com ares de quem ia tomar as de villa-diogo.

—Se te mexes, patife, olha que te abro d'alto abaixo com esta que me pende da cinta.

E logo, estirando o pescoço, bradou em voz imperativa para um asselvajado moleiro, que junto de um jumento, que tinha preso a uma arvore, estava a olhar para tudo aquillo, com cara de parvo estupefacto, e aferrado á albarda com ambas as mãos, como quem se receava de que a final conclusão d'aquelles barulhos seria o desapparecimento do animal e do apparelho:

—Olá, villão, desencabresta-me esse jumento e traz aqui d'um salto a arreata. Prestes, andar!... Então, filho da forca, despachas-te ou não? *Mort de ma vie!...*

O moleiro, apatetado de todo por aquellas ameaças, continuou sem se mexer, com os olhos medonhamente espantados no preboste.

—Pela morte!—rosnou este com furor concentrado, sacudindo ao mesmo tempo machinalmente e com pouca caridade o empolgado Ronde-Joue —Olá, vós outros, não ha ahi um bolhão, que desperte esse maldito? Sus, patifes, prestes...

Aqui um homem, ainda moço, branco, córado e de feiçoens plebeias e de expressão repellentemente atrevida, appareceu de subito, suspenso pelos braços, n'um dos ramos mais robustos da arvore, e logo deixou-se cahir a prumo ao lado do espavorido moleiro. Mal cahiu, ergueu o braço, fez baquear o pobre diabo com um murro herculeo, desamarrou n'um relance o jumento, e, puxando com força pela arreata, partiu com ella e com a cabeçada a rastos, em direcção do preboste. O jumento, pouco affeito á violencia d'aquelle desapparelho brutal, que quasi lhe levára arrancada a orelha esquerda, soltou um zurro pavoroso, e rompeu por entre a multidão aos couces e como um foguete. O moleiro ergueu-se ao mesmo tempo, e, espavorido, desnorteado e machinalmente, arrancou em seguida após elle com velocidade tal que parecia que levava uma legião de diabos mettida no corpo.

O rei de França ria de tudo isto ás cachinadas, e com aquelle riso sarcastico e apavorador, com que expandia o prazer que o deleitava, ao presenciar a tragedia misturada com a farça. Ao mesmo tempo o preboste, como quem se achava em terreno seu, dava as seguintes ordens com ares de quem se não importava nem do rei, seu *compadre*, nem da presença da brilhante comitiva, que involuntariamente se via obrigada a assistir a esta scena repugnante e tanto em harmonia com o caracter tyrannico e cynicamente plebeu de Luiz XI.

— Olá, Petit-Jean [1], meu amigo, esse és? Bem ha-

[1] Petit-Jean era filho e ajudante de Henrique Cousin, principal carrasco de Paris (maitre bourreau). Foi quem degolou o celebre Luiz de

jas. O bragante merecia, mas era a adaga mettida pelos rins. Parecia dormir, o maldito! Ora, sus, acorrenta-me aqui estes patifes com esse cabresto; anda ligeiro; bem seguros, que não fujam...

Petit-Jean poz-se immediatamente a cumprir as ordens do seu superior com toda a perfeição e amabilidade, de que dera provas exuberantes, quando a 19 de Dezembro de 1475, cortou, na praça de Greve, em Paris, a cabeça do muito poderoso senhor Luiz de Luxembourg, conde de S. Paulo e condestavel de França. Luiz XI seguia a obra de Petit-Jean com todo o interesse e attenção, que lhe inspirava o seu genio de algoz e carcereiro.

— Mais por ali — dizia elle de quando em quando — mais por acolá, por cima dos pulsos... assim, mette de dentro esse dedo... Ah! camarada [1], que grande homem és tu para estas cousas!... Tende paciencia, meu especial amigo — acrescentava, dirigindo-se a Cailletel — o cabresto é curto para os dous... Assim; dai um geitinho... Muito bem. *Suum cuique.* Bem se vê que nascestes para estas cousas. Ó minha boa Senhora de Clery, meus amores, minha querida amiga, desculpai-me de não ter descoberto, ha mais tempo, estes dous tratantes en-

Luxembourg, conde de S. Paulo e condestavel de França. Petit-Jean, em razão de ter espancado um tal du Bust, que lhe pedira o pagamento de uma somma de dinheiro que lhe tinha emprestado, foi por elle e por outros tres barbaramente assassinado em Paris a 20 d'Agosto de 1477. Luiz XI deu a Henrique Cousin o prazer de ser elle quem enforcasse os assassinos do filho. Vid. J. de Troyes. Chron. 1477.

1 Luiz XI chamava ao preboste compadre (compère) e aos carrascos camaradas (compagnons).

tre os meus bons e leaes burguezes de Tours. Eu bem sei que estou em grande falta para comvosco, minha boa Senhora. São dous herejes, dous patifes, dous grandes blasphemadores da vossa honra. *Peccavi. Ora pro me, ora pro me!...*

E, dizendo, batia no peito e fazia grandes mesuras á imagem da Virgem, que trazia no chapéo, o qual tirára aqui de golpe e devotamente da cabeça. Os fidalgos da comitiva e todo o povo, que presenciava esta scena, desbarretaram-se ao mesmo tempo que elle.

Entretanto os cavalleiros e os guardas, que tinham perseguido o velho, e que, embaraçados pela espessura do arvoredo, o não tinham podido seguir com a velocidade precisa, voltavam um a um a encorporar-se á comitiva real, depois de o terem de todo perdido de vista. Luiz XI, entretido a dirigir o acorrentamento dos espavoridos burguezes, não reparou ou não fez caso da chegada dos primeiros; mas, acabada aquella obra e acabada a devota apostrophe com que a perorára, fitou os olhos nos que iam chegando, e, com um sorriso de ironia e de escarneo nos labios, apostrophava-os d'esta fórma:

— Ah! sire de Fenin, com que o velhote logrou-vos? Bem se vê que não sois galgo que preste para estas caçadas reaes. Messire de Chanteloup, isto não são as lavadeiras do Loire nem as filhas dos burguezes de Amboise. *Pasques-Dieu,* sire de Fumée, meu joven amigo, vêde como pozestes, sem proveito, o rico bordado do vosso admiravel pelote! Que dôr de coração para aquelle grave sire des Roches, vosso pae, que não sahe d'além do seu castel-

lo, com medo de gastar as solas dos borzeguins, que mandou fazer em Londres quando casou com a bella dama, vossa mãe. Olá, João de La Driesche, meu amigo [1], vós provereis a isto de remedio. Tambem vós, messire Pedro d'Urfé, meu grande escudeiro, tambem vós! E vós, Mac-Nesbit!... E vós, Mac-Farlane! Tambem vós, tambem vós! E vós, Farquharson! A que estado chegaram os valentes de Azincourt e de Orleans! Vêde, messire Joaquim Rouhault, olhai vós, que sois o marechal de França, como degeneraram os descendentes dos heroes, que morreram por el-rei João em Poitiers!

Aqui, vendo que não chegava mais ninguem, calou-se um momento, e em seguida cravou a vista penetrante e perscrutadora nos fidalgos, que estavam silenciosos e como estatuas em frente do tyranno, que assim os apodava, aviltando-os diante da multidão, que presenciava esta scena.

De repente exclamou:

—Mas quem é que nos falta aqui? *Pasques-Dieu!* É o nosso joven portuguez, a perola dos cavalleiros, a nata dos meus amigos. Ah! Luiz Baldaia, Luiz Baldaia, tu és falcão de outra ralé. Tu não abandonas facilmente a caça. Bem m'o dizia o coração. Grande bem me tem de provir d'este rapaz. Ó

[1] João de La Driesche, foi um dos favoritos de Luiz XI, que apenas subiu ao throno, o fez grão-thesoureiro de França. Os epithetos de *meu bom amigo*, *meu especial amigo*, *meu grande amigo*, eram habituaes na lingua de Luiz XI, que os empregava sem significação alguma. Quando a palavra amigo importava alguma cousa na bocca d'este homem singular, era empregada desguarnecida de adjectivo. O simples epitheto era de mais valor do que todos os outros, mais pomposos em phraseologia do que elle.

Nossa Senhora de Behuart, minha grande amiga, *ora pro me, ora pro me, dilectissima.* Pois, por S. Martinho de Tours, d'aqui não sahirei sem que elle volte.

Luiz Fernandes Baldaia, filho de Fernão d'Alvares Baldaia, amigo intimo de Affonso v e agora seu embaixador a Luiz xi, era, como já de outra vez o apresentei de passagem ao leitor, um moço, de nobre presença, de reforçada mas elegante corporatura, e cavalleiro de altas e generosas aspiraçoens. Ligado temporariamente á côrte de Luiz xi, que para o seu serviço o pedira a Fernão d'Alvares, seguia-o por isso na comitiva, que o acompanhava na sua primeira visita a Affonso v.

Ouvindo os brados do monarca francez, Luiz Baldaia, apesar de já inteiramente conhecedor do caracter refalsado d'elle, entendeu que cumpria á sua honra prestar-lhe todo o auxilio na apprehensão d'um homem, que elle appellidava traidor e espião. Sem pois hesitar um momento, foi elle o primeiro que arremessou o cavallo após o altaneiro velho, e, mais feliz ou mais esperto do que os outros, nunca o perdeu inteiramente de vista. Aproveitando habilmente os meandros mais desafogados do bosque, seguira após elle, não em linha recta como os outros tentaram fazel-o, mas ora circuitando, ora colleando por entre o arvoredo, consoante se lhe facilitava o caminho. Aqui o via já claramente, já deslizando atravez das arvores, já desapparecendo, como sombra na maior espessura d'ellas. Não desanimou porém, e foi sempre ávante. Poucos minutos depois, conheceu que aquelles circulos e viravoltas o haviam aproximado outra vez da borda do caminho de Tours.

Mergulhando então a vista atravez do arvoredo, viu que o velho, já com visiveis signaes de cançado, se escoava por entre uma pequena mata embrenhada, na qual lhe desappareceu outra vez. Lançou o cavallo n'aquella direcção e, segundos depois, achou-se n'uma pequena clareira, que tinha ao fundo uma casinha, com uma porta sobre tres vastos degraus, que estava na frente d'um campo agriculturado e cercado por uma sebe alta e espessa.

Ao tempo que Luiz Baldaia entrava na clareira, o velho arremessava-se de golpe para dentro da porta aberta da casinha. Luiz arrancou da espada, deu um salto do cavallo abaixo, e correu immediatamente sobre elle.

Ao pousar o pé no primeiro degrau da escada, estacou de repente. Diante d'elle estava uma mulher formosissima, de pé no limiar d'aquella porta. Correra ella a fechal-a rapidamente, mal o velho se arremessára para dentro; mas, ao dar com os olhos no elegante perseguidor, recuou como que assombrada, soltou um grito mal abafado, e, depois, deu um passo para fóra da porta.

— Luiz, és tu? — exclamou, apertando as mãos com angelica afflicção.

— Yolanda, tu aqui! — balbuciou o moço com os mais visiveis signaes de espanto.

— Luiz, meu Luiz adorado — continuou ella com extrema afflicção — não digas que nos viste aqui... por Deus, por Nossa Senhora, pela memoria de tua mãe, não o digas ao rei... Foge, foge — acrescentou apavorada e relanceando a vista para

dentro da casa, d'onde sahia alteroso estropido — foge, oh! foge... Eu te direi tudo.

O moço cavalleiro mostrou hesitar.

— Foge, oh! foge, meu Luiz adorado... foge — exclamou ella então com indizivel angustia e atirando para traz com desespero a cabeça formosissima.

Era tão viva e tão fascinadora a agonia d'aquelle anjo, que Luiz sentiu-se inteiramente dominado. Lançou-se d'um salto na sella, metteu esporas ao cavallo, e partiu a galope. Ao sahir para fóra da clareira ouviu um tiro e logo o sibilar d'uma bala, que perpassava por elle. Olhou para traz. De pé, á porta da casinha, estava o carrancudo velho, com um arcabuz na mão direita, e a mecha a fumegar na esquerda, espiando, com ancia feroz, por entre a fumaceira da polvora, o effeito que o tiro havia produzido.

Luiz Baldaia continuou a galope para a frente, sem attentar ao caminho por onde o cavallo o conduzia. De repente achou-se na estrada de Tours. Tomou então por ella fóra, e em breve appareceu diante do rei de França.

— Bravo, bravo, messire de Baldaia, meu joven amigo, meu especial amigo — exclamou Luiz XI, batendo as palmas — vós sois a perola, a nata, a flôr da cavallaria. Então matastel-o? Prendestel-o? Onde está elle? Onde está elle?

— Não encontrei pessoa alguma, sire — respondeu severamente o joven cavalleiro.

— Então aquelle tiro?... — balbuciou o rei, cra-

vando n'elle o olhar penetrante e carregando ao de leve o sobr'olho.

— Já vinha na estrada, quando o ouvi — respondeu Luiz Baldaia, sem trahir a mais leve commoção. — Pareceu-me que foi dado na outra margem do Loire. Por ventura que o traidor se acolheu por aquella parte.

Luiz XI relanceou sobre elle um olhar scintillante.

— *Pasques-Dieu!* O filho é digno da velhacaria do pae — remorejou então por entre os dentes.

E, dando de esporas ao palafrem, foi ávante. Luiz Baldaia encorporou-se á comitiva, e com ella foi após do rei. De repente este parou.

— Messire de Baldaia, messire de Baldaia! — chamou Luiz XI em voz dôce e obsequiosa.

O moço cavalleiro aproximou-se immediatamente d'elle.

— Olhai, meu especial amigo — disse-lhe então Luiz XI á orelha — dizem que os falcoens estonteam se no pairo fitam o sol; vós fitastes de certo dous soes. Ora pois, tomai um conselho de velho. Em caçadas de rei, caçai sempre de caparão. Mas não vos assusteis, meu particular amigo — continuou bondosamente e fitando o olhar d'aguia no moço Baldaia, que o escutava serenamente e sem o mais pequeno signal de susto — isto é apenas conselho de caçador experimentado. Vós pertenceis a el-rei de Portugal; e, ademais, tal serviço espero eu de vós n'esta embaixada ao meu primo de Lorena, de que, por meu amor, vos encarregastes, que tudo o mais é nada. Bem, pois; partireis hoje, meu especial ami-

go, partireis hoje, pois que tanto me desejaes contentar e fazer-me mercê.

Assim dizendo, voltou-lhe sem ceremonia as costas, como costumava fazer a todos, e continuou a caminhar, com um sorriso de ironia a tremular-lhe nos labios, e estes movendo-se como que em intima conversação comsigo mesmo.

D'ahi a pouco a cavalgada entrou para dentro dos muros de Tours, e, minutos depois, parou á porta da casa da camara, na qual Affonso v, rei de Portugal, fôra apparatosamente aposentado.

II

> Promettem muito, e fazem pouco, alargam as redeas ás palavras, e espraiam-se em comprimentos, e quando vem o tempo das obras, mettem-se por dentro mais encolhidos, que um caracol na concha... Suas promessas não passam de promessas: dizem e não fazem: tudo são enganos e apparencias.
>
> HEITOR PINTO.

Affonso V não se achava na côrte de Luiz XI por visita de mera curiosidade ou passatempo. Os reis da idade media não podiam viajar, como os de hoje, só para espairecer ociosidades ou caprichos. As viagens eram-lhes até reprovadas, como perigosas e inconvenientes, pelos politicos mais judiciosos e experimentados da época. Os reis de então resumiam nas suas individualidades o modo de ser dos povos, que governavam; e n'esses encontros de uns com os outros era quasi impossivel que se não chocassem os orgulhos e mesmo as pequenas vaidades, de fórma que d'ellas, mais cedo ou mais tarde, resultavam ou guerras acintosas ou pelo menos más vontades e resfriamentos, quasi sempre damnosos á prosperidade das naçoens.

A imprudente resolução, tomada voluntariosamente pelo monarca portuguez contra a unanime

opinião do seu conselho, de ir pessoalmente a França fallar com Luiz XI, tinha um fim puramente politico.

Logo ao romper a guerra da successão de Castella, Affonso V reconhecera a conveniencia de privar a usurpadora Isabel de todo o auxilio, que necessariamente havia de receber de João II, rei d'Aragão, pae do astuto Fernando V, seu marido. Com esse fim tentou alliar-se com Luiz XI e demovel-o a aproveitar a occasião opportuna, que lhe offerecia a guerra de Castella, para renovar vantajosamente a que n'outro tempo trouxera com o monarca aragonez, em razão do condado de Cerdagne, que lhe havia comprado, com o do Roussillon, em 1462, e cuja parte d'aquem dos Pyrenéos elle se recusava a entregar-lhe.

O embaixador D. Alvaro de Ataíde, conde de Cantanhede, que Affonso V mandou a França a tratar este gravissimo negocio, era pouco perspicaz, de vaidade facil de surprehender com lisonjas, homem, em fim, de todo o ponto incapaz para se haver com o astuto e refalsado Luiz XI. Este prestou-se, pois, com a mais franca e rasgada vontade ao tratado, atordoou o embaixador com promessas grandiosas, e assim o despachou para Portugal, reservando-se interiormente o direito de cumprir ou não cumprir o promettido, segundo lh'o aconselhassem os seus interesses particulares. Apesar da parte espanhola de Cerdagne estar fóra dos limites naturaes da França, e ser contrario ao pensamento politico de Luiz XI o tentar por fórma alguma estendel-a para além d'elles, ainda assim o seu direito de comprador não se re-

signava com a burla e com que fôra tratado pelo rei de Aragão. Pensando assim, Luiz não era homem que se recusasse a uma alliança, que elle, como sempre, se reservava o direito de cumprir como lhe conviesse, e que, por ventura, lhe podia azar occasião favoravel de, com pouco trabalho, haver á mão o que era seu.

Em consequencia d'isso, mal Affonso v invadiu a Castella, Luiz xi atravessou os Pyrenéos á frente d'um poderoso exercito, e veio com elle até Fuenterabia, em cujo cerco achou pertinaz e inabalavel resistencia. Descoroçoado por esta difficuldade, Luiz entendeu não ser ainda aquella a occasião desejada; e, sem acreditar nas promessas e offerecimentos vantajosos com que o tentava o refalsado rei de Aragão, nem se lhe importar que o julgassem illudido ou subornado por elle, levantou o cerco, e partiu para França, desculpando-se para com Portugal com os graves receios, que lhe incutia o procedimento do duque de Borgonha, seu implacavel inimigo, em cuja guerra com a Lorena fingia vêr o projecto disfarçado d'uma invasão no Barrois e na Champagne. D'esta fórma deixava, segundo o seu costume, a porta aberta para o que lhe aconselhassem as suas conveniencias futuras.

Entretanto a guerra de Castella seguia conduzida por Affonso v com toda aquella admiravel incapacidade, que impossibilitou o conseguimento d'uma empreza, que se apresentára ao principio tão facil e auspiciosa. Depois da batalha de Toro, Affonso conheceu que lhe era inteiramente impossivel seguir a contenda com probabilidade de bom exito, a menos

que de todo não inutilisasse as forças de Aragão. Despachou então Fernão d'Alvares Baldaia para França, para instar com Luiz XI pelo cumprimento da alliança, que haviam feito, esperançado de poder d'esta fórma sanear-se do resultado dos erros passados. O astuto negociante do Porto conheceu logo á primeira vista o que havia a esperar d'um monarca, a quem os contemporaneos, *por ser dissimulado e abastado em promessas e palavras sem effeito, chamavam o Raposo de alcunha* [1], e, mal o conheceu, communicou-o logo para Portugal.

Affonso V, apesar de ser homem intelligente e principe instruido, era dotado de extraordinaria leveza, que o cegava na apreciação das mais claras e evidentes circumstancias politicas, em que se encontrava. Inspirado, portanto, por ella e demovido pela triste situação em que se achava, acreditou poder conseguir pessoalmente o que por meio dos seus embaixadores não tinha podido alcançar. Debalde os seus conselheiros e amigos mais intimos lhe demonstraram a inconveniencia da resolução, que imprudentemente tomára, de ir tratar pessoalmente com Luiz XI. Affonso, apesar da extrema bondade de que era dotado, era homem voluntarioso e aferrado á sua opinião. Abandonou pois subitamente a Castella, entrou como que de carreira em Portugal, e partiu, sem a nada attender, para França.

Havia, pois, pouco mais d'um mez que o rei de Portugal chegára a Collioures, pequeno porto francez no Mediterraneo, acompanhado por uma armada

[1] Goes, Chronica do principe D. João, cap. 88.

de dezeseis naus e cinco caravellas, da qual a maior parte havia sido apparelhada no Porto [1]. D'ahi, onde desembarcou, com um apparatoso sequito de perto de duas mil pessoas, até á côrte de Luiz XI, na capital de Touraine, foi tratado, por ordem do astucioso monarca francez, com honras e obsequios extraordinarios, e com magnificencia superior a toda a expectação [2].

Quatro dias antes d'elle chegar a Tours, Luiz XI, por ventura para não praticar nenhum acto de inferioridade, a que de certo se veria obrigado para que a recepção, ahi, não desdissesse do que fôra até então, pretextou uma romaria imprerogavel a Nossa Senhora de Clery, seu sanctuario predilecto, e partiu da cidade, deixando n'ella, para receber condignamente o rei de Portugal, toda a sua côrte, presidida pelo seu privado e intimo amigo Filippe de Commines [3], o celebre author das tão famigeradas *Memorias,* admiraveis pela despretenção e singeleza harmoniosa do estylo, e pelo vivo colorido, com que pinta, do natural, o caracter e a politica de Luiz XI, bem como a historia, as paixoens e os sentimentos d'aquella época memoravel.

Quatro dias depois da chegada d'el-rei de Portugal, Luiz XI voltou a Plessis-lez-Tours, e mal chegou, mandou logo comprimental-o, e pedir-lhe licença para o ir visitar no dia seguinte. Recebida esta

1 Vid. no cartorio da camara do Porto o livro das vereaçoens de 1476, fol. 47. v. — 49 v.

2 Pina, Chron. de Affonso V, cap. 194. Goes, Chron. do principe D. João, cap. 89.

3 Pina, Chron. de Affonso V, cap. 195.

*

participação, Affonso v reuniu o seu conselho, para com elle praticar ácerca da maneira da cortezia com que o havia de receber; e este foi unanimemente de accordo, que, em attenção á dependencia presente, el-rei de Portugal recebesse el-rei de França com as maiores demonstraçoens de deferencia, que fossem compativeis com a dignidade real. Em consequencia d'isso, resolveu-se, que, logo que elle chegasse, el-rei desceria a tomal-o na rua ou pelo menos na escadaria do paço [1].

Mas Luiz xi não era homem que se deixasse surprehender facilmente. Antevendo quaes seriam as intençoens do seu hospede, quiz prevenil-as, e para isso, antes de sahir de Plessis, despediu para junto d'elle seu genro Pedro de Beaujeu, irmão e depois successor de João, duque de Bourbon, e o seu agora favorito e antes encarniçado inimigo Antonio de Chabannes, conde de Dammartin, com o pretexto apparente de lhe annunciarem a sua proxima chegada, mas com o fim secreto de não consentirem ao rei de Portugal a pratica do mais somenos acto de deferencia ou de inferioridade para com elle.

Eram mais de onze horas da manhã.

Os quatrocentos e oitenta fidalgos portuguezes, que acompanharam el-rei de Portugal a França, e o sem numero de fidalgos e cavalleiros francezes, que por ordem de Luiz xi lhe faziam lustrosa companhia, enchiam, em côrte numerosa e esplendida, o vasto salão da entrada do antigo palacio municipal de Tours,

1 Pina, Chron. de Affonso v., cap. 195.

e a grande sala que se lhe seguia, e que ficava contigua á camara e aposentos reaes.

N'esta ultima, e rodeado por uma brilhante multidão dos mais nobres e poderosos baroens da França, é que Affonso v estava esperando Luiz xi. O monarca portuguez — aquelle pobre rei, que era bom e que era justo [1], e por isso mesmo o reverso do traiçoeiro e refalsado rei de França — estava sentado n'uma cadeira de docel e espaldar, coberta de magnificos alambeis de brocado, franjados de ouro, e conversava familiarmente com um pequeno grupo dos principaes senhores francezes e portuguezes, que lhe rodeavam o throno improvisado.

Affonso v tinha então quarenta e cinco annos incompletos de idade [2]. Era homem alto, reforçado, e bem proporcionado de membros. A este tempo já estava um pouco nutrido, mas não ainda tão envolto em carnes, como o foi para o fim da vida, da qual já poucos annos tinha então para contar [3]. Era branco e regularmente colorido; tinha a fronte alta e inteiramente escalvada. Os olhos eram grandes, mas alguma cousa esbugalhados; o nariz pequeno e grosso; a bocca regular e bem cortada, e, apesar de ser neto da ingleza Filippa de Lencastre, tinha preta retinta a barba, que trazia toda inteira e os cabellos, que usava crescidos até os hombros, e já agora rareados de brancas. Tinha aspecto ver-

1 Ce pauvre roy, qui estoit très-bon et juste... Commines, Mémoires, Liv. v., chap. 7.

2 Nasceu a 15 de Janeiro de 1432.

3 Morreu a 28 de Agosto de 1481.

dadeiramente nobre; e os gestos e o modo de tratar eram graciosos, affaveis e lhanos. No rosto brilhava-lhe a franqueza, a lealdade e a nobreza da sua excellente alma, e, de mistura com estas generosas qualidades, expandia-se-lhe em plena luz a grandiosa expressão d'aquelle enthusiasmo cavalheiresco e d'aquelle espirito bellicoso e de altas aspiraçoens, que fizeram d'elle o conquistador da maior e mais nobre parte do antigo imperio portuguez em Africa. N'aquelle todo, porém, tão distincto e attrahentemente qualificado, havia ao mesmo tempo um tom tão vago e indefinido, que diante d'aquellas nobres qualidades, que impressionam vivamente o espirito, quando se destacam em alto e profundo relevo, não se sentia outra cousa mais que o grato prazer de olhar para um excellente homem, mas um excellente homem e nada mais.

O vestuario, que trajava, era o que então se principiava a chamar *vestir á franceza* — esplendida e imaginosa fórma de trajar, com que a França se principiava a desprender da tutela da Italia, que fôra até então, e ainda foi muito tempo depois, a rainha da moda e da elegancia na Europa. Tinha vestida uma opa roçagante de rica tela de ouro, por cima da qual trazia uma grande e magnifica cadeia de pedras preciosas. O pellote era de brocado, forrado de excellentes martas, com muitos golpes, e n'elles muitos firmaes de pedraria e de perolas magnificas. Na riquissima cinta, que o cingia, trazia uma adaga de ouro. Na cabeça tinha um chapéo branco com um pennacho da mesma côr, preso a elle por um broche de diamantes.

Affonso v conversava, como disse, familiarmente com os fidalgos francezes e portuguezes, que junto d'elle se achavam. Tinha fallado com grato enthusiasmo do acolhimento, com que fôra recebido em França, e com interesse e proficiencia das proezas, das trovas e das pinturas do bom homem René, duque de Anjou, o rei das batalhas cavalheirescas, o rei dos torneios e o rei dos trovadores: apreciára, como quem bem sabia comprehender a gloria, as altas e nobres qualidades de Carlos, duque de Borgonha, que era bellicoso e cavalleiro como D. João I de Portugal, de quem ambos eram netos; mas irascivel, impetuoso e inconsiderado como João Sempavor, de quem o duque tambem descendia pelo lado paterno; e entre outras muitas cousas, que dissera, já ácerca das suas guerras d'Africa, já a respeito de França ou de Italia, fallára tambem da guerra de Castella e da sua alliança com Luiz XI com franqueza tão inconsiderada e imprudente, que por vezes desconcertára, ainda que ao de leve, a fria gravidade da bronzea cara de diplomata do seu embaixador e amigo, Fernão d'Alvares Baldaia, que junto d'elle se achava. O monarca portuguez, inspirado por aquella sua extrema bondade e excellente lhaneza d'alma, fazia tudo quanto podia para, segundo o seu costume, se tornar agradavel e grato áquelles com quem conversava; mas atravez de todos os esforços, com que pretendia animar a conversação e captar a familiaridade dos que o rodeavam, atravessava visivelmente a anciedade, com que aguardava a aproximação do momento, em que pela primeira vez se ia abarbar com o rei arteiro e dissimulado, de cuja

boa ou má vontade estava dependente a realisação de esperanças, que vivamente o interessavam. Por este motivo a conversação esfriava a espaços; e por mais de uma vez o astuto Baldaia acudiu a levantal-a, para que o bondoso rei portuguez de todo se não nullificasse diante de alguns dos mais intimos e velhacos cortezãos e favoritos de Luiz XI.

N'uma d'estas occasioens, em que a conversação ia descahindo e arrefecendo, ouviu-se o tropear, ainda a distancia, da cavalgada, que acompanhava o rei de França. Affonso V calou-se de subito, e apurou com curiosidade o ouvido. O estropido aproximava-se cada vez mais distincto; por fim sentiu-se parar á porta do paço.

O rei de Portugal levantou-se.

— Ahi chega el-rei, meu irmão — disse então, descendo para baixo do estrado, sobre o qual estava collocado o throno.

— Senhor, perdoai-me — disse o sire de Beaujeu, pondo-se diante d'elle — asseguro-vos que ainda não é el-rei Luiz.

Affonso V escutou um momento.

— Não é! Como não é, sire de Beaujeu? Ouvide — respondeu em seguida, chamando-lhe a attenção para o barulho, que o descavalgar dos homens d'armas fazia á porta do paço, e para o ruido que já ia subindo pela escadaria acima.

— São as guardas escocezas, que chegam — disse o velho conde de Dammartin, collocando-se ao lado de Pedro de Beaujeu.

— Vós estaes enganados, senhores; deixai-me

passar — insistiu Affonso v, dando alguns passos para a frente.

— Ah! senhor, não nos façaes tal affronta; asseguramos-vos que não é el-rei Luiz.

Os fidalgos francezes ainda insistiram alguns segundos a vêr se o dissuadiam; mas, conhecendo que seria forçoso ceder a final, o sire de Beaujeu disse cortezmente, mas com firmeza:

— Senhor, perdoai-nos, mas não vos movaes d'onde sois, que a nós não nos cumpre que façaes de outra maneira.

— Ah! — disse Affonso v, dando um passo para traz, e cobrindo-os com um olhar verdadeiramente real — Se taes são as ordens d'el-rei meu irmão e tal a gentil ordenança de França, ficarei.

Assim dizendo, tornou a sentar-se. Passados alguns minutos, sentiu-se o ruido da comitiva real a entrar no salão.

— Attendei — disse Affonso v para os fidalgos francezes, que se haviam atravessado diante d'elle.

Estes abriram aos lados, e cortejaram profundamente, como indicando que tinha acabado todo o impedimento da parte d'elles.

Affonso v levantou-se então, desceu á pressa os degraus do estrado, e dirigiu-se para a porta, que lhe foi aberta de par em par por um camarista, que junto d'ella estava collocado.

Luiz xi vinha quasi ao meio da sala, e já havia tirado as duas carapuças de lã, as quaes mettera na copa do chapéo. Affonso v, mal o viu, descobriu-se; e o rei de França, levou rapidamente a mão ao barrete de velludo preto, e desbarretou-se.

Os dous reis aproximaram-se então um do outro, e abraçaram-se com os joelhos muito curvados. Estiveram assim alguns segundos. Por fim Luiz XI, com os braços estendidos, na mão esquerda o chapéo com as carapuças e na direita o velho barrete de velludo preto, exclamou com os olhos postos no céo e com gloriosa cara de beato enthusiasmado:

— Agora dou eu muitas graças a Nossa Senhora e ao Senhor S. Martinho, que a um tão pobre homem como eu sou, fizeram tanta mercê, que a meu reino e casa me viesse vêr e visitar um tamanho rei como vós sois. Mas vós, senhor irmão, não cuideis que sois vindo em reino estranho, mas sim que sois no proprio vosso, que assim se fará aqui vosso prazer e serviço, como no de Portugal [1].

— Senhor irmão, beijo-vos as mãos — respondeu Affonso V — e rogo a Deus que vos dê tantos annos de vida, como a França e todo o mundo hà mister. Olhai que não sei como dizer-vos o gosto que sinto com vossa presença.

— O gosto é todo meu — replicou Luiz XI — assim como a honra, que com vossa visitação me fazeis.

E dizendo, forçou o barrete de velludo para dentro da já abarrotada cópa do pequeno chapéo, e, tomando Affonso V pela mão, dirigiu-se com elle para a sala contigua. Ao chegar junto da porta, os dous monarcas pararam, e, sobre quem se cobriria e entraria primeiro, houve entre ambos grandes e cortezes debates. Por fim Affonso V cedeu.

1 Pina, Chron. de Affonso V, cap. 195.

— Senhor, obedecerei, que antes hei por melhor ser-vos bem mandado, do que ser cortez.

Assim dizendo, cobriu-se, e passou adiante.

Luiz XI seguiu-o ainda alguns passos com a cabeça descoberta. Por fim cobriu-se, e os dous reis foram sentar-se nas duas cadeiras espaldares, que estavam debaixo do docel.

Luiz XI, depois de contemplar Affonso V com aspecto prazenteiro e jovial, disse-lhe com um sorriso de amizade nos labios:

— E bem, senhor irmão, como estaes de vossa disposição? Rogo a Deus que tão longa e enfadonha viagem vos não damnasse d'ella algum ponto. E pois, como vos achaes?

— Senhor, beijo-vol-as mil vezes — respondeu Affonso V — eu estou avesado aos trabalhos da vida, e estes mais me damnam o espirito do que o corpo. Mas vós, senhor irmão, não me pareceis tão bem disposto, como desejava encontrar-vos.

Luiz XI relanceou sobre o rei de Portugal o olhar funerario e luzente, com que os homens excessivamente scismaticos e apprehensivos parecem querer mergulhar profundamente para dentro das ideias d'aquelles, cujas palavras de qualquer fórma lhes despertam as ordinarias apprehensoens pela vida, e em seguida exclamou com ar piedoso:

— Ah! sim, eu já fui homem! Hoje, vêde-me como estou velho e alquebrado! Soffro ha tempos de grandes e penosas incommodidades. Sinto ás vezes arrefecer-se-me o sangue, a cabeça estontea-se-me, e a vista foge-me. Não é verdade, monseigneur de Vienne — acrescentou com visivel anciedade, di-

rigindo-se a um ancião de figura veneravel e vestido de vestes prelaticias, que se achava no grupo de fidalgos, que rodeavam os dous reis mais de perto — não é verdade que esta molestia é grave e perigosa?

Angelo Cattho, um dos medicos e astrologos mais famosos da época, e que, havia pouco tempo ainda, tinha deixado o serviço de Carlos, duque de Borgonha, e passado para o do rei de França, que o fez logo arcebispo de Vienne e esmoler-mór, respondeu com firmeza e franzindo o sobr'olho, como quem reprehendia o rei, e o queria convencer de que aquelles terrores eram exagerados:

— Senhor, vós não tendes razão para esses receios. A vossa enfermidade é leve e ademais passageira e ephemera; e quererá Deus, que breve conheçaes por experiencia a verdade do que vos digo.

— Ah! monseigneur de Vienne, monseigneur de Vienne, vós sois grande physico... sois em verdade o maior physico da Europa; mas, meu amigo, a mim se me afigura que vós não me quereis dizer agora a verdade... — balbuciou Luiz XI, com os olhos brilhantes de radiosa alegria.

— Senhor, tende animo — acudiu aqui Affonso V. — Apesar de estardes, ao parecer de algum modo alquebrado, comtudo a vossa disposição é boa e robusta, e promette muitos annos de vida.

— Ah! senhor irmão, Nossa Senhora de Clery e o Senhor S. Martinho vos ouçam; que elles vos ouçam, que elles vos ouçam, que em mim tendes um leal amigo e um fiel alliado...

E de repente, acommettido subitamente por um d'aquelles accessos de devoção supersticiosa e fana-

tica, no auge dos quaes, segundo nos diz o seu contemporaneo Claudio de Seyssel, esquecia todas as cousas e assemelhava homem doudo varrido, pousou sobre o joelho o chapéo, enfunado pelas carapuças, e poz-se a bradar em voz plangente e atroadora, batendo grandes murros no peito e fazendo mesuras á imagem de chumbo que aquelle trazia:

— *Ora pro me, ora pro me, dilectissima; ora pro me, regina cœli, sancta mater dei; ora pro me, ora pro me....*

Affonso v fitou os olhos espantados n'aquella scena burlesca e altamente ridicula, para que não estava preparado. Mas aquillo foi como pequena nuvem, que atravessa com a rapidez do relampago o espaço, impellida por lufada impetuosa do norte. Luiz xi transformou-se de novo rapidamente, e o rei de França appareceu outra vez diante do rei de Portugal.

Seguiu-se uma conversação agradavel e animada, em que Luiz lisongeou Affonso v, tocando em tudo quanto lhe podia ser agradavel, ora elogiando-lhe as façanhas d'el-rei D. João i, ora a sabedoria d'el-rei D. Duarte, de ambos os quaes se mostrava profundamente conhecedor; ou já lhe fallava com exaltados encomios das suas proezas d'Africa, ou lhe tocava sentidamente nos seus orgulhos de pae e de chefe de familia.

— Ah! senhor — disse elle, tocando n'este ultimo ponto — vós tendes um filho como ninguem. Em tão verdes annos nenhum outro ainda mostrou tão grande valor, e tanta prudencia e sabedoria para reinar. Acreditai-me, aquelle ha-de ser um grande

rei, e com o governo d'elle Portugal ha-de vir a ser a primeira nação do mundo. Quando chegar a vossa hora, podeis morrer descançado e com a certeza de que deixaes o vosso reino, a quem ha-de fazer a grandeza e a prosperidade d'elle.

— Senhor, beijo-vos mil vezes as mãos por tantas mercês — respondeu modestamente o rei de Portugal — O meu João é na verdade um bom filho, e obediente. Mas vós nada tendes a invejar aos outros...

— Ah! meu senhor irmão e meu especial amigo — atalhou Luiz XI — tal não digaes. A minha Anna... oh! essa sim; é uma perola... Vós não a merecieis, não a merecieis, sire de Beaujeu — disse aqui, sorrindo benevolamente para o genro, que era o unico homem, que lhe merecia inteira confiança e o unico a quem tinha sincera e verdadeira amizade — vós não a merecieis. É uma perola. Mas, coitadinha!... É mulher!... Grande dôr tenho d'isso, e grande perda é de certo para a França. Mas Carlos... Carlos... Aquillo nunca ha-de ser cousa alguma — e, dizendo, relanceou sobre a aristocracia franceza, que o rodeava, um olhar rapido mas penetrante — aquillo nada promette de si. É um rapaz enfezado, acanhado, incapaz de disciplina, quasi bobo... Emfim que vos direi mais? A não ser por isso e pela sua pouca idade — aqui relanceou de novo os fidalgos — eu teria já passado para elle este grave cargo de governar, que os annos e as minhas muitas enfermidades me tornam incomportavel e pesado.

—Senhor, tal não digaes. De um homem como vós, não quererá Deus que saia nada ruim.

—Beijo-vos as mãos; mas Deus assim o quer. Mas o vosso João, o vosso João!... Dai-me ahi outro, que mais do que elle fosse capaz de fazer, quando vós estaveis ausente em Castella! E depois que valente cavalleiro e grande capitão se não mostrou elle na batalha de Toro!... Mas, por vida vossa! perdoai-me; agora me acordo que vos estou tomando tempo precioso. Estas cousas de guerra, sob que é o vosso principal motivo, requerem muita pressa, e não padecem dilação. Assim, se vos apraz, apartemos-nos os dous por um pouco, para sobre ellas fallarmos.

—Senhor, assim se faça, como mandardes—replicou Affonso v, pondo-se de pé.

Os dous monarcas desceram então, mão por mão, os degraus do estrado.

—Monseigneur d'Argenton, acompanhai-nos—disse Luiz xi.

—Conde de Penamacor, e vós Fernão d'Alvares Baldaia... —disse ao mesmo tempo Affonso v, fitando significativamente o seu camareiro-mór e o seu embaixador na côrte de França.

Os dous reis entraram então para dentro dos aposentos particulares do monarca portuguez seguidos por aquelles tres personagens.

Ao chegar á ante-camara, Affonso v e Luiz xi sentaram-se defronte um do outro. Os demais ficaram de pé.

—Senhor—disse então Luiz xi—eu não qui-

zera que estivesseis de mal commigo por eu deixar Fuenterabia.

—Oh! senhor irmão...

—Mas juro-vos por minha honra que o não fiz por vontade; mas este meu primo de Borgonha é verdadeiramente a espada de Damocles, que Deus me suspendeu sobre a cabeça. Aquillo é como um grande cão de fila furioso, de que a gente se deve sempre arrecear; ainda mesmo quando parece que dorme. *Pasques-Dieu!* Aquelle é um homem turbulento, que não está bem senão com o arnez ás costas, e em quem ninguem se póde fiar, por que ninguem póde saber quando o tem pela cabeça ou quando pelos pés. Ora vêde vós; eu tinha partido para a Catalunha com pleno socego de espirito, porque tinha feito com elle treguas de nove annos; eis senão quando elle que tomba com todo o seu peso sobre o duque de Lorena. Mas não cuideis que aquillo fosse verdade; aquillo era apenas pretexto. O verdadeiro fim era invadir o Barrois, por que aquelle meu bom primo de Borgonha, em sua grande ambição, não quizera deixar-me um só palmo d'esta minha boa terra de França. Assim que fazer? Não tive remedio senão acudir a apagar o grande fogo, que me ia lavrando por casa; e assim levantei o cerco contra vontade, não só por vossa causa, mas por que aquella guerra é de grande interesse meu.

—E nunca em melhor occasião a podereis levar a cabo—disse Affonso v.—Agora tendes azo favoravel para vos saneardes da grande affronta que vos fez el-rei de Aragão...

—E cuidaes que o não conheço? E cuidaes que

o não desejo? — atalhou com fogo apparente Luiz XI, que não queria deixar fallar pelo entretanto o seu hospede — Ora vêde vós o que aquelle ribaldo e aleivoso me fez. Valho-lhe com meus dinheiros em sua grande necessidade. Então tudo eram amizades e palavras de mel. Quasi que me mettia o Roussillon e a Cerdagne pelos olhos dentro. Mas logo que apanhou o dinheiro — vêde vós que grande ribalderia! — quando foi ao entregar os condados, então, *pasques-Dieu!* recusa-se a entregar-me a parte de Cerdagne d'além dos Pyrenéos, dizendo, sem vergonha, que nunca fôra sua intenção vender-me um só palmo de terra de Espanha! E esta! Mas quando as vendeu, tal me não disse; porque, se o fizera, outro seria o preço, e não o que dei pelos condados inteiros, taes quaes d'elles rezava o contracto. Foi um verdadeiro roubo aleivoso, e eu fui logrado como um villão por minha muita innocencia e lealdade d'alma. Vêde, pois, se sim ou não terei grandes desejos de haver ás mãos o que é meu.

— E nunca melhor azo do que este para isso — exclamou Affonso V, arrebatado pelo apparente enthusiasmo, com que fallava Luiz XI. — Se vós invadirdes o Aragão pela Catalunha, e eu continuar a guerra na Castella, estes dous reinos não poderão auxiliar-se um ao outro, e ser-nos-ha facil o esmagal-os e destruil-os. Ademais, levando vós as vossas conquistas até aos confins da Biscaia, e eu repondo no throno usurpado de Castella minha senhora sobrinha e esposa, estreitaremos em tão apertado circulo de ferro o reino de Aragão, que de todo o ponto ficarão impossiveis as ambiçoens do

principe D. Fernando, que sonha em unificar na peninsula espanica um imperio tão vasto e tão poderoso, que um dia avassallará o mundo.

— Sei-o muito bem, sei-o muito bem. Fernando é ainda maior patife que o pae — atalhou aqui Luiz XI — Ah! meu senhor irmão, vós sois uma grande e atilada cabeça de rei. Crêde-me que nunca tivestes melhor e mais especial amigo do que eu, nem quem mais desejasse servir-vos e contentar-vos em tudo. Assim, dai por firme e valioso o nosso anterior tratado; e, eu fiador que da minha parte o cumpra de fórma, que vós fiqueis de todo satisfeito e contente. Disponde de mim e de minhas cousas, como se fossem vossas; mandai, ordenai, apontai o que vos convier, que, juro a Deus, que cumprirei fielmente tal qual vós mandardes. Mas, emfim, a respeito d'esta guerra...

E aqui Luiz XI interrompeu-se, como que um pouco descoroçoado e receioso de continuar.

— Se o dizeis pelas minhas ultimas desventuras — acudiu Affonso V com anciedade — rogo-vos que não vos deixeis cegar por ellas. Tudo aquillo não passa de fumo sem realidade. Eu ainda sou muito poderoso em Castella. Ainda tenho por mim muitas cidades e castellos principaes do centro do reino, e muitos nobres e senhores que seguem a minha bandeira. O marquez de Vilhena, o arcebispo de Toledo, Rodrigo de Ulloa, Pero de Mendanha...

— Não o digo por tal, não o digo por tal — acudiu Luiz XI — mas, senhor, a mim me parece que para fazermos esta guerra com menos cargo, a ambos nos cumpre justo titulo, e este é a dispensa-

ção apostolica para vós casardes com a senhora rainha D. Joanna, vossa sobrinha, pois dos reinos, que a ella pertencem, vos intitulaes rei.

—Senhor, eu já n'isso hei cuidado ha muito. Assim far-se-ha tudo como quizerdes.

—Bem pois; folgo que sejaes do meu parecer. Assim ficaes vós com direito incontestavel a puxar pelo que é vosso, pois que á herança de vossa esposa pertence. E agora dar-vos-hei um conselho de amigo e de experimentado; e tomai-o, senhor, como segurança e penhor do bem que vos desejo, e de quanto estou resolvido a contentar-vos e a servir-vos. Eu hei por certo que os castelhanos folgam ás vezes de vender fortalezas, e eu sempre houve por melhor e mais barato o compral-as por dinheiro que por guerra. Entendeis-me? Ademais, senhor, minha pessoa, dinheiro, e toda a gente do meu reino, tudo vos offereço para isso e para tudo o mais que á vossa honra e estado cumprir.

—Beijo-vos as mãos mil vezes, meu senhor e irmão. Depois de Deus, só em vós espero para me sanear de minhas desventuras passadas; porque tende por certo que se vós me auxiliardes n'esta guerra, eu, por sem duvida, cobrarei os reinos de Castella, e com isso vos ficarei eternamente devedor, e em mim tereis um fiel e zeloso alliado e amigo.

—Ah! meu senhor irmão — exclamou aqui Luiz XI — em mais quereria eu mostrar-vos o quanto vos quero, e o em quanto tenho a honra que me fizestes de me vir visitar e vêr em meus reinos. Senhor, esforçai-vos, e tende por certo que me tereis por vós n'esta guerra com todas as gentes do meu

reino. Mas ainda outra cousa tenho eu a dizer-vos. A mim me parece que seria bom que vos fosseis vêr em pessoa com nosso primo de Borgonha, e lhe pedisseis gente e ajuda contra Castella; e que, ao menos, se elle, em razão das differenças em que anda com o duque de Lorena, vol-a não poder dar, mettaes entre nós tal liança, ou hajaes d'elle tal segurança, que eu, sem receio de sua guerra, mais livre e poderosamente vos possa auxiliar. Assim poderei ir ávante com esta empreza, a que, por vosso amor, tanto quero, sem que nos aconteça outra como a do cerco de Fuenterabia...

— Ah! senhor — acudiu aqui Affonso V — folgo que seja esse vosso parecer. Eu já tinha cuidado em ir fallar com meu primo Carlos, e agora o farei por sem duvida, apesar do que em contrario me tem dito Fernão d'Alvares Baldaia.

Luiz XI voltou-se de golpe para o personagem alludido, e fitou-o com cara de verdadeiro e sincero pasmo.

— Ah! monseigneur de Baldaia — exclamou em tom de maravilhado — como! pois vós, que sois homem tão sagaz e sabedor, dissuadis a el-rei, vosso amo, d'um proposito tão assisado!

— Senhor, sim, e vós bem sabeis as razoens pelo que — respondeu com glacial impassibilidade o Baldaia.

Luiz XI soltou uma pequena gargalhada, de quem então cahia no caso.

— Ah! sim — exclamou — agora vos entendo. Vós arreceaes que el-rei, vosso amo, nada possa conseguir d'aquelle touro furioso e arrebatado. Ora, eu

fiador, que vos destrua essas apprehensoens. Monseigneur d'Argenton — continuou, dirigindo-se a Filippe de Commines — vós que vivestes tanto tempo com nosso primo de Borgonha, dizei aqui a monseigneur de Baldaia o quanto elle se ufana e se jacta de descender da casa real de Portugal, e em quanto présa a pessoa d'el-rei, meu senhor irmão, cujos altos feitos d'armas são causa para elle de muitas e nobres invejas.

Filippe de Commines curvou-se profundamente e com toda a etiqueta, de quem estava habituado a tratar com reis, e em seguida, relanceando um olhar á surrelfa sobre o rosto frio e cerrado do Baldaia, de cuja sagacidade formava alto conceito, disse com toda a aprumada gravidade de quem mede os gestos linha por linha, e calcula letra por letra as palavras:

— Senhor, assim é como dizeis. O senhor duque de Borgonha não falla n'outra cousa senão na honra que tem de descender dos senhores reis de Portugal. Mil vezes lhe ouvi recontar as proezas do senhor rei, seu avô, que venceu a batalha de Aljubarrota; e não poucas tambem o encontrei curvado, a lêr um grosso volume, que sempre traz comsigo, no qual se conta a ascendencia da illustre casa real portugueza. O mesmo podia testificar, se fôra presente messire Oliveiros de la Marche, que com elle a estudava muitas vezes.

Luiz XI carregou rapidamente o sobr'olho ao ouvir o nome do celebre Oliveiros de la Marche, que era um dos homens que elle mais odiava no mundo, por ter sido quem frustrára ao bastardo de Rubem-

pré a traição imaginada por elle Luiz para se apossar da pessoa de Carlos, o temerario, ainda então conde de Charolais.

— *Pasques-Dieu!* — disse pois, carregando o sobr'olho — escusamos tanta explicação, monseigneur d'Argenton. Pesar d'esse patife de la Marche! Não precisamos de mais authoridade que a vossa. Ora vêde — continuou, voltando-se para o Baldaia, que se estava sorrindo lá por dentro do mau exito que tinha tido a velhacaria, com que o astuto Commines adduzira para testemunha o nome de de la Marche, que, por ser inimigo pessoal de Luiz XI, não podia de fórma alguma ser dado por suspeito — ora vêde, se, depois do que ouvistes, podeis duvidar da efficacia d'el-rei, meu irmão, para com nosso primo de Borgonha.

— Sire, não o digo por isso — respondeu serenamente o inabalavel vereador do Porto.

— Então porque o dizeis? *Pasques-Dieu!* que vos não entendo, monseigneur de Baldaia.

— Se o ordenaes, dizer-vol-o-hei, sire.

— Dizei-o, dizei-o...

— Então pelo que é, Fernão d'Alvares? — acudiu aqui Affonso V, com ares de descontente.

— Porque, sire, elle desconfia tanto de vós, como vós desconfiaes d'elle. Assim, senhor, — continuou, dirigindo-se a Affonso V — por esta razão continuarei a rogar-vos e a aconselhar-vos com todas as minhas forças que não vades pessoalmente ao duque de Borgonha. Vós nada alcançareis d'elle, e, não o alcançando, desauthorisareis a vossa dignidade real.

— Ora, Fernão d'Alvares — respondeu Affonso V com toda a leviandade de que infelizmente era do-

tado — perdoai-me, mas n'este ponto vós fallaes o que não sabeis. Assim, senhor irmão, escolhamos os embaixadores que devemos enviar a Roma; que pela minha parte firme estou no proposito, de, o mais breve possivel, partir para Nancy.

Luiz XI nomeou logo para esse fim o senhor de Saint-Vallière e João Dauvet, primeiro presidente do parlamento de Paris, homem que elle empregava frequentes vezes em negocios d'esta qualidade. Affonso V escolheu o seu camareiro-mór Lopo d'Albuquerque, conde de Penamacor, o doutor João Teixeira, e o castelhano Diogo de Saldanha, homem prudente e authorisado que tinha seguido o partido da filha de Henrique IV.

Depois d'isto os dous reis ainda disseram alguma cousa mais sobre as probabilidades e melhor disposição da futura guerra, o que Luiz XI entremeou de muitas promessas e juramentos de lealdade.

Por fim levantou-se, e despediu-se. Affonso V veio-o acompanhando até á porta da ante-camara. Mas, ao chegar junto d'ella Luiz fel-o parar.

— Senhor, perdoai-me, mas d'aqui não passareis — disse cortezmente, impedindo-lhe o passo.

— Por vida vossa! não me façaes mais descortez — exclamou Affonso V, forcejando civilmente para sahir.

— Não passareis... rogo-vos que não passeis. Ora pois, se tanto me quereis honrar, só vos consinto que mandeis acompanhar-me por Fernão d'Alvares Baldaia, que vos representa como vosso embaixador.

— Pois que o ordenaes, assim seja — disse Affonso V.

E os dous abraçaram-se outra vez, e despediram-se.

Luiz XI atravessou a sala, que se seguia aos aposentos particulares do rei de Portugal, e ao chegar a metade do salão de entrada, voltou-se para traz, e acenou a Fernão d'Alvares Baldaia, que ia respeitosamente após elle.

— Ora chegai-vos para cá — disse-lhe elle, pondo-o a seu lado — vós vindes representando el-rei de Portugal.

Depois, chegando-lhe a bocca á orelha, disse-lhe em voz baixa:

— A mim me parece, meu especial amigo, que não fazeis bem em despersuadir el-rei vosso amo de ir a Borgonha.

— Senhor, em minha consciencia, não posso deixar de o fazer — respondeu Fernão d'Alvares no mesmo tom.

Luiz XI não respondeu, e foi continuando, com elle ao lado, até á porta do paço. Chegado ahi, cavalgou, e após elle todos os fidalgos e guardas que o acompanhavam.

— Monseigneur de Baldaia — disse então — rogo-vos que me vades logo fallar a Plessis. Vosso filho parte hoje para a Lorena, e eu hei mister de conversar, antes d'isso, comvosco.

— Senhor, irei, logo que sua senhoria, el-rei, meu senhor, me despache — respondeu com profunda cortezia o Baldaia.

O rei de França abaixou-lhe então graciosamente

a cabeça, cousa que não fazia a pessoa alguma, e em seguida deu de esporas á mula, e partiu.

Durante todo o caminho Luiz XI não fez outra cousa mais do que fallar comsigo mesmo. Ia com cara de muito mau humor, e totalmente distrahido no que se lhe ia a revolver na cabeça. Ao entrar para dentro do castello de Plessis, disse em voz alta:

— João de la Driesche, levai cincoenta mil escudos de ouro a el-rei de Portugal, e dizei-lhe que lhe peço que de mim os queira tomar para com elles convidar alguma gentil dama, como é de usança e cortezia n'este meu reino [1].

Depois, voltando-se para o preboste Tristão, acrescentou com muito mau modo:

— Compadre, depois de jantar, traz-me cá cima aquelles dous patifes, que te ordenei que pozesses a bom recado.

E dizendo, subiu pela escadaria acima, e internou-se nos repartimentos interiores do castello.

1 Pina, Chron. de Affonso V., cap. 196. Affonso V não aceitou este singular presente, e *com palavras pubrycas de singular agardecimento* — diz o chronista — *e com respeitos secretos que a seu Estado Real compryam, se enviou por entam escusar.*

III

DIABO — Eu não sei se me conheces.
TEMPO — Fallando com salvanor,
Tu diabo me pareces.
GIL VICENTE. *Auto da Feira.*

Tres horas depois da scena, a que o leitor assistiu no capitulo antecedente, Luiz XI, vestido como o vimos na sua entrevista com Affonso V, a menos a espada, passeava com passos incertos, aos torcicollos e distrahidamente, d'um lado para o outro, a todo o comprimento da sala d'uma das torres do seu castello de Plessis-du-Parc-lez-Tours, cujo adereçamento é escusado dizer que estava em harmonia com os costumes e com o vestuario do rei de França.

Luiz passeava visivelmente enlevado e distrahido em cousa, que lhe occupava fortemente o espirito. Os labios moviam-se-lhe ora rapidos, ora vagarosos; os braços e a cabeça gesticulavam a espaços e abruptamente, sobre tudo quando o sobr'olho se lhe encrespava carregado, e elle parava, machinalmente e por segundos apenas, o seu passeio cambaleado; e pa-

lavras soltas e entrecortadas, e ás vezes phrases até, sahiam-lhe de quando em quando dos labios, ora bem distinctas e claras, ora menos audiveis e apenas resmoneadas. Não nos seria, pois, difficil o atar em discurso seguido e intelligivel o soliloquio que elle comsigo estava fazendo. Temol-o, porém, por escusado, porque dizia respeito aos successos d'este e sobre tudo do seguinte capitulo, dos quaes portanto o leitor colherá inteira e perfeita toda a substancia d'elle.

De pé junto á parede, com a cabeça um pouco tombada para diante, os braços descahidos ao longo do corpo e os dedos das mãos mettidos uns pelos outros, estava um homem mal vestido, mas ainda assim um pouco melhor do que o monarca da França. Este homem, cujo cabello comprido até o pescoço, mas cortado em linha horisontal sobre a testa achatada e curta, deixava todo o rosto a descoberto, tinha umas feiçoens plebeias e grosseiras, nas quaes se lia a mais refalsada e petulante hypocrisia, por traz da qual se acobertava o mais impudente e deslocado amor proprio que de mistura com a velhacaria villã, que lhe reluzia nos olhares, com que de quando em quando relanceava o rei á surrelfa, lhe davam aspecto ignobil e repugnante.

Este personagem era, porém, o favorito e o privado mais intimo de Luiz XI; o seu conselheiro particular, aquelle em quem tinha confiança tão cega e illimitada, que lhe confiava as queixadas e com ellas indefesa a garganta; era emfim o seu barbeiro, Oliveiros do Diabo, a quem elle dera em 1476 o senhorio do condado de Meulan, e nobilitára, orde-

nando expressamente que d'ali por diante ninguem fosse tão ousado que lhe chamasse Oliveiros Diabo ou Mau (*Olivier le Diable ou le Mauvais*) mas sim Olivier le Daim (o Gamo). Cousa singular! Luiz XI que conhecia tão perfeitamente os homens, e tinha especialissimo tino para lhes descobrir e apreciar as qualidades, deixava-se enganar alarvemente por este biltre plebeu, cujos unicos dotes eram ser um capacho miseravel das vontades e opinioens do amo, e ser-lhe fiel como sabujo avillanado, que não serve para defender, mas só para festejar e lamber com caricias ignobeis os pés de quem lhe dá de comer.

O rei parou por fim, como que acordado d'aquella somnolencia pensadora, em que até ali andára abstrahido, e disse para o barbeiro:

—Sabes se já voltou João de la Driesche?

—Senhor, sim—respondeu Oliveiros.

—E então?

—O thesoureiro disse-me que el-rei de Portugal se recusára a receber os cincoenta mil escudos, e que vos pedia que lhe perdoasseis; que vol-o tinha muito em mercê, mas que elle o faria de seus dinheiros, e como cumpre á honra de vossa côrte e senhorio.

—*Pasques-Dieu!* Brava cousa é ser senhor de Portugal!—replicou Luiz XI, sentando-se, e sorrindo com um sorriso de ironia, mas ao mesmo tempo de satisfação.—Tanto melhor, tanto melhor; que não sou eu tão rico que possa assim perdulariar meus haveres.

—A mim me parecia cousa escusada o fazel-o—retrucou confiadamente Oliveiros.—Aquillo era deitar perolas a porcos.

— Mas que fazer, homem? Um rei de França não é para ahi qualquer barbeiro, ainda mesmo que este seja senhor de Meulan. E' preciso salvaguardar a dignidade real, e fazer das tripas coração. *Pasques-Dieu!* Cincoenta mil escudos! Ápre! Ao menos que elle os não aceitou. Estes homens de Espanha teem feros e bravatas, que fazem rir. Com os inglezes não me tirava eu assim tão de barato. Aquelles são um abysmo, uma voragem, um poço sem fundo...

E depois de resmonear mais algumas phrases entrecortadas ácerca do que lhe tinha custado o tratado de Pequigny, e a paz com Eduardo IV, calou-se, e ficou por algum tempo distrahido e a tamborinar com os dedos no braço da cadeira, em que estava sentado.

— Mas que te parece a ti este maldito Baldaia? — disse por fim, alevantando o rosto. — O patife é capaz de me desarranjar todo o negocio; porque a mim se me afigura que este rei de Portugal, que é um pobre diabo, é capaz de mudar d'opinião de hora para hora...

— Ao contrario, senhor — atalhou o barbeiro — os portuguezes queixam-se d'elle ser voluntarioso em suas opinioens, como o proprio touro de Borgonha.

— Assim dizem? Tu e elles não passaes d'uns grandes asnos — replicou Luiz XI, carregando descontente o sobr'olho, em razão da audacia de interrupção do mestre, porque apesar de toda a predilecção e familiaridade com que o tratava, o seu instincto despotico e de superioridade não se podia congraçar de todo com certas faltas de etiqueta do soez

favorito. — A impetuosidade do rei de Portugal é de laia muito differente da do touro de Borgonha. N'uma cousa se conformam apenas; é em feitos de guerras e cavallarias. Isso vê-se á legua. Mas no mais... É um pobre diabo!

— Mas vós, senhor, esperaes alguma cousa boa d'esta ida d'elle a Borgonha? — disse aqui Oliveiros.

— Quem sabe, homem? quem sabe? — replicou com ar meditabundo Luiz XI. — Este meu primo Carlos com as suas fantasias cavalheirescas, se vir diante de si outro fanfarrão como elle, é capaz de atirar com tudo á casa do diabo. Pelo menos os suissos hão-de ter tempo de chegar, e com a carta que envio ao sire de Craon, e com o que mando dizer ao loreno, a cousa póde ser fallada. A dança será melhor d'esta vez do que a de Granson e de Morat. O caso está em poder entreter o borgonhez dous ou tres mezes mais; e que este velhaco do Baldaia me não prive do melhor e mais seguro meio, que tenho para o conseguir.

— E depois mandaremos o portuguez ao diabo? — disse, sorrindo, o barbeiro.

— Isso veremos... isso é para depois — volveu Luiz XI com ares distrahidos. — Elle está aqui... em meu poder, e a Cerdagne é grande cousa, e custou-me muito dinheiro... muito dinheiro. E depois — continuou, fitando fixamente Oliveiros — se não poder ser ao bem, por que não hei-de eu havel-a a mal? Aquelle tratante d'el-rei de Aragão portou-se commigo como um verdadeiro ladrão d'estrada. Ora se este rei de Portugal me ajudar a livrar-me do de

Borgonha, porque não hei-de eu ajudal-o a dar uma boa sova n'aquelle falso aragonez, havendo eu ao mesmo tempo a minha terra, que me custou o meu dinheiro... muito dinheiro.

E dizendo, calou-se outra vez meditabundo. Ao cabo de alguns minutos, Oliveiros notou que elle estava a olhar fixamente para elle. Reatou portanto a conversa, e disse com ares de entendido, e de quem sabe o que pensa e o que diz:

—Pois, senhor, se tanto bem nos póde vir da ida do portuguez a Borgonha, no vosso lugar, eu bem sei o que faria.

—E que farias?

—Faria soar aos ouvidos do Baldaia uma boa taleiga de escudos de ouro...

—*Pasques-Dieu!* Não é homem para isso.

—Tambem o senhor de Hastings, grande camarista de Inglaterra, não queria que lhe fallassem em dinheiro, mas consentia que lh'o mettessem na manga [1], —disse com ar triumphante Oliveiros.

—Tu não sabes o que dizes, Oliveiros—respondeu Luiz XI—tu não sabes o que dizes, meu amigo. O caso aqui é muito differente. O senhor de Hastings é por fim de contas um cortezão de Eduardo IV, de Inglaterra; e este Baldaia é um burguez ricaço de não sei que cidade de Portugal, que pelo visto é gente casmurra e levada da breca.

—N'esse caso— acudiu Oliveiros com impudente desaforo—eu dava-lhe uma vista das gaiolas de ferro, e das vossas dôces *fillettes;* e, se ainda

1 Commines. Mémoires, Liv. VI., chap. 2.

assim teimasse, ahi está o vosso compadre Tristão, que sabe fazer brandos ainda maiores casmurros do que elle.

— Isso é muito forte, Oliveiros, isso é muito forte — disse Luiz XI, sorrindo — Mas em quanto ás gaiolas... eu já pensei n'isso. A vista de La Balue, e do bispo de Verdun... dous principes da igreja — disse assim com retumbante ironia.

Mas de repente as feiçoens transformaram-se-lhe com uma certa expressão de terror supersticioso; tirou de repente o chapéo, pousou-o sobre a mesa junto da qual estava sentado, e, lançando-se abruptamente de joelhos, poz-se a bater com toda a força no peito, exclamando em voz alta:

— Ó minha Senhora de Clery, meus amores, minha boa Senhora, minha grande amiga, perdoai-me, que vós bem sabeis que o faço contra vontade. Mas aquelles são dous ribaldos blasfemadores do vosso nome, que me atraiçoaram com o meu pobre irmão Carlos, e me entregaram em Peronne ao duque de Borgonha, que vós bem sabeis, minha boa Senhora, que é um vosso grande inimigo, um traidor, um hereje, um patife... *Ora pro me, dilectissima; sancta mater dei, ora pro me, ora pro me...*

Acabando esta jaculatoria burlesca, pronunciada em altos brados e com exaltação verdadeiramente allucinada, levantou-se, poz de novo o chapéo na cabeça, e sentou-se. Oliveiros do Diabo, que se atirára de joelhos, e batera ruidosamente no peito, entretanto que Luiz XI estivera berrando diante da imagem, levantou-se tambem, e fitou piedosamente os olhos n'ella.

N'isto ouviram-se duas pancadas ao de leve na porta.

— Abre, que é Tristão — disse Luiz XI.

— Ou antes será esse patife de Regnault La Pie — respondeu o barbeiro — Vós, senhor, não o quereis corregir nem castigar; pois digo-vos que grande mal vos ha-de vir d'este maroto, que não tem respeito por ninguem, que não tem religião, turbulento, soberbo, espancador. Ainda hontem, de noite arrombou a porta do carpinteiro André Hesselain, e saltou-lhe com a mulher...

— Ora anda, Oliveiros, abre a porta, abre a porta — atalhou Luiz XI, sorrindo e abanando com a mão, como quem não queria ouvir mais cousa alguma.

Oliveiros obedeceu, resmungando. Aberta a porta, entrou immediatamente para dentro um moço alto, reforçado e espadaúdo, vestido como gentil cortezão, mas cujas feiçoens e maneiras grosseiras bem o demonstravam sahido de baixa origem.

Mal entrou, lançou um olhar negro de raiva sobre o barbeiro, depois, dirigindo-se ao rei, disse-lhe com respeito, mas desempenadamente:

— Senhor, dei a messire Tristão vosso recado, e elle diz que não tardará.

— Bem está — respondeu Luiz XI, fitando-o com olhar de amizade severa — Regnault, é necessario que tenhas mais tento com teu proceder. Eu não quero que os meus amigos e os meus creados dêem motivos para se dizer que o preboste Tristão não póde exercer sua authoridade, por eu ser capa de ribaldos. Entendes-me?

O pagem relanceou com terrivel rancor o bar-

beiro, e em seguida disse em voz ligeiramente tremula, mas respeitosa:

— Vós, senhor, estaes-me sempre a reprehender não sei pelo que. Mas isso não vem de vós, que me tendes sido mais que pae; e eu bem sei quem é o causador, e, juro a Deus...

E aqui relanceou novo olhar, ainda mais feroz, sobre o barbeiro.

— Micer Regnault — disse este tremulo de raiva — tende tento com a lingua, e não a solteis diante d'el-rei nas vossas rebolarias costumadas.

— Micer Oliveiros — respondeu rancorosamente o moço — não penseis que por el-rei vos ter feito nobre, sois homem melhor do que eu. Vós tambem me haveis de fazer nobre, meu senhor; não é assim? — continuou, voltando-se para Luiz XI — que vós bem sabeis que se não sei barbear-vos nem escanhoar-vos, sou homem para pôr a vida cegamente por vós, e defender-vos contra todo o mundo, barbeiros ou o diabo...

E dizendo, sacudiu cerrados os dous punhos monstruosos, que bem se mostravam capazes de matar um boi com um murro.

Oliveiros ia a responder furioso. Luiz XI carregou severamente as sobrancelhas.

— Silencio! — disse imperativamente. — Estou cançado d'essas continuas refertas, em que andaes, como dous sabujos invejosos. Eu chego para ambos, eu chego para ambos — perorou com tal sorriso de ironia sarcastica, que esmagaria de todo aquelles dous homens, se elles não fossem dous miseraveis canalhas.

N'isto sentiu-se na escada ruido de gente que subia, e logo a voz dura e grossa de Tristão Ermita soou de fóra da porta, dizendo:

— Entrarei, senhor?

— Entra, compadre, entra que te estou aguardando.

A porta abriu-se então, e Tristão entrou para dentro, seguido por dous asselvajados archeiros suissos, que conduziam acorrentados os dous tristes burguezes Cailletel e Ronde-Joue.

— Ah! esses sois, meus especiaes amigos? — disse Luiz, tornando a sentar-se e sorrindo com um sorriso de sarcasmo tão medonho, como a satisfação que reluz nos olhos do tigre quando vê aproximar-se a presa — ah! esses sois? Ora chegai-vos, chegai-vos para cá.

Os dous pobres homens, com os olhos espantados, quasi apopleticos e de todo desvairados pelo terror, não tinham, n'essa hora, consciencia de si, nem sequer para o ouvirem e moverem-se do sitio, até onde os suissos os haviam levado. Tristão, vendo-os immoveis e como duas verdadeiras estatuas da estupefacção e do medo, bradou-lhes em voz de trovão, empurrando-os selvagemente para a frente:

— Andai, pelo inferno, não ouvides as ordens d'el-rei?

Os dous pobres diabos, que estavam manietados para traz das costas, foram cahir de bruços no chão, diante da cadeira, onde Luiz XI estava sentado. Foi, porém, differente o effeito que em cada um d'elles produziu o baque tremendo, com que tombaram derribados. Cailletel, com os olhos espantados e raiados

de sangue, os labios entre-abertos, e corado até á raiz dos cabellos por um vermelhão denegrido e apopletico, ergueu-se, como um touro, de um salto, e rodeou em volta de si os olhos quasi a saltar-lhe para fóra das orbitas, com olhar totalmente desvairado e de quem procurava fugir. Ronde-Joue, esse, ficou por minutos com a fronte prostrada aos pés do rei, e, quando a ergueu, fel-o como que a custo, e ficou de joelhos, com a cabeça inclinada para o peito e com as lagrimas a correrem-lhe a pares pelas faces abaixo.

Luiz XI, com o braço direito estendido sobre o recosto da cadeira, o esquerdo ao longo da côxa, e o corpo meio inclinado para a frente, olhava-os agora com um olhar compungido, que muitos diriam mais de escarneo do que de compaixão.

— Meus especiaes amigos — disse-lhes então em voz dôce — socegai, e perdei todo o cuidado. Sêde-me leaes, que não tendes de que vos temer. Eu sou o pae dos meus vassallos. Ora pois, dizei-me cá; onde é que pára aquelle patife, com quem estaveis conversando esta manhã?

— Senhor — respondeu Ronde-Joue — por Deus que está no céo, pela boa sorte dos meus filhinhos, juro-vos que o não conheço.

— Não o conheceis! — replicou Luiz XI — Então é por que este vosso compadre o conhece, e por elle estaveis todos juntos. Ora bem, meu especial amigo — continuou, voltando-se para Cailletel — fallai vós, homem; dizei, onde pára elle?

Cailletel sentiu indistinctamente que estava sendo interpellado. Fitou de repente o rei com os olhos esgazeados, rodeou-os depois em volta de si de todo des-

vairado, e soltou um urro tremendo, igual ao do touro, ao cessar os puxoens violentos, quando sente que não póde desamarrar-se da argola fatal, a que no matadouro está preso.

Luiz XI carregou medonhamente o sobr'olho.

— Estes patifes — disse por fim — pensam que me illudem com estas farçadas. Ora, pois, — continuou, abrandando de novo a voz, e dirigindo-se a Ronde-Joue — dizei-me cá, meu especial amigo, como é crivel que estivesseis tão familiarmente conversando com um homem, com quem não tendes conhecimento, e que nunca vistes em dias de vida?

— Senhor... senhor, juro-vos que é verdade o que digo; juro-vos...

— Não jureis, meu particular amigo; olhai que é grave peccado o jurar por Deus em vão, e que depois d'esta vida transitoria ha outra que é eterna, que é para todo o sempre, na qual, quem é uma vez condemnado, não terá jámais remissão; é-o por todo o infinito de eternidade, *per omnia sæcula sæculorum*. Juraes, dizeis vós! E deixastes fugir o homem, quando eu tão a tempo vos adverti que o prendesseis! E isto chamaes não o conhecer! Isto dizeis que é fallar verdade!

— Senhor — replicou Ronde-Joue, em voz tremula, mas fazendo por serenar-se — vós bem vistes a rapidez, com que elle, mal dissestes a primeira palavra, se desembaraçou de nós com tal encontrão, que al não pudemos fazer que tombar. Era impossivel deitarmos-lhe as mãos; e vós bem vistes tambem que, ainda a menor distancia, ninguem o pôde conseguir,

apesar do grande espaço que teve de percorrer por entre tão cerrada multidão.

— São todos uns patifes, são todos uns traidores, estes infames burguezes de Tours — respondeu Luiz XI, sem se alterar — É o que isso prova e nada mais. Ora, meu grande amigo, vós de certo ainda não pensastes bem na qualidade do jogo, a que estaes agora jogando; de outra sorte, *Pasques-Dieu!* — fôra grande doudice a teima, em que estaes emperrado.

— Senhor, pela sorte dos meus filhinhos...

— Deixai para lá os vossos filhinhos — disse ironicamente Luiz XI — Desejo-lhes que sejam mais fieis aos meus filhinhos, do que vós, pelo visto, me sois hoje a mim. Agora vos quero dizer, attendei. Em primeiro logar, aquelle é um grande traidor e inimigo que tenho, que estava ali como espião de Borgonha, e sei ao certo que com o fim de procurar tirar-me a vida.

— Jesus, mil vezes! — bradou Ronde-Joue, batendo de novo com a fronte no chão aos pés do rei.

Cailletel soltou um novo urro pavoroso, e mexeu-se como quem ia arremessar-se em apavorada fugida.

— Em segundo logar... Ora erguei-vos, meu especial amigo, erguei-vos — continuou Luiz XI — Em segundo logar, sabei que a lei é dura em taes casos, n'estes nossos reinos de França. Por menos, bem o sabeis vós, mandei eu cortar as cabeças ao condestavel de S. Paulo e ao sire de Melun; e muitos burguezes de Paris e de Tours teem sido afogados no Sena e no Loire...

— Senhor, misericordia! — bradou desvairado o pobre Ronde-Joue.

— Ah! já pedis misericordia? Então confessaes? Ora pois, meu especial amigo, falta só mais um passo; andai, dai-o, por meu amor, dai-o, andai. Onde está elle? Onde pára aquelle rebelde traidor...

— Senhor... senhor— bradou Ronde-Joue, abafado de medonho pavor — pelo sangue de Nosso Senhor, pelo bemaventurado S. Gaciano, eu não sei de quem me fallaes. Eu sou um homem honrado e pae de oito creancinhas. Vivo de meu trabalho, e nunca vos fui traidor. Em má hora sahi hoje de minha casa para vêr a cavalgada, pois que encontrei casualmente aquelle homem, e casualmente fiquei ao lado d'elle...

Aqui Cailletel, relampejando-lhe na cabeça a consciencia do perigo em que estava, soltou um urro tão medonho, que apavorou o proprio rei, e partiu desvairado e de cabeça baixa, como touro cego de furor, em direcção á porta. Os dous suissos tomaram-n'o porém a meio do caminho, e, empregando toda a validez da sua helvetica corpulencia, conseguiram segural-o, e, preso pelos braços, o pozeram de novo diante de Luiz.

— Virgem Maria! O traidor está possesso! — balbuciou este, persignando-se — *Pasques-Dieu!* que melhor prova de sua traição do que esta? Ora olhai, meu especial amigo,— continuou, dirigindo-se a Ronde-Joue — a mim se me afigura que vós ainda não cahistes bem no vosso caso. Ora, pois, escutai-me.

E depois de um momento de silencio, e de se lançar para o espaldar da cadeira, á qual ficou encostado com as mãos entrelaçadas sobre o peito, e o olhar fito no pobre homem, continuou, com os olhos lu-

zentes, em voz pausada e como que a saborear o que dizia:

— Fazei-me a mercê de vos imaginardes, a vós e a este vosso selvagem compadre, debaixo da arvore mais alta das que rodeiam Plessis-du-Parc. O meu compadre Tristão, com aquella cara que lhe vedes, está ali de pé, com as mãos atraz das costas, e com aquelles seus dous olhos fitados em vós. Henrique Cousin, e seu filho Petit-Jean, dous bons camaradas e grandes sabedores na arte de içar homens pelo gasnete aos ramos das arvores...

— Misericordia, senhor, misericordia!

— A fazerem — continuou imperturbavelmente Luiz XI — dous laços sufficientes em duas boas e rijas cordas de esparto. Depois atiram com as pontas d'ellas a um dos ramos mais altos e mais robustos da arvore. E logo, chegando-se a vós, dizem-vos em voz piedosa — «Meus camaradas, perdoai-nos, mas não póde ser de outra maneira. Fazei as vossas ultimas contas com Deus, lançai um derradeiro olhar para este céo deliciosamente azulado, e esforçai-vos, tomai animo. Isto não custa nada, meus camaradas; um pulo e nada mais, e estaes na eternidade. Assim coragem, e perdoai-nos, que estamos de afogadilho.» *Pax vobiscum*. E zás...

— Miseri...cordia! Mi...se...ri...cor...dia!

— Lançam-vos os laços aos pescoços, e n'um relance eis-vos de lingua de fóra, a pernear como dous bonifrates, dependurados do ramo da arvore. Então que tal vos parece? — perorou Luiz XI, avivando com terrivel sarcasmo o seu medonho sorriso de inquisidor.

Ronde-Joue bateu com a fronte em cheio no pavimento da casa, e assim ficou, sem dar palavra. Cailletel, esse, nem consciencia tinha d'onde estava.

— Ora não vos parece — continuou o rei mellifluamente — não vos parece, que é melhor dizer onde pára um espião e traidor ao vosso rei, que tanto vos ama, e tanto cuidado tem pela vossa prosperidade, do que representar um papel tal como este? Ora dizei; fallai, fallai, meu especial amigo — acrescentou Luiz XI, vendo que nenhum dos dous respondia.

Ronde-Joue levantou então vagarosamente a cabeça.

— Senhor, que exigis de mim que vos diga?

— Oh! meu especial amigo, vós bem o sabeis. Fallai, ora rogo-vol-o muito encarecidamente.

— Mas, senhor, ensinai-me, dizei-me alguma cousa! — bradou Ronde-Joue com desespero. — Eu quero dizer tudo o que vós quizerdes que eu diga. Senhor... Senhor, misericordia! Eu não posso morrer. Se morro, deixo mulher, e oito filhinhos entregues aos horrores da fome. Quero dizer tudo o que vós pretendeis que eu diga; mas fallai... ensinai-me... dizei alguma cousa.

— Meu grande amigo — replicou Luiz XI com glacial impassibilidade, apenas retocada por um ligeiro sorriso de carrasco — vós bem sabeis que eu só quero que me digaes onde é que pára aquelle grande traidor e vosso amigo, com quem fallaveis tão intimamente esta manhã.

Ronde-Joue fitou o rei, e depois lançou em redor de si um olhar pavoroso de afflicção e de terror.

— Mas eu não sei quem elle é, senhor; não sei onde elle pára! — irrompeu por fim com medonho desespero.

Luiz XI franziu temerosamente o sobr'olho.

— Ah! recalcitras, patife? Pensas illudir-me, traidor? — disse por fim com terrivel serenidade — Compadre, tomai-os lá, entrego-vol-os á vossa jurisdicção. Ide casar esses dous patifes com a arvore mais alta, que achardes ahi fóra. Vêde que o ramo seja robusto, e as cordas seguras e proprias para poderem com o peso da rotunda corpulencia d'esses dous marotos noivos da forca. Andai, prestes! Livrai-me d'estes traidores, e salvai uma vez mais a França.

— Misericordia, senhor, misericordia! Lembrai-vos da minha desgraçada familia! — bradava Ronde-Joue, arrastando-se desvairado pelo desespero aos pés de Luiz XI.

Este acenou com a mão ao preboste. Os dous suissos aproximaram-se então; levantaram em peso o pobre burguez, e em seguida sahiram da sala, empurrando brutalmente adiante de si os dous desgraçados.

Luiz ficou por alguns momentos com os olhos cravados na porta. De repente ergueu-os de golpe, pousou o chapéo sobre a mesa, atirou-se de joelhos, e poz-se a bater no peito, e a bradar para a imagem de chumbo:

— Perdoai-me, minha boa Senhora; perdoai-me, meus amores. Mas são dous patifes, dous traidores, dous blasphemadores do vosso nome. *Ora pro me, dilectissima, ora pro me.*

Mas deixemos pelo entretanto Luiz XI, e sigamos o preboste e os dous infelizes.

Mal esta comitiva chegou ao vasto atrio do castello, Henrique Cousin e Petit-Jean, que usavam pairar por ali, como aves de rapina em redor de um matadouro, apoderaram-se immediatamente dos dous condemnados. Estes ao chegarem ao fim da ponte levadiça, chamados á consciencia da vida pelo ar livre e pelos raios esplendidos do sol que ia descendo para o occaso, começaram a barafustar e a bradar desvairados.

— Petit-Jean, faz calar esses patifes. Põe-lhe as mordaças — disse Tristão brutalmente.

Cousin tirou de dentro da abastada escarcella de pelle, que lhe pendia do cinto, duas mordaças em fórma de pera, e, minutos depois, os dous desgraçados estavam litteralmente privados de dar expansão ás agonias do desespero, em que se estorciam. Tornaram-se então verdadeiramente medonhos. Os olhos pareciam querer-lhes saltar para fóra das orbitas, as ventas dilataram-se-lhes, fizeram-se negros, e o suor corria-lhes ás vagadas pelas faces abaixo, empastando-lhes os cabellos nas frontes.

D'esta maneira os carrascos e os dous suissos foram-nos empurrando, ou antes arrastando para fóra da barbacan, dirigindo-se a uma das arvores mais altas, que se via a distancia de mais de trezentos passos. Até lá os desgraçados ora paravam, ora corriam, ora barafustavam, ora tropeçavam e cahiam por terra. Por fim chegaram.

A scena ia correndo pouco mais ou menos como Luiz XI a descrevera. Os carrascos já haviam atirado

as cordas para cima da arvore; ageitavam-n'as já aos pescoços dos condemnados, que nem se mexiam, estupidificados pelo pavor, que d'elles se havia apossado; diziam-lhes chocarrices grosseiras com o fim de lhes pôr animo, e preparavam-se em fim para os içar, quando um acontecimento inesperado veio interromper esta scena repugnante e medonha.

Ao tempo que os dous algozes, com palavras de burlesca consolação, iam, agora com doçura e delicadeza, achegando os dous infelizes para os ageitar a prumo do ramo fatal, Fernão d'Alvares Baldaia, acompanhado por dous pagens e dous homens d'armas portuguezes, dobrava a esquina, em que, a pequena distancia, se quebrava ali o caminho que de Tours conduzia então a Plessis-du-Parc.

Ao dar com os olhos n'aquella scena repellente, o embaixador portuguez deu de esporas á mula, em que ia montado, para d'ali se arredar o mais depressa que lhe fossse possivel. Ao perpassar, porém, a curta distancia do pequeno grupo de homens d'armas e suissos que a presenciavam, não pôde soffrear tão seguramente a curiosidade, que não deitasse para lá um olhar involuntario e de nesga; e logo os olhos brilharam-lhe com pasmo e admiração, e fitaram-se firmes nos rostos dos dous condemnados. Voltou então as redeas á mula, dirigiu-se ao grupo, e bradou em voz cheia e bem audivel:

— Olá, messire Tristão, porque diabo ides vós enforcar esses dous homens?

O preboste ergueu o rosto sombrio e duro para o logar d'onde partira aquella pergunta.

— Ah! esse sois, monseigneur de Baldaia — res-

pondeu então de esguelha e levando ao de leve a mão ao barrete, que tinha na cabeça — Quanto a isso perguntai-o vós a el-rei, que foi elle quem assim o ordenou.

— Foi el-rei! — exclamou o Baldaia — Mas, messire Tristão, meu amigo, ahi ha engano de certo. Eu conheço esses dous homens como leaes e honrados burguezes de Tours. Cailletel é até meu alfaiate...

— Tudo poderá ser, monseigneur de Baldaia, tudo poderá ser — volveu bruscamente Tristão — mas el-rei assim o ordena.

Fernão d'Alvares ficou um momento como que indeciso ácerca do que devia fazer; mas vendo que o preboste acenára aos carrascos, e que estes, áquelle signal, tratavam de levantar a toda a pressa do chão os dous infelizes, que, despertados por aquella voz amiga, se haviam arrojado, rolando-se desesperados por elle, ergueu a voz, e disse alto e com intimativa:

— Messire preboste, fazei-me a mercê de ouvir-me aqui duas palavras á puridade, e entretanto mandai estar quedos os vossos serventes.

Tristão Ermita pareceu hesitar um instante, mas depois acenou aos carrascos que parassem, e aproximou-se do Baldaia com cara sombria e de enfado.

— Messire Tristão, eu tenho-vos dado provas de verdadeiro amigo, e creio que por isso também o sois meu. Assim espero que me não queiraes causar tamanha perda...

— Mas que perda, monseigneur de Baldaia? — atalhou o preboste, em voz de entrepasmado e aborrecido.

— Sabei que Ronde-Joue — volveu o Baldaia — é o meu commissario em França, e que me tem em seu poder uma grande somma de dinheiro de brocados e outras mercadorias de preço, de que, pouco antes de vir, lhe fiz remessa; e Cailletel é-me devedor de quatro mil escudos de ouro, que lhe emprestei para elle se poder prover de fazendas, a fim de fazer seu negocio n'estas festas reaes.

O preboste ficou um momento como que enleado e sem saber o que fizesse.

— Sinto grandemente, monseigneur de Baldaia — disse por fim em voz rude, mas com certa expressão de amizade—porém vós bem vêdes que nada posso fazer no vosso caso. El-rei foi quem o mandou.

— Podeis tudo, messire Tristão, podeis tudo — volveu o Baldaia — Demorai uma hora sómente o supplicio d'esses dous homens, o espaço de tempo preciso para eu entrar em Plessis, fallar a el-rei e mandar-vos seu recado, e n'isso me fareis um grande serviço.

— Oh! monseigneur de Baldaia—respondeu com mau modo Tristão — isso não vos farei eu. Vós bem sabeis que el-rei Luiz não soffre dilação em suas ordens; e eu tenho em mais preço a minha cabeça do que todos os interesses do mundo.

Fernão d'Alvares franziu o sobr'olho.

— Vós bem sabeis — disse-lhe então em voz grave — que n'isto não correis perigo algum; mas pelo contrario, se persistirdes em vossa teima, ficai certo que me será de todo o ponto impossivel mandar-vos vir aquellas cubas de bom vinho de Portu-

gal, que me encommendastes para vosso negocio, e que vos não podem ser entregues senão por mãos de Ronde-Joue.

A estas palavras, o preboste relanceou um olhar sombrio e perscrutador sobre o Baldaia; mas, dando-lhe de chapa com o rosto impassivel e glacial, volveu os olhos para a terra, e ficou alguns segundos calado.

— Mas que fazer? Pelo inferno! que fazer? — irrompeu por fim em voz dura e rude.

— Muito pouco — replicou serenamente o Baldaia — Dilatai, como vos digo, por uma hora sómente a execução d'estes dous homens, e tudo se arranjará.

Tristão volveu de novo e sombriamente os olhos para o chão, e assim esteve um momento sem responder.

— Seja assim — rompeu finalmente — Mas vêde bem; uma hora e mais não. Negociai durante ella, como poderdes, o caso; mas olhai que se em tal tempo o não poderdes fazer, depois é tarde, e não me achaqueis de não ser amigo de vossas cousas e fazer por vós tudo o que posso fazer. Bem pois, adeus. Accordai-vos de que vos dou apenas uma hora.

Fernão d'Alvares ia a voltar a mula, mas Tristão, tomando-lh'a de subito pela redea, susteve-se, e disse-lhe em voz baixa:

— Vós lembraes-vos de que é em minha casa que quero que mandeis pôr o vinho?

— Perdei o cuidado — respondeu no mesmo tom o Baldaia — Rua das Tres Donzellas: *Assez aurons et peu vivrons; priez pour nous,* é o mote que ten-

des na parede [1]. Perdei o cuidado, messire Tristão, perdei o cuidado. Mas olhai — acrescentou, tornando a voltar-se — mandai pelo entretanto tirar as mordaças áquelles pobres diabos. Vêde que se não morrerem da corda, não escapam de certo da abafação.

O preboste acenou rudemente com a mão, e dirigiu-se para onde estavam os carrascos. Fernão d'Alvares, ao ir ávante, ainda viu desamordaçar os dous desgraçados, os quaes vendo-se assim desopprimidos, se deixaram cahir por terra, como que de todo extenuados de forças.

1 Em Tours, na rua *des Trois-Pucelles* (das Tres Donzellas) n.º 18, existe um edificio feito de tijolo, e flanqueado por uma pequena torre de 23 metros de altura, que dizem que foi a casa, onde viveu o celebre Tristão Ermita. N'uma das paredes lê-se o distico citado no texto. Vid. Richard; *Guide classique du voyageur en France et en Belgique*, pag. 309 (da vigesima terceira edição).

IV

Guisc. — Passarei segura ?
Ces. — De quem, Guiscarda?
Guisc. — De tuas ameaças.
Sá de Miranda. — *Os Vilhalpandos.*

O embaixador de Portugal metteu a alentada mula a trote apressado, e minutos depois descavalgava no vasto atrio do castello de Plessis. D'ahi a instantes estava na presença de Luiz xi, que vinha vindo por um comprido corredor fóra, acompanhado por Oliveiros do Diabo e por Regnault La Pie, este ultimo com um grande molho de enormes chaves na mão.

— Ah! esse sois, monseigneur de Baldaia? — disse o rei — já me ia parecendo que não virieis hoje.

— Senhor, peço-vos que me concedaes uma graça — respondeu em tom grave o Baldaia, lançando-se de joelhos diante d'elle.

Luiz xi recuou dous passos, e fitou surprehendido o embaixador portuguez.

— Que me pedireis vós, meu especial amigo,

que me pedireis vós que eu vos não conceda? — disse em seguida, assenhoreando-se rapidamente e forcejando por levantar o Baldaia — Mas erguei-vos, *Pasques-Dieu!* erguei-vos. Isso não são modos. Pois tamanha será a graça que me pedis, que assim seja preciso rogar-me?

— O que vos peço — replicou o Baldaia, sempre de joelhos — é muito pouco para a vossa grandeza, porém muito para a vossa gloria, e para o empenho que tenho em o alcançar. Promettei-me, pois, que me haveis de conceder esta graça, ou não me levantarei d'onde estou.

— Oh! meu grande e especial amigo!... Mas erguei-vos, *Pasques-Dieu!* levantai-vos. Prometto, prometto-vos tudo; mas andai, erguei-vos, erguei-vos...

— Jurai-m'o pelo sagrado lenho da vera cruz de S. Ló d'Angers, que ao seio trazeis, sire — disse o embaixador solemnemente e sem se mexer.

Luiz XI recuou, como atordoado, por esta exigencia inesperada.

— *Pasques-Dieu!* messire de Baldaia, bravo juramento me pedis! — disse por fim — Como? para cousa tão pequena como dizeis que essa é, pedis um tal juramento? Prometto-vos por minha honra, palavra de rei e de cavalleiro; mas jura assim!... Isso só em caso grave: mas por cousa tão pequena, homem, de tão pouca monta como vós dizeis, monseigneur de Baldaia!...

— Senhor, ou m'o jurai assim — replicou serenamente Fernão d'Alvares — ou então dai-me licença para que me retire, para nunca mais me tornardes a vêr. Se me recusardes tão pequena cousa co-

mo esta, haverei pejo de mais me apresentar diante de vós, porque cuidarão que de mim fazeis tão pouca conta, que, até pedindo-vos uma graça que, á hora da morte, vos poupará alguns momentos de agonia, essa mesma me não concedeis.

— Mas, monseigneur de Baldaia, meu especial amigo, vêde bem. Prometter homem com tal juramento uma cousa que não sabe o que é! Fazeis bem idéa de que é jurar pelo santo lenho da vera cruz de S. Ló? E depois em caso de tão pouca substancia, como dizeis que esse é! Mas emfim... *Pasques-Dieu!* monseigneur de Baldaia... Mas emfim... E vós asseveraes-me que essa não é cousa contraria ao bem dos meus reinos e de minha corôa, e tal que nenhuma difficuldade deverei ter em conceder-vol-a?

— Sire, juro-o pela minha honra; juro-o pelo nome d'el-rei de Portugal, meu senhor!

— Emfim, vá... Mas forte cousa me pedis vós, monseigneur de Baldaia, forte cousa! Mas emfim... visto dizerdes, olhai vós bem, visto dizerdes que não posso, nem devo ter difficuldade em conceder-vol-a... Mas forte cousa me pedis vós, monseigneur de Baldaia, forte cousa... forte cousa!... Emfim, em fim... vá. Juro a Deus — disse então, pousando a mão no peito — pelo santo e venerando lenho da vera cruz de S. Ló d'Angers, sobre que tenho a mão, que vos concederei a pequena — olhai bem — a pequena e facil graça que me pedis — no caso — acrescentou, resmoneando inintelligivelmente — que eu a julgue tal que a possa conceder. Ora, pois, estaes contente, monseigneur de Baldaia? Agora dizei.

— Senhor, beijo-vos mil vezes as mãos — disse

o Baldaia com reconhecimento e forcejando por lh'as tomar. — Peço-vos a vida de dous desgraçados, a quem ha pouco passastes sentença de serem enforcados.

Luiz XI respirou, como quem lhe tirava uma montanha de cima do peito; depois soltou uma gargalhada ou antes uma cachinada sarcastica, d'aquellas que costumava soltar em taes casos.

—Pois é só isso? E por isso me tomastes tal juramento! Mas monseigneur de Baldaia — continuou, fitando-o com olhar desconfiado e profundo — que tendes vós com aquelles dous ribaldos, que protegeram a fugida do traidor que me persegue tão afincadamente a vida?

—Sire, enganai-vos — disse serenamente Fernão d'Alvares — aquelles dous homens são dous leaes e honrados burguezes; e um d'elles homem de coração e de bem ás direitas, e tal que vendo orphã e na miseria a filha de um seu amigo, a salvou d'ella, e por ventura da infamia, offerecendo-lhe a sua mão e a sua pobre casa; e d'ella tem hoje oito creancinhas, que estremece, e de que é unico amparo e arrimo.

O rosto descarnado de Luiz XI carregou-se aqui com sobrecenho magestoso.

— E vós affirmaes isso que dizeis, senhor embaixador? — disse em voz authorisada e verdadeiramente de rei.

—Sire — respondeu o Baldaia solemnemente — se não é verdade isto que digo, consinto que me appellideis infame perante toda a vossa côrte, e d'ella me mandeis expulsar pelo carrasco como um canalha e um villão ruim.

— Regnault — disse o rei no mesmo tom de ha pouco — dá essas chaves a Oliveiros, e tu corre dizer ao preboste, que solte os dous homens e os mande livres para suas casas. Anda depressa, meu rapaz — continuou, descahindo para o tom chocarreiro, com que costumava tratar estas cousas — corre, vôa. O meu compadre é homem muito expedito n'esta qualidade de obra; e, se não corres, arriscaste a já encontrares os bargantes com os gasnetes torcidos. Mas olha, é verdade; diz-lhe que mande dar seis açoutes em cada um d'elles — ao menos seis açoutes, monseigneur de Baldaia — e bem puxados, ouves, Regnault, bem puxados, a fim de lhes avivar e espertar os engenhos para que fiquem mais expeditos para o cumprimento das ordens d'el-rei.

Regnault atirou com mau modo as chaves para as mãos de Oliveiros, mostrando pouca vontade e pouca pressa em cumprir a commissão que lhe era encarregada; mas relanceando casualmente o Baldaia, viu que tinha os olhos fitos n'elle, e a mão pousada significativamente na escarcella franjada de ouro, que lhe pendia do cinto. Regnault, sorriu como bom entendedor, e, deitando a correr pelo corredor fóra, salvou de um só pulo a escada, e desappareceu n'um relance.

— Ora cousa como esta, monseigneur de Baldaia, cousa como esta! — disse então Luiz XI, sorrindo — olhai que me atordoastes deveras! Fazer-me jurar pela sagrada cruz de S. Ló, por causa de dous pifios villoens, cuja vida não vale um espirro! Mas emfim, estaes vós contente? Eu folgo com contentar os meus amigos, e sobre tudo taes como vós,

que sei que são sinceros e leaes, e ademais reconhecidos ás pequenas mercês, que um tão pobre rei como eu lhes póde fazer, e lhes faz em verdade com a melhor vontade e com todo o coração nas mãos.

Ao dizer estas palavras, Luiz XI com o Baldaia ao lado e seguido por Oliveiros, chegou ao patamar da vasta escadaria de pedra, em que findava o corredor, onde se passou a scena antecedente. Parou aqui de subito; e como quem só então se recordava do logar onde estava; e, voltando-se para o Baldaia, disse-lhe com a maior naturalidade do mundo.

— Mas é verdade, meu especial amigo, e eu que vos ia levando sem ceremonia, e sem vos dizer para onde! Como já não contava comvosco, tinha resolvido ir dar uma vista de olhos aos meus aposentos particulares — (e aqui accentuou com força estas duas palavras, sorrindo ao mesmo tempo com um sorriso de escarneo repugnante) — onde ha muito não fui. Quando chegastes, tomastes-me vós em caminho para lá. Mas vós sois como que da familia, porque sois um dos meus mais especiaes amigos. Assim tão bem estaremos lá como n'outra parte, para conversar o muito que vos tenho a dizer; e ademais, nada perdereis com isso, que vereis uma das mais subtis invençoens d'estes meus reinos de França, de que de certo tendes ouvido fallar, mas que naturalmente nunca vistes.

— Senhor, seja como quizerdes, que tudo será para me fazerdes maior mercê — disse com gravidade Fernão d'Alvares, curvando-se respeitosamente.

Após estas palavras, os tres continuaram a caminhar, e depois de atravessarem alguns repartimen-

tos interiores do castello e de descerem mais algumas escadarias, chegaram por fim a uma extensa galeria abobadada, que descia com grande declive, fria, humida e apenas alumiada por algumas seteiras abertas na parede do lado esquerdo, e guarnecidas pela parte de dentro com grossos varoens de ferro.

— Já ouvistes fallar nas minhas gaiolas de ferro?—disse, sorrindo, Luiz XI.

—Senhor, sim—respondeu imperturbavelmente o Baldaia.

—Agora as ides vêr e admirar sua invenção—continuou o rei—vou mostrar-vos as duas que primeiro se fizeram n'este reino de França, e n'ellas vereis aquelles dous famosos traidores e meus implacaveis inimigos, o cardeal de la Balue e o bispo de Verdun. Ah! meu especial amigo—exclamou aqui em voz piedosa—dizem que sou cruel e vingativo, traidor, dissimulado e falto de palavra! É falso; mentem, mentem como uns villoens. Cruel e vingativo eu! Cruel e vingativo por me salvaguardar dos meus inimigos; por me prevenir contra o sem numero de traiçoens e de laços que me armam; por me defender d'aquelles que estão incessantemente vigiando occasião opportuna de me arrancarem o sceptro das mãos, e m'o enterrarem, como adaga, pelo peito dentro! Mas então queriam que me deixasse escarnecer, ludibriar, calcar, roubar, assassinar? E por isso me chamam tyranno! E por isso me chamam cruel! Ora ouvide vós, meu grande e especial amigo, ouvide e julgai. Este João de la Balue eu o tirei do pó, do nada; fil-o bispo, fil-o cardeal, fil-o meu ministro e amigo particular, carre-

guei-o de grandezas, fil-o poderoso entre os mais poderosos. E quereis saber como elle me pagou tanta amizade, tantos favores, tamanhos beneficios? Atraiçoando-me antes e depois de Peronne, onde por conselho d'elle me fui metter nas mãos de meu terrivel inimigo, o duque de Borgonha, d'entre os quaes sahi por milagre, e, como sabeis, com grande vergonha e deshonra minha. Pois que vos direi d'este bispo de Verdun? Ha hi mais Absalão e mais Judas Iscariote do que elle? É um anti-Christo, um leviathão, um poço de malicia... Depois de haver, por muitos annos, trazido embrulhado commigo o meu pobre irmão, que Deus haja, quando nos viu em pontos de nos congraçarmos para sempre, escreveu-lhe uma e muitas vezes, instando-o com muitas razoens para que tal não fizesse, mas antes se lançasse com os duques de Borgonha e de Bretanha, que elle já tinha fallado e convencido para levantarem uma guerra como aquella do Bem publico, que esteve em pontos de me custar a corôa e a vida! Ora dizei-me, monseigneur de Baldaia, póde isto soffrer-se? Não tenho eu razão para me queixar e segurar de taes homens?

— Senhor — respondeu com ares de profunda convicção o Baldaia — quem assim atraiçoa o seu rei e senhor natural, merece em verdade, mui grande castigo.

— Dizeis bem, assim é — continuou Luiz XI — quem atraiçoa o seu rei natural, quem assim o desserve, quem lhe attenta contra a vontade, contra a honra e contra a vida, quem lhe desobedece e lhe é ingrato, merece em verdade mui aspero castigo. Olhai,

meu grande e especial amigo, não ha ahi melhor homem do que eu, mais sincero, mais coração lavado, mais innocente, melhor amigo do seu amigo. Aqui está Oliveiros que o póde dizer. Então que mais querem de mim? Querem que eu soffra o pagarem-me a lealdade com a traição, a amizade com o ódio, os favores com as ingratidoens? Isto se soffre, monseigneur de Baldaia? Ha hi santo tão santo que tamanha perversidade possa soffrer? Ora ponhamos um caso entre nós. Seria justo, que se eu, que vos dei, ha pouco, a vida d'aquelles dous patifes, pequena mercê, insignificante favor na verdade, mas que se não foi maior foi por que maior o não pedistes; mas, emfim, que vol-o fiz com tão boa vontade, com tanta franqueza, com tanta promptidão, sem vol-o refertar nem um ponto, seria justo, digo, que, se vos eu pedisse uma graça, vós m'a negasseis, teimasseis de má mente em não m'a fazer, e que eu vol-o agradecesse, vol-o recompensasse, vol-o tivesse em conta de grande mercê?

— Senhor — atalhou aqui imperturbavelmente o Baldaia — vós podeis mandar-me desaffrontadamente, que de coração vos servirei em tudo que não fôr contra minha honra, nem contra a lealdade que devo a el-rei de Portugal, meu rei e senhor natural.

— Não o digo por vós, não o digo por vós — acudiu Luiz XI com bem simulada ingenuidade — Eu bem sei o que em vós tenho, meu grande e especial amigo. Digo-o por esses aleivosos que, para me chamarem bom homem, excellente homem, grande rei, humano, leal e fiel á minha palavra, exigem que eu me deixe calcar, espesinhar, entontecer, co-

mo elles calcaram, espesinharam, entonteceram o meu senhor avô, aquelle bom e desgraçado rei Carlos VI. Eu bem sei que sou um simples, um ignorante, um bom-serás, um homem que de todos me fio, e a todos abro sinceramente os braços. Mas, cautela! — acrescentou com intimativa e accentuando rija e significativamente as palavras — quem ousar levantar orgulhosamente a cabeça diante da minha, quem ousar desobedecer-me ou atravessar-se diante de mim, da minha vontade ou dos interesses da França, ai do desgraçado! mais lhe valera jámais ter nascido entre os homens.

Acabando de dizer estas palavras, atravessou rapidamente os poucos passos que ainda medeavam entre elle e uma robusta porta, forrada de grossas laminas de ferro, que se via ao fundo da galeria. Oliveiros escolheu uma das muitas chaves que Regnault lhe havia entregado, metteu-a na fechadura, e abriu a porta.

Luiz XI e os seus dous companheiros entraram para dentro, e acharam-se n'uma pavorosa masmorra subterranea — vasta quadra abobadada, fria e humidissima, e alumiada pela escassa luz, que passava atravez de duas seteiras horisontaes, que tinha no tecto, e que ficavam ao rez do fundo do fosso, de cuja parede, do lado da barbacan, reflectia agora para ellas o brilho dos raios do sol, já quasi a mergulhar no occaso [1].

[1] A estas masmorras ou enxovias subterraneas, especie de *inpace* dos mosteiros da idade media, nas quaes se mettiam, nos castellos feudaes, os condemnados a prisão perpetua ou a morrerem de fome, é que os francezes chamavam *oubliettes*, da palavra *oubli*, esquecimento. Hou-

Afóra algumas pesadas e grossas adobas de ferro, que se viam a um canto, não havia n'este vasto repartimento mais que dous enormes caixoens, a modo de guaritas de cão de guarda, forrados de laminas de ferro, cada um dos quaes tinha oito pés de largo e de altura pouco mais d'um homem [1]. Estavam encostados um ao lado esquerdo, e o outro ao direito da quadra, com as portas, que eram feitas de grossos varoens de ferro, voltadas ambas para a mesma direcção. N'estas guaritas, forradas igualmente por dentro, e em que mal se cabia de pé ou deitado, estavam mettidos dous homens, rotos, sujos, descarnados, lividos e com as barbas e os cabellos compridos e grisalhos.

Estes dous homens eram João de la Balue, cardeal de França e Guilherme de Haraucourt, bispo de Verdun [2].

Oliveiros do Diabo, mal entrou para dentro

ve tempo, que se acreditou que estas masmorras eram eriçadas de púas e abrolhos de ferro, nas pontas dos quaes se faziam pedaços os que a ellas eram arrojados. Hoje, porém, está provado que esse acrescimo de terrores não passa de puro fructo da imaginação. O que parece indubitavel é que algumas d'essas masmorras eram vasadas até ao pavimento das torres mais altas, no qual haviam alçapoens, que, fugindo debaixo dos pés dos condemnados, os despenhavam d'aquella grande altura até o fundo, onde em razão d'ella se despedaçavam.

1 Commines. Mémoires. Liv. VI, chap. 12.

2 Foi no castello de Loches, e não no de Plessis-lez-Tours, que estiveram presos em gaiolas de ferro o cardeal de la Balue e o bispo de Verdun — o primeiro onze, e o segundo quatorze annos. Esta pequena deslocação historica, que por ventura passaria desapercebida por muitos que a lerem, releva-m'a o leitor á conta das não poucas que tem relevado a outros melhores do que eu, em pontos de muito maior importancia do que este.

d'aquella masmorra, parou e deixou-se ficar quedo a dous ou tres passos da porta. Luiz XI, com o Baldaia ao lado, foi ávante, a passo lento e como quem ali andava passeando. Assim atravessou por entre as duas gaiolas, até ir topar com a muralha do fundo. D'ahi voltou sempre com o mesmo passo de passeio. Ao perpassar pelas gaiolas, olhou com olhos de dono da casa para uma e para a outra, levou ao de leve a mão ao chapéo com um sorriso de zombaria e de sarcasmo terrivel, e poz-se a resmonear a meia voz:

—Muito bem, muito bem; tudo muito bem. Ah! patifes, aqui m'as pagareis. *Pasques-Dieu!* pensaveis que se podia zombar impunemente de Luiz XI, rei de França!

Em seguida poz-se a cantarolar por entre os dentes, mas em voz sufficientemente audivel:

Monseigneur de la Balue
Fait le pied de grue [1].

E depois de repetir, em voz cada vez mais clara e cheia, tres ou quatro vezes, este estribilho, voltou-se para o Baldaia, e disse alto:

—Monseigneur de Baldaia, vosso filho e meu

1 Monsenhor de la Balue está de perna encolhida. *Faire le pied de grue*, fazer pé de grou, estar de perna encolhida como a galinha, dizem os francezes dos que se vêem obrigados a estar muito tempo de pé, á espera de alguem ou de alguma cousa. Este conhecido estribilho de Luiz XI referia-se não só á posição incommoda, a que o pobre cardeal se via obrigado em razão da pequenez da sua gaiola, mas tambem ao tempo indefinido, que elle Luiz XI estava determinado a tel-o preso.

grande amigo, pelo muito amor que me tem, fez-me mercê de aceitar a incumbencia de ir ter com meu primo de Lorena, e levar-lhe um recado meu de tão grande importancia, que de outro o não ousaria fiar senão d'elle. Porém, meu especial amigo, vós sois pae d'aquelle bom e honrado moço, e assim é dever meu o não aceitar tamanha graça como elle me faz, sem saber se d'ella sois contente e a haveis como desejo, por bem.

—Senhor, vós sois um grande e nobre rei em verdade— respondeu com cara de sentidissima effusão o Baldaia — é por isso e por vossa muita bondade, é que nos fazeis tamanhos favores a mim e a meu filho. Assim, senhor, disponde de nós como de cousas muito vossas, e em tudo dedicadas de coração a vosso serviço. E por tantas mercês e tamanha honra como esta, eu vos beijo mil e mil vezes as mãos...

E, dizendo, arremetteu a tomar-lhe as mãos com enthusiasmo, e como quem ia a deitar-se de joelhos diante d'elle. Luiz XI esquivou-lh'as n'um relance, e, levando-o de subito nos braços, exclamou, pondo os olhos no céo, e com cara de beatifica expansão d'alma, que correspondeu perfeitamente com a do velhaco embaixador portuguez:

—Ó minha boa Senhora de Clery, meus amores, minha grande amiga, que tão grande homem não nascesse n'estes meus reinos de França; que tão leal servidor não seja meu vassallo natural! Monseigneur de Baldaia, vós sois um nobre e honrado varão, em verdade; e sêde certo que não ha ahi homem que mais vos estime e respeite do que eu. Crêde-o

e experimentai-o, meu especial amigo. Pedi-me tudo o que quizerdes, que aqui estou com o coração aberto para vós e para vossas cousas, como o melhor amigo que tendes. E em quanto ao nosso Luiz, não hajaes medo, que elle não corre perigo algum n'esta embaixada.

— Senhor — replicou o Baldaia, inclinando piedosamente a cabeça e cruzando as mãos sobre o peito — seja como fôr, eu do coração vol-o dedico. Deus m'o deu, e, se m'o tirar, seja feita a sua divina vontade, que, se fôr em vosso serviço, eu o haverei por bem, e não chorarei sua morte. E vós, senhor, sêde certo que vosso recado será dado, e que não ha ahi homem no mundo capaz de obrigar o nosso Luiz a revelal-o, porque Luiz é cavalleiro esforçado, e já provou para quanto valia nas guerras d'Africa, onde por seu esforço e valor foi armado cavalleiro por el-rei D. Affonso, meu senhor, na tomada de Arzilla, sobre o cadaver do conde de Marialva, um dos bons cavalleiros do mundo, que foi morto n'aquelle grande feito. Assim, senhor, haja ou não perigo, que importa? Haja-o muito embora, sêde vós certo, meu senhor, que, por tal caso, nem eu nem elle hesitariamos nunca em pôr a vida por vós.

Luiz XI, de olhos piedosamente postos no céo e com cara de quem estava profundamente impressionado por aquella dedicação enthusiastica, deixou voar o Baldaia, á vontade, e sem o interromper, por ella fóra. Quando elle findou, apertou as mãos uma na outra, e fitando-o com exaltada effusão de alma, exclamou:

— Ah! meu grande e especial amigo, se eu podéra achar em França, um tão grande e leal servidor como vós! Mas n'isso sou o rei mais infeliz d'este mundo. Aquelle meu primo de Borgonha tudo me tem damnado. N'aquella famosa guerra do *Bem publico* levantou contra mim toda a França; de fórma que se eu não conseguisse lançar-me a tempo dentro de Paris com alguns centos de homens d'armas que me eram fieis, andaria talvez a estas horas a pedir pelas portas dos Senhores da liga [1], ou estaria comendo ainda as migalhas, que me quizesse dar por esmola aquelle meu grande e especial amigo, o duque Sforza, de Milão [2]. Depois tudo tem sido falsidades, traiçoens, perjurios, emboscadas, guerras acintosas contra mim e contra este meu triste reino de França! O pobre de mim sempre a commetter-lhe a paz com rogos, com afagos, com humildade; e sempre aquelle touro impetuoso a marrar contra mim, sempre traiçoeiramente e ás vezes tomando-me desprevenido pela minha muita innocencia e boa fé, com que acredito em suas promessas! Muitos dirão que tenho sido bom de mais para com elle. Mas que fazer, meu especial amigo? *Qui nescit dissimulare, nescit regnare* [3], como li uma

1 *Messieurs des ligues;* era este o nome porque Luiz XI nomeava os habitantes dos cantoens já então confederados da Suissa. Commines. Mémoires, Liv. VI., chap. 4.

2 Commines. Mémoires, Liv. V., chap. 8.

3 Esta maxima, que resumia toda a sciencia politica de Luiz XI, era por elle repetida frequentes vezes aos seus favoritos mais intimos, sobre tudo quando fallava e fazia consideraçoens sobre o exito que teve a celebre sublevação do *Bem publico.*

vez n'um bom livro, pelo qual me ensinou latim o meu mestre, o douto João d'Arconville, de quem o aprendi.

Aqui Luiz XI interrompeu-se de golpe, e fitou o Baldaia, como quem o convidava a dizer alguma cousa. Este, porém, continuava a passear ao lado d'elle, um pouco mais atraz a distancia de respeito, com cara de piedade, olhos no chão, mãos enlaçadas sobre o estomago, e como quem o escutava com grande interesse e com religiosa attenção.

Sobre os labios de Luiz XI perpassou n'um relance um sorriso de ironia sarcastica. De repente apresentou a mais perfeita cara de quem se deixára irresistivelmente enlevar pela intima representação da situação dolorosa, em que se acabava de pintar. A cara do Baldaia foi tomando pouco a pouco a mesma expressão; mas sempre sem dar palavra. Assim atravessaram duas ou tres vezes mais todo o comprimento da masmorra. O rei de França pôz-se por fim a psalmear, por entre os dentes e com ar cada vez de mais abstracto, o seu estribilho favorito:

Monseigneur de la Balue
Fait le pied de grue.

De repente parou, e, aferrando com força o braço direito do astuto vereador do Porto, exclamou em tom solemne:

— Sêde muito certo, monseigneur de Baldaia, que aquelle é um homem terrivel, um homem perigoso por sua muita ambição. N'aquella sua temerosa impetuosidade, são nada para elle todos os mais po-

derosos baroens d'este reino. Depois de os sujeitar, o que pretende é tragar a França de uma só vez, e a mim, a ser-lhe possivel, esmagar-me com ella entre os dentes. Assim poderoso, empolgará então com facilidade o sceptro do imperador da Allemanha. E depois quem lhe poderá resistir? Será o senhor do mundo! A isto aventa, a isto visa, para isto só trabalha, e combate com pertinacia indomavel e impetuosa. Ah! meu grande e especial amigo, não me pejo de vol-o confessar; eu já me sinto cançado para continuar a resistir a esta luta incessante. Já estou descoroçoado, já quasi que tenho de todo perdida a coragem. Vêde vós, monseigneur de Baldaia, vêde para que elle fez treguas de nove annos commigo! Para me cegar, para me illudir, para me lançar terra nos olhos, a fim de me tomar desprevenido em minha grande boa fé. Agora é René de Lorena; e logo, depois de o ter destruido de todo, será o Barrois, será a Touraine, será toda a França! Ah! monseigneur de Baldaia, monseigneur de Baldaia, eu já não posso mais! Já me não resta mais do que um meio para esconjurar a tormenta; mas esse poderoso, mas esse infallivel, mas esse efficaz, com a ajuda da Virgem Nossa Senhora de Clery, e com a do Senhor S. Martinho; e com a vossa, monseigneur de Baldaia, com a vossa — acrescentou com a intimativa de quem tem dependente de alguem o remedio de uma grande desgraça, — com a vossa; e vós me ajudareis, meu grande e especial amigo, vós me ajudareis pelo grande amor que me tendes, para salvação d'esta pobre terra de França, para bem da

vossa nação, e para muita gloria vossa e de vosso filho, meu grande e especial amigo.

Assim dizendo, calou-se de golpe, e relanceou um olhar penetrante sobre Fernão d'Alvares. Este continuava sem descerrar os labios, e sempre com a mesma posição de corpo e expressão de rosto de ha pouco.

Passados alguns segundos, Luiz XI rompeu de chofre o silencio:

— Monseigneur de Baldaia — disse com affectuosa curiosidade — vós que sois tão sagaz em apreciar os homens e as cousas, dizei-me com toda a verdade, que qualidade de homem é o principe D. João de Portugal?

— Senhor — replicou Fernão d'Alvares gravemente, mas sem arredar, nem de relance, os olhos do chão — o principe D. João de Portugal é um cavalleiro leal e valente, amigo verdadeiro d'aquelles de quem o é, favorecedor de grandes homens e valentes capitaens, severo zelador da authoridade real, espirito dotado de grande sagacidade e de nobres aspiraçoens, e homem incapaz de soffrer impunemente uma injuria.

— Tal é! — exclamou Luiz XI, erguendo piedosamente os olhos para o céo — Ó virgem sagrada de Clery, minha grande amiga, minha boa Senhora! Quem m'o dera aqui, quem m'o dera agora aqui, monseigneur de Baldaia, por que elle vos convenceria como o não posso fazer eu, homem simples e ignorante, de que não deveis despersuadir el-rei meu irmão de ir a Borgonha, ida de que França e Portugal hão-de colher tamanhos proveitos. Mas vós não o fareis,

meu grande e especial amigo, vós não o fareis; porque bem sabeis quanto n'isso me vai, e quanto d'isso está dependente a salvação da França e a boa andança da guerra de Castella.

— Mas que outra cousa posso eu fazer, senhor? — exclamou então o Baldaia em tom de anciosa compuncção — Vós bem sabeis a lealdade que deve um vassallo a seu rei e senhor natural.

Os sobr'olhos do rei de França carregaram-se durante um relance, e Luiz XI deu alguns poucos passos sem dar palavra, e logo replicou com bondade affectuosa:

— Vós estaes em erro, meu especial amigo. Eu já vos provei que estaes enganado; e de tudo o que ouvistes a monseigneur d'Argenton o podeis facilmente crer. Assim, vós não me negareis, por mero capricho, este favor, muito mais que n'elle fazeis tanto serviço a mim como a el-rei de Portugal, meu irmão.

— Senhor — replicou serenamente o Baldaia, tornando a pôr os olhos no chão — vós bem sabeis que o duque de Borgonha é homem voluntarioso, de genio rude e opiniatico em suas teimas. Ora isto, junto ao grande odio que vós mesmo dizeis que elle vos tem, bem vêdes, senhor, que fará com que el-rei, meu amo, nada possa...

— Bem sei, bem sei o que ides dizer — atalhou Luiz XI — Mas, *Pasques-Dieu!* monseigneur de Baldaia, vós tambem sabeis que meu primo de Borgonha é grande cavalleiro, e grande zelador de cavallarias. Assim o que elle não fez a um pobre rei, como eu, a quem tem em pouca conta, fal-o-ha a el-rei meu irmão, que é um monarca tão poderoso, e um tão

grande cavalleiro. E sêde certo que lh'o prometterá, e que, promettendo-lh'o, não faltará; porque haverá medo de ser por elle apregoado de falso e traidor em todas as côrtes da Europa. Assim vós não o fareis, meu grande e especial amigo, não o fareis, pelo muito amor que me tendes, e pelo grande serviço que bem vêdes que de vós recebo em não despersuadir el-rei, meu irmão, d'esta ida. Ó meu especial amigo — exclamou, parando de golpe e fitando com notavel expressão de sinceridade o Baldaia — eu quizera mostrar-vos bem ao vivo o quanto n'isto me vai, e quanto vos haveria em mercê este serviço. Eu bem sei que para homem como vós tão poderoso e abastado em cabedaes, os meus thesouros são nada; mas escolhei a melhor provincia do meu reino e com ella o mais poderoso titulo d'elle, e tomai-o para vós ou para vosso filho, que mais quizera eu possuir para vos mostrar a muita grande amizade, e o muito em que terei a vossa por um tal serviço, como este que vos peço.

Fernão d'Alvares fitou de golpe os olhos no rei com indizivel expressão de gratidão; depois lançou-se de joelhos diante d'elle, tomou-lhe as mãos de repente e beijou-lh'as repetidas vezes, exclamando:

— Ó meu nobre e grande senhor e rei, como dizer-vos toda a gratidão que sinto por vós! Mas, senhor, eu sou um pobre e rude mercador de uma cidade de Portugal, e portanto seriam em mim mal cabidas tamanhas mercês. Em quanto ao meu Luiz esse não póde deixar o serviço do principe D. João, meu senhor; e ademais é moço e cavalleiro, e como tal deve ganhar por sua lança os seus titulos.

Assim, meu nobre e generoso senhor, beijo-vos as mãos por tamanhos beneficios, mas não vol-os posso aceitar, por que bem me conheço, e vejo que d'elles não sou merecedor.

— Oh meu grande e especial amigo — exclamou Luiz XI, levando o Baldaia nos braços — em homem tal como vós tudo é bem cabido. Muito pobre devéras sou eu, que mais do que isso não vos posso offerecer: mas d'isso culpai a minha pouquidade e não os meus desejos e grande amor que vos tenho. E de mais que ha ahi de bastante para demonstrar a minha gratidão por um tamanho e tão importante serviço como agora espero de vós?

— Senhor, tomai a minha vida, tomai a de meu filho; mas não me peçaes nada que seja contra a lealdade, que devo a meu rei e senhor natural.

Luiz XI parou, e, recuando um passo para traz, fitou o Baldaia como verdadeiramente admirado.

— Como! — exclamou com bem fingido assombro — *Pasques-Dieu!* meu especial amigo, por quem me tomaes vós? Pois tão pouco amigo me tenho mostrado de el-rei de Portugal, meu irmão, que me julgueis capaz de vos rogar que lhe sejaes desleal! Pois não vêdes vós (e dizendo indicava com os olhos as gaiolas de ferro) pois não vêdes vós quanto sou inimigo de vassallos desleaes e traidores a seu rei e senhor natural! Ah! monseigneur de Baldaia, se aqui estivesse o principe D. João, que vós dizeis tão sagaz e entendido, que dissera elle ao ouvir as razoens por que quereis mover vosso rei a não fazer uma cousa muito nobre, e de que tanto está depen-

dente o futuro da França e o bom andamento da continuação da guerra de Castella?

Fernão d'Alvares meneou pausadamente a cabeça.

— Eu conheço-o bem — disse por fim — se d'outra maneira eu fizesse, mandar-me-hia cortar a cabeça, mal eu chegasse a Portugal.

— Tal não digaes d'elle, tal não digaes — acudiu impetuosamente Luiz XI — Isso fôra total falta de siso, e ignorancia completa. Mandar-vos cortar a cabeça por aconselhardes a el-rei, meu irmão, que vá a Borgonha, e que obrigue o duque, com quem tanto vale, a fazer commigo uma paz firme e duradoura, que me dê folego para eu poder auxiliar Portugal na guerra contra Castella! Ah! monseigneur de Baldaia, o engano, em que estaes, cega-vos o vosso grande entendimento. O principe D. João não o fará certamente assim, se é tal como o apregoaes; que a fazel-o, fôra homem fóra de toda a razão, e indigno do alto apreço em que é tido por todo o mundo, e que eu sei de certo que elle merece.

— Senhor, eu não creio que el-rei, meu senhor, possa alcançar cousa alguma de Carlos de Borgonha. E, não o alcançando, desauthorisará a sua dignidade real, e tornar-se-ha a fabula da França, e não só d'ella, mas com justa razão de toda a Europa.

Luiz XI franziu rapidamente as sobrancelhas, e depois disse com um tremulo quasi imperceptivel de impaciencia na voz:

— *Pasques-Dieu!* meu especial amigo, vós sois devéras o homem mais caprichoso que conheço. Eu não sei como convencer-vos. Já vos demonstrei claramente que estaes de todo o ponto enganado; mas vós

persistis em vossa teima! Porém não o fareis, não o fareis, não o fareis, monseigneur de Baldaia; não o fareis, que vol-o peço eu, pelo muito amor que vos tenho, pelo muito que tomo a peito a prosperidade d'el-rei de Portugal, vosso amo, e pelos muitos favores que vos tenho feito e espero fazer-vos.

— Senhor — replicou o Baldaia sem levantar do chão os olhos, — disponde de mim e de tudo o que é meu como vos aprouver e houverdes por bem de vosso serviço: mas não espereis que eu seja desleal a el-rei meu senhor, a quem devo tamanha amizade e tantos e tão grandes beneficios e mercês.

Luiz XI relanceou o embaixador portuguez com olhar scintillante e medonho. Este continuou com a fronte baixa e o olhar posto no chão. Os dous deram assim silenciosos dous ou tres passeios mais a todo o comprimento da masmorra. Por fim Luiz XI poz-se a cantarolar com ares de totalmente abstracto e de quem não sabia o que estava fazendo:

Monseigneur de la Balue
Fait le pied de grue.

De repente voltou-se para o Baldaia, e disse-lhe em voz serena, mas cheia e firme:

— Monseigneur de Baldaia, lembrai-vos de que se eu não fizer pazes seguras e firmes com o duque de Borgonha, não poderei auxiliar el-rei, meu irmão, na guerra contra Castella; e lembrai-vos igualmente de que vós estaes em França, e de que el-rei de Portugal tambem o está.

A estas palavras, Fernão d'Alvares ergueu respeitosa, mas nobremente a cabeça.

— Sire — replicou em voz firme e com glacial expressão de semblante — eu lembro-me apenas de que sou portuguez, e de que o principe D. João, que é incapaz de tolerar que lhe façam impunemente uma affronta, está actualmente á frente d'uma nação de homens aguerridos, e é proximo parente d'el-rei Eduardo de Inglaterra.

Fernão d'Alvares calou-se aqui, e ficou com os olhos baixos e postos no chão, mas com a cabeça levantada e o corpo aprumado em nobre e grandiosa posição. Luiz XI, ao ouvir-lhe as ultimas palavras, parou de golpe, e fitou-o com olhar verdadeiramente ferino. Depois continuou o seu passeio, seguido pelo embaixador portuguez, sereno e impassivel, e agora nas costas d'elle a mais um passo de respeitosa distancia. Os labios do rei de França mexiam-se de quando em quando, as sobrancelhas franziam-se-lhe terrivelmente a espaços, e os olhos ora relanceavam com olhar negro o Baldaia, ora fitavam Oliveiros do Diabo, que lá da porta, junto da qual estava, o seguia tenazmente com os d'elle, com bem pronunciada expressão de quem o animava a fazer, o que bem sabia que lhe estava estuando no cerebro.

De repente de dentro da gaiola de ferro da parte direita troaram em voz lugubre e solemne as seguintes palavras:

— Quem quer que sejaes, senhor estrangeiro, sêde abençoado, e abençoada seja tambem a terra que viu nascer um varão tal como vós. Sabei que estaes fallando com o homem mais falso e desleal

d'este mundo, e com o rei mais traidor e covarde que jámais encontrareis em dias de vida. Nada temaes, que nada tendes a temer. Rei perverso e cruel, traidor infame e vingativo, parricida desnaturado, refalsado assassino de teu irmão e de tua desgraçada mulher, os teus dias estão já numerados no livro, onde os anjos escrevem os nomes dos que são d'antemão condemnados pela ira tremenda de Deus. Vive a vida miseravel dos precitos, acrescenta crimes a crimes, assassina a honra e a dignidade do teu povo, sacia-te de cadafalsos e de tyrannias, que o dia da tua punição está proximo, e, ao pisar os umbraes da eternidade, já lá encontrarás á tua espera a medonha e pavorosa sentença, com que ha muito estás fulminado pelo justiceiro e supremo Senhor. *Anathema sis.*

—*Nunc igitur maledictus eris super terram, quæ aperuit os suum, et suscepit sanguinem fratris tui de manu tua* [1]. *Anathema sis*—troou em voz ainda mais lugubre e pavorosa de dentro da gaiola de ferro da banda esquerda.

—*Maledictus, qui non honorat patrem suum et matrem, et dicet omnis populus amen* [2] —continuaram no mesmo tom de dentro da gaiola da direita—Luiz de Valois, mau filho, mau pae, mau irmão e mau marido, tu és o compendio de todos os vicios e de todas as infamias, que deshonram a humanidade. Tyranno oppressor, despota bulrão e ten-

1 Gen. IV. II. Agora pois serás maldito sobre a terra, que abriu a sua bocca, e recebeu da tua mão o sangue de teu irmão.

2 Deut. XXVII. 16. Maldito aquelle que não honra seu pae e sua mãe, e dirá todo o povo, amen.

çoeiro, assassino e algoz vingativo e cruel, tu já nada tens a esperar da misericordia de Deus. Impio carrasco dos ungidos do Senhor, deshumano perseguidor dos ministros do altar, os teus ultimos dias serão amargurados por terrores e anciedades pavorosas; a tua morte será acompanhada de dôres e de agonias, com as quaes nem se podem comparar as que soffreram Dathan e Abiron; e, após ella, descerás ás ultimas profundezas do abysmo, e n'ellas soffrerás o terrivel castigo que ahi se preparou ab-eterno para Judas, que atraiçoou o sangue do divino Redemptor da humanidade. Treme, infame parricida, a tua ultima hora está a bater por momentos, e após ella, precito abominavel, *eris anathema, maran atha.*

— *Maledictus omnis, qui non permanserit in omnibus quæ scripta sunt in libro legis, ut faciat ea* [1] — eccoou outra vez de dentro da gaiola da esquerda — *Maledictus eris ingrediens, et maledictus egrediens. Mittet Dominus super te famem et esuriem, et increpationem in omnia opera tua, quæ tu facies: donec conterat te, et perdat velociter, propter adinventiones tuas pessimas in quibus relinquisti me* [1]. *Anathema sis, maran atha.*

O som das vozes, em que estas imprecaçoens

1 Pauli, ad Galat. III. 10. Maldito todo aquelle que não permanecer em todas as cousas, que estão escriptas no livro da lei, para as cumprir.

2 Deut. XXVIII. 19 e 20. Maldito serás entrando, e maldito sahindo. Mandará Deus sobre ti a penuria e a fome, e censuras para todas as obras que fizeres, até que te esmague e perca com presteza, em razão das pessimas invençoens, em que me deixaste.

eram feitas, ia-se tornando cada vez mais lugubre, e eccoava cada vez mais medonho de encontro á vasta abobada da masmorra. Ás primeiras maldiçoens, Luiz XI estremeceu, parou, e tornou-se livido. Depois encolheu-se, como se ouvira troar por sobre a cabeça o trovão; as feiçoens decompozeram-se-lhe medonhamente, levou as mãos aos ouvidos, e assim ficou como que collado ao pavimento da prisão, com os olhos esgazeados e scintillantes de todos os terrores do seu extravagante fanatismo.

— Virgem de Clery, minha grande amiga! Nossa Senhora de Behuart!... Nossa Senhora da Victoria!... Senhor S. Martinho!... S. Gaciano!... — balbuciava elle, encolhendo-se, e com os olhos a rolar-lhe pavorosamente nas orbitas.

De repente as feiçoens illuminaram-se-lhe, e em seguida serenaram-se e compozeram-se de todo. Luiz XI aprumou então soberanamente a corporatura, tirou as mãos de cima dos ouvidos, e dirigiu-se pausadamente para a porta, ainda livido como um cadaver, mas com um magestoso sorriso de desprezo e de terrivel sarcasmo nos labios.

Fernão d'Alvares Baldaia seguiu após elle com os cabellos erriçados de terror, e pavorosamente impressionado pela peripecia inesperada, a que acabava de assistir. O barbeiro, esse, apenas as maldiçoens principiaram a trovejar nos eccos da abòbada, pozse d'um salto fóra da porta, e fugiu para distancia, onde parou com as mãos nos ouvidos e as feiçoens medonhamente desfiguradas pelo pavor.

Luiz XI atravessou por junto d'elle, tão abstracto e tão concentrado com o que lhe tumultuava na ca-

beça, que passou sem mesmo o notar. Oliveiros partiu então a correr para a porta da masmorra, fechou-a n'um relance, e a correr voltou para traz de Fernão d'Alvares, que seguia a curta distancia o monarca, por cujos passos pausados e graves ia medindo a velocidade dos seus.

Os tres personagens chegaram por fim á entrada da galeria subterranea, por onde se descia para a masmorra. O rei parou então, e voltou-se.

— Monseigneur de Baldaia — disse gravemente — vós sois devéras um homem honrado. Oxalá que eu tivera sempre a meu lado um servidor como vós. Franqueza e lealdade, por tanto; que estaes decidido a fazer ácerca do que vos pedi, em nome da salvação da França e do bom resultado da guerra de Castella?

— Senhor — respondeu no mesmo tom o Baldaia — jôgo liso e cartas á vista. Por consideração alguma do mundo eu farei cousa que seja contraria á lealdade que devo a el-rei, meu senhor natural; porém vós nada tendes a recear de mim.

— Nada tenho a recear de vós! — replicou Luiz XI, fitando-o com olhar firme e perscrutador.

— Nada, senhor; — volveu serenamente o vereador do Porto. — Eu aconselharei com todas as minhas forças a el-rei, meu senhor, que não comprometta n'esta ida a sua dignidade real. Mas crêde-me; el-rei de Portugal é tão voluntarioso e opiniatico como o proprio duque de Borgonha, vosso primo, e assim, apesar de todas as minhas instancias e a despeito de todos os meus rogos, ha-de ir, como vós o desejaes, a Nancy.

O olhar, com que Luiz XI fitava Fernão d'Alvares, tornou-se, a estas palavras, mais penetrante e mais vivo. Um sorriso de triumpho perpassou-lhe por fim pelos labios. Em seguida voltou-lhe as costas, e continuou para a frente.

Os tres seguiram silenciosos o mesmo caminho, por onde tinham vindo até ali. Ao cabo de alguns minutos chegaram a meio de uma galeria, que levava para os repartimentos interiores, e que ahi se bifurcava em outra, que conduzia para a vasta escadaria, por onde se descia para o atrio do castello.

Luiz XI voltou-se então.

— Monseigneur de Baldaia — disse soberanamente — acreditai que jámais esquecerei a lição, que acabo de receber de vós.

Dizendo, cortejou-o com a cabeça, e em seguida voltou-lhe as costas, sem fazer caso da profunda mesura, com que o embaixador portuguez se despedia d'elle.

D'ahi a pouco este sahia do castello de Plessis-du-Parc, e encaminhava-se para Tours, seguido pelos seus pagens e homens d'armas.

Luiz XI subiu ao andar superior da torre, onde tinha a sua camara, e por fim entrou só para dentro d'esta. Mal entrou, pousou o chapéo sobre um bufete, arrojou-se arrebatadamente de joelhos diante da imagem de chumbo, que n'elle trazia, e ficou por muito tempo com a fronte de rojo no chão, batendo fortes punhadas no peito, e gemendo e suspirando dolorosamente.

Por fim exclamou em voz alta:

— Ó minha boa Senhora de Clery, vós bem sa-

beis que é tudo mentira o que aquelles dous grandes aleivosos blasphemadores do vosso nome disseram de mim. Eu não matei meu pae, nem minha mulher. Deixei-os morrer de sua morte natural. Em quanto a meu irmão...

Aqui interrompeu-se de golpe, atirou de novo a fronte contra a terra, e poz-se a bater no peito, e a gemer e a soluçar espantosamente. Por fim continuou em voz dolorosa:

— Ó Virgem de Clery, meus amores, minha grande amiga, minha boa Senhora, em quem eu só tenho toda a minha confiança e amparo, rogai a Deus por mim peccador, e d'elle alcançai que me perdoe a morte de meu irmão, que mandei envenenar por aquelle patife d'aquelle abbade de S. João d'Angely. A vós confesso eu sinceramente o meu crime, a vós que sois a minha boa padroeira e Senhora. Mas que outra cousa podia eu fazer? Elle estava permanentemente causando desordens n'estes meus reinos. Assim, minha boa Senhora, fazei com que eu seja perdoado, que eu bem sei a grande recompensa, que por isso vos hei-de dar [1].

1 Esta é pouco mais ou menos a oração, que diz Brantome, que foi surprehendida a Luiz XI, junto do altar-mór da igreja de Nossa Senhora de Clery, por um anão, que pertencera ao desgraçado Carlos, duque de Berry e de Guyenne, que Luiz XI mandára envenenar.

V

Quem é o tão atrevido,
Que aqui ousa de fazer
Tão revoltoso arruido
Com meus moços; sem temer,
Que fui sempre tão temido?

CAMOENS. — *Amphitrião.*

Ás oito para as nove horas da noite d'esse mesmo dia, os cadeados que sustinham levantada a ponte levadiça do castello de Plessis-du-Parc, restrugiram rapidamente nas roldanas, e a ponte baixou sobre o fosso, dando passagem a um cavalleiro, que logo por ella sahiu, armado de todas as armas e encavalgado n'um magnifico cavallo normando completamente acobertado.

Á tibia claridade, que reflectia do espaço, já illuminado pela luz da lua, que ainda não subira para cima dos montes do horisonte, a figura do cavalleiro recortava-se perfeitamente, mas em si tão escura e tão baça, que não se lhe enxergava a côr das armas, nem mesmo o timbre do morrião que lhe cobria a cabeça, e que era de mais a mais assombrado por um farto pennacho de plumas, que sobre a cimeira vinha tremulando.

O cavalleiro encaminhou-se a todo o passo cheio da sua possante cavalgadura para um grupo de casas terreas, que se viam a pouca distancia do castello, e que foram mais tarde o nucleo da pequena aldeia de Riche, no meio da qual se vêem ainda hoje as ruinas d'esta famosa residencia de Luiz XI. Ao perpassar por uma das casas, bateu, sem parar, com o conto da lança duas rijas pancadas na porta, e seguiu a passo largo pela estrada de Tours, nas voltas da qual desappareceu immediatamente.

Tres ou quatro minutos depois, a porta da casa, que nada menos era que uma taverna ou antes estalagem, onde se albergava não pequeno numero de mesteiraes e mais peonage, que servia a gente do castello, abriu-se, e por ella fóra sahiu um homem do povo, conduzindo pela redea um cavallo, um palafrem e uma possante mula. Após elle sahiram um homem d'armas, armado de cota e braçaes, e com uma espada d'ambas as mãos atravessada ás costas; e um pagem que, pela corporatura franzina e ainda não desenvolvida de todo, mostrava não ter sahido ainda da época da adolescencia. Com elles sahiu, em seguida, um outro homem reforçado e bem nutrido, que pelo barrete, que lhe cobria a cabeça, e o socego, com que trazia as mãos mettidas na petrina, bem mostrava ser o dono d'aquella casa, que vinha, como bem ensinado, despedir os seus hospedes.

O pagem e o homem d'armas cavalgaram logo, este no cavallo, e o outro no palafrem, tomando nas mãos as redeas da mula; e depois de se arranjarem e aconchegarem nas sellas, o homem d'armas disse em voz rude e grossa, como de quem já tinha

visto muitos annos e soffrido não poucas durezas na vida:

— Adeus, mestre André; rogai a Deus que nos guarde das garras de Satanaz, que bem o havemos mister, pois que, pelo visto, vamos da parte d'elle com uma missão de mau agouro a seu irmão o diabo. Adeus, pois.

— Elle vos leve em sua santa guarda — respondeu o estalajadeiro, recuando para traz, para deixar passar os encavalgados.

Estes metteram a passo largo pelo mesmo caminho, por onde havia desapparecido o cavalleiro; mas, a despeito da pressa com que faziam andar as cavalgaduras, só se poderam reunir a elle quasi que um quarto de hora depois de terem sahido da estalagem.

Quando o encontraram, acharam-n'o parado diante das muralhas de Tours, com as redeas mettidas no braço direito, o conto da lança fincado no chão, e a barba pousada nas mãos, com as quaes segurava e se reclinava sobre a lança. O pagem e o homem d'armas pararam, sem darem palavra, a pouca distancia d'elle. Estiveram assim mais de um quarto de hora, sem que o cavalleiro se mexesse ou désse accordo de si, como que totalmente adormecido n'aquella extravagante contemplação, em que estava.

O homem d'armas rompeu por fim o silencio, e no modo e tom de voz, com que o fez, deixou vêr claramente, que se respeitava o cavalleiro como amo, tinha tambem com elle toda a confiança de um antigo criado.

— E bem, senhor — disse pois em bom e legitimo portuguez — ficaremos esquecidos aqui?

— Ah! esse sois, Pero Nagalho? Ha já muito que chegaste? — replicou o cavalleiro na mesma lingua, como que acordado de profundissimo somno.

— Como ha muito! — bradou o homem d'armas com espanto — Por S. Barrabás, senhor, que estes negregados amores vos trazem enfeitiçado, e de todo fóra de vosso siso natural. Ora, pois, Luiz Baldaia, senhor, vamos ávante que já são muito horas, e dai ao demo esses pezares, que mais são de mulheres ou de jograes, chocarreiros e desbarbados, do que de cavalleiros afamados e de tanta valia, como vós.

Luiz Baldaia, que já vê o leitor que era elle, não pôde abafar de todo um suspiro que, a estas palavras lhe irrompeu de entre os labios, e logo continuou, voltando-se para o pagem:

— E bem, Arthur; não vos foi possivel fallar hoje com minha senhora?

— Senhor, não — replicou o pagem em portuguez, mas pronunciado com uma leve accentuação estrangeira — tudo fiz para me despedir d'ella, e dar-lhe vosso recado; mas não a vi, e, por mais que trabalhei, não pude descobrir onde pára. Por ventura que os feitos...

— Por Satanaz! Senhor cavalleiro, vamos ávante, ou, pesar de mouros! renego da vida que vivo, e jurarei que não sois para ter pae tão honrado como o que tendes — interrompeu impacientemente o homem d'armas.

Luiz Baldaia soltou um profundo suspiro, cravou um derradeiro e tristissimo olhar nas muralhas

de Tours, e tomou as redeas do cavallo. Quando, porém, o ia a pôr em movimento, um certo rumorejar surdo, que começára havia pouco, vindo do seio do arvoredo, do lado esquerdo do caminho de Plessis, cresceu e soou agora por tal ponto, que os tres sustaram de novo as cavalgaduras, e pozeram-se a escutar.

— Por vida! — disse por fim o homem d'armas — que pelo arruido das vozes a mim se me afigura que aquillo é referta que em breve desfechará em briga.

— Sus, vós outros, deixai ouvir — balbuciou Luiz Baldaia, prestando attentamente o ouvido.

Ouviram-se então dous tiros de arcabuz, e logo o tirlintar de espadas e o alarido de muitos homens, pelejando uns com os outros.

A estes sons o moço cavalleiro esporeou o cavallo, e metteu-o pelo arvoredo dentro. O pagem fez o mesmo ao palafrem, e seguiu immediatamente após elle. Em quanto a Pero Nagalho, o homem d'armas, esse lançou tambem o cavallo após o amo, mas sempre a bradar e a declamar em voz alta:

— Por Satanaz! que grande sandice é esta a que vamos, senhor? Vêde que nos demoraremos mais do que cumpre, e que não é boa lei de emissarios nem de cavalleiros o demorar sem razão a empreza, em que voluntariamente se metteram. Por vida! que dirá Fernão d'Alvares, que m'o encommendou tão afincadamente! — continuou, fallando para si — O moço está doudo, e o bruxo do pagem enfeitiçou-o. Ah! pesar de mouros! que haja um homem sisudo e de conselho como eu de andar aos boléos dos capri-

chos de cavalleiros namorados e de pagens chocarreiros e mal ensinados como esse beelzebu espertete, que ahi vai aos pinotes na frente! E não ha que bradar! E não pára! Isto é para ensandecer! Corpo de Deus consagrado! Senhor, parai, parai, e attendei—seguiu, dizendo em voz de trovão—olhai que de brigas e de pelejas, querendo Deus, ahi teremos que farte por esse lôngo caminho de Christo, que vamos andar. Ah! perro de mim! Isto é para ensandecer! Por S. Beelzebu! Ha hi mor sandeu...

E com estas e iguaes vociferaçoens seguia o honrado Pero Nagalho o cavalleiro e o pagem, com o maximo da rapidez que lhe consentia o basto arvoredo, por entre o qual se haviam mettido.

E aqui pede a justiça que se diga, ainda que seja muito de passagem, que não era o medo que suggeria estas reflexoens ao honrado homem d'armas. Pero Nagalho era do Porto, e no Porto, onde houve sempre grande cópia de homens valentes e esforçados, era tido na conta d'aquelles que mais o eram. Isto só bastava para d'elle arredar todas as suspeitas de medo. Mas Pero não tinha só o testemunho dos seus conterraneos a favor da sua coragem e indifferença por todos os perigos, ainda os de maior temeridade. Além d'elle, podia abonar-se com um sem numero de cicatrizes havidas nas guerras da Africa, primeiro em Ceuta, onde servira mais de vinte annos, e onde se tornára notavel entre os mais destemidos e experimentados veteranos da praça; e depois nas conquistas de Alcacer, de Tanger e de Arzilla, e em todas as demais emprezas bellicosas do cavalleiro Affonso v. Tambem se arriscára por

mais de uma vez aos perigos do mar, e, por desfastio, fizera parte das tripulaçoens que acompanharam os audazes navegadores, que haviam até então continuado a obra do grande infante D. Henrique, e descoberto palmo a palmo a costa africana, tendo por unica bussola a sua coragem, a sua temeridade e a sua confiança em Deus. Á vista d'isto já o leitor póde vêr que não deve de fórma alguma attribuir a timidez e a receio as prudentes reflexoens que o velho homem d'armas ia fazendo. Não eram tambem filhas de animo socegado e pacifico, como o d'aquelles que evitam quanto podem as occasioens de perigo, apesar de serem leoens destemidos quando a ellas não podem fugir. Ao contrario; Pero Nagalho era naturalmente volteiro, rixoso e amigo de barulhos, e tanto que d'este seu sestro é que lhe proveio a sua campanha de Ceuta, para onde não foi por vontade, mas por desterro; e muito feliz se julgou em ter escapado por elle da corda, a que esteve muito proximamente jogado, tal foi o mau feito que fez n'um arruido de que em certo dia foi causa. O honrado homem d'armas tinha, porém, aquella mania de exordiar todas as desordens e mesmo todas as pelejas, em que entrava, com reflexoens e observaçoens philosophicas, que, a acredital-as, não havia ahi maior pacatão do que elle era. E d'esta mania era origem a cega amizade, que tinha a Fernão d'Alvares Baldaia, de quem era collaço, e que, apesar da desigualdade das posiçoens sociaes, o tratava como irmão e como verdadeiro amigo d'alma. Ora Fernão d'Alvares prégava-lhe e reprégava-lhe contra o genio assomado e desordeiro; e já por isso, já

pela memoria do perigo que correra quando foi da de Ceuta, e já emfim pela natural tendencia que tinha para imitar o seu collaço, cuja intelligencia superior o dominava, Nagalho prégava sempre grave como um apostolo antes de se lançar impetuoso como um touro nos arruidos. Era elle cousa muito para vêr em taes occasioens. Apresentava n'ellas distinctamente duas naturezas diversas. No olho luzente, no labio tremulo, na lividez ferina das faces, e no quasi imperceptivel gaguejar das palavras, estava elle todo, tal qual Deus o fizera, tal qual nascera, inimigo jurado do socego, e prompto concitador de desordens; mas no aspecto comicamente grave, na serenidade dos gestos, no tom persuasivo da voz, na prudencia das palavras com que parecia pedir a paz, aconselhar a paz, implorar a paz do seu adversario no proprio instante, em que se arremessava como furioso sobre elle, apparecia o prudente Fernão d'Alvares Baldaia, a pesar com todo o peso da mais instinctiva imitação sobre o caracter naturalmente irascivel do seu volteiro collaço. Assim não consta que houvesse arruido ou briga, em que Nagalho tivesse parte, cujo arremettimento elle não sustasse de subito com um brado pavoroso, que era seguido por um grave e judicioso sermão ácerca das vantagens da paz e do socego, e cuja peroração era elle arremetter, de adaga em punho e cego como um touro, contra o auditorio, ás vezes já quasi que de todo acalmado pela longa extensão que elle dera ao seu prudente discurso.

Era assim que o honrado homem d'armas trotava após de Luiz Fernandes Baldaia e do pagem. Á

medida, pois, que se iam aproximando cada vez mais do barulho, crescia Nagalho tambem em gravidade e prudencia de reflexoens, e crescia-lhe tambem o luzir ferino dos olhos, e o cavallo recebia esporada sobre esporada, com as quaes o dono lhe tecia na barriga, demovido instinctivamente pela exaltação que n'elle produzia o favorito troar do arruido.

De repente este parou, e foi substituido por um borborinho como que de vozes que altercavam em discussão pouco amoravel. Luiz Baldaia não desistia porém de seguir em direcção d'aquelles sons. Apesar de não reconhecer completamente o logar, onde se achava, lembrava-se de que fôra pouco mais ou menos por ali, que tinha encontrado, de manhã, a casinha, onde se refugiára o velho que Luiz XI mandára perseguir, e na qual lhe apparecera tambem a mulher que elle amava. Demovido por tanto por uma certa anciedade vaga e indefinida de receio por aquelle ser estremecido, Luiz Baldaia continuava apressadamente para a frente, seguido pelos seus dous companheiros, o pagem sem dar uma só palavra, e Pero Nagalho declamando sempre, agora mais furioso que nunca, porque, se a cessação do arruido harmonisava com as palavras de paz que ia vociferando, destoava completamente com o seu caracter volteiro; e esta era a parte mais importante do seu todo.

Por fim, ao cabo de muitas voltas e reviravoltas, Luiz Baldaia enfiou para dentro d'uma clareira, ao fundo da qual se via uma casa, e diante d'ella um grupo de homens, defrontados, ao parecer, hostilmente uns com os outros. O moço cavalleiro não reconheceu o logar, mas a circumstancia da casa

e da clareira espicaçou-lhe cada vez mais a anciedade do espirito, e fel-o acreditar, sem saber a razão, que n'aquella desordem andava de envolta a felicidade e a segurança de sua querida Yolanda.

—Arreda! — bradou pois em voz de trovão, mal chegou.

E, sopesando a lança e mettendo esporas ao seu possante cavallo, lançou-se como um raio sobre o grupo dos contendores, que mal tiveram tempo de desviar aos lados para não serem atropellados por elle. O pagem e o homem d'armas seguiram-no. Pero Nagalho, de certo com o fim de demonstrar praticamente ao amo a verdade das palavras de paz e de prudencia, com que o viera apostrophando, foi logo, ao perpassar pelo grupo, assentando, com ares de introducção da sua pessoa esclarecida, um murro tão portuguez sobre o cachaço d'um homem que lhe ficava a geito, que o desgraçado baqueou, sem mais explicaçoens, roncando desesperadamente.

Durante o minuto que durou a estupefacção produzida por aquelle soccorro inesperado para ambos os partidos, Luiz Baldaia assenhoreou-se com um relancear de olhos da situação e da scena, em que se achava.

A porta da casa estava aberta de par em par. Dentro d'ella e á luz d'uma tocha, que ardia encostada á parede, viam-se duas mulheres, ambas cobertas com capas de jornada e babetes [1] no rosto. Uma d'ellas estava de joelhos, com a face voltada para o

[1] Especie de véo, a modo de mascara, com que as mulheres encobriam o rosto. Era pouco mais ou menos o véo oriental, que cobria toda a cara, deixando apenas os olhos a descoberto.

céo, e as mãos enlaçadas com notavel expressão de desespero e de agonia. A outra estava junto d'ella, de pé, serena e immovel como uma estatua, e com o rosto voltado na direcção do que se passava fóra da porta.

Aqui a scena era outra. Ao fundo da escada, que subia para a casa, via-se um cavalleiro armado de todas as peças, com a viseira descida, o escudo ao pescoço, coberto por um volante, e uma espada d'ambas as mãos empunhada. Tinha o pé direito fincado ao ultimo degrau, e a perna esquerda estendida um pouco para a frente, e plantada em posição de quem estava decidido e era capaz de fazer formidavel resistencia. Junto d'elle, no primeiro e segundo degrau da escada, viam-se seis homens armados, um d'elles com um montante empunhado, e os outros com lanças, ascumas, espadas curtas e rodelas. No recanto, que fazia um dos lados da casa com o tapume, que fechava o pequeno campo que havia detraz d'ella, estavam uns poucos de cavallos mais ou menos bellicosamente arreiados, duas hacaneas, e uma mula carregada com alguns caixoens e dous ou tres almofreixes ou malas. Na frente d'estas cavalgaduras, e como que ahi collocados em guarda d'ellas, viam-se quatro peoens, armados de béstas e de espadas curtas.

Na frente d'este grupo, e a vinte ou trinta passos de distancia, estava um outro. Constava de quinze ou dezeseis homens ao todo. Tres d'elles estavam prostrados por terra, immoveis como mortos, incluindo n'este numero aquelle, sobre quem tinha recahido a introducção de Pero Nagalho; e dous estavam feridos e encostados ao tronco de uma das arvores. Os ou-

tros estavam de pé e em posição ameaçadora; todos elles armados uns de espadas d'ambas as mãos, outros de béstas, outros de lanças, e um com um arcabuz empunhado na mão direita e o murrão acceso na esquerda. Este homem achava-se junto de outro, que se via a tres ou quatro passos na frente d'este grupo, de que se afigurava commandante, armado de uma cota de malha, e na cabeça uma cervilheira, com a espada na bainha e os braços cruzados, como que a olhar provocadoramente os adversarios. A pouca distancia d'este via-se estendido por terra um cavallo, que agonisava.

Passada a primeira commoção da surpreza da chegada do Baldaia, o homem da cervilheira, disse em voz aspera e imperativa:

— Quem quer que sejaes, dom cavalleiro, ordeno-vos em nome de el-rei que não presteis auxilio a esse traidor, cuja prisão me foi ordenada.

— Aproxima-te, se o ousas, carrasco — bradou em voz terrivel o cavalleiro da clareira.

Luiz Baldaia não respondeu. Da voz que primeiro fallára não havia que duvidar; era a de Tristão Ermita. Mas a do outro essa não a conhecia. O moço Baldaia comprehendeu n'um relance a gravidade da situação, em que se achava. Ali estava devéras o terrivel preboste, e, muito provavelmente, com ordem positiva de Luiz XI de proceder áquella prisão, e, quem sabia, ao que mais. Luiz Baldaia sabia a significação de tudo aquillo; e por isso conhecia bem profundamente que a prudencia o aconselhava a retirar-se. Mas aquella clareira, aquella casinha, aquella mulher, tudo em fim lhe suggeria graves sus-

peitas de que ali estivesse a sua Yolanda. E depois, a ordem da cavalleria, que professava, não lhe impunha a obrigação de proteger o fraco contra o forte, de defender as damas, e de corregir todas as injustiças que na sua presença se quizessem fazer? Não sabia elle o que era Luiz XI, tyranno cruel, dissimulado e vingativo, que se ria das lagrimas da mulher, a cujo sexo negava a virtude; que calcava aos pés a justiça, quando se contrapunha aos seus caprichos ou ás suas aversoens; e cuja vida em fim era um composto de crimes e de infamias, antithese repellente do primor da cavalleria? Não havia ali pois que hesitar. A honra de cavalleiro estava acima de tudo. Diante d'elle não se faria por tanto aquella prisão. Mas, quem era aquelle homem? Era aquella devéras Yolanda?

Todas estas ideias que me levaram algumas linhas a especificar, passaram porém com a rapidez do relampago pela cabeça do moço Baldaia. Tristão, ao ouvir as ultimas palavras do cavalleiro da clareira, déra audazmente dous ou tres passos para a frente, e com os olhos a luzirem com a luz scintillante dos olhos do tigre, balbuciou por entre os dentes, e levando a mão ao punho da espada [1]:

[1] Não creiam aquelles que estão habituados a considerarem o celebre Tristão unicamente como o preboste de Luiz XI, que o caracter corajoso, com que o pinto, é de pura imaginação. O Tristão da historia é assim. Luiz Tristão Ermita, antes de se prestar a ser instrumento ignobil das vinganças e da crueldade de Luiz XI, havia sido um dos mais valentes soldados de Carlos VII, na guerra da independencia contra os inglezes. O seu valor era tal que na tomada de Fronsac, mereceu ser armado cavalleiro, por distincção, nada menos do que pelo celebre conde de Dunois, a quem se não póde negar a qualidade de legitimo apreciador de valentias e temeridades.

—Infame ribaldo!

Depois, voltando-se para o Baldaia, disse em voz aspera e ligeiramente tremula:

—Senhor cavalleiro, se sois leal, requeiro-vos da parte d'el-rei Luiz que me auxilieis a prender este traidor, condemnado por crime de lesa magestade.

—Carrasco infame e villão—bradou o outro em voz terrivel—tão ousado já pois te fizeste com a protecção do tyranno, a quem lambes ignobilmente os pés, que assim falles diante de mim? Senhor cavalleiro—continuou soberbamente—fazei como vos aprouver; mas, se já recebestes a ordem da cavalleria, não a deshonreis, fazendo-vos esbirro do preboste dos carrascos do desleal Luiz de Valois. E tu, villão—acrescentou aqui, voltando-se de repente para o preboste—abrê caminho, ou, por minha honra! que a terra livrarei da infamia de ser pisada pelos teus pés, immundo sabujo!

Assim dizendo, arremetteu, de espada levantada, contra o preboste. Pero Nagalho appareceu de repente ao lado d'elle, brandindo com toda a agilidade o montante, e ainda resmoneando palavras de paz e de concordia.

Tristão relanceou-os com olhar medonho.

—Infame traidor, a forca é boa de mais para ti—balbuciou por entre os dentes cerrados, arrancando ao mesmo tempo a espada.

O moço Baldaia arremessou immediatamente o cavallo para entre os dous. N'isto ouviu-se um grito de suprema afflicção, sahido de dentro da casa. Luiz olhou. A dama, que estava de pé, tinha avançado dous

ou tres passos para a porta. Aos pés d'ella estava o pagem, de joelhos, e como que retendo-a pela mão, que ella machinalmente lhe abandonava, e sobre a qual elle tinha respeitosamente postos os labios.

Não havia pois que duvidar; aquella era de certo Yolanda.

Pela vista do elmo do moço Baldaia pareceu então fuzilar vivo fogo.

— Messire Tristão, messire preboste — bradou em voz terrivel — vós não fareis diante de mim tal prisão. Não, que vol-o não consentirei. E vós, senhor cavalleiro — continuou, voltando-se para o da clareira — fazei cavalgar a vossa companhia, que aqui ninguem ousará embaraçar-vos; e que o ousem, passareis... passareis, juro-o a Deus! pesar do preboste, pesar de Satanaz, pesar do rei de França em pessoa.

Assim dizendo, fez andar o cavallo mais dous passos para a frente dos homens do preboste, sopesando ameaçadoramente a lança, que trazia terçada na mão.

Tristão Ermita voltou-se de repente para o homem do arcabuz, e rumorejou-lhe uma só palavra. O espingardeiro levou a arma á pontaria, e chegou-lhe o murrão, apontando ao Baldaia. Este porém lançou-se sobre elle com a rapidez do relampago, e estendeu-o com um bote de lança por terra. Em seguida arremetteu ao preboste, com a lança ameaçadoramente empunhada. Ao mesmo tempo Pero Nagalho e o cavalleiro da clareira, seguidos pelos homens d'este, lançaram-se sobre os de Tristão, que haviam recuado diante da incontestavel vantagem, que tinha sobre

elles, um homem todo coberto de ferro e montado n'um cavallo possante e fortemente acobertado.

Mas os homens do preboste eram suissos, e as batalhas de Granson e de Morat tinham habituado, havia pouco, os suissos a lutarem a pé com a melhor cavalleria de França. O medo tambem não entrava no numero das más qualidades de Tristão. Assim, este, mal vira o Baldaia arremetter ao espingardeiro, ergueu a espada n'um relance, e atirou-lhe com ella um golpe ferido com todas as forças. A espada resaltou, repellida pelo tonelete do arnez de prova, que defendia o moço cavalleiro. Tristão recuou então de um salto para junto dos seus homens, bradou-lhes imperiosamente, e correu á frente d'elles para os adversarios.

Luiz Baldaia lançou immediatamente o cavallo entre os dous partidos contendores.

— Parai! — bradou então em voz terrivel — Messire preboste, messire preboste, olhai bem o que fazeis. Attentai por vós, e não deis mais um passo; ou, por minha honra! que não terei mais em conta o nome d'el-rei Luiz, e depois não havereis de que vos queixar.

— Mas, pelo inferno! quem és tu, dom falso, dom filho da forca? — bradou por entre os dentes cerrados Tristão, que parou indeciso diante d'estas palavras, que se lhe afiguravam tão mysteriosas como ameaçadoras.

— Sou um cavalleiro, não o vês, infame carrasco? — respondeu Luiz Baldaia em voz terrivel — por minha honra! que te cravo á terra como um reptil, se mais abres a bocca, refalso villão!

Tristão estava desaffeito a ser apostrophado tão imperiosamente e em termos tão rasgadamente provocadores. Dotado do valor e da coragem dos touros, sentiu-se suffocado pela raiva; mas ao mesmo tempo aquella audacia tão activa e tão desempenada impressionou vivamente n'elle o acanhamento instinctivo, que pouco a pouco ia ganhando todos aquelles que tratavam intimamente com o tyranno Luiz XI. Demais, Tristão conhecia muito a fundo o caracter do amo que servia. Teria aquelle homem vindo ali, mandado por elle, em razão de um d'aquelles tenebrosos e inintelligiveis caprichos de despota, com que Luiz ás vezes se comprazia em affrontar as suas proprias ordens, ainda as mais positivas, nas pessoas dos seus agentes e favoritos mais intimos? Aquella apparição inesperada, e, sobre tudo, aquella audacia tão altaneira e tão desassombrada faziam-lhe suspeitar que n'aquelle procedimento haviam, por ventura, razoens que elle não conhecia, mas que a prudencia lhe mandava investigar, antes de com ellas se contrastar hostilmente.

Tristão soffreou, pois, quanto pôde, o furor, em que estava abafando, e, em seguida a um momento de silencio, balbuciou em voz tremula:

— Senhor cavalleiro, eu não sei quem vós sois; mas, sejaes embora quem fordes, deixai-me dizer-vos, que o impedir o cumprimento das ordens d'elrei Luiz, não é de certo boa maneira de lhe mostrar acatamento e respeito.

— Ah! e vós assim o cuidaes? — replicou Luiz Baldaia, soltando uma gargalhada de escarneo.

— Attentai bem pelo que fazeis — continuou o

preboste em voz cada vez mais cavada e tremula — attentai bem pelo que fazeis. Considerai que el-rei Luiz XI de França não é homem com quem se jogueteie impunemente, e de mim sei dizer-vos que cumprirei a todo custo as ordens, que tenho, se, para as embaraçardes, me não derdes outras razoens mais que vosso capricho. Entendeis, dom cavalleiro, entendeis?

— Messire Tristão — replicou em voz firme o moço Baldaia, depois de brevissima pausa — eu não tenho outras razoens para vos dar. Mas vós não fareis por agora esta prisão, porque não vos consinto que a façaes. De resto, lembrai-vos bem do que vos digo. Se aporfiardes, eu saltarei por cima de todo o respeito que desejo ter ás cousas d'el-rei Luiz, e depois, pelo que succeder, não serei eu que responderei diante da justiça de Deus e dos homens.

— Ah! e isso me dizeis vós a mim? — bradou o preboste por entre um grito de raiva ferina. — Isso me dizeis vós a mim? Ah! dom ribaldo, agora conheço a quanto aventas; mas por Satanaz! que não será por teus feros que deixarei de fazer o que devo.

Assim dizendo, deu um salto para junto do cavalleiro da clareira, e, tomando-o desapercebido, pozlhe as mãos com tal força no peito, que o fez cahir derribado por terra.

— Entrega-te á prisão, dom traidor, ou por...

Tristão não teve tempo para acabar, e não conservou um segundo sequer o pé sobre o peito do cavalleiro derribado. Tão rapida como a acção d'elle, assim tambem se levantou a espada de Pero Naga-

lho, e fuzilou-lhe de repente e como um relampago sobre a cabeça. Por felicidade para o preboste um dos suissos mais alentados metteu ao golpe o montante, e arremetteu em seguida com o homem d'armas portuguez. Este, porém, antes de cerrar com o adversario, atirou, n'um repente, um tal pontapé a Tristão, que, a despeito das suas grandes forças e de toda a sua reforçada corpulencia, o fez recuar para distancia, dando assim ao cavalleiro occasião de se poder levantar.

Seguiu-se durante alguns minutos uma luta terrivel. Os montantes do suisso e de Pero Nagalho revolviam-se como duas serpentes coruscantes de redor dos dous robustos e ageis adversarios. O cavalleiro da clareira e os seus homens d'armas lançaram-se sobre o preboste e sobre os quatro ou cinco suissos, que o rodeavam, e que os receberam valentemente. Luiz Baldaia, cercado por quatro homens que pretendiam jarretar-lhe o cavallo com as espadas d'ambas as mãos, que brandiam com admiravel destreza, lançou por terra, com um bote de lança, aquelle que lhe estava mais proximo, e, perdendo-a de um golpe com que lh'a cortaram cerce a mais de dous palmos do ferro, levou da facha d'armas que lhe pendia do arção trazeiro, e, do primeiro golpe, fez voar em rachas o bacinete, e abriu até os dentes a cabeça do soldado que lh'a havia cortado.

Tudo isto foi obra de tres ou quatro minutos apenas. A briga estava n'este ponto, quando algumas luzes, que, havia muito, se viam a reluzir por entre as arvores e a aproximar-se rapidamente, chegaram por fim á bocca da clareira, alumiando um grupo de uns

vinte soldados da guarda escoceza, cinco ou seis dos quaes traziam nas mãos achas accesas. Na frente dos archeiros vinham dous homens, que pelo vestuario, pelos ademanes, e pelo respeito com que elles os cercavam, bem se demonstravam pessoas de maior valia e de maior importancia. Um d'elles trazia na cabeça um pequeno barrete, defendido por uma lamina de ferro, e adornado de uma pluma branca; e por cima do pelote uma coiraça leve mas tão perfeitamente brunida, que a luz das achas lampejava a espaços sobre ella. O outro, que era o mais baixo, trazia vestido um saio solto, e calçadas umas botas com esporas de ferro; e o rosto e a cabeça embrulhadas n'um rebuço [1], que só lhe deixava os olhos a descoberto.

Este, ao deparar com a briga, bradou em voz terrivel e imperiosa:

—Parai!

E esta palavra, cujo tom de voz, em que foi pronunciada, fez gelar o sangue de todos os que a ouviram, foi seguida por est'outras, ditas rijamente pelo homem da coiraça, o qual, como bem se conhecia, á luz das achas, era nada menos que Filippe de Commines:

—Em nome de el-rei, estai quedos.

A briga parou de repente; e o senhor d'Argenton e o homem do rebuço vieram seguidos pelos escocezes, até o meio da clareira.

—Ah! temos mais de que um traidor aqui?

1 Especie de capello ou capuz que cobria a cabeça e o pescoço até rousar sobre os hombros, e que se apertava de fórma, que occultava inteiramente o rosto, deixando só os olhos a descoberto.

— disse então o do rebuço, que pela voz e tom sarcastico e imperioso bem se denunciava Luiz XI — Com que, resiste? *Pasques-Dieu!*

Ao reconhecer Luiz XI, o moço Baldaia sentiu que tudo estava perdido. O numero dos homens d'armas de que elle vinha accompanhado, tornava toda a resistencia impossivel. Mas Luiz Baldaia não era homem que succumbisse diante da propria morte; e a consciencia de que aquelle era de certo gravissimo perigo para a mulher que elle amava, empenhou-o desde logo na resolução de deixar ali a vida por ella, furtando-se assim a ser testemunha da desgraça que já lhe não podia evitar, e que instinctivamente presentia que lhe estava imminente.

Fingindo, pois, não reconhecer Luiz XI, levantou a voz, e disse com a firmeza e decisão de quem se reputava a dous passos da cova, e por isso liberto de todas as consideraçoens:

— Olá, senhores, quem quer que sejaes, abri caminho, que havemos de passar, ou, por Satanaz! que vos mostre o que vale uma facha d'armas nas mãos de um bom e leal cavalleiro...

— Ribaldo patife! E elle quem é? — exclamou Luiz XI, dando machinalmente alguns passos para o Baldaia.

— Chamo-me Luiz Fernandes Baldaia — replicou em voz terrivel o moço cavalleiro — sou fidalgo da casa do embaixador d'el-rei de Portugal. Arredai, pois, aos lados, que quero passar; e, por minha honra, que não consentirei a esse damnado preboste o que em sua ribalderia pretende fazer. Sabei, portanto, que determinado estou a morrer aqui em de-

feza d'estes que protejo, e de minha morte, que deixarei bem vingada, dareis depois conta a el-rei Luiz de França, por assim me embaraçardes de cumprir uma alta missão, de que da parte d'elle estou encarregado.

— Ah! esse sois messire de Baldaia, esse sois vós devéras? — resmoneou Luiz XI por entre os dentes, fitando, d'onde estava, os olhos luzentes como carvoens accesos, no moço cavalleiro — Ah! esse sois? *Pasques-Dieu!* Eu não vos encarreguei de proteger traidores. Compadre — continuou em voz mais audivel, e batendo no hombro de Tristão, que, pouco e pouco se aproximára d'elle — estás cada vez mais pedaço d'asno. Dei-te tempo mais que bastante, e tu desbarataste tudo! *Pasques-Dieu!* meu compadre, que estou com tentaçoens de te mandar dependurar pelas pernas ahi d'um dos ramos d'essas arvores mais altas. Retira-te de diante de mim; andar prestes.

Depois dirigiu-se pausadamente ao Baldaia.

— Messire de Baldaia — ia dizendo ao encaminhar para elle — Messire de Baldaia... Virgem Santissima de Clery, ou o rapaz me enfeitiçou ou grande cousa me tem de succeder por intermedio d'elle! Abrenuncio! *Ora pro me, ora pro me, dilectissima.* Messire de Baldaia... Luiz, meu joven amigo...

E a estas palavras, tinha-se aproximado de todo, e estava quasi que apegado com elle.

— Ah! sire, esse sois! Perdoai-me, que vos não conhecia — disse o moço, com espanto digno do

velho vereador do Porto, e fazendo menção de querer descavalgar.

— Sus, sus, tende mão, não descavalgueis — disse Luiz XI em voz alta — Assás de tempo perdido. O rapaz enfeitiçou-me! *Abrenuncio!* — resmoneou em seguida sem o desfitar — Nossa Senhora de Clery, meus amores, minha boa Senhora, *ora pro me, ora pro me, virgo potentissima.* Abrenuncio! Olhai, meu joven amigo — continuou em voz baixa e como que á puridade — duas vezes no mesmo dia, *Pasques-Dieu!* é muito! Mas emfim... silencio! não falleis... mas emfim, seja. Ah! Luiz, Luiz, vós não sabeis o que fizestes! Foram os olhos da sobrinha, meu bom rapaz. Vá! Mas quem o acreditaria de tão leal e de tão bom cavalleiro! Olhai, meu especial amigo, nunca olvideis a recommendação que vos fiz esta manhã. Em caçadas reaes caçai sempre de caparão. Vós não tendes olhos para fitar a face do sol, meu pobre amigo; está visto, não tendes. Mas quem o dissera! — continuou como que para si — Eu bem o suspeitava. Aquelle bebado do Tristão!... Se não fôra elle!... Mas emfim, paciencia. Ora andai, meu joven amigo — seguiu, dirigindo-se de novo ao Baldaia — pois que assim o desejaes, assim seja. Dou-vol-o, tomai-o, é vosso. Ah! Luiz, que mal sabeis o deserviço, que me acabaes de fazer! Quando o souberdes, o que breve será, então reconhecereis a obrigação em que me ficaes, e o quanto deveis reforçar em boa vontade no cumprimento do encargo, que vos commetti. Parti pois; dou-vos a vida d'esse ribaldo, que espero em Deus que por pouco tempo me escapará. Nossa Senhora

de Clery ha-de obrigal-o a vir de novo pairar por estes logares, e então me dará occasião de fazer o que por vosso amor agora não faço. Pelo entretanto parti, e levai-o comvosco. Eu vou fingir que vos não conheci nem a elle; e vou-me embora com todos esses patifes que me acompanham. Depois parti... parti... parti, Luiz Fernandes Baldaia — acrescentou com um sorriso terrivel e em voz ameaçadoramente accentuada, ainda que ao de leve — parti, e levai-o comvosco; mas não olheis para traz de vós, que, se o fizerdes, eu fiador que morrereis assombrado de medo.

Acabando de dizer estas palavras, das quaes parte foram dirigidas em voz clara ao Baldaia, parte resmoneadas e parte ditas em tom de quem fallava só para si, Luiz XI voltou as costas, e sahiu da clareira, acompanhado por Filippe de Commines, pelo preboste e por todos os escocezes e suissos.

Luiz Baldaia, e os que ficaram com elle, seguiram com os olhos as luzes, que se iam alongando por entre o arvoredo, immoveis e calados, como verdadeiramente assombrados do raio. As luzes desappareceram por fim.

— Messire de Baldaia — disse então o cavalleiro da clareira em voz sacudida e rude — perdoai-me que vos não conheci ao principio. Vós sois devéras poderoso talisman contra o furor d'aquelle tyranno infame e vingativo. Acompanhar-nos-heis?

— Senhor, sim — respondeu o Baldaia, despertando, a estas palavras, da abstracção em que o havia lançado o tumultuar d'um sem numero de pensamentos encontrados.— Senhor, sim. Apesar de me cum-

prir grande pressa n'uma jornada em que vou ao Barrois, fôra desatino e grande erro por certo o deixar-vos agora. Seguir-vos-hei, portanto, alguns dias, embora o vosso caminho me arrede algum tanto d'aquelle que me cumpre seguir.

— Dou-vos as graças — replicou o outro — Ademais, cavalleiro, acreditai-me: a minha companhia e a dos meus homens d'armas não vos será por ventura tão inutil agora, como se vos afigura á primeira vista. Luiz de Valois é um traidor tençoeiro e refolhado, em que um homem honrado não póde nem deve fiar-se ao de leve.

Assim dizendo, entrou para dentro da casa, d'onde minutos depois tornou a sahir acompanhado pelas duas damas. N'este intervallo os peoens aproximaram os cavallos e as hacaneas. Então o cavalleiro, depois de examinar com todo o cuidado o freio e o ensilhamento de uma d'ellas, tomou nos braços a dama, que, ha pouco, descrevi de pé, e collocou-a na pequena sella, aconchegando-a e compondo-a n'ella com affecto verdadeiramente de pae. Um homem d'armas ajudou a cavalgar a outra dama, com familiaridade e com muito menos cuidado. O cavalleiro e os seus companheiros saltaram em seguida para as sellas dos cavallos, e a comitiva poz-se logo a caminho, com toda a rapidez que lhes permittia a espessura do arvoredo, por entre o qual caminhava.

Um quarto de hora depois, durante o qual não deram palavra uns aos outros, começou a ouvir-se distinctamente o rumorejar das aguas do Loire, o que fez conhecer ao moço Baldaia, que estavam a pequena distancia do rio.

— Perdoai-me, senhor cavalleiro — disse então o da clareira, que caminhava a par com elle na frente da cavalgada — mas convem-me apressar o passo, para vêr se me cumpriram fielmente as ordens que dei, para podermos atravessar o rio sem grandes delongas.

Assim dizendo, alargou o passo ao cavallo, e sumiu-se n'um instante por entre o arvoredo.

Luiz Baldaia olhou então para traz de si. As damas seguiam immediatamente após elle, cercadas pelos homens d'armas, no meio dos quaes cavalgava gravemente Pero Nagalho, resmoneando descontente por aquelle desvio que faziam do verdadeiro caminho, que tinham a seguir. O pagem ali vinha tambem, relanceando com affectuoso cuidado ora as damas ora o moço cavalleiro. Este voltou então o cavallo, e veio para junto d'ellas. Ia a descerrar os labios para lhes fazer as perguntas de delicada solicitude, que em todos os tempos se costumaram fazer a senhoras, quando em jornada, e antes de se inventarem as diligencias e os caminhos de ferro, mas a dama, que vinha na frente, levantando por um instante o babete, e deixando-lhe vêr o rosto formoso, sobre o qual bateu n'aquelle momento um raio da luz suavissima da lua, que atravessava por um raro que havia na copa frondosa de um carvalho secular, atalhou-o em voz cheia de anciedade afflicta, a qual lhe irradiava igualmente dos grandes e meigos olhos, humidos de lagrimas:

— Luiz, meu Luiz adorado, oh! apparenta que me não conheces.

O tom de voz e sobre tudo a expressão do rosto

d'aquella mulher angelica fulminaram com pasmo supremo o moço Baldaia. Alargou de novo o passo ao cavallo, e retomou o seu logar na frente da cavalgada.

Aquella era Yolanda devéras. Mas ella ali, com aquelles terrores e comprehendida nas iras do tyranno Luiz XI! Luiz suspeitara-o, não tinha mesmo duvida de que fosse ella, depois que lhe ouvira soltar aquelle grito de afflicção, quando elle se lançou no meio da briga com o preboste. Mas ao vêr innegavelmente realisada a suspeita, quasi que o não podia acreditar. Quem era pois aquella mulher adorada, e que significavam todos aquelles terrores, que bem se demonstravam inspirados pela presença dos que a rodeavam, e não pelo receio que ainda lhe infundisse o perigo, de que se havia salvado, e que ia ficando para traz d'elles cada vez a distancia maior? Yolanda era por tanto alguma cousa mais do que até ali se lhe afigurára. O moço Baldaia, resignando-se agora sem hesitar com os rogos da amante, reservava-se com tudo o direito de aclarar, em seguida e dentro do menos tempo que lhe fosse possivel, aquelle mysterio, que lhe conturbava, e com justo motivo, as ideias, pelas razoens que o leitor saberá mais adiante.

Minutos depois ouviu-se retinir um silvo prolongado, agudo e vibrante, como o que sahe do apito de prata, quando assoprado impetuosamente. Em seguida a este ouviu-se outro, como que a corresponder-lhe. A mais cem ou duzentos passos andados, acharam-se por fim junto do rio, á borda do qual estava já o cavalleiro da clareira com os olhos fitos em duas barcas, que acabavam de sahir de dentro da opacida-

de da sombra projectada pelos bastos e compridos ramos, que um renque de arvores seculares estendia sobre a agua em copada e frondosissima latada.

D'ahi a pouco a cavalgada continuava o seu caminho pela outra margem do rio acima.

Entretanto Luiz XI chegava a Plessis, e subia a vasta escadaria encostado ao braço do seu privado Filippe de Commines. O rei de França viera até ali sem dar palavra, a passo vagaroso e resmoneando comsigo em voz difficilmente audivel.

Ao chegar ao alto da escadaria parou, e disse a Filippe de Commines, fallando-lhe, segundo costumava, ao ouvido:

—Não vol-o dizia eu esta manhã, monseigneur d'Argenton? Eu ha muito que o desconfiava, porque seguia ha muito aquelles amores, e tinha descoberto por fim o mysterio d'aquella rapariga. Vêde bem como por ella se achou a trilha do javali de Normanville! É pena que o tolo do compadre, que tão bom faro mostrou em lhe descobrir o covil, não tivesse depois a esperteza bastante para o correr até á chacina. *Pasques-Dieu!* Estou quasi em dizer que ainda maior pena foi o ter-nos a curiosidade levado até lá, porque o rapaz é homem bastante e não para muitas graças, e as cousas estavam em pontos do compadre levar tal lição, que me pozesse na necessidade de procurar outro preboste. Por Nossa Senhora de Clery, monseigneur d'Argenton! estes Baldaias são como que um raio de Deus cahido nos meus mais bem combinados intentos. Mas paciencia. Isto passará; as tempestades não duram sempre, e até lá

cumpre ter paciencia. *Quis nescit dissimulare, nescit regnare.*

Assim dizendo, continuou para diante, e d'ahi a pouco o rei e o privado entravam na camara, onde ambos dormiam, e onde Luiz XI, segundo o costume dos reis d'aquella época para com os seus favoritos e amigos mais intimos, partilhava a sua cama com Filippe de Commines, como o celebre historiador nol-o diz por mais de uma vez, com grata recordação da grande prova, que por esta maneira recebia, da amizade do homem, que elle mais admirava no mundo.

VI

Um portento aqui digno de memoria
Aos olhos se offerece de repente
Com grande agouro, e o successo raro
O fez depois bem manifesto e claro.

FRANCO BARRETO. —*Eneida. VI. 123.*

Entretanto, a cavalgada seguia rapidamente pela margem direita do Loire acima, em direcção de leste. Tal era a pressa, com que se arredava dos logares que o tyranno da França infestava com a sua presença, que ás oito da manhã seguinte encontrou-se já em frente de Amboise, a nove leguas distante de Tours. Aqui parou para refocilar as cavalgaduras, já quasi extenuadas de todo em razão da rapidez da caminhada. Duas horas depois poz-se de novo a caminho, e ás cinco da tarde passava ao lado de Blois, isto é, estava a dezeseis leguas distante de Luiz XI.

A pouco mais de um quarto de hora de caminho para a frente, o cavalleiro da clareira parou, e do alto da encosta por onde caminhavam, ao fundo da qual se via correr o Loire, estendeu o braço para uma pequena aldeia, que se debruçava até á margem do rio, e disse para o moço Baldaia :

— Senhor cavalleiro, a mim não me cumpre entrar de dia no castello de um meu parente, onde tenciono pernoitar. Nós já estamos a grande distancia de Tours, e assim eu não devo abusar mais da bondade, com que houvestes por bem acompanhar-nos. Porém, senhor, ter-vos-hei em grande mercê o virdes hoje ficar comnosco ao castello do meu parente, para poderdes seguir ámanhã mais descançado vosso caminho. Assim, se me daes licença, guiarei para aquella aldeia que ali vêdes, e n'ella repousaremos, até que anoiteça, n'uma pousada onde sou bem conhecido.

— Senhor — respondeu o Baldaia — fazei em tudo vossa vontade, que eu aqui não sou vindo senão para acompanhar-vos e em tudo vos servir.

O da clareira inclinou cortezmente a cabeça, e os dous encaminharam os cavallos em direcção á aldeia, onde chegaram em breve, acompanhados por toda a cavalgada.

Luiz Baldaia notou que o velho cavalleiro lhe não havia mentido, quando lhe dissera que era ali bem conhecido. Ao atravessar por entre o povoado, os homens, as mulheres e as creanças, que o tropear das cavalgaduras chamava ás portas das casas, todos, apesar da significativa severidade com que o velho os fitava, davam evidentes signaes de o conhecerem e de lhe terem profundo affecto. Os homens fitavam-no melancolicamente, e assim o seguiam com a vista; as mulheres olhavam-no com os olhos cheios de lagrimas, as quaes procuravam occultar com as mangas das camisas e com as pontas das mantilhas; e as creanças encaravam-no como pessoa muito sua conhecida, mas que não tinham visto havia muito tempo.

A cavalgada seguiu assim até á porta da estalagem da aldeia. As estalagens em França eram no seculo XV, o que na mesma época eram por toda a parte; e o que eram ainda ha pouco mais de dez annos no Minho as que se encontravam pelas aldeias, que eram cortadas pelos caminhos, que ainda então entre nós se chamavam estradas. O leitor, que teve a infelicidade de algum dia se recolher n'estas, póde portanto fazer ideia perfeita d'aquella, onde os nossos personagens se foram aposentar. Apesar de ser a melhor casa da aldeia, nem por isso deixava de ser uma estalagem como todas as outras. Era uma mesquinha casa de um andar, com um curral de um lado e do outro uma vasta arribana que servia de cavalherice. A parte inferior da casa tinha na frente uma porta e uma pequena janella, que davam luz para uma loja terrea, onde se viam, aos lados, algumas mesas e bancos de madeira, e ao fundo uma especie de mostrador, sobre o qual jaziam a granel picheis, escudellas e outros utensilios proprios de uma casa onde se dava de comer. Do lado de dentro d'este mostrador via-se uma cozinha de aspecto pouco aceado; e ao lado do lar uma porta, que dava para o interior da casa, e junto da qual principiava a ingreme, estreita e desigual escada, que subia para o andar de cima.

A cavalgada desmontou ali. Luiz Baldaia bem quizera ser quem auxiliasse a sua Yolanda a descavalgar da hacanea, em que vinha montada. Não se atreveu porém a fazel-o, e foi o velho cavalleiro quem a tomou nos braços, e com todo o carinho a ajudou a descer. Um velho homem d'armas chegou-se á outra dama, e prestou-lhe o mesmo serviço, mas com

menos cortezia e caridade, e soltando ao mesmo tempo algumas palavras que bem deixavam conhecer que aquella mulher era aia e por ventura ama de Yolanda, e ao mesmo tempo a Eva permanente e eterna d'aquelle mal encarado Adão de saia de malha.

A taverna estava inteiramente deserta, ao tempo que a cavalgada chegou á porta d'ella. Um dos homens d'armas entrou logo dentro, e, batendo com o guante ferrado sobre uma das mesas, bradou em voz alta:

—Pedro Luiz, mestre Pedro Luiz, sús, acorrei, vinde cá.

A estes brados sahiu logo pela porta de junto do lar um homem já de idade, alto, secco, e de aspecto austero e melancolico, o qual era nem mais nem menos que o estalajadeiro. Ao dar com os olhos no velho cavalleiro, as feiçoens assombraram-se-lhe com a mais viva expressão de espanto; em seguida correu para elle, tomou-lhe as mãos, e beijou-lh'as muitas vezes com frenesi, e balbuciando:

—Esse sois, meu senhor, esse sois!

De repente ergueu o rosto, apertou as mãos com desespero, e balbuciou, fitando-o com indizivel expressão de terror, que totalmente destoava com a audacia e fria coragem, que se lhe revelava nas feiçoens:

—Vós aqui, meu senhor, vós aqui!

—Pedro Luiz—respondeu o velho cavalleiro, carregando severamente os sobr'olhos—tens por ventura receio de me dares por algumas horas abrigo na tua pousada?

Os olhos do velho estalajadeiro relampejaram du-

rante um instante com toda a indignação, de quem se acha immerecidamente insultado.

—Meu senhor — replicou, carregando-se com severidade em nada inferior á do cavalleiro — ahi em baixo corre o Loire; que o preboste Tristão prepare o sacco de couro, em que a elle me tem de arrojar, que não será nunca o medo da morte que vos ha-de fazer desleal e ingrato o vosso velho servente. Se em minha casa vos julgaes seguro, podeis n'ella permanecer todo o tempo, que vos fôr necessario.

Assim dizendo, voltou as costas, e dirigiu-se para a porta junto do lar. O velho cavalleiro, Luiz Baldaia e Yolanda seguiram após elle, e subiram ao andar superior, acompanhados pela aia e pelo pagem. Pero Nagalho, esse, ficou com os homens d'armas. Além de lhe não pertencer logar no meio da outra companhia, o velho soldado sabia muito bem o que lhe convinha. Assim, mal os cavallos foram acondicionados, como o podiam ser em tal cavalherice, elle e os homens do velho cavalleiro vieram para a taverna, e logo os picheis do mestre Pedro Luiz entraram a funccionar abastadamente em honra das proezas recontadas em voz roufenhamente authorisada pelo illustre Nagalho, e dos narizes e orelhas de alarabes por elle de uma vez decepadas durante os longos annos das suas gloriosas campanhas d'alem-mar.

Entretanto a scena, que se passava no andar superior, corria por mui differente maneira. Mal chegára a elle, o velho cavalleiro conduzira Yolanda a uma tosca e pesada cadeira de carvalho, que aproximou para junto de uma grande mesa, que havia no meio da sala. Em seguida tirou o elmo, e voltou-se

para o moço Baldaia. Este, que se conservava de pé e com a viseira levantada, não pôde conter um ligeiro movimento de espanto, ao reconhecer n'aquellas duras e severas feiçoens, agora de todo descobertas, o mesmo homem que no dia anterior havia perseguido por ordem de Luiz XI, e que fizera fogo sobre elle do alto do patamar da pequena casa da clareira, onde por essa occasião encontrára inesperadamente Yolanda.

O velho cavalleiro ou não attendeu ou não fez conta d'esses signaes de surpreza. Conservou-se por mais de dous minutos com os olhos tenazmente fitados no rosto do moço Baldaia, e, ao cabo d'elles, disse em voz dura e grave:

—Messire de Baldaia, depois do que acabaes de fazer por nós, tendes incontestavel direito a saber quem nós somos; e á minha honra e á minha lealdade cumpre o revelar-vol-o francamente, para que o futuro vos não tome desapercebido. Yolanda, tira o babete.

A joven dama, que estava immovel e com a cabeça um pouco reclinada para o peito, não deu o mais pequeno signal de ouvir estas palavras. Parecia adormecida. Áquella immobilidade, os sobr'olhos do cavalleiro, que se dirigira a ella em voz branda, mas que ainda assim denotava caracter imperioso e irascivel, franziram-se severamente. A aia, que se conservava de pé junto do espaldar da cadeira da ama, acudiu a desatar a fita que prendia a pequena mascara, e esta, cahindo, deixou a descoberto um rosto de formosura verdadeiramente angelica, e cujos grandes olhos, franjados de um renque de compridas pes-

tanas escuras e assetinadas, estavam immovelmente fitados no chão.

O velho continuou então:

—Messire de Baldaia, tendes diante de vós Yolanda de Melun e João de Normanville, a filha e o irmão do bom e leal cavalleiro Carlos de Melun, barão des Landes e senhor de Nantouillet, que o infame e ingrato Luiz de Valois mandou degolar em Andelly no anno de 68.

A estas palavras Luiz Baldaia recuou de golpe dous passos para traz, como se empuxado pelo subito choque de uma machina electrica. Os olhos, luzentes de surpreza e pasmo supremo, cravaram-se-lhe um instante penetrantemente no velho, e em seguida no rosto da formosissima donzella, que ainda não levantára os d'ella do chão. Ao encarar de novo com o velho, Luiz Baldaia achou-o com as sobrancelhas franzidas, o labio inferior ligeiramente tremulo, e os olhos pregados no rosto d'elle, como quem esperava, ou antes exigia, uma resposta, que lhe indicasse o como fôra apreciada a revelação, que acabava de fazer. O moço Baldaia já havia porém sofreado a impressão que ella lhe causára, e disse portanto nobremente e com serenidade:

—Messire de Normanville, ouvi fallar por mais de uma vez no vosso nome e no do vosso desgraçado irmão na côrte d'el-rei Luiz de França; mas, apesar de tudo, acreditai que não sinto nem o mais leve assomo de arrependimento de ter feito por vós esse pouco que fiz.

O velho cavalleiro não respondeu nem desfitou o Baldaia ainda por alguns segundos mais.

—Apesar de tudo!—exclamou por fim em voz surda e batendo colericamente com o pé no soalho.

Depois poz-se a caminhar a passos largos, a todo o comprimento da sala e com visiveis e bem manifestos signaes de violenta agitação interior. De repente parou, e exclamou em voz retumbante de colera.

—Mas, pelo inferno! que ouvistes vós dizer lá? Disseram-vos que João de Normanville odeia Luiz de Valois? que tem sempre o punhal levantado sobre o peito d'elle? que lhe deseja o sangue, a vida, a alma até, para a entregar a Satanaz, ainda que para isso tivera de dar a sua de envolta com a d'elle? Se vol-o disseram, fallaram a verdade, e ainda não disseram tudo o que é na realidade o meu odio. Disseram-vos que Carlos de Melun foi traidor, e que Luiz de Valois tinha a justiça da sua parte para o mandar justiçar? Se vol-o disseram, mentiram; mentiram—continuou em voz terrivel—mentiram como uns canalhas, como uns miseraveis, como uns vis sabujos do mais infame de todos os infames, da mais vil escoria do que ha de mais vil em toda a humanidade...

Ao chegar aqui o senhor de Normanville calou-se de subito, com o rosto rutilante do frenesi da verdadeira insania. Esteve assim durante alguns momentos, com as feiçoens decompostas, os dentes apertados uns contra os outros, os punhos cerrados convulsivamente, os labios a tremerem-lhe, e os olhos ferozmente luzentes. De repente poz-se de novo a caminhar a todo o comprimento da sala, mas agora com a rapidez e com os ademanes de louco furioso. Ao

cabo de alguns minutos parou, ainda agitado convulsivamente, mas já mais senhor de si.

— Messire de Baldaia — disse então — eu conheço-vos ha muito tempo; ha muito... ha mais tempo do que vós cuidaes. Devêra talvez deixar-vos partir sob todo o peso da impressão que de certo fizeram em vós as infamias, que de nós vos contaram. Mas não quero... não quero que seja assim. Em breve nos separaremos... e para sempre; nunca mais nos tornaremos a vêr... por Satanaz! nunca mais. Não quero pois favorecer em nada aquelles infames; não vos deixarei no espirito motivo para nem ao de leve vos arrependerdes do que fizestes por nós.

E depois de dar mais dous passeios a todo o comprimento da casa, acrescentou:

— Sentai-vos ahi. Haveis de ouvir tudo... tudo. Quero que saibaes como as cousas aconteceram em verdade.

O moço Baldaia obedeceu machinalmente, e sentou-se n'um banco que estava junto da mesa. O senhor de Normanville lançou-se então agitadamente no que ficava do lado opposto, fincou os cotovellos na mesa, metteu a cabeça entre os punhos convulsivamente cerrados, e, depois de fitar em silencio por alguns momentos o moço, disse d'esta fórma, em voz que debalde forcejava por tornar serena e socegada:

— Os baroens de Melun e de Nantouillet descendem dos primeiros reis, que governaram e engrandeceram a França. Nas nossas veias corre, como nas dos Armagnacs, o sangue dos Meroveus, o verdadeiro sangue dos francos, sangue mil vezes mais nobre e mais generoso do que foi o dos descendentes do

usurpador Carlos Martel, e do que aquelle que representa, ainda hoje, nas veias do infame Luiz de Valois, a usurpação do traidor e astuto Hugo Capeto. Nós descendemos do grande e illustre Clovis, fundador da monarchia franceza; elle dos simples condes de Paris, abbades de S. Diniz e de S. Martinho de Tours, cujos feitos mais notaveis e mais gloriosos se reduzem á astucia, á deslealdade e á pertinacia, com que conseguiram por fim derribar a raça dos Carlovingios do alto do throno usurpado aos descendentes do vencedor dos romanos, dos allemaens, e dos wisigodos.

Ao dizer estas palavras, o velho senhor de Normanville calou-se de golpe, e assim ficou alguns momentos de todo mergulhado em profunda abstracção de espirito. De repente fitou a sobrinha, e ao mesmo tempo roçou-lhe pelos labios um sorriso de ironia triste, que revelava ao vivo o que lhe ia na cabeça, ao recordar a passada grandeza da sua familia. Por fim passou com modo rude a mão pela fronte, e continuou d'esta maneira:

—Carlos de Melun, meu irmão e pae d'essa donzella que ahi vêdes, era digno dos reis nobilissimos, de que descendia. Era valente e leal cavalleiro; e generoso e de altas aspiraçoens, como os melhores e os mais nobres que houveram em terras de França, quando em França a cavalleria era virtude. A sua palavra era sempre uma; e o caracter aberto e sem refolhos, e incapaz de esconder ou de calar a verdade, fosse quem fosse a pessoa a quem a devesse, ou fossem quaes fossem as consequencias, que de a dizer lhe podessem advir. Carlos era assim; onde houvesse

gloria a alcançar, fraco a proteger ou desgraçado a amparar, lá era de certo. N'aquella alma nobilissima não entrava o rancor nem o odio; n'aquelle espirito altamente cavalleiro nunca penetrou nem por assomos a hesitação, com que, ainda nos espiritos mais altos, se revela a natureza humana quando o interesse se oppõe ao dever. E com tudo — caso admiravel! — acrescentou, como fallando antes para si do que para o seu interlocutor — caso admiravel! foram estas mesmas virtudes e estas grandes e nobres qualidades, que causaram a sua desgraçada morte, e deram motivo ás infames atoardas, com que o traidor Luiz de Valois pretendeu denegrir a sua memoria.

Ao chegar a estas palavras, o senhor de Normanville recahiu de golpe na abstracção de ha pouco, e assim esteve por alguns minutos sem dizer uma só palavra.

— Messire de Baldaia — disse por fim — vós sois estrangeiro, mas estaes entre nós ha tempo bastante, para conhecer os ultimos factos da nossa historia; e pela malha do vosso espirito, tão nobre e verdadeiramente cavalleiro, não têem de certo escapado os instinctos de crueldade, de traição e de astucia, que são a essencia do caracter do homem com que Deus açouta, ao tempo presente, a felicidade dos reinos de França. Não vos serão por tanto estranhos muitos dos factos, a que me vou referir. E tanto melhor assim — acrescentou com modos sacudidos e asperos — tanto melhor assim, que mais depressa poderei chegar ao fim da historia, que a minha lealdade me obriga a contar-vos, e que me inferna e queima a alma,

e parece até que me escalda os labios, quando me sahe por elles fóra.

—Escutai, e não me interrompaes—acrescentou em voz de trovão, ao vêr que o moço Baldaia o queria interromper de puro cortez — escutai e não me interrompaes...

E passando a mão rudemente pela fronte, mergulhou de novo a cabeça entre os punhos convulsivamente cerrados e apertados contra ella, e continuou:

—Vós haveis de ter ouvido contar que o rei Carlos VII se deixou morrer de fome com medo de ser envenenado por ordem do filho, cuja ambição desnaturada aborrecia, desde a infancia, a vida, que o arredava temporariamente da corôa de França. Muita gente, na côrte do infame Luiz, vos havia de negar e desmentir este facto. E com tudo é verdade,... é verdade. Attesto-o eu, que o presenciei, que o vi, que assisti á longa agonia d'aquelle pae infeliz, que morreu entre os horrores da fome, tendo sempre no seu delirio o filho assassino diante dos olhos, e cujas ultimas palavras foram empregadas a amaldiçoal-o. Attesto-o eu, attesto-o eu, que o vi, que o presenciei, e attesto-o em nome de Deus, e da minha honra, n'este ou no outro mundo, armado ou desarmado, um contra um, ou um contra todos os infames cortezãos de Luiz, que commigo se quizerem matar sobre o caso.

—Quando Luiz se acolheu a Genappe—continuou depois de curta pausa o senhor de Normanville... Deus perdoe a Filippe de Borgonha pelo ter acolhido!—Quando Luiz se acolheu a Genappe, fu-

gindo ao justo resentimento do pae, que, já não podendo soffrer mais, se decidira a castigal-o severamente, como ha muito devera ter feito, entre os nobres, que o acompanharam, contava-se Carlos de Melun. De todos o velho rei se queixava por terem seguido o partido do filho traidor; de Carlos, porém, nunca disse uma palavra de accusação. E quereis vós saber pelo que, messire de Baldaia? Eu vol-o direi. Não se queixava d'elle, porque meu irmão seguindo o filho rebelde, ainda assim cumpria o seu dever, ainda assim se mostrava o leal e desinteressado cavalleiro que foi sempre. Era certo que el-rei Carlos o estremecia como filho; mas era igualmente certo, que elle proprio o déra na infancia por companheiro a Luiz, e que entre os dous companheiros havia amizade jurada, e por ventura n'esse tempo sincera de ambas as partes, que Carlos de Melun atraiçoaria indignamente, se abandonasse Luiz de Valois na hora de perigo. O cavalleiresco Carlos VII assim o entendeu, assim o disse, e assim o manifestou por palavras e por obras, redobrando em mim e em meu pae os favores, com que a todos nós nos tratára até ahi.

— Quando, á morte de Carlos VII, Luiz voltou a França — continuou o senhor de Normanville — e veio encetar essa serie não interrompida de vinganças, de cruezas, de traiçoens e de infamias, que constituem toda a sua ignobil existencia, Carlos, meu irmão, acompanhou-o. Ninguem então era mais familiar e mais favorito de Luiz do que elle era. Comiam á mesma mesa, dormiam na mesma cama [1], e não havia se-

1 Commines, Mémoires: Edição de Godefroy, 1649: Notas, pag. 400. Edição de Buchon, pag. 7, nota.

gredo entre os dous. Meu irmão dizia-lhe franca e lealmente a verdade, ácerca do procedimento com que elle encetava a sua vida de rei; mas o astuto e refalsado Luiz ora o ouvia sem lhe dizer palavra, e ia sempre avante em seu proposito, ora convencia a amizade do seu companheiro de infancia com razoens especiosas, que lhe faziam vêr as infamias do amigo como verdadeiras necessidades do estado. Eu pretendi por mais de uma vez abrir-lhe os olhos; mas tal era a cegueira d'aquella affeição, que de nenhuma o desgraçado me quiz attender. Mas, ainda assim, ninguem lealmente poderá negar, — e aqui estou eu para me combater por meu corpo por esta verdade, —ninguem lealmente poderá negar, que a não ser a rigidez de costumes e de pensamentos de Carlos de Melun, Luiz de Valois teria de todo afogado, no sangue dos amigos de seu pae, as memorias do reinado de el-rei Carlos VII. De um ponto vos quero eu fallar tão sómente, não só porque esse se estreita mais tarde com a historia que vos estou contando, mas tambem para que vós conheçaes fundamente o espirito e a honra dos infames cortezãos de Luiz.

O velho cavalleiro parou aqui por alguns momentos, durante os quaes apertou com as mãos espalmadas a fronte, como querendo reprimir os impetos volcanicos do rancor, que lhe acachoava lá dentro; e logo continuou assim:

— Vós deveis saber, messire de Baldaia, que de todos aquelles que formavam o conselho privado de el-rei Carlos VII, o ignobil Antonio de Chabannes, conde de Dammartin, hoje um dos mais aceitos validos de Luiz XI, era aquelle que o delfim Luiz de

Valois odiava com rancor mais profundo. Fôra Chabannes quem Luiz encontrára sempre pela frente em todas as suas revoltas contra a corôa e contra a vida d'el-rei Carlos; fôra elle quem sempre aconselhára a este que reprimisse severamente as desobediencias do filho; fôra elle quem o levára a intentar castigal-o, e fôra elle finalmente quem commandára o exercito, com que Carlos VII mandou invadir o delfinado, e diante do qual o delfim de França teve de fugir para Genappe. Havia n'elle portanto motivos mais que sobejos para inimisar qualquer homem, ainda mesmo que não fosse Luiz. Cuidai, pois, a vontade com que este lhe havia de estar! Tão má era ella, e tão conhecida geralmente de todos, que Filippe de Borgonha, quando, depois da coroação, armou cavalleiro Luiz de Valois — Luiz e João Bureau, thesoureiro da gabella [1]; vêde vós que companheiro de cavalleria para um nobre e para um rei! — pedindo-lhe mercê para todos os conselheiros de Carlos VII, julgou necessario especificar Chabannes por nome. A astuta rapoza, que acabava de empolgar o sceptro de França, não convinha nem era licito negar-se ao pedido de tal homem; mas como aquelle caracter vingativo e feroz repellia a dobrar-se á generosidade de esquecer os serviços feitos ao pae contra si, sahiu-se do aperto por uma d'aquellas promessas refolhadas e tençoeiras, com que usa zombar da humanidade. Prometteu perdoar a todos os membros do conselho privado do ultimo rei, exceptuando sete, dos quaes se dizia tão altamente offendido,

[1] Capefigue. Histoire de France au moyenne age. Chap. XLVI. Edição Dufey, 1838. Vol. IV, pag. 177.

que fôra desauthorisar-se o perdoar-lhes. D'esses sete, porém, não disse o nome de um só, deixando d'esta fórma impendente a vingança, sobre a cabeça de todos elles, e burlando, sem indicios de offensa, a intenção generosa do cavalheiresco Filippe.

— Chabannes, — continuou o senhor de Normanville — apenas Carlos VII fechára os olhos, comprehendera bem a gravidade da situação em que estava. Não se demorou, pois, em procurar os meios de sanear-se d'ella, fosse qual fosse o sacrificio que a salvação lhe custasse. Homem sem affectos, homem de ganhar, homem dotado de ambição e avareza sem limites, tratou logo de pacificar Luiz, com humildes e baixas homenagens, e declarando o seu procedimento passado como resultado do medo que tinha ao rei defunto, e fazendo arteiramente cahir a responsabilidade das medidas tomadas sobre todos os outros membros do conselho, especialmente sobre o chanceller Juvenal des Ursins. Luiz não se deixou illudir por estes affectos serodios; e, talvez que a unica vez na sua vida, teve a nobreza de repellir o miseravel, e de cerrar por ventura, os ouvidos ás perfidas allusoens, com que elle pretendia comprometter, em seu proveito, os collegas. Assim repellido, e profundo conhecedor do caracter de Luiz, o conde de Dammartin pensou em fugir, como já o haviam feito outros muitos. A avareza, porém, do que possuia não lhe deixava despregar os pés do solo de França. Hesitou, pois; e o tempo da hesitação foi o sufficiente para o novo rei de França se aproximar do seu reino, e Antonio de Chabannes se vêr cercado de espioens, que lhe não deixavam dar um só

passo em segredo. N'esta situação desesperada tomou, como homem audaz, uma resolução de desespero. Jogou o todo pelo todo, e resolveu-se a offerecer, a pé firme, a cabeça á tormenta. Mas não julgueis, messire de Baldaia, não julgueis vêr n'este proposito a grandeza dos homens que se sentem com espiritos capazes de affrontar, sem tremer e de fronte levantada, os perigos extremos. Esta impavidez nada tinha de heroica. Chabannes não fugiu, porque não pôde desapegar-se das grandezas e dos bens que possuia em França; e a coragem que o alentou a esperar frente a frente a colera do vingativo Luiz de Valois, foi a coragem do avaro, que, vendo arder pelos quatro cantos a casa em que vive, não foge, morre abraçado ao cofre, em que tem o thesouro, alentado, até ao ultimo suspiro, por uma vaga e insensata esperança de se poder salvar, a si e a elle. Esta esperança, em frente do impossivel, não é a impavidez que affronta e debella os perigos, não é a fé que espera, porque crê na Omnipotencia divina; é a resignação ignobil do miseravel, que não tem coragem para sacrificar os mesquinhos haveres á salvação nem da honra nem da existencia; é a sordidez da avareza. Vós o vereis pela continuação de minha historia, messire de Baldaia, vós o vereis, vós o vereis...

O senhor de Normanville, cuja exaltação fôra crescendo progressivamente á medida que ia fallando no favorito de Luiz XI, ao chegar a estas palavras, parou de repente; e, depois de fitar perante alguns momentos o moço Baldaia, fixamente e sem dizer palavra, exclamou de golpe:

— Messire de Baldaia, conheceis o conde de Dammartin?

— Senhor, sim — replicou Luiz imperturbavelmente.

— E que opinião formaes d'aquelle homem? — replicou o velho, fitando-o cada vez com mais firmeza.

— Tenho ouvido dizer que é um dos melhores capitaens de el-rei Luiz — volveu o Baldaia.

Os olhos do velho rutilaram um momento, fitos no joven cavalleiro, e as sobrancelhas carregaram-se-lhe severamente.

— Moço — disse depois de brevissima pausa — essa dissimulação fica-vos mal. Na vossa idade a franqueza é a expressão de todas as virtudes; a dissimulação, aos olhos da experiencia, não passa de ser o véo, ainda assim demasiado transparente, por traz do qual se pretendem occultar todos os vicios. Essa dissimulação não vos pertence, messire de Baldaia, não; fazei justiça a vós mesmo. Vós sois um leal e generoso cavalleiro; a dissimulação não póde, portanto, ser em vós natureza. Eu conheço-vos ha muito... ha muito... ha mais tempo do que vós o pensaes. Mas, perdoai-me — acrescentou, refreando de subito o tom exaltado, em que ia fallando, — perdoai-me que me esquecia de que pertenceis á côrte de Luiz de Valois, e que os cortezãos de Luiz têem direito a aprender a nem sempre dizerem o que sentem. Attendei-me... attendei-me e não me interrompaes — continuou, ao vêr que o Baldaia pretendia fallar — já nos não resta muito tempo de nosso; o dia já vai

descahindo de todo para o occaso, e eu devo terminar a minha historia antes de sahirmos d'aqui.

— Vós deveis saber, — continuou o velho cavalleiro, logo em seguida — que além da avareza, que inspirava a Chabannes a coragem de aguardar o vingativo Luiz de Valois, elle dispunha de dous poderosissimos meios, com os quaes contava assisadamente para se anteparar, pelo menos, da maior violencia da tormenta. Era depositario de segredos valiosissimos da politica e da vida intima do ultimo rei; e tinha certa a protecção de Carlos de Melun, cuja esposa era irmã da condessa de Dammartin. Aguardou, pois. Luiz chegou por fim. Chabannes sahiu a recebel-o, mas o rei nem sequer fez menção de o notar. O astuto cortezão conheceu que era aquella a occasião de dar o golpe decisivo para definir favoravelmente o futuro. Pediu audaciosamente ser mettido em processo, deixando a escolha dos juizes ao rei; e em seguida foi entregar-se preso ao alcaide da Bastilha de Santo Antonio. Luiz exultou. Tinha seguro o conselheiro de Carlos VII, que mais odiava, preso de propria vontade, e de propria vontade entregue aos enredos de um julgamento, que teria por final desenlace um cadafalso, erguido, ao parecer, pela consciencia do criminoso, que se entregára á clemencia do novo rei, o qual não quizera ser clemente mas justo. D'esta fórma ficava inaugurada, com visos de justiça, a época das perseguiçoens e das vinganças; e dava-se aos grandes senhores de França a verdadeira medida, por onde podiam compassar a energia e a audacia do successor de Carlos VII.

— Mas a rapoza — continuou o senhor de Nor-

manville, sorrindo-se com ironia, e meneando ao de leve a cabeça — a rapoza não tinha dado pelos laços, que o astuto cortezão lhe armára debaixo dos pés. O processo instaurou-se; mas, logo aos primeiros dias, Chabannes fez dizer a Carlos de Melun algumas palavras ácerca dos segredos que sabia; e este, esforçado por estas mysteriosas confidencias, pôde levantar com mais força a voz diante de Luiz, e insistir, em nome da necessidade, pelo perdão do cunhado de sua mulher. Luiz reconheceu que tinha sido apanhado habilmente na rede, e talvez que, desde esse dia, é que n'elle principiaram a mudar as intençoens, que formára, ao principio, contra o mais encarniçado inimigo do delfim Luiz de Valois. Carlos de Melun venceu por tanto; o processo trancou-se, a cabeça do conde de Dammartin ficou no seu logar, e elle encerrado na Bastilha, onde permaneceu, até que, por occasião da guerra do *Bem-publico,* conseguiu fugir de lá. Muita gente pensa, que o proprio rei de França lhe facilitou a fugida, para elle ir ser no campo dos colligados o elemento primario da desunião e da discordia, que salvaram a corôa de Luiz XI, e mais tarde lhe alentaram a audacia de pôr o pé no pescoço da valente cavalleria da França. Eis-aqui — perorou o senhor de Normanville — uma das provas incontestaveis de que a não ser a influencia exercida sobre o vingativo Luiz XI pela amizade e pela rigidez do caracter de Carlos de Melun, o feroz e vingativo tyranno teria alagado a França em sangue, logo desde o primeiro dia, em que tomou posse do throno de Carlos VII.

VII

> Isto te não quizera eu dizer nem por sonhos: cá em tal hora sei que te foi dado este cuidado para te fazer dôr.
>
> B. Ribeiro. — *Menina e Moça.*

O senhor de Normanville parou aqui alguns instantes, como que para coordenar as ideias. Em seguida continuou assim :

— Como homem d'alma e de altos espiritos, que sois, messire de Baldaia, de certo que haveis de julgar que estas victorias, por meu irmão alcançadas sobre o caracter cruel e vingativo de Luiz, eram grandes e inapreciaveis serviços, que lhe fazia á reputação e á gloria do nome. O tyranno, porém, não as reputava assim; e a não ser o afazimento, em que estava, quasi desde a infancia, de ouvir troar de continuo aos ouvidos as censuras e as exprobaçoens do austero e honrado Carlos de Melun, é mais que natural que aquella alma villã e abjecta concebesse desde logo contra o severo conselheiro o odio de morte, que mais tarde a incendiou contra elle. Ao tempo, porém, o affecto de Luiz subira, ao parecer, até onde podia subir. Não havia ahi homem que mais aceito

e familiar lhe fosse; não havia ahi outro que mais com elle valesse; e os favores e as honras de maior brilho e poder pareciam ainda poucas para dar expansão á singular amizade, que o novo rei demonstrava para com o seu companheiro de infancia. A França espantava-se de que do coração duro e sem affectos do assassino de Carlos VII e de Margarida de Escocia podesse brotar um affecto assim; e chegou a acreditar, um momento, que a corôa do grande e illustre Clovis, assim como dá aos reis de França o mysterioso poder de curar pelo simples contacto a terrivel molestia [1], da mesma sorte operára o espantoso milagre de transformar o feroz e carniceiro abutre em aguia generosa e sublime. A França, porém, enganava-se, messire de Baldaia — continuou com exaltada intimativa o velho cavalleiro — este affecto era ainda mais uma prova da alma refalsada e villã de Luiz. Como mais tarde se conheceu, aquillo não passava de ser um calculo abjecto e infame, em que elle tinha por unica mira os proprios interesses. Era a Carlos de Melun que elle devia a facilidade com que pôde sem contradicção empolgar o sceptro de Carlos VII. Sabia-o a nobreza, o clero e o povo; á nobreza, ao clero e ao povo, portanto, queria elle dar, com ostentação, uma prova de como era capaz de pagar serviços e dedicação iguaes aos de Carlos de Melun.

1 Antigamente acreditava-se em França, que os reis, depois de sagrados em Reims, ficavam gozando do poder de curar as escrofulas pelo simples facto de as tocar com as mãos. A solemnidade da *imposição das mãos* era pois exercida por elles logo depois da coroação, e em seguida muitas outras vezes durante o tempo que reinavam. Luiz XI praticou-a algumas vezes.

Meu irmão não era mais do que um manequim, que o malvado paramentava para illudir a França!

— Mas vós deveis saber isto a fundo, messire de Baldaia — acrescentou, depois de breve pausa o senhor de Normanville — deveis sabel-o, para melhor poderdes apreciar o caracter do infame Luiz de Valois, e a ingratidão do seu procedimento para com o meu desgraçado irmão. Sabeis, pois, que Luiz XI, astuto e refalsado como é, jámais conseguiu illudir a seu respeito a opinião da França. Quando subiu ao throno, já todos sabiam o que elle valia, e todos, portanto, previam o que elle havia de ser. O povo estremecia, ao recordar-se do cynismo e da crueza das vexaçoens, com que, ainda em vida de Carlos VII, o opprimira por mais de uma vez o filho maldito, cujas perseguiçoens obrigaram o pae a deixar-se morrer de fome. Os nobres, esses, viam n'elle um canalha successor de uma corôa; e, ao repassar pela memoria a insensibilidade e a audacia pertinaz, com que elle esmagava tudo debaixo dos pés, para chegar até aos seus fins, desviavam os olhos com nojo de cima do principe avillanado, cujos instinctos soezes e baixos se compraziam em misturar a nobreza com a infima ralé da plebe. Assim, ao sentir o ranger do martello, que se levantava para bater no relogio dos seculos a ultima hora do rei Carlos VII, a França pensou em arredar para longe de si esse infame aborto de reis. Era unanime este pensamento. Queria-o o povo, e queria-o a nobreza, que tudo podia então; alentavam-n'o os terrores do conselho privado, e os proprios membros da familia real sorriam-lhe assentimento. Por um momento, messire

de Baldaia, por um momento a França esteve a vêr-se livre do monstro; e a corôa dos Valois, ao tombar da cabeça de Carlos VII, esteve a resvalar por cima da de Luiz, o primogenito, até á de Carlos, o filho mais novo. Mas Luiz sabia-o, e Luiz não era homem para deixar escapar por descuido uma corôa, e vir depois combater nobremente por ella. Assim, apenas teve noticia da morte do pae, expediu immediatamente para França o seu amigo Carlos de Melun, de cuja actividade e affecto tudo podia confiar, e cujo nome era acatado e bem aceito no seio da alta aristocracia franceza, que o respeitava como cavalleiro valente e leal, e via n'elle o futuro representante de uma das mais poderosas e mais nobremente aparentadas familias de França. Carlos partiu, e chegou com a velocidade do raio. Espicaçavam-no as generosas ideias que tinha ácerca dos sagrados deveres da amizade. Voou, não correu; e mal tocou o territorio francez, poz logo de pé toda a influencia da sua familia e da dos Armagnacs, a cujo chefe, malquistado nos ultimos tempos com el-rei Carlos VII, assegurou em nome de Luiz XI, favores e reparação. Depois bateu á porta de cada castello senhorial; correu as praças e as ruas de todas as cidades; ganhou os alcaides de todas as fortalezas de vulto, fallou á nobreza, prometteu ao clero, esperançou o povo;... emfim, messire de Baldaia, ao cabo de poucos dias a ameaçada tormenta desappareceu totalmente, e o céo do novo reinado apresentou-se tão claro e tão limpido, que Luiz, ao pousar o pé na fronteira de França, ousou já escusar, com um sorriso de ironia, a grossa hoste de cavalleiros e homens d'armas, com

que o bondoso Filippe, duque de Borgonha, se lhe offerecia para o acompanhar até Reims. Eis aqui, messire de Baldaia, eis aqui a razão, que explica o excesso de amizade, com que Luiz de Valois tratou Carlos de Melun nos primeiros annos do seu reinado, e porque o cobriu de honras e de titulos, e lhe deu sobre os exercitos da França tão extraordinario poder que de condestavel só lhe faltava o nome [1].

— Fatal condescendencia a minha! — exclamou aqui com exaltação o senhor de Normanville — fatal e tresloucada fraqueza que me fez ceder ás insensatas instancias de Carlos, e abandonar os planos que havia formado para a total exclusão do tyranno! Eu bem lh'o disse, eu bem lh'o clamei; mas o desgraçado a nada quiz attender, cerrou os olhos, e continuou a caminhar de braços abertos para o tigre, que mais tarde lhe havia de cravar as garras no coração!

Aqui o velho cavalleiro calou-se de golpe, e ficou por algum tempo em silencio, com o rosto animado de toda a ferocidade do rancor concentrado. Um suspiro meio abafado, que Yolanda não pôde reprimir entre os labios, chamou-o de repente a si. Fitou então os olhos n'ella com vista luzente mas melancolica; rumorejou algumas palavras inintelligiveis, em seguida encolheu os hombros, sorrindo ao mesmo tempo com triste ironia, e instantes depois continuou assim, em voz cada vez mais aspera e ainda ligeiramente tremula:

— A cordialidade de Luiz de Valois para com

1 Commines, Mémoires. Edição de Godefroy. (Paris, 1649.) Notas, pag. 400.

meu irmão durou pouco tempo. Tres annos haviam apenas passado, e já o tyranno principiava a aborrecer-se do severo e austero censor, que a amizade lhe pozera ao lado. Pequenas explosoens de impaciencias a custo reprimidas eram signaes, mais que evidentes, de que Luiz XI estava cançado do homem, que não sabia como os outros cortezãos adular-lhe as feras e cruentas velleidades do caracter vingativo e despotico. Mas era cedo ainda para o arredar totalmente de si, e vingar-se da rigida franqueza, com que Carlos de Melun lhe comprimira de certo modo até ali a ferocidade dos instinctos e dos caprichos. A alta nobreza estava ainda de pé, e agora mais que nunca desconfiada d'elle, em razão dos actos despoticos com que arteiramente pretendia cercear-lhe de quando em quando os privilegios. Os proprios Armagnacs se haviam já arredado; e Carlos de Charolais, o futuro successor do poderoso duque de Borgonha, proclamava altamente a feia ingratidão, com que Luiz reconhecia os beneficios, com que elle e seu pae o haviam tratado em Genappe. A tormenta portanto principiava a encarrancar-se de novo, e Luiz de Valois, apesar de toda a sua audacia, não ousava por esta razão desfazer-se de Carlos de Melun, em quem tinha um amigo dedicado, e em cuja familia via poderoso auxilio para a occasião do perigo. Contentou-se pois em o arredar temporariamente de si, mandando-o em missão especial ao duque Sforza de Milão, e dando-lhe por companheiro o infame e abjecto senhor de Lude, que foi encarregado de o fazer demorar por lá o mais tempo que lhe fosse possivel.

— Durante os seis ou sete mezes que Carlos de Melun se demorou em Italia — continuou em voz grave o senhor de Normanville — o caracter ferino e despotico do tigre coroado soltou-se em plena e medonha liberdade. Levantaram-se cadafalsos e forcas em todas as praças das cidades mais importantes. Sobre aquelles rolavam as cabeças dos nobres de pequeno estado, ao mesmo tempo que o povo ou era dependurado d'estas ou lançado dentro de saccos de couro ao Sena e ao Loire. As vinganças, as sem razoens e os caprichos ignobeis alagavam a França de sangue e de infamias. E o cynico e o despota exultava de orgulho, porque o povo francez tremia diante d'elle! Attendei bem ao facto, que vos vou narrar, messire de Baldaia — acrescentou rudemente o velho cavalleiro — e por elle fareis ideia perfeita da depravação e da frieza d'aquella alma satanica.

Ao dizer estas palavras, calou-se por alguns instantes, e logo continuou assim:

— Havia em Paris um bom e honrado burguez, homem já de annos, que era casado com uma rapariga ainda nova e formosa. Era a moça airada e de modos pouco honestos; e o velho sisudo e austero de costumes. Não havia pois grande paz n'aquella familia. Luiz que o sabia, e que, desde tempos, trazia a mulher debaixo do olho, entendeu ser-lhe facil aproveitar-se d'aquella discordia para satisfazer a cynica brutalidade de um seu capricho de despota. O barbeiro Oliveiros foi, pois, enviado por elle aos dous conjuges. Ao marido offereceu ouro; á mulher um lugar igual no leito d'el-rei a par da rainha. Na cynica depravação de seu espirito, Luiz de Valois

não antevia sequer a possibilidade de uma recusa. Porém o velho recusou com dignidade a offerta; e a torpe moça escusou-se de a aceitar pelo medo que tinha á violencia do genio do marido. Sabeis o que aconteceu, messire de Baldaia? Dous dias depois o infame Tristão mandava atirar ao Sena o honrado burguez, cozido n'um sacco de couro; e Perrette de Chalon era por Oliveiros conduzida para Tours por ordem do infame Luiz XI!

— Ao voltar de Italia — continuou o senhor de Normanville — Carlos de Melun encontrou este novo e vergonhoso valido ao lado de seu companheiro de infancia. Cobriram-se-lhe as faces de vergonha; e, ao saber os meios porque ella viera a poder d'elle, esteve quasi a succumbir de dôr. Calou-se, porém, que fôra avivar a já agora irremediavel deshonra o despeitorar em censuras, que seriam mal recebidas, o que ácerca d'ellas sentia. Mas aquillo diante de que não pôde calar-se aquelle bom e leal cavalleiro, foi diante da sordida malvadez com que Luiz de Valois fazia viver Perrette de Chalon debaixo das mesmas telhas, que Carlota de Saboya, sua legitima esposa, que elle com estes e semelhantes factos tem quasi ensandecido de todo; e diante da desfaçatez devassa e desavergonhada com que elle apresentava as duas, a esposa e a barregã, a par uma da outra, nos lugares e nas solemnidades mais publicas, e pelas casas dos grandes e vassallos, por onde a sordidez da avareza, o trazia quasi sempre aposentado [1]. Carlos disse severa e francamente o que sentia, sem

[1] Jean de Troyes; Chron. de Louis XI. 1467.

refrear a linguagem de modo que dourasse a pintura d'aquella espantosa infamia. Luiz irritou-se altamente, e mostrou pela primeira vez a Carlos de Melun a garra do despota. Este, incapaz de transigir com o medo, sustentou inabalavel o que lhe havia dito, e retirou-se immediatamente da côrte para o seio da sua familia. Luiz XI deixou-o partir sem tentar vingar-se d'elle; nem mesmo o demittiu dos altos cargos que exercia no paço. Mas ao despedir-se, os que rodeavam o tyranno viram-lhe os labios encrespados por um sorriso de ironia terrivel, que bem claro prognosticava o futuro.

— Poucos tempos depois rompeu a guerra do *Bem-publico*. A alta nobreza da França, ha muito tempo irritada pela audacia insolente dos insultos, com que o despota tentava rebaixal-a e opprimil-a, ergueu-se como um só homem á voz do nobre conde de Charolais, que Luiz XI ousára mandar insultar diante da propria côrte de seu pae, o bom duque Filippe de Borgonha. Foi geral conflagração aquella. Durante mezes a corôa de Luiz esteve jogada aos dados. O povo, aterrado pelas passadas cruezas do tyranno, não ousava declarar-se contra elle, mas tambem não se declarava a favor. Dos nobres, d'esses, nenhum deixou de tomar as armas, e poucos foram aquelles que não correram a enfileirar-se na confederação, que havia jurado lavar a corôa de Carlos VII da nodoa, que lhe havia imprimido o ter sido quatro annos cingida pelo torpe Luiz de Valois. Carlos de Melun tambem se armou; mas sabeis para que? Para, esquecendo os antigos aggravos, correr para o lado do ignobil Luiz, a offerecer-lhe o seu apoio, e o da sua familia...

Excepto o meu, por Satanaz! excepto o meu — exclamou aqui o velho cavalleiro com as faces incendiadas, e batendo com o guante ferrado rija punhada na mesa — excepto o meu, que d'esta vez me não deixei seduzir, e que a despeito de Carlos e de meu velho pae, que em tudo por elle se guiava, corri ao campo dos confederados a enfileirar mais uma lança leal e decidida com aquellas, que já se achavam enristadas contra a corôa do refalsado Luiz XI.

— A acção generosa de meu irmão — continuou mais socegado o velho cavalleiro — não foi bastante para vencer no animo do tençoeiro despota o odio que contra elle concebera em razão da sua nobre franqueza a respeito de Perrette de Chalon; mas, astuto e refalsado como é, soube disfarçar o rancor, e apparentar extrema gratidão pelo auxilio tão generosamente offerecido em occasião de tamanho e tão carregado apuro. Luiz sabia bem o que valia Carlos de Melun, e o que tinha na lealdade e no sincero e dedicado affecto do seu antigo companheiro. E não se enganou no conceito. Ainda mais esta vez Carlos de Melun lhe salvou a corôa, por um d'estes rasgos de coragem e de energia de que era capaz aquelle valoroso cavalleiro. Attendei vós bem, messire de Baldaia. Os confederados marchavam a marchas forçadas sobre Paris, acompanhados por um exercito aguerrido e numeroso; e Paris, a chave da França, aguardava anciosa por elles para se declarar contra o infame assassino do cavalheiresco Carlos VII. Luiz XI sabia-o, e conhecia a importancia d'aquelle lance; mas tão desesperada era a esse tempo a sua situação, que não lhe podia valer. Por um lado os confederados es-

praiavam-se por cima de toda a França, apoderando-se de todas as fortalezas e de todas as cidades importantes; por outro os poucos nobres, que por interesse o seguiam, tardavam em reunir-se a elle, e a pôl-o por essa reunião á testa de numero de tropas sufficientes para fazer face á tormenta ou ao menos para salvar Paris. Tudo se afigurava portanto perdido. Luiz assim o cuidou, e, como sei que varias vezes o tem confessado, pensou em salvar-se fugindo para o duque de Milão ou para os cantoens confederados da Suissa [1]. A actividade e a coragem de Carlos de Melun fez porém mudar inesperadamente a face da contenda. Armado de todos os poderes de logar-tenente do rei, lançou-se dentro de Paris com os homens d'armas de meu pae e os poucos que podéra juntar o marechal Joaquim Rouhault, que o acompanhou [2]; e com elles não só resistiu a todas as forças dos confederados, mas conteve os sublevados burguezes, quando elles nos quizeram entregar Paris, como por seus commissarios nol-o haviam promettido. Conteve-os, apoderando-se da cidadella e das demais fortalezas, e ameaçando-os de esbombardear a cidade, se elles não aguardassem socegados a proxima chegada do rei. D'esta fórma teve Luiz XI tempo de reunir os vinte e quatro mil homens com que pelejou em Monthery, e logrou o lançar-se dentro de Paris com o numero de homens d'armas bastante para nos resistir até o dia, em que o desgraçado tratado de Conflans desatou os laços, que prendiam os che-

1 Commines, Mémoires, liv. I., chap. VIII.

2 J. de Troyes, Chron. de Luiz XI, 1464 e 1465. Commines, Mémoires, liv. I., chap. II.

fes da confederação uns aos outros, e desunidos os metteu um a um nas mãos da vingança do refalsado e traiçoeiro Luiz.

— Aqui tendes vós, messire de Baldaia — continuou o senhor de Normanville — aqui tendes quaes foram os serviços que Carlos de Melun prestou a Luiz de Valois n'esta occasião de tão apertado apuro. Se elle cinge ainda hoje a corôa de França, a Carlos o deve por sem duvida. No primeiro impeto, Luiz XI reconheceu-o publicamente, honrando meu irmão com distincçoens e cargos novos. Carlos, porém, não era homem para transigir com a vergonhosa presença de Perrette de Chalon; e portanto, mal acabou a guerra, recolheu-se immediatamente aos senhorios de nosso pae. A franca e leal audacia d'este procedimento avivou o odio mal sopitado de Luiz; e como conhecia bem que o desenlace da guerra do *Bem-publico* fôra o golpe de morte, que a poderosa aristocracia franceza dera em si propria, pensou em vingar-se do seu austero censor, de quem já agora para nada precisava. Faltava-lhe porém justificado motivo para o tentar; um demonio de perfidia e de infamia, que o inferno vomitou de si para deshonra da humanidade, havia-se porém collocado n'essa hora ao lado d'elle, e esse motivo foi achado, foi inventado, foi torpe e infamemente explorado. Para a astucia e para o caracter vingativo e refalsado de Luiz XI um cabello é alicerce sufficiente para sobre elle architectar um cadafalso.

— Deveis saber, messire de Baldaia — continuou depois de breve pausa o velho cavalleiro de Normanville — que no cerco de Paris, Carlos de Melun en-

tregára a nosso pae o commando da Bastilha de Santo Antonio, por ser ella a fortaleza mais importante, e elle a pessoa de quem mais se confiava. Uma noite, um soldado natural de S. Diniz, que n'esse dia estava de vigia á porta falsa que dá para os campos, entendeu poder aproveitar-se d'este ensejo para ir vêr a sua familia. Abriu portanto a porta, e por ella sahiu de Paris, deixando-a aberta por descuido ou talvez por tencionar estar de volta antes de rendida a vela. Desgraçadamente Luiz de Valois sahiu a rondar n'aquella noite, e, achando aberta a porta, e, sabendo que meu pae era o commandante da fortaleza, concebeu desde logo suspeitas contra Carlos de Melun [1]. Mas aquella alma, que assim fazia descer um leal cavalleiro até á torpe baixeza do seu espirito avillanado, nada mais ousou fazer por então do que dar parte a meu irmão do descuido que achára. Pela mente de Carlos nem sequer rastejou a ideia de que Luiz suspeitava d'elle. A sua alma era alta e nobre de mais para se aviltar a descer a esta baixeza; e, ademais, a generosa dedicação, com que elle tomára o partido de Luiz na occasião, em que elle se afigurava mais afundado e perdido, era alento mais que sufficiente para a mais confiada consciencia do valor, em que a sua lealdade devia ser tida. Carlos tomou, pois, as medidas necessarias para se não repetir o descuido, e o caso esqueceu, ou pareceu esquecer totalmente a Luiz de Valois.

— Mas a rigidez e altiva severidade—continuou o senhor de Normanville — com que Carlos de Melun

1 Commines, Mémoires, liv. I., chap.

persistiu em não transigir com a presença de Perrette de Chalon, avivando o primeiro odio, fez desejar a Luiz XI uma razão para justificar a sua premeditada vingança. Debalde, porém passou e repassou na memoria a vida de Carlos; n'ella não achava mais que uma unica mancha, a suspeita da porta de Santo Antonio, e essa ainda assim de tão leve impressão, que mais a não podia julgar do que parto da sua propria imaginação refalsada, como o ultimo procedimento de meu irmão o havia comprovado. Luiz queria, porém, um motivo, e, como não tinha outro, era-lhe preciso contentar-se com este. Mas para d'elle tirar resultado, era necessario dar-lhe corpo, e para isso carecia de factos com que fazer avultar aquelle, e de um homem que se encarregasse de os asseverar. Não lhe foi preciso procurar muito; ao proprio lado d'elle estava já então o homem dotado de todas as qualidades precisas para forjar infamias d'esta ordem. Este homem era Antonio de Chabannes, conde de Dammartin, que meu irmão salvára do cadafalso por occasião da subida do infame Luiz de Valois ao throno. Este miseravel, que Luiz XI fizera fugir da Bastilha ao romper da guerra do *Bem-publico,* e a quem agora estava recompensando amplamente a infamia de ter ido ser no campo dos confederados o que foi Judas entre os discipulos de Christo, prestou-se a levantar sobre um descuido, a que meu irmão tinha sido completamente estranho, revelaçoens mentirosas de traiçoens premeditadas por Carlos, e que, segundo elle dizia, abonando-se com a sua estada no campo dos confederados, não tinham sido levadas a effeito, porque o preço que fôra offerecido não chegára á medida do

exigido pelo supposto traidor. Tal foi o plano combinado por aquelles dous grandes infames, dignos em tudo e por tudo um do outro. E como o combinaram, assim o pozeram em pratica. Primeiro deixaram-no cahir em meias palavras no seio dos cortezãos; e, depois de entre elles ser já cousa corrente e assentada, fizeram-no correr a meia voz entre o povo, para d'esta fórma preparar a opinião publica para a premeditada vingança. Á medida que a infame atoarda ia tomando corpo, Carlos de Melun ia sendo despojado pelo rei dos cargos que em outro tempo lhe déra. Despediu-o primeiro do officio de mordomo-mór, que deu ao seu sabujo Jorge de la Tremouille, senhor de Craon; depois despojou-o do commando das cem lanças, a cuja frente poz immediatamente o infame conde de Dammartin [1]. Assim foi pouco e pouco apurando a paciencia de Carlos. Este por fim não pôde soffrer mais, e, inspirado pela sua natural nobreza d'alma, resignou altivamente nas mãos do Valois tudo o que d'elle havia recebido até então.

— Não se esperava mais do que isto — exclamou com terrivel exaltação o senhor de Normanville. — A nobreza do procedimento de Carlos de Melun foi proclamada insulto á dignidade real pelo infame rei de França. O villão Chabannes teve ordem de o prender, e, conseguindo fazel-o, levou-o para o castello de Gaillart, do qual elle proprio se constituiu carcereiro. Formou-se logo uma farça de tribunal, presidido por Tristão Ermita; e por sentença d'elle, a 21 de Agosto de 1468, a cabeça de Carlos de Melun, o

1 J. de Troyes. Chron. du roy Louis XI. 1466.

mais nobre e o mais generoso de todos os cavalleiros de França, rolou sobre um cadafalso, levantado na praça publica de Andely, em sacrificio á vingança refalsada do traidor e ingrato Luiz XI e ás torpezas da devassa prostituta Perrette de Chalon [1].

A voz do senhor de Normanville tinha ido crescendo em exaltação á medida que estas palavras lhe lufavam pelos labios fóra. As ultimas, foram, soltadas por entre um grito tremendo. O velho cavalleiro calou-se por fim, e fechou de repente os olhos, resmoneando palavras inintelligiveis por entre os labios pavorosamente convulsos. Estava livido como um cadaver, e com os punhos cerrados e os braços hirtos estendidos por sobre a mesa. De repente exclamou com terrivel expressão de colera concentrada:

—Que desgraçada cegueira aquella! Que laço fatal e mysterioso prenderia aquelle homem de tão nobres e generosas aspiraçoens ao que ha de mais vil e mais abjecto entre tudo o que respira sobre a terra! Ainda sobre o cadafalso, messire de Baldaia, ainda sobre o cadafalso se revelou em plena luz aquella influencia portentosa! Ainda lá, com a cabeça meia decepada, porque o carrasco lh'a não soubera cortar de um só golpe; ainda ali e assim n'aquelle estado, Carlos de Melun levantou-se de cima do cepo, e, coberto do proprio sangue, proclamou em alta voz que estava innocente dos crimes que lhe eram imputados, que não merecia a morte a Luiz XI, mas que a recebia de bom grado, pois que assim aprazia

[1] J. de Troyes. Chron. de Louis XI. 1468.

ao rei, a quem amára, e servira lealmente toda a vida [1]!

O velho cavalleiro não pôde continuar. Quando acabava de dizer aquellas palavras, Yolanda interrompeu-o, soltando um grito de profunda agonia; e, levando ao mesmo tempo as mãos com força contra o peito, cahiu desmaiada nos braços da aia.

O moço Baldaia poz-se de um salto ao lado d'ella; o senhor de Normanville ergueu-se, porém vagarosamente, e aproximou-se tambem.

— Vêde o que fizestes! — exclamou Luiz Baldaia, fitando n'elle um olhar, em que se misturava a afflicção e a colera.

— Arredai — replicou magestosamente o velho — Que fraqueza é esta, sobrinha? — continuou em voz grave e triste, e erguendo ao mesmo tempo Yolanda por um braço — uma donzella da casa de Melun, se não póde empunhar uma espada ou uma adaga para vingar o sangue de seu pae, deve ter ao menos a nobre coragem de escutar impassivel estas tremendas verdades, para d'ellas beber alentos para o odio de morte que deve votar eter-

[1] Nas notas de D. Godefroy á edição de Commines, publicada por elle em Paris em 1649, lê-se o seguinte, pag. 400 — Une cronique de ce temps-la en dit ces mots. «Ce Chevalier estoit moult privé du Roy, et avoit couché plusieurs fois avec luy, tant estoit familier de luy, la cause pourquoi je ne le sçay, sinon que c'éstoit la volonté du Roy, qui n'avoit mercy d'homme sur lequel il avoit suspicion mauvaise. Et dit-on que du premier coup que le Bourreau luy donna, il ne luy coupa la teste qu'à moitié, et que le Chevalier se releva et qu'il dit tout haut, qu'il n'avoit cause ou coulpe en ce que le Roy luy mettoit, et qu'il n'avoit mort desservie, mais puis que c'estoit le plaisir du Roy, il prenoit la mort en gré, et quand il eut ce dit il fut par aprés dècapité.»

namente ao infame verdugo da honra da nossa familia.

Depois, voltando-se para o Baldaia, continuou nobremente:

— Eis-aqui tendes como Carlos de Melun foi traidor. A verdade do que vos acabo de contar attesto-a eu pela minha honra, pela salvação da minha alma, pela gloria do nome dos meus illustres antepassados; e attestam-no os homens de bem de toda a França, a quem se por ella perguntardes, vos responderão que Carlos de Melun foi honrado e valente cavalleiro, que serviu sempre lealmente o seu rei, o qual lhe pagou com a mais feia ingratidão os grandes e dedicados serviços, que elle lhe fez durante a vida [1]. Deus é justo — exclamou de repente com solemne exaltação — e d'elle confio, que, se não fôr dado ao punhal de João de Normanville o levar até ao coração do infame Valois o odio, que lhe vota toda a familia de Melun; pelo menos o tyranno refalsado e traidor não ha-de poder escapar á inevitavel justiça de Deus, como poderá por ventura esquivar-se á fallivel justiça dos homens.

Assim dizendo, dirigiu-se a uma janella, e depois de estender a vista por largo, voltou-se para dentro, e disse em voz imperiosa:

— O sol já mergulhou ha muito no occaso; as sombras da noite já principiam a entenebrecer o verdor das campinas. Partamos.

E acabando de dizer estas palavras dirigiu-se, acompanhado por Luiz, para a porta da estalagem,

1 J. de Troyes. Chron. de Louis XI. 1466. Commines, Mémoires, liv. I., chap. 2 e 11.

para onde, d'ahi a pouco, o seguiu Yolanda, a ama e o pagem.

Mal os peoens tiraram os cavallos para fóra dos curraes, e as duas damas foram commodamente collocadas em cima dos respectivos palafrens, o senhor de Normanville ergueu a voz, e bradou:

—A cavallo!

Os homens d'armas saltaram immediatamente para as sellas, e a comitiva poz-se logo a caminho na direcção do castello do parente do velho cavalleiro.

—Com que, senhor, aonde iremos agora parar com os ossos? Aqui anda enguiço. Abofé, que se me afigura que isto não póde vir a bom fim. Ora bem; não queira Deus que ainda esta noite fiquemos a dormir, sem ceia, ao relento...

Assim ia rosnando e cabeceando o honrado Pero Nagalho, bifurcado na sella alterosa da sua possante cavalgadura, a qual carregava n'aquella hora, a mais do peso costumado, com umas tantas canadas do liquido, com que, n'aquella tarde, tinham sido saudadas as recordaçoens das memoraveis orelhas e narizes, decepadas outr'ora aos feros alarabes do Algarve d'além-mar.

VIII

Julga por caso ordinario
Esse trance perigoso,
Não faltes por temeroso,
Não erres por temerario.

F. Rodrigues Lobo.

Havia já muito tempo que era noite cerrada, quando a cavalgada chegou ao castello do parente do senhor de Normanville. Parece que já ali esperavam por ella; porque, apenas um dos homens d'armas tirou de uma busina os primeiros sons do toque prolongado e agudo, com que n'aquella época se costumava chamar ás muralhas dos alcaceres afortalezados, sentiu-se logo grande reboliço dentro do castello, e minutos depois baixou a ponte levadiça, deixando vêr o espaçoso pateo interior esplendidamente illuminado por um sem numero de tochas e brandoens, empunhados por serventes e mesteiraes, formados em duas alas, por entre as quaes o nobre castellão caminhava apressado ao encontro dos seus hospedes.

Era elle um velho de figura apessoada e magestosa, vestido de rigoroso dó, o qual, juntamente com a comprida barba grisalha, que se lhe estendia pelo

peito abaixo, dava-lhe ao aspeito, melancolico e severo, expressão funebremente veneravel.

Quando o nobre barão ia a entrar na ponte levadiça, achou já o senhor de Normanville, com o Baldaia ao lado esquerdo e a sobrinha recostada ao braço direito, a embocar pela porta do castello dentro. Ao dar de rosto com elles, o velho cavalleiro dobrou galantemente o joelho diante da formosa donzella, e, com um sorriso, em que debalde forcejava por abafar a tristeza habitual, beijou-lhe a mão com tão apurada cortezania, que ás claras se conhecia que aquelle ancião, agora taciturno e triste, fôra em tempo avesado ao trato da côrte, e havia sido um dos mais palacianos e elegantes cavalleiros da sua época. Em seguida ergueu-se, deu dous passos para traz, cortejou profundamente, e disse em voz pausada e grave:

—Haveis de perdoar, formosa prima, o acolhimento melancolico e triste, com que sois recebida; mas os cabellos pretos e trajes galantes, que mais são para acompanhar e servir damas, do que estes cabellos grisalhos e do que estes vestidos de que me vêdes coberto, já ha muito que os não ha n'esta casa.

Ao dizer estas palavras, os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas. Curvou-se então de novo em airosa e profunda mesura diante de Yolanda, disse algumas palavras cortezes e de franca e leal hospitalidade ao Baldaia, e em seguida apertou affectuosamente a mão, que João de Normanville lhe estendia.

Depois encaminharam todos para o interior do castello. Mal deram os primeiros passos entre as alas, o barão tomou de subito a tocha de um servente, e,

com ella empunhada, pôz-se na frente dos seus hospedes, para lhes guiar o caminho. O senhor de Normanville, embaraçado pela sobrinha que conduzia pelo braço não pôde fazer mais de que protestar altamente e com palavras delicadas contra aquelle excesso de cortezia, com que o seu nobre parente os honrava. Este porém não desistiu do intento de manifestar d'aquella fórma o seu respeito pela nobre donzella, que recebia em seus paços. Debalde o senhor de Normanville, parado e sem ousar dar um passo para a frente, clamava, recordando a antiga familiaridade dos dous, e as franquezas proprias do parentesco tão chegado, como o que entre elles havia. A nada o velho cortezão se moveu. Ao vêr aquella pertinacia palaciana, Luiz Baldaia, que possuia toda a cortezania da época, acudiu pelo seu primor cortezão e pelo do seu companheiro, e, tomando de repente das mãos de um servente uma tocha, collocou-se com ella empunhada ao lado do velho barão. Os olhos de João de Normanville fitaram-se rutilantes de satisfação no moço cavalleiro. O barão acudiu civilmente a estorvar aquelle acto, mas o Baldaia foi tão pertinazmente cortez como o outro o havia sido até ali. Assim vieram portanto, até á porta do alcacer.

Ao chegar a ella, o velho castellão parou, e, fazendo uma mesura ao Baldaia, lançou-lhe mão da tocha, dizendo:

— Perdoai-me, senhor, mas não mais d'aqui para diante.

Luiz Baldaia resistiu a largar a tocha. Então o barão entregou a um pagem a que levava empunha-

da, e em seguida tirou-lhe a que elle trazia, e que já agora não podia recusar cortezmente. Acabadas estas ceremonias cortezãs, em que os antigos cavalleiros eram prodigamente excessivos, quando desejavam honrar alguem, subiram ao pavimento superior, acompanhados por doze pagens, com tochas accesas e vestidos rigorosamente de luto.

Assim atravessaram até á sala nobre do alcacer. Chegados ahi, o senhor do castello deu de novo as boas vindas aos hospedes, e convidou-os a retirarem-se por um pouco para os seus respectivos aposentos, a fazerem aquelles preparativos que julgassem convenientes antes de descerem para o vasto refeitorio do castello, onde lhes ia ser servida a ceia, que já estava aguardando por elles.

Em seguida, ia a retirar-se, mas o senhor de Normanville fel-o parar, e disse-lhe:

—Senhor primo, o joven cavalleiro que me faz a honra de acompanhar-me, é messire Luiz de Baldaia, filho do embaixador portuguez na côrte de França.

Em seguida relatou em poucas e honrosas palavras o serviço, que d'elle tinha recebido na clareira da floresta de junto a Tours, e acrescentou que o moço Baldaia tinha de partir no dia seguinte para cumprir uma missão importante, de que fôra encarregado por Luiz XI.

O senhor do castello cortejou gravemente, e João de Normanville continuou, dirigindo-se ao Baldaia e apontando ao mesmo tempo para o velho:

—Messire de Baldaia, aqui tendes mais uma victima do caracter tençoeiro e vingativo do infame

Luiz XI. Este cavalleiro é messire Alain d'Albret, sire d'Albret, conde de Gaure, de Penthievre e de Perigord; visconde de Limoges e de Tartas, e pae do joven senhor de S. Basilio, que foi decapitado, em Poitiers, por motivos tão justificados como aquelles que, no cadafalso de Andely, fizeram rolar a cabeça de Carlos de Melun [1].

O senhor de Normanville calou-se. Seguiu-se uma pausa de silencio profundissimo, em que os interlocutores d'esta scena permaneceram como que enleados pela posição, em que as palavras de João de Normanville os pozera uns para com os outros. Por fim Luiz Baldaia cortou franca e lealmente o embaraço, dizendo em voz grave e decidida:

—Sire de Albret, e vós, messire João de Normanville, attendei-me. Eu não sou nem vassallo, nem cortezão de Luiz XI. Os serviços, que lhe tenho prestado até hoje, devo-lh'os pelos favores e pe-

1 Segundo J. de Troyes, Chron. de Louis XI, anno de 1472 e 1473, o senhor de S. Basilio, filho mais novo do conde Alain d'Albret, foi decapitado em Poitiers, n'uma quarta feira 7 de Abril de 1473. O joven d'Albret era accusado de ter dado traiçoeiramente entrada a João, conde de Armagnac, na praça de Lectoure, onde se achava com Pedro de Bourbon, conde de Beaujeu, genro e favorito predilecto de Luiz XI. Esta accusação foi feita por João Deymer, fidalgo da casa de Beaujeu, sobre o cadafalso, em que foi esquartejado em Tours, accusado e parece que convencido do mesmo crime. Apesar da solemnidade da occasião e da hora, ninguem acreditou no que disse o suppliciado, e poucos deixaram de pensar que o senhor de S. Basilio fôra victima, não da revelação de Deymer, mas do odio inveterado e de morte, que Luiz XI votava á antiga e poderosa familia d'Albret, cujo chefe, o conde Alain, fôra um dos mais activos e energicos caudilhos da revolução do *Bem-publico*. O conde Alain d'Albret foi bisavô da celebre Joanna d'Albret, rainha de Navarra, mãe do famoso e heroico Henrique IV, rei de França.

las attençoens, com que me tem honrado, a mim e a meu pae, que na sua côrte reside, ha alguns mezes, como embaixador d'el-rei, meu senhor. Sou portuguez, e fidalgo da casa do principe D. João de Portugal, o mais nobre e magnanimo dos principes de Espanha; filho d'el-rei D. Affonso v, o mais leal e generoso cavalleiro do mundo.

Ao ouvir estas palavras, o senhor de Normanville aferrou de repente a mão do Baldaia, e sacudiu-a rudemente, deixando vêr nos olhos rutilantes de satisfação e de affecto instinctivo o quanto aquella espontanea e leal declaração de seu companheiro o tinha penhorado. O conde d'Albret tomou-lh'a em seguida entre as suas, e apertou-lh'a com fervor, e como quem lhe agradecia a nobre explicação que acabava de dar-lhe, e que elle justamente considerava como delicadissima manifestação de deferencia pelos sentimentos encontrados e dolorosos, que deviam concitar o pae do senhor de S. Basilio, ao reconhecer um cortezão e valido de Luiz xi no homem, que acompanhava o seu parente, e que por isso não podia deixar de receber hospitaleiramente em sua casa.

Os hospedes dirigiram-se por fim aos seus respectivos aposentos, a fazerem os necessarios preparativos para se apresentarem convenientemente á mesa da ceia. E' bem de crer que os de Luiz Baldaia não levaram muito tempo. Um simples cavalleiro d'aquelles bons tempos, quando em jornada, não andava acompanhado da bagagem precisa para se poder apresentar como legitimo galan e pintalegrete em todos os logares aonde o levava o destino, e onde por ventura o desejaria fazer. Á mingoa pois dos ricos vesti-

dos, que tinha deixado em Tours, Luiz contentou-se com alisar o seu bello e farto bigode, e anedear os seus compridos e magnificos cabellos pretos; e vestiu por cima das armas um brial de setim azul franjado de ouro, que apertou na cintura com o cinto lavrado de prata, de que lhe pendia a espada e a adaga. Assim preparado, seguiu sem demora o mordomo do castello, que o viera buscar, acompanhado por dous pagens com tochas accesas.

A ceia foi tão esplendida, como triste. Os quatro convivas, enlevados nos seus proprios pensamentos, poucas palavras deram. João de Normanville foi quem mais fallou, versando, porém, quasi tudo o que disse, ácerca da guerra que o duque de Borgonha fazia a René, duque de Lorena. Por fim chegaram ao brinde da despedida.

O conde d'Albret encheu de vinho de Chipre uma magnifica taça de prata lavrada a bastioens, e offereceu-a ceremoniosamente a Yolanda. Ella cortejou, tocou a taça com os labios, e tornou-a a entregar ao conde. Este passou-a immediatamente ao Baldaia, o qual a passou cortezmente ao senhor de Normanville.

O velho cavalleiro pegou d'ella, collocou-a diante de si, e depois, lançando-se para o espaldar da cadeira, em que estava, ficou por alguns momentos com os olhos fitos em Luiz. Por fim ergueu-se de golpe.

— Messire de Baldaia — disse com solemne gravidade — é esta a derradeira vez que nos veremos, e, ao dizer-vos adeus para sempre, quero que saibaes ao certo o conceito, que faço de vós. Man-

cebo, sois uma alma generosa e nobre, um leal e valente cavalleiro, digno em tudo do illustre e grande nome, que o futuro de certo vos prepara. Brindo á vossa prosperidade, e rogo fervorosamente a Deus que vos faça tão feliz, quanto jámais podem deixar de ser desgraçados todos aquelles que pertencem á familia dos baroens de Melun.

Assim dizendo, levou a taça aos labios, e esvasiou-a de um trago.

Ao ouvir aquellas palavras, Yolanda levantou os olhos, e cravou-os por um momento no tio; depois relanceou com anciedade o moço Baldaia, que fitava o senhor de Normanville, verdadeiramente atordoado pelas ultimas palavras que elle dissera. Por fim o sire d'Albret brindou ao repouso e á tranquillidade que n'aquella noite desejava aos seus hospedes; e estes levantaram-se, e despediram-se, seguindo cada um para o aposento, onde havia de repousar. Ao separarem-se, os olhares de Yolanda e de Luiz cruzaram-se apaixonadamente. Os do moço cavalleiro disseram n'um relance toda a agonia, que aquella separação lhe causava; e logo carregaram-se de subito com tão dura e provocadora expressão, que mostravam claramente que não era elle homem para resignar-se e a ella ceder sem resistencia: os de Yolanda rutilavam de amor e gratidão, e ao mesmo tempo pareciam sorrir sobre o amante um milhão de esperanças futuras.

O moço Baldaia, ao achar-se só na camara, onde havia de repousar, até que a manhã do dia seguinte o despertasse para se separar de Yolanda, talvez que para sempre, lançou-se como que desanima-

do na cadeira espaldar, que estava junto da pequena mesa, sobre que pousára o elmo, fincou n'esta os cotovellos, e mergulhou a cabeça entre as mãos, de todo enlevado no desespero do coração, em que estava. Tumultuavam-lhe no cerebro mil pensamentos encontrados, por entre os quaes volitava a formosa visão da amante, e a lembrança do perigo em que se achava de a perder para sempre. No desespero d'este imaginar, formava mil planos, ideava mil resoluçoens, e enlevava-se em mil castellos no ar, todos desvairados, mas ora risonhos ora angustiosos, conforme lh'os inspiravam ou a recordação do seu amor, ou a lembrança da situação desesperada, com que por fim se achava de face. Umas vezes lembrava-se da possibilidade de ir ao castello procurar Yolanda, encontral-a, e arrebatal-a furtivamente para longe d'ali; outras vezes incendiava-se-lhe a natural e irascivel intrepidez de que era dotado, os olhos chispavam-lhe de subito centelhas de furor bellicoso, aferrava o punho da espada com aperto convulsivo, e erguia-se de golpe, quasi em pontos de se lançar em demanda da amante atravez dos homens d'armas de João de Normanville e dos do senhor d'Albret: outras avoejava nas azas da imaginação para o futuro, e ora se via aos pés de Yolanda arroubado de amor e da suprema ventura de a sentir eternamente sua, ora longe d'ella e ignorando para sempre o destino d'aquella mulher adorada. Estes desvarios encontrados da imaginação foram, pouco e pouco, incendiando n'elle o delirio. Por diante dos olhos principiaram então a volitar-lhe milhares de visoens indefinidas e vagas. Duas ou tres horas se passaram assim.

De subito pareceu-lhe sentir ranger cautelosamente e a pouca distancia uma porta sobre os quicios; afigurou-se-lhe ouvir susurrar de leve os pannos d'armar que forravam o aposento — voltou-se, e olhou...

Junto da parede estava Yolanda, de pé e com uma pequena alampada na mão.

Ao dar com os olhos n'aquella apparição, ao parecer, inexplicavel, o moço Baldaia acreditou que aquillo não passava do puro effeito da imaginação, de um dos mil milhares de visoens fantasiosas, que a febre d'aquella agonia lhe ia erguendo umas após outras diante dos olhos. Mas aquella era tão formosa, tão angelica, tão perfeitamente clara e visivel!...

Luiz foi-se erguendo aos poucos e machinalmente, sem desfitar aquella visão adoravel; e, de pé, ficou por alguns momentos com os olhos cravados n'ella. Depois cerrou-os receoso de a vêr esvaecer como fumo, deu dous passos para ella, estendeu os braços para a frente, e exclamou n'um grito de amor e de agonia indizivel:

— Yolanda!

— Luiz! — ouviu responder em voz maviosa e angelicamente tremula.

— És tu?... Devéras és tu? — balbuciou o moço, dando mais alguns passos para a frente, mas sem ainda ousar abrir os olhos.

— Sou eu — replicou ella. — Olha, entrei por ali.

E dizendo, arredou a tapeçaria que cobria a parede, e apontou para uma pequena porta que deixára entre-aberta ao entrar.

O moço Baldaia cahiu então de joelhos.

— Anjo d'amor — exclamou, juntando as mãos — oh! mal sabes o inferno de agonias de que me vieste salvar! Bem hajas, Yolanda; bem hajas, senhora do meu coração.

O rosto da donzella resplandeceu com alegria celestial, e um ligeiro estremecimento de amor sacudiu-lhe deliciosamente o corpo formosissimo. Assim esteve por alguns momentos sem desfitar o amante, com o rosto banhado do resplendor da luz suavissima, que o amor verdadeiro e delicado irradia de si. Depois dirigiu-se ao moço cavalleiro, e, tomando-lhe a mão, disse-lhe em voz maviosa:

— Luiz, meu nobre Luiz, repara na hora e no logar em que estamos. A orphã, desgraçada e fraca, que tanto te ama, entrega-se confiadamente á protecção da tua honra, meu generoso e leal cavalleiro.

Ao ouvir estas palavras, o moço Baldaia cobriu de subito a amante com um olhar indizivel de amor e de gratidão; levou com fervor religioso aos labios a mão com que ella lhe apertava a d'elle; depois ergueu-se, e conduziu-a á cadeira espaldar, de que elle acabava de erguer-se.

— Senhora da minha vida — disse então, ficando de pé diante d'ella — nada tens de que temer. Os teus minimos desejos são leis supremas para mim; e a minha honra e o meu amor são d'elles as sentinellas mais vigilantes e mais obedientes. Yolanda de Melun — acrescentou, depois de brevissima pausa — que é o que exiges do teu cavalleiro? Trazes-lhe a vida ou trazes-lhe a morte?

Yolanda permaneceu sem responder por alguns

momentos, e com os olhos banhados de amor celestial fitos no amante.

—Luiz, meu Luiz adorado—disse ella por fim; e ao mesmo tempo a mão ergueu-se-lhe machinalmente, e foi pousar tremula de timidez no braço do moço cavalleiro—como é que o meu amor te poderá dizer toda a gratidão que sinto por ti, ao recordar-me do muito que deves ter soffrido desde que em Tours encontraste a pobre rapariga do povo, que amavas, implicada em tão extraordinario acontecimento, até a veres aqui transformada na filha do desgraçado Carlos de Melun! Só um amor como o teu, Luiz; só uma alma generosa e nobre como a que Deus te fadou, meu leal cavalleiro, é que seria capaz de assim se refrear aos simples acenos da triste donzella, cujo ser mysterioso era devéras causa sobeja para irritar o teu brio de cavalleiro.

—E não tinha eu ahi, para alentar-me toda a confiança que me inspira o teu amor? Oh! diz-me, Yolanda, diz-me que posso encarar com a mesma confiança o futuro—exclamou arrebatadamente o moço.

Yolanda parecia que o não ouvia. Tinha os olhos fitos n'elle, sem pronunciar palavra, e como que de todo enlevada no pensamento que aquella dôce contemplação lhe inspirava. Por fim os olhos arrasaram-se-lhe de agua, e as lagrimas começaram a correr-lhe docemente pelas faces abaixo.

—Ai, se eu podesse... se eu podesse—balbuciou então—pedia-te que me esquecesses. Meu tio disse a verdade; a desgraça persegue rancorosamente todos aquelles que se aproximam dos que pertencem á familia dos senhores de Melun. Mas não pos-

so... não posso!... Morreria! — acrescentou em voz sumida e como fallando para si.

Dizendo estas palavras, deixou tombar a cabeça para o peito, e cobriu o rosto com as mãos, abafada em lagrimas e suspiros.

Ao vêr esta inesperada manifestação de uma agonia, que elle não imaginava existir, o moço Baldaia mostrou no rosto todo o espanto angustioso, com que era salteado por esta afflictiva surpreza. Ficou um momento com os olhos fitos na amante, enleado e como sem saber o que fizesse. Por fim cahiu de joelhos aos pés d'ella, e exclamou arrebatadamente:

—Yolanda, juro-o a Deus e á minha honra!... Só a omnipotencia divina, aniquilando-me, é que é capaz de me fazer renunciar ao teu amor. Falla, falla... pelo nosso amor, falla. Que poder exerce sobre ti aquelle velho? Porque está d'elle dependente o nosso futuro? Falla, por Deus, falla. Por ventura és arrastada contra vontade após elle? E' o medo da força, que te faz...

—Não — acudiu ella de subito, pousando a mão pequenina sobre os labios do moço, cujos olhos incendiados pareciam chispar centelhas de furor e de raiva satanica — não; esse homem é o irmão querido de meu pae; e estremece-me como se eu fôra sua verdadeira filha. Não; não vou após elle contra vontade. É um leal e nobre cavalleiro, incapaz de exercer força alguma sobre uma fraca e desvalida donzella como eu; e muito menos sobre a filha de Carlos de Melun, que elle estremecia, e para vingar a memoria do qual é que sómente tem a vida em conta. Não, Luiz, eu não acompanho meu tio forçada e con-

tra vontade. Vou com elle porque sagrados e imperiosos deveres me obrigam a ir.

Yolanda calou-se ao dizer estas palavras, e os dous ficaram por alguns segundos silenciosos, a olharem fitos um para o outro.

— Yolanda — disse por fim o moço cavalleiro — sentes ainda por mim amor igual áquelle com que d'antes eu me sabia amado por ti?

— E se o não sentisse, estaria aqui por ventura? — volveu ella, sorrindo-lhe docemente.

— Mas então a que sacrificas tão extremoso amor? — exclamou elle, juntando as mãos, com suprema agonia.

A estas palavras, os olhos da donzella arrasaram-se de lagrimas, que logo rolaram aos pares pelas faces abaixo.

— Ao meu dever — disse ella depois de breve intervallo, em voz sumida e ligeiramente tremula — ao meu dever. Luiz, meu Luiz adorado, o pae de meu pae é um pobre velho, que já tem apenas um braço de fóra da sepultura; e com esse me acena, a mim, á filha do seu filho, á filha d'aquelle de cuja morte foi causa involuntaria, a pedir-me que lhe vá assistir á hora extrema, para de todo poder entrar tranquillo para dentro da campa. O unico allivio do injusto e fero remorso que punge aquelle desgraçado, desde que a cabeça de meu pae rolou sobre o cadafalso, é o sentir-se censurado por mim por assim se deixar esmagar por uma supposição tão infundada.

Yolanda limpou aqui as lagrimas, que lhe humedeciam as faces, e em seguida continuou:

— Meu tio, o irmão querido de meu pae, vive a vida que tu de certo tens conhecido que elle vive, das palavras que lhe lufam como carvoens accesos dos labios, ao fallar do assassinato de Carlos de Melun. Vive assim, sempre, continuamente, sem interrupção. Aquelle é o seu pensamento dominante e permanente; aquella a ideia em que tem concentrada a vida, e pela qual se sequestrou de todas as grandezas, de todos os prazeres, e parece até que de todos os pezares. Assim vive, assim, entregue todo ao seu odio, ao seu rancor, e ás esperanças da sua vingança; só, sempre em face d'estes sentimentos ferozes, sem um unico affecto dôce, sem uma unica rosa que ameigue aquelle sólo queimado e resequido, sem uma unica restea de sol que penetre atravez do negrume d'aquella tempestade, que a sua amizade por meu pae lhe agglomerou sobre a cabeça. A só consolação por onde o seu espirito entenebrecido ainda se espairece, é pela ideia de que Carlos de Melun vive na filha que deixou; e quando põe os olhos em mim, quando me talha a seu sabor o futuro, então crê que o sangue de seu irmão não correu de todo sobre o cadafalso de Andely, e que, do que resta d'elle nas minhas veias, ainda ha-de renascer a gloria do nome dos senhores de Melun. E quererias tu, Luiz, — perorou a donzella, pousando docemente a mão no hombro do moço — quererias tu que eu sacrificasse estes dous desgraçados ao mesquinho e deshonroso egoismo de apressar a minha felicidade?

O moço cavalleiro esteve sem responder por algum tempo; por fim balbuciou em voz sumida e fitando os olhos carregados no chão.

—E por elles me sacrificas á eterna desesperança! E a isso sacrificas o futuro do nosso amor!

—Não, oh! não—exclamou ella, tomando com afflicção entre as suas a mão do mancebo—eu peço-te só que esperes... que esperes. Oh! se eu podesse!... Mas não... não... não posso. Quero o teu amor, todo o teu amor...

—E mandas-me esperar n'um futuro assim!—balbuciou elle, sorrindo-se com triste ironia.

—Mando... quero... peço...

—N'um futuro assim!—repetiu elle, avivando cada vez mais a tristeza e a ironia do sorriso.

—Mando-te esperar em Deus—respondeu ella—mando-te esperar na confiança que te deve inspirar a consciencia de que praticamos o nosso dever. Luiz, meu querido Luiz, Deus ha-de amercear-se por fim da desgraçada Yolanda. E porque não? Que lhe fiz eu para ser tão infeliz desde que nasci até hoje? Olha, Luiz, eu tenho ás vezes a esperança de que a felicidade ainda ha-de raiar um dia para mim; e essa felicidade, meu Luiz adorado, essa felicidade és tu... E Deus ha-de realisar esta minha esperança; ha-de, estou segura d'isso. Queres saber? Um dia adormeci aos pés de uma imagem da Virgem Nossa Senhora toda embebida na desconsoladora e angustiosa ideia de que nascera fadada com o triste condão de ser toda a vida desgraçada. Era dia anniversario do assassinato de meu pae; e nunca em outro como n'aquelle ouvira a meu tio palavras tão funerarias e tão pavorosamente tristes. Eu perguntava á Virgem que mal tinha feito a Deus para viver aos dezoito annos uma vida de tamanhas tristezas. Adormeci fatigada

de chorar; e sonhei que me achava sósinha e prostrada sem forças sobre um terreno arido e escalvado, e coberto por um céo cinzento e medonho. Eu chorava de agonia e de pavor. De subito principiou a soprar uma leve aragem refrigerante e perfumada, o solo tapetou-se de flôres formosissimas, o plumbeo manto que entenebrecia o espaço dissipou-se, e em seu logar appareceu o céo meigamente azulado, e n'elle a refulgir um sol esplendido, do qual jorravam torrentes suavissimas de luz vivificadora. E eu vi-me de pé, vestida de branco e adornada de rosas; e logo ao meu lado appareceu um ser aereo, vaporoso, uma visão celestial, que me tomou entre os braços, e, commigo n'elles, começou a subir dôce mas rapidamente para o espaço, que era cada vez mais delicioso e perfumado, á medida que iamos atravessando por entre elle.

Ao dizer estas palavras Yolanda parou e ficou um momento com os olhos cheios de amor fitos em Luiz. Depois levou a mão d'elle para sobre o coração, e logo continuou assim:

—N'essa mesma tarde eu passeava nas margens do Loire, toda embebida na deleitosa recordação do meu sonho. De repente desprende-se um batel da margem fronteira, atravessa rapidamente o rio, e eu acho-me surprehendida de subito por dous suissos embriagados, que, apesar dos meus gritos, me arrebatam nos braços, e correm para a margem do rio, com o fim de se lançarem commigo dentro do batel. Mas Nossa Senhora valeu-me n'aquella suprema afflicção. Quando, no delirio do desespero, me reputava inteiramente perdida, eis que irrompe d'entre as ar-

vores um bem posto e valente cavalleiro, que me salva das garras d'aquelles soldados brutaes, e me vinga immediatamente d'elles. Era o anjo do meu sonho — continuou a donzella, apertando cada vez com mais força a mão do amante contra o seio — Lembras-te, Luiz? Era elle... era o meu anjo...

A voz de Yolanda era quasi um cicio ao chegar a estas palavras; mas os olhos diziam tudo o que o excesso de amor lhe não deixava dizer em palavras. O moço Baldaia sentiu-se arrebatar por aquellas consolaçoens deliciosas, que arroubavam o anjo formosissimo, que o adorava. Tomou-lhe a mão arrebatadamente, levou-a aos labios, e cobriu-a de mil beijos apaixonados. De repente pareceu enfraquecer, os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas, deixou cahir a mão da amante, e balbuciou em voz sumida:

— Mas para que recordar esses tempos, se tu propria nos condemnas a tornar de todo impossiveis os sonhos que então sonhamos!

— Oh! não... não, Luiz, confia em Deus, confia em Nossa Senhora... — rumorejou a donzella, e não pôde dizer mais, abafada em lagrimas e suspiros.

O moço Baldaia ergueu-se então vagarosamente, e poz-se a passear a passos lentos, a toda a extensão da sala. Assim andou muito tempo sem dizer palavra, e sem attender ás lagrimas, nem aos suspiros mal abafados, que de quando em quando irrompiam por entre os labios de Yolanda. Por fim parou diante d'ella.

— Yolanda — disse por fim, em voz serena e firme — tu és uma grande e nobre alma, digna devéras do sangue que te gira nas veias. Tens razão; e

eu fôra indigno de ser amado por ti, se não fosse capaz de comprehender a grandeza do teu nobre sacrificio. Separemos-nos, sim, separemos-nos, mas não para sempre. Deus ha-de com o futuro recompensar-nos o presente. Por elle juro eu, Yolanda — continuou levantando o braço para o céo — por elle e pela minha honra te juro, que nunca deixarei de te amar, que vivo ou morto te pertenço, e que do cabo do mundo, se por ventura lá fôr, correrei para o teu lado no momento em que tu me digas — Luiz, agora já posso ser tua.

— E eu — exclamou com exaltação amorosa a donzella — e eu juro por Nossa Senhora, juro pela alma de meu pae, juro pelo nosso amor, que nunca de ti me deslembrarei um momento, que durante o nosso desterro nem um só instante te deixarei de trazer no coração, e que, se morrer, mesmo no mundo dos mortos te hei-de amar como amo agora, meu Luiz adorado, meu leal e generoso cavalleiro.

O moço Baldaia havia-se arrojado aos pés da donzella, mal ella principiára a fallar; e tomára-lhe as mãos entre as suas, como quem recebia aquelle juramento d'amor.

— Oh! Luiz — exclamou ella então — para que havia Deus de nos impellir um para o outro, e fadar-nos tão infeliz este amor!

Os dous amantes ficaram a olhar alguns momentos um para o outro com os rostos resplandecentes da agonia, que lhes ia no coração. De repente a tapeceria rumorejou violentamente empuxada, e o senhor de Normanville appareceu do lado d'áquem d'ella.

Ao dar com os olhos n'elle, Luiz Baldaia ergueu-

se, e levou machinalmente a mão ao punho da adaga, que tinha no cinto.

—Bem vêdes, moço — disse o senhor de Normanville, cruzando os braços e relanceando o cinto, que lhe cingia o pelote, totalmente desprovido de armas — bem vêdes; não venho como inimigo.

Depois aproximou-se mais e continuou:

— Ouvi tudo. Messire de Baldaia, sois um nobre e generoso cavalleiro. Yolanda, enganas-te; João de Normanville, ao pôr os olhos na filha de seu irmão, alimenta uma consolação muito mais alta, do que a que, ha pouco, lhe attribuiste. Ao recordar-se de que és a derradeira esperança de que depende a futura existencia dos senhores de Melun, João de Normanville persuade-se de que és capaz de cumprir nobremente o alto destino para que a Providencia te fadou.

Ao dizer estas palavras, o senhor de Normanville parou um momento; depois deu mais alguns passos para a frente, e continuou, collocando-se bem em frente dos dous amantes:

— Cavalleiro, bem sabeis o alto conceito que faço de vós. Attendei, pois. Os senhores de Melun descendem de reis, e o sangue, que gira nas veias d'aquella donzella, é o derradeiro que representa o nome dos senhores de Melun. Á vossa honra deixo pois o decidir se é licito a João de Normanville o consentir que ella se allie comvosco.

A cabeça do moço Baldaia aprumou-se, com as feiçoens rutilantes de nobre e magestosa altivez. Quando porém elle ia a responder, com dignidade por ventura mais que severa, á naturalidade com que o senhor de Normanville manifestára a convic-

ção, que o dominava, dos deveres que a fidalguia da sua prosapia lhe impunha, Yolanda pousou-lhe docemente a mão sobre os labios, e atalhou-o, dizendo em voz magestosa e soberana, como elle nunca lhe ouvira até ali:

— Senhor tio, sabeis bem a fundo todas as obrigaçoens que devo a este cavalleiro? Conheceis toda a nobreza e toda a lealdade que elle tem tido para commigo?

Ao dizer estas palavras, o rosto e o porte de Yolanda correspondiam totalmente á magestade e á soberania da voz. Parecia devéras uma rainha. O sangue, que lhe girava nas veias, erguera-se de subito, e transformára a timida e candida donzella na altiva e soberana rica-dona, herdeira e representante da familia dos senhores de Melun.

Luiz Baldaia cravou como fascinado os olhos n'ella: o senhor de Normanville, esse, baixou-os vagarosamente para o chão, e assim esteve alguns momentos sem responder.

— Sei — disse por fim, fitando-a austeramente. — E pensas tu que se o não soubera, o punhal de João de Normanville não teria desde muito vingado o sangue que lhe corre nas veias? Pensas que se o não soubera, teria este cavalleiro entrado comnosco para dentro das portas d'este castello? E das palavras, que me tens ouvido dirigir-lhe, não se te afigura que o sei, Yolanda; e não se te afigura igualmente que, a não ser por eu desejar que tão nobre mancebo se não separe de nós sem a convicção de que te deve esquecer para sempre, nunca tu acharias a facilidade que achaste, para chegares até aqui

desapercebida? Silencio, sobrinha — continuou, atalhando com voz imperiosa um gesto de Yolanda — sei e ouvi tudo. Messire de Baldaia, agora vos repito tudo o que ha pouco vos disse. Sois um nobre e leal cavalleiro, e como tal vos tendes havido n'este negocio. Eu sei toda a excellencia da vossa affeição para com esta donzella; e na pureza do amor que jámais exigiu da mulher, que reputaveis do povo, sacrificio que fosse indigno da vossa bella e grande alma, reconheço toda a lealdade das vossas generosas intençoens para com ella. Já era grande devéras o affecto que este vosso nobre proceder me inspirava para comvosco, mancebo, quando, na floresta de Tours, o acaso me azou occasião de conhecer que vós ereis em tudo o leal e nobre cavalleiro, que tão leal e nobremente se havia portado para com a desvalida donzella do povo, que o destino vos arrojára loucamente ao encontro. Admirei depois a grandeza d'alma, com que desprezastes as occasioens que por mais de uma vez vos offereceu a nossa jornada para vos aproximardes da mulher, que amaveis, e cuja existencia mysteriosa, agora mais que nunca, vos havia de instigar a fazel-o; e em seguida vi a elevada delicadeza de sentimento que vos inspirou as nobres palavras, que de todo abafaram na alma do desgraçado sire d'Albret a dôr e o pejo, que devia sentir, ao vêr-se obrigado a receber em sua casa um supposto cortezão, por ventura valido, do assassino de seu filho.

Ao chegar a estas palavras, o senhor de Normanville estacou de repente, e ficou por alguns segundos com os olhos cheios de enthusiasmo, e quasi

que até humedecidos, fitados no moço Baldaia. De subito aproximou-se d'elle, tomou-lhe a mão, e, apertando-lh'a com força, exclamou com affectuosa intimativa:

— Messire de Baldaia, prouvera a Deus que não fosse tão nobre o sangue que gira nas veias d'esta donzella, ou então que o vosso fosse pelo menos igual a elle em nobreza. A ser assim, a ninguem confiaria com mais satisfação a honra do nome dos senhores de Melun; e depois iria, de todo socegado, lançar-me sobre a campa de meu irmão, e descançar por fim eternamente d'esta triste e tormentosa vida, que vivo. Mas assim — continuou depois de breve pausa, durante a qual lhe perpassou pelo rosto a expressão da mais profunda melancolia — mas assim, não; assim não póde ser, messire de Baldaia. Aprouve á Providencia que a representação da illustre prosapia dos senhores de Melun parasse por fim n'uma mulher. O grande nome que durante seculos brilhou ininterrompidamente no meio da cavalleria franceza, tem pois de transfundir-se n'um outro, e com esse misturado é que ha-de continuar no futuro. Grande, portanto, tambem, e ainda mais alto, se por ventura é possivel, do que elle, deve de ser esse nome. A representação dos senhores de Melun não póde transfundir-se senão no nome de um principe illustre. Sêde certo, messire de Baldaia, que se assim não podér acontecer, então ha-de ir terminar para sempre... n'um convento de religiosas.

— Messire de Normanville — exclamou aqui impetuosamente o Baldaia — crêdes que vos hei-de consentir tal intento?...

— Messire de Baldaia, sim — atalhou serenamente o velho — porque vós sois incapaz de commetter um mau feito. Mas se assim não fosse, se por ventura eu me enganasse comvosco, como vós proprio vos enganaes, sabei, cavalleiro, que João de Normanville jámais attendeu a se sim ou não estava desembaraçado o caminho por onde uma vez resolveu caminhar. Sobrinha — continuou, voltando-se para ella — é tempo de nos despedirmos d'este cavalleiro. Yolanda de Melun, lembra-te de quem és filha.

Yolanda ergueu então os olhos do chão, para onde os tivera invariavelmente voltados durante todo o tempo que o tio fallára, e respondeu-lhe com a magestosa soberania, com que primeiro se dirigiu a elle, e que a não havia abandonado durante aquelle longo intervallo:

— Senhor tio, vejo que nunca me conhecestes bem, e que cuidaes que a donzella fraca e desvalida é incapaz de representar a liberdade de acção, que os senhores de Melun jámais consentiram que lhes enfreassem. Enganaes-vos, porém. Vós podeis dispor do meu presente, porque um dever sagrado vol-o põe á vossa disposição; mas do meu futuro não. D'esse disponho eu. Cavalleiro Baldaia, adeus, mas não para sempre. Senhor tio, prompta estou a acompanhar-vos.

Assim dizendo, baixou de novo os olhos para o chão, e ficou magestosamente serena, como rainha que nem por um momento duvida da realisação das ordens que deu.

No rosto do senhor de Normanvile resplandeceu com vivo fulgor a expressão da colera mal refreada.

Relanceou primeiro a sobrinha com um olhar scintillante e irritado; depois fitou os olhos no Baldaia, e assim esteve alguns segundos, como que indeciso e como que esperando vêr no rosto d'elle signaes de sentimentos iguaes áquelles que lhe estavam estuando no cerebro. Por fim tomou a mão de Yolanda, e disse com voz firme e serena, mas com o rosto severamente carregado:

— Messire de Baldaia, nobre e leal cavalleiro, entrego á protecção da vossa honra a gloria do nome illustre, que esta fraca e tresloucada mulher é incapaz de proteger.

Acabando de dizer estas palavras, voltou-se, e encaminhou para a porta, com Yolanda pela mão.

Ao vêl-os partir, Luiz de Baldaia como que acordou do lethargo angustioso, em que aquella scena o fôra pouco e pouco fazendo cahir. Atravessou-se então n'um relance entre elles e a porta.

— Messire de Normanville, attendei-me — exclamou em voz tremula e por entre os dentes cerrados de colera — desenganai-vos de que tendes em mim, d'hora ávante, um inimigo mortal dos vossos tresloucados intentos, e Deus decidirá entre nós e vós, homem insensato e soberbo. Yolanda — continuou, dirigindo-se a ella — vivo ou morto, serei fiel ao meu juramento; emprazo-te para que jámais esqueças o teu.

— Jámais — respondeu ella, pousando a mão sobre o coração, e fitando ao mesmo tempo o moço com um olhar supplicante.

Luiz comprehendeu bem o que aquelle olhar lhe pedia. Deu um passo rudemente e como a

custo para o lado, e o tio e a sobrinha foram logo ávante, e desappareceram emfim pela porta fóra.

Na madrugada do dia seguinte, mal o sol acabava de despontar no nascente, a ponte do castello do sire d'Albret baixou sobre o fosso, e por ella fóra sahiu o moço Baldaia, acompanhado de Pero Nagalho e do pagem.

Ao chegar ao alto de uma pequena assomada, em que se colleava a estrada a pouca distancia do castello, o moço cavalleiro voltou-se e cravou os olhos dolorosamente n'aquellas muralhas, dentro das quaes lhe ficava encerrada metade da vida. De repente os olhos fitaram-se-lhe n'um ponto d'ellas, tão firmes e tão scintillantes de amor e de saudade, que parecia que toda a alma lhe queria irromper por elles fóra. N'um dos torreoens do castello, e com o corpo estendido por sobre o peitoril de uma das estreitas janellas d'elle, estava Yolanda, acenando-lhe com uma banda o ultimo adeus d'aquella despedida. O moço Baldaia esteve alguns segundos sem poder desfitar aquella apparição celestial; depois curvou a cabeça até tocar com a plumagem do elmo no pescoço do cavallo, e baixou vagarosamente a ponta da lança para o chão. Quando se ergueu, rolavam-lhe pelas faces duas lagrimas. Yolanda continuava a acenar da janella do torreão. Segundos depois uma lufada inesperada de leste furtou-lhe a banda de entre as mãos. Ella levou-as então ao peito, em seguida á bocca, e depois estendeu os braços para elle, como quem lhe mandava o coração nas azas de um beijo. Momentos depois desappareceu.

O moço cavalleiro esteve muito tempo sem po-

der desfitar aquella janella; por fim voltou-se para o pagem, e disse-lhe em voz affectuosa:

— Arthur de Montfort, meu pagem leal, ficai vós ahi na aldeia o mais occulto que poderdes; e vigiai os passos do senhor de Normanville, e segui-o para toda a parte para onde levar Yolanda. Sereis vós capaz de tal feito, Arthur?

— Senhor, sim — replicou o pagem — nada ha que eu não seja capaz de fazer em serviço do valente cavalleiro, que ha tanto tempo me serve de pae e de mestre de cavalleria.

— Obrigado, meu pagem fiel — disse com voz sentida o cavalleiro, — dentro em dous mezes estarei de volta na côrte de el-rei de França. Se ahi já me não encontrardes, procurai-me onde estiver el-rei de Portugal, meu senhor. Por agora vou para o campo do duque de Lorena; para ahi me mandareis, sempre que poderdes, noticias do vosso caminho e dos passos por onde seguirdes a senhora do meu coração. Adeus, Arthur; Deus fique em vossa guarda, meu pagem leal e fiel.

Assim dizendo, estendeu-lhe a mão, que o pagem beijou affectuosamente. Este seguiu depois em direcção á aldeia, que ficava a curta distancia do castello do sire d'Albret, e o moço Baldaia continuou para diante, acompanhado por Pero Nagalho.

— Fica-te para ahi, cousa má — ia este rosnando gravemente atraz do amo — fica-te para ahi. Agora digo eu que acabaremos por fim esta jornada; que, voto a Satanaz! que era este mafarrico que assim nos fazia andar aos boléos. Isso é de fé, por vida!...

IX.

'Hi que encontre c'um lião,
C'um usso que se erga em pé,
Certo que menos mal é,
Que onde elles tão bastos são,
Que entre elles se durma e'stê.

SÁ DE MIRANDA.

Commercy é uma pequena cidade, a pouco mais de seis leguas de distancia de Bar-le-Duc ou Bar-sur-Ornain, capital da antiga provincia do Barrois e hoje do departamento do Marne; e a oito ou nove de Nancy, que foi em outro tempo capital do celebrado, e hoje extincto, ducado de Lorena.

Commercy, que, ainda actualmente é povoação triste e sem movimento, era, nos fins do seculo XV, uma grande aldeia, tristissima e quasi sem vida, que tinha por unico divertimento o ir, uma vez cada anno, abrir a bocca diante da pavorosa rapidez do Meuse, que lhe corre nas fraldas, na época, em que o degêlo lhe solta as aguas, e as arremessa em torrentes impetuosas em direcção ao mar do Norte. Ao findar, porém, o anno de 1476, Commercy não parecia a mesma terra que era. Luiz XI havia concentrado no

Barrois um exercito de oitocentas lanças e quatro ou cinco mil infantes, ás ordens do senhor de Craon; e este, estabelecendo o seu quartel general na tristonha e desanimada cidade, fizera apparecer n'ella um excesso de vida, que lhe era habitualmente impropria.

O apparecimento d'este exercito francez no Barrois não era casual, nem pura consequencia de um simples movimento de tropas. Aquillo era resultado de um plano politico, em que Luiz XI aporfiava ha muito com a sua costumada pertinacia; e para a realisação do qual agora mais que nunca parecia azar-se occasião favoravel.

As derrotas de Granson e de Morat, que se haviam succedido com pequeno intervallo uma da outra, e nas quaes o exercito borgonhez, então reputado um dos mais bravos e mais bem disciplinados da Europa, tinha sido litteralmente esmagado pela titanica intrepidez dos montanhezes helveticos, haviam lançado o temerario e impetuoso duque de Borgonha em melancolia tão profunda e tão negra, que chegára a ameaçar-lhe muito de perto a existencia [1]. Ao despertar d'aquella pavorosa atonia moral, a raiva de Carlos voltára-se de novo contra o duque de Lorena, que anteriormente havia desapossado do ducado, e que á sombra d'aquellas batalhas se havia outra vez apoderado da quasi totalidade d'elle. Invadiu portanto a Lorena, e veio cercar pela segunda vez Nancy, diante da qual se achava n'esta occasião.

Mas o principal e mais temeroso inimigo de Car-

[1] Commines. Mémoires. Liv. v., chap. 3 e 5.

los não eram os suissos, nem o pobre René de Lorena. Era o rei de França; o astuto, pertinaz e traiçoeiro Luiz XI, com a politica do qual a existencia do poder de Borgonha era incompativel; e que se, desenganado da impossibilidade de subjugar pelas proprias forças o poderoso chefe do feudalismo francez, se abstinha de toda a aggressão bellicosa contra elle, nem por isso cessava de, por debaixo de mão, lhe levantar em toda a parte difficuldades e inimigos perigosos. René e os suissos não tinham sido até ali mais do que meios, que, a ambição desregrada e insensata de Carlos lhe mettera nas mãos, e de que elle se servira habilmente. As batalhas de Granson e de Morat foram resultado tanto do desespero, a que o duque de Borgonha levou os cantoens colligados da Suissa, como das promessas e dos conselhos, com que Luiz XI os animava contra elle.

Comtudo, Granson e Morat não haviam attingido o resultado, que era essencial á politica do rei de França. Apesar d'aquellas duas grandes derrotas, Carlos ainda vivia, e era senhor de vastissimos territorios, dos quaes podia fazer surgir exercitos novos. Ao saber dos pavorosos resultados que aquelles desastres haviam produzido no animo do duque de Borgonha, Luiz XI previu logo, que, ao despertar d'aquella terrivel concentração de raiva e de actividade, a marrada do *touro,* como elle chamava a Carlos, seria tão medonha, como impetuosa e cega. Preparou-se, portanto, para aproveitar todas as vantagens, que d'esta cegueira lhe podiam advir. Os seus embaixadores correram a Suissa, gritando alarma por todos os cantoens; o duque de Lorena recebeu logo d'elle o

dinheiro preciso para pôr de pé um exercito recrutado entre os vencedores de Granson e de Morat; e para mais animar uns e outros, Luiz, apenas Carlos invadiu a Lorena, fez marchar para o Barrois e aproximar de Nancy o exercito do senhor de Craon, com o qual poz o borgonhez debaixo da pressão de uma ameaça continua; tudo isto apesar das treguas por nove annos, que ultimamente fizera com elle [1].

Tal era a razão, porque o exercito francez se achava concentrado no Barrois; e tal o estado das cousas em França e na Borgonha no mez de Dezembro de 1476, em que o leitor se encontra, ao principiar a lêr este capitulo.

Havia, portanto, perto de dous mezes que Luiz Fernandes Baldaia deixára o castello do sire d'Albret. O mez de Dezembro estava em meio; e o inverno antecipára-se tão frio e regelado, que, segundo dizem os contemporaneos, não havia em memoria dos homens lembrança de um inverno assim [2]. Ora se isto acontecia no meio dia da França, póde bem fazer-se ideia do que seria no Barrois e na Lorena. Aqui o céo ou se achava, dias e dias, coberto por um manto pardacento, que como que se esfarrapava n'uma chuva permanente de flocos de neve; ou aclarava, limpado por um nordeste frigidissimo, que deixava a descoberto um sol esbranquiçado, e cujos raios não tinham nem brilho nem calor. Os valles e os montes branquejavam cobertos por um immenso e ininterrompido lençol de alvissima neve; os troncos

1 Commines, Mémoires. Liv. v., chap. 7. O. de la Marche, Mémoires. Liv. II., chap. 8.

2 Commines, Mémoires. Liv. v., chap. 10.

das arvores estalejavam, lascando em grandes astilhas; os ribeiros haviam desapparecido debaixo da neve; o Ornain e o Meurthe pareciam de todo paralysados; e o Marne e o Moselle arrastavam as aguas por debaixo de uma vidraça de gelo tão consistente e de tal espessura, que, d'este ultimo, diz um nosso escriptor coévo, que *por elle passavam bestas e carretas como por uma forte ponte* [1].

Fujamos, portanto, para fóra d'este frio siberiano, de que só a recordação faz medo, e recolhamos a toda a pressa para dentro do castello de Commercy, em cuja sala d'armas vamos encontrar um cavalleiro, sentado n'uma cadeira de braços e alto espaldar, com todo o corpo exposto á frouxa e esbranquiçada restea de sol, que entrava por uma das esguias e ponteagudas janellas da sala; e a lêr com toda a attenção uma carta, cuja leitura acompanhava com um sorriso e um quasi permanente meneio ironico de cabeça, que ora diminuia, ora augmentava, segundo as impressoens, que o contexto da carta ia produzindo n'elle.

Era homem de quarenta e cinco a cincoenta annos de idade; gigantesco de altura, espadaúdo, e com todas as apparencias de forças enormes. Tinha o rosto duro e imperioso, mas não desagradavel nem repellente. Esta dureza e esta imperiosidade, que á primeira vista o demonstravam homem habituado a mandar e a ser obedecido, tinham porém a compostura fria e glacial de quem havia estudado por interesse a sciencia de sofrear a soberba imperativa, que lhe era

1 Pina, Chron. de Affonso v., chap. 198.

natureza, até ao ponto de a dobrar á obediencia, que cumpre cegamente, mas sempre de cabeça levantada, as ordens que recebe de quem lhe convem respeitar. N'uma palavra via-se n'elle o senhor feudal, soberbo e imperioso, que soubera amoldar-se ao papel de cortezão de Luiz XI. Tinha vestido um pelote de bom panno e por cima d'elle uma cota de aço azulado, sem braçaes; as calças eram entretalhadas de vermelho, de branco e de azul; e as botas de bezerro branco esfrolado, armadas de esporas douradas. Á cinta tinha apenas uma adaga mettida n'um cinto de couro inglez, coberto de muitos lavores de prata.

Este cavalleiro era Jorge de la Trimouille, senhor de Jonvelle, barão de Craon, conde de Ligny, governador da Champagne, do Brie, da Tourraine, e de muitas outras cidades do reino, commandante em chefe do exercito da França, e primeiro camarista de Luiz XI, de quem era um dos mais aceitos favoritos, e braço direito em todas as emprezas bellicosas. Era n'uma palavra o homem, que commandava o exercito francez, actualmente concentrado no Barrois, para favorecer René de Lorena, no caso da fortuna a este se mostrar favoravel na luta que ia emprehender contra o duque de Borgonha [1].

Jorge de la Trimouille, era então chefe de uma das mais antigas e poderosas familias de França, da qual foi o derradeiro representante. Era soldado valente e destemido, mas sem a menor sombra do genio militar necessario para poder occupar satisfacto-

[1] Cette armée du roy estoit logée en Barrois, comme j'ay dit : laquelle ne faisoit nulle guerre, mais voyoit qui auroit du meilleur. COMMINES. Mémoires, liv. v., chap. 7.

*

riamente o alto cargo, que Luiz XI, lhe havia confiado. O instincto da concussão e da rapina tinha attingido n'elle o ponto mais alto, a que havia chegado na pessoa de qualquer dos seus ascendentes dos seculos X ou XI. Mas a inabalavel e cega lealdade, por mais de uma vez comprovada, com que servia Luiz; e a velhacaria e a cynica indifferença, com que se prestava á execução dos planos mais infames e mais traiçoeiros do tyranno da França, haviam cegado este até ao ponto de tudo lhe tolerar. Tanta era a confiança que Luiz XI acreditava poder depositar n'elle; e tal a amizade que por esse motivo lhe tinha, que vendo-se posteriormente obrigado a demittil-o de governador da Borgonha, em razão do desastre de Dole e das queixas cada vez mais clamorosas dos povos, custou-lhe muito a resolver-se a fazel-o, e, ainda assim, nada mais fez do que substituil-o por outro, sem comtudo lhe tomar contas das concussoens e violencias, de que era accusado [1]. A estas qualidades nada fidalgas, mas a que a fidalguia franceza d'aquella época era geralmente atreita, juntava Jorge de la Trimouille o ser o mais traiçoeiro e desleal dos cortezãos de Luiz, e por

[1] Monseigneur de Craon estoit lieutenant du roy, et avoit la charge de l'armée, et estoit celuy à qui le roy en avoit la fiance; et aussi il estoit sage homme et sur pour son maistre, mais un peu trop aimant son profit. COMMINES. Mémoires, Liv. VI., chap. I.

Le roy commença d'aviser á mettre autre gouverneur en Bourgogne, tant pour ce cas, que pour les grandes pilleries (*du seigneur de Craon*), qui à la vérité estoient excessives. IDEM. Chap. 4.

Le roy deslibéra, pour les raisons dessusdites, de faire gouverneur nouveau en Bourgogne, sans en rien toucher aux profits et aux bienfaicts dudit seigneur de Craon. IDEM.

ventura ainda mais traiçoeiro do que este, como se deprehende do seu procedimento para com João de Chalon, principe de Orange, por occasião da occupação da Borgonha, depois da morte de Carlos — procedimento tão altamente repellente, que fez arrepiar o proprio Luiz XI, que, seja dito de passagem, nem por isso o mandou reparar, tudo por deferencia para com o senhor de Craon, segundo diz com a sua costumada *innocencia* o bom homem e *leal* cavalleiro, Filippe de Commines [1].

Tal era Jorge de la Trimouille, barão de Craon. A carta, que estava lendo com tão evidentes signaes de intima zombaria, dizia assim:

— Monseigneur de Craon, meu amigo; muito me espanto do que me dizeis do cavalleiro Baldaia. Bem sei que este meu novo invento das postas [2] anda mais depressa do que qualquer outro homem; mas já agora tem decorrido tempo bastante para qualquer poder ir de Tours ao Barrois. Portanto, logo que elle chegue, indagai bem a causa de tanta demora; e se ella fôr tal que seja em meu desserviço, como tenho razoens para desconfiar, vós fareis de modo que elle fique calado para sempre, sem que d'isso possa resultar nodoa para a minha honra. E n'isto não haja falta. Em quanto ao que dizeis do bom proveito que o duque de Lorena tem feito com os suissos, e das noticias que tendes da proxima chegada d'estes, muito vos recommendo que em tudo e por tudo vos cinjaes ao que vos digo nas cartas, que pelo dito messire de Baldaia vos remetti. Para

1 Commines. Mémoires, liv. VI., chap. I.

2 Luiz XI foi quem introduziu em França o correio de posta.

o caso, porém, de ellas não vos chegarem ás mãos — o que não espero — deveis saber que é minha vontade que vos hajaes com os suissos e com o duque por fórma tal que eu não caia em caso de traição nem deslealdade com elles, nem com meu primo de Borgonha. Vós bem me entendeis, monseigneur de Craon; e eu tudo fio de vossa grande prudencia e muito amor que me tendes. De tudo o que fôr acontecendo vós me dareis logo noticia. Escripta á pressa, em Plessis-lez-Tours, hoje 23 de Novembro de 1476.

LUIZ.

Jorge de la Trimouille leu esta carta duas ou tres vezes; e a cada leitura ia-se-lhe progressivamente avivando a ironia do sorriso, como quem comprehendia bem o verdadeiro sentido das meias palavras, para fóra das quaes o velhaco Luiz XI não julgava prudente sahir n'uma carta, que se podia por qualquer caso extraviar. Depois de a lêr pela ultima vez, ficou por alguns momentos a olhar distrahido para ella, fazendo-a ao mesmo tempo girar nas pontas dos dedos.

— Ah! ah! — disse por fim, soltando uma gargalhada estridente, na qual se revelava toda a ferocidade da soberba satanica, que por estudo trazia refreada — Ah! ah! Luiz de Valois é devéras um bom caçador de aventuras! Rapoza lhe chamam? Ah! ah! rapoza com garras de tigre, mas garras que se não pegam na rede, por mais que sobre ella passeiem. Muito bem; comprehendo. É preciso proteger os suissos e o loreno para vêr se elles dão cabo do bor-

gonhez; mas protegel-os de fórma que se este levar a melhor d'elles, não venha depois pedir-nos contas de nos irmos metter onde não somos chamados. Entendo, entendo. Ah! Valois, Valois, praza a Deus que por estes desvios e atalhos não vás encontrar algum cepo, onde tombes e quebres as pernas. Mas, por Satanaz! que novas historias são estas com o moço Baldaia? Até agora tudo eram amores e doçuras; agora manda dar cabo d'elle!... Vá! O rapaz deve ter sabido na côrte de França mais do que era preciso que soubesse, para poder andar por estes sitios e Luiz ficar a dormir a somno solto na cama. Ah! Valois! Valois!... Mas que diabo tenho eu com isso? — continuou, encolhendo desdenhosamente os hombros — Elle assim o lê e assim o entende, e eu nada tenho com os negocios alheios. Bastam-me os proprios, e estes vão assim bem. *A chacun son métier... et son profit* — perorou em voz quasi inintelligivel, dobrando ao mesmo tempo com todo o cuidado a carta, que em seguida metteu na escarcella.

Revirou então a cabeça, a meia face, por cima do espaldar da cadeira, que estava com as costas voltadas para a porta, e bradou em voz de trovão:

— Olá, vós outros! Hardouin! Taillefer!... Fazei entrar o mensageiro de el-rei.

Cinco ou seis minutos depois, um homem d'armas abriu a porta da sala, e introduziu para dentro d'ella um outro, sobre o qual a fechou immediatamente.

O recem-chegado era, como parecia pelo vestuario, um simples soldado de leva, por ventura um d'esses mercenarios aventureiros, que formavam en-

tão as companhias francas, que combatiam por quem lhes pagava, e que, não raras vezes, pelejavam, no mesmo anno, contra e a favor do mesmo senhor. Trazia na cabeça um bacinete de ferro pouco lustroso, sem viseira e da feição dos chapéos usados por Luiz XI, com a copa porém mais alta e aguçada. Vestia um loudel de laminas de ferro, com pernas de malha e sapatos ferrados. No cinto trazia uma espada curta e um cutello.

Os ares, os gestos e toda a apparencia d'este homem contrastavam porém singularmente com a pobreza da armadura. Não ha ahi poder imaginar-se mais bella, mais nobre e mais varonil figura.

Mostrava ter vinte e quatro para vinte e cinco annos de idade. Tinha o rosto comprido e moreno; os olhos pretos, grandes, vivos e franjados de compridas pestanas assetinadas; o nariz era aquilino e perfeitamente bem talhado; e a bocca pequena, e assombrada por um farto e comprido bigode preto. O corpo era alto, elegante e bem cinzelado, deixando ao mesmo tempo vêr na facilidade e desempeno dos movimentos extraordinaria agilidade e forças pouco vulgares. O olhar era prazenteiro e alegre, mas penetrante e cheio de luz; o ar agradavel, porém radiante de nobreza e magestade natural; e os gestos e meneios francos e rasgados, d'aquella franqueza que indica o habito de viver entre aquelles que são os maiores no meio dos grandes do mundo.

— Aproximai-vos — disse em voz imperativa o senhor de Craon, que se achava, como escrevi acima, de costas voltadas para a porta. — Ah! esse sois, monseigneur! — exclamou de repente, e cheio de pasmo,

ao dar com os olhos no recem-vindo, que veio até elle com todo o desempeno, e que se lançára sem ceremonia e sorrindo galhofeiramente n'uma outra cadeira espaldar, que se achava a pouca distancia do senhor de Craon, encostada á mesa de carvalho que havia no meio da sala — Ah! esse sois! — disse pois la Trimouille, levantando-se machinalmente e fitando com profundo espanto o recem-vindo — esse sois! Esse... e em tal traje!...

— Eu mesmo, monseigneur de Craon — respondeu o outro com ar jovial — eu mesmo, René, duque de Lorena, vosso grande amigo e servidor.

— Mas como é que a carta d'el-rei Luiz... — balbuciou o senhor de Craon, carregando machinalmente as sobrancelhas e fitando o joven duque com olhar penetrante.

— Eu vol-o direi — replicou este, atirando com o bacinete para cima da mesa, e deixando d'esta fórma a descoberto uma alta e nobre fronte, cercada por magnificos e espessos cabellos negros que lhe cahiam ondeados quasi até os hombros — Eu vol-o direi. Ante-hontem, vindo eu do arraial do duque de Borgonha...

— Vós!... do arraial do borgonhez!...

— E por que não, monseigneur de Craon? Pois cuidaes que sou eu homem que deixe á perspicacia dos olhos dos outros aquillo que me convem observar com os meus?

— Mas, monseigneur, isso é tentar Deus, é provocar loucamente o perigo extremo. Imaginaes, por ventura, o que vos succederia, se fosseis descoberto?...

— E este traje, monseigneur de Craon? Pois então de que serviria a René de Lorena o ter envergado a couraça de um landsknecht, se ella não fosse capaz de o transformar até diante dos olhos do proprio Carlos de Borgonha? Pensai bem n'isto, monseigneur de Craon — disse o duque com a mais prazenteira leviandade possivel.

— Monseigneur — volveu Jorge de la Trimouille, carregando gravemente o rosto — perdoai-me, mas n'isso não andaes assisadamente...

René ergueu a mão, e com gesto galhofeiro, mas com ares de soberano, fez-lhe signal de quem queria ser escutado; e logo o interrompeu assim:

— Sahindo eu pois como vos dizia do arraial do duque de Borgonha, onde fui observar por meus proprios olhos o estado em que as cousas se acham ali — porque eu gosto de vêr com os meus proprios olhos, monseigneur de Craon — acrescentou, accentuando como que casualmente estas palavras, e sorrindo ao mesmo tempo com benevolente leviandade para o seu interlocutor — encontrei estendido nas margens do Meurthe um pobre homem, junto do qual, a distancia, se me afigurou que via um d'aquelles bem conhecidos barretes, que usam os guardas escocezes de meu primo de França. Aproximei-me d'elle. Não me havia enganado. O pobre homem era devéras archeiro da guarda escoceza. Estava com a cabeça recostada ao tronco de uma arvore, e tinha a mão esquerda apertada contra uma grande lançada, que havia recebido no peito. Quando cheguei tinha os olhos fechados, parecia morto. Do respirar já cançado e de duas lagrimas, que se lhe espremiam entre

as palpebras, conheci, porém, que ainda havia vida n'elle. Pobre rapaz! — interrompeu-se de subito o duque com a mais delicada expressão de tristeza — recordava-se da patria, da mãe e, quem sabe, se de alguma mulher adorada! Custava-lhe a morrer, porque morria longe d'ella, em terra estrangeira, e de morte ingloria e traiçoeira!

— Em fim, monseigneur de Craon — continuou, limpando uma lagrima, que furtivamente se lhe ia deslizando pelas faces abaixo — aproximei-me d'elle, e elle, sentindo-me pegado comsigo, abriu os olhos, fitou-me, e exclamou com o rosto animado por subita alegria:

« — Ah! sois vós, monseigneur de Lorena! Foi Deus que vos trouxe aqui. Tomai esta carta, que el-rei de França me deu para a entregar em mão propria ao senhor de Craon. A ninguem interessa mais do que a vós. Tomai-a pois, e fazei-lh'a entregar!

« — Mas como vieste aqui parar? Tão desviado de Commercy, onde está monseigneur de Craon!

« — Eu não sabia o caminho — respondeu elle — Um bohemio que me deram para guia em Troyes, desappareceu-me logo ao segundo dia. Fui andando para diante, perguntando sempre pelo caminho de Bar-le-Duc, onde esperava alcançar outro guia. Quatro dias depois de sahir de Troyes, encontrei-me com tres bésteiros, que me disseram que pertenciam á hoste do senhor de Craon, e que se me offereceram para guiar-me até elle. Aceitei, e apesar de desconfiar dos logares desviados por onde caminhamos d'ahi por diante, uns poucos de dias, não tive remedio senão fiar-me inteiramente d'elles, porque eu de todo

ignorava a terra. Esta manhã chegamos aqui, e aqui encontramos dous landsknechts, que immediatamente se reuniram aos meus guias, como quem muito bem os conheciam. As minhas desconfianças cresceram, e de todo por fim se transformaram em certeza, quando os ouvi conversar em lingua estrangeira, relanceando-me suspeitosamente durante a conversação. Era preciso tomar uma resolução extrema. Empunhei o montante, e bradei aos bésteiros que se pozessem a caminho para Commercy. A resposta foi uma gargalhada, e o dizer-me um d'elles que estivesse quedo, que, pois estavamos pegados com Nancy, podia forrar-me ao trabalho de procurar o senhor de Craon, dando ao duque de Borgonha, o recado que para elle trazia. Arremessei o cavallo para sobre elles... Mas eram muitos...

— Aqui o pobre rapaz já mal podia fallar — continuou o duque — esteve pois calado alguns instantes, e por fim disse-me anciadamente e fazendo sublimes esforços para reter a vida, ao menos o tempo preciso para me dizer o seguinte:

— Monseigneur de Lorena, se amastes vossa mãe, como eu amo a minha, rogo-vos pela memoria d'ella, que mandeis procurar em Tours meu irmão Nigel Mac-Leod, soldado da guarda escoceza d'el-rei de França, e lhe façaes entregar este relicario, para que elle o envie a nossa mãe, com uma saudade...

— Ao chegar aqui, calou-se, quiz estender o braço para mim mas o braço descahiu — o relicario tombou por terra — o triste soltou então algumas palavras na lingua natal — e morreu...

O joven duque esteve alguns minutos silencioso

como que a dar tempo a que se esvaisse a dôr, que a recordação d'aquelle acontecimento lhe causava; por fim continuou:

—Eis, pois, como a carta de meu primo de França me veio ás mãos. Receioso de que ella se estraviasse, e fosse parar a outro logar, a que por ventura fosse perigoso que chegasse, resolvi-me, mal a recebi, a ser eu proprio quem vol-a trouxesse. Puz-me, pois, a caminho. E aqui tendes, monseigneur de Craon — perorou o duque, retomando o seu primitivo ar prazenteiro — a razão porque me achaes transformado em mensageiro d'el-rei Luiz.

Depois d'estas palavras, os dous ficaram alguns minutos calados, a olharem um para o outro.

— Monseigneur — disse por fim o senhor de Craon — confesso-vos com franqueza que a vossa presença me surprehendeu singularmente. Os meus informadores tinham-me dito que os suissos já estavam em marcha para Nancy, e que vós vinheis com elles...

— E não vos enganaram — interrompeu finalmente o duque — os senhores da liga, como el-rei de França lhes chama, já occuparam Schelestadt, e ahi permanecem aguardando por mim. Mas, a proposito, monseigneur de Craon — exclamou, interrompendo-se de golpe e cravando perscrutadoramente a vista no valido de Luiz XI — já que me acho aqui, deixai-me aproveitar a occasião para vos pedir a mercê de me dizerdes francamente o que temos a esperar de vós e do exercito que commandaes.

Ao ouvir estas palavras, o senhor de Craon le-

vou machinalmente a mão á escarcella, onde mettera a carta de Luiz XI.

—Monseigneur, por ventura...—balbuciou, fitando no duque um olhar duro e scintillante.

O rosto de René de Lorena carregou-se magestosamente.

—Monseigneur de Craon—disse, depois de um instante de silencio, com altivez e soberania—a carta que vos entreguei, tinha a atadura e os sellos inteiros. O duque de Lorena é incapaz de commetter uma infamia, ainda que seja em proveito proprio.

—Monseigneur—acudiu anciosamente la Trimouille, como que cahindo em si—não me façaes a injustiça de crêr que eu seja capaz de descer á baixeza de desconfiar...

—Basta—atalhou soberanamente o duque—E bem, monseigneur de Craon—continuou em seguida com ar prazenteiro—não me fareis a mercê de me dizer francamente o que eu e os meus alliados temos a esperar de vós? Bem vêdes que nol-o cumpre saber, para, segundo vossa determinação, assim delinearmos a campanha.

Jorge de la Trimouille, enleado por esta insistencia, ficou sem responder alguns minutos, durante os quaes não tirou de cima do duque a vista distrahida e scintillante.

—Monseigneur—respondeu por fim—vós bem sabeis que el-rei Luiz mandou para aqui este exercito, com o fim de vos auxiliar a tempo proprio. Por agora não posso dizer-vos ao certo o que hei-de fazer de mim. O cavalleiro Baldaia, por quem el-rei me enviou uma carta, na qual, segundo esta que me

entregastes, me dava as derradeiras ordens, ainda não chegou, e assim não sei...

— Oh! se é só por causa d'elle — interrompeu o duque, sorrindo — prazerá a Deus que aqui esteja dentro em poucas horas. Hontem o deixei em Bar-le-Duc, com a determinação de partir esta madrugada... Olhai, monseigneur de Craon — exclamou aqui, interrompendo-se de subito, com intimativa, mas com a mais franca expressão de confiança — eu de vós tudo espero... e tenho direito a esperar, por que bem sabeis que o motivo d'esta guerra que o duque de Borgonha me poz, foi o desafio que lhe mandei, quando elle estava no cerco de Nuz, e que lhe fiz para satisfazer ao vosso pedido e servir el-rei de França... [1]

— Perdoai, monseigneur — acudiu Jorge de la Trimouille — assim foi como dizeis em quanto ao desafio; mas, ácerca da causa d'esta guerra, vós bem sabeis que o duque de Borgonha allega que não podeis succeder no ducado de Lorena, porque descendeis de femea, e o ducado, como feudo do imperio, não póde passar senão a varão...

— Deixemos-nos de refolhos, monseigneur de Craon — atalhou o duque carregando duramente o sobr'olho — deixemos-nos de apparencias e de subtilezas. Diga embora o que quizer o duque de Borgonha, vós bem sabeis que a causa d'esta guerra foi o desafio de Nuz.

Depois d'estas palavras, os dous ficaram por alguns minutos silenciosos, e como que abysmados no

[1] Commines. Mémoires. Liv. IV., chap. 2.

tumultuar de pensamentos que aquella recordação lhes suscitava.

— Monseigneur — disse por fim o senhor de Craon, desejando dar outra direcção á conversa — vós me dissestes que deixastes hontem o cavalleiro Baldaia em Bar-le-Duc, e que d'elle soubestes que partiria esta ante-manhã para aqui. Assim, senhor, fallastes com elle; por ventura, não vos deu um recado que el-rei Luiz lhe encarregou de vos dar?...

René fitou por um momento com olhar perscrutador o senhor de Craon, e respondeu em seguida:

— Eu não lhe disse quem era; apenas durante a conversação lhe dei a entender que era um homem d'armas da casa de Lorena. Ah! monseigneur de Craon — exclamou de repente com enthusiasmo — aquelle é um nobre e grande moço, uma alma cheia de grandeza e de altas aspiraçoens, um verdadeiro cavalleiro em fim. Bem o conheci da nobre e corajosa franqueza, com que me fallou. Feliz o principe que poder adquirir a amizade e o braço d'aquelle homem!

— E bem; porque o não tentastes? — disse, sorrindo, o senhor de Craon.

O duque de Lorena tornou a relancear o senhor de Craon com o seu olhar vivo e scintillante; depois franziu um pouco o sobr'olho, cruzou uma perna sobre a outra, e disse com ares de amo soberbo, ao tolerar as familiaridades d'um creado de muitos annos:

— Fiz mais do que tental-o; consegui-o.

— Bravo, monseigneur!

— Na nossa conversação — continuou o duque,

sem fazer caso do tom jovial, em que Jorge de la Trimouille se esforçava por desenrugar o seu natural sobrecenho soberbo — viemos naturalmente a tocar nas questoens de Carlos de Borgonha com René de Lorena; e, com muita magoa minha, conheci sem difficuldade, que o valor e a coragem temeraria de Carlos exercia sobre o caracter generoso e audaz d'aquelle moço tal influencia, que nem tudo o que na côrte de França, ouvira dizer da justiça da causa do desthronado e perseguido duque de Lorena era capaz de contrabalançar. Eu não sei se conheceis o cavalleiro Baldaia, monseigneur de Craon; mas o que vos asseguro é que basta olhar para elle uma vez, para se desejar ter razão aos olhos d'um homem como aquelle. Foi o que machinalmente tentei conseguir; e taes palavras me inspirou Deus para lhe provar os meus direitos e para lhe pintar os esforços, com que luto, ha tanto tempo, só e desajudado, contra o colossal poder de Borgonha, que, á medida que eu ia fallando, os olhos e as feiçoens d'aquelle moço, verdadeiramente generoso e cavalleiro, se iam enchendo pouco e pouco de enthusiasmo, que me era favoravel. Assim podeis crêr a satisfação com que lhe ouvi exclamar:

« — Viva Deus! Se tal é como dizeis, o duque de Lorena é um valente cavalleiro, e mal anda o duque de Borgonha em preferir usar da superioridade do seu poder a propôr-lhe o deciderem a contenda n'uma estacada, homem por homem, como bravo e leal que se presa de ser.

« — E se eu vos disser que René de Lorena lhe tem proposto por mais d'uma vez esse alvitre, e que

o duque de Borgonha o tem soberbamente recusado? — acudi, aproveitando a occasião que me era offerecida por estas ultimas palavras.

« — Isso não póde ser, mancebo — replicou elle — Vós fallaes o que não deveis contra um valente e nobre principe. Perdôo-vol-o á conta do amor que vos cega por vosso senhor. Carlos é um verdadeiro cavalleiro, e por isso incapaz de recusar um duello de corpo a corpo, quando a elle fôr chamado por quem tem direito a usar esporas de cavalleiro.

« — E comtudo, messire de Baldaia — insisti com força — o que vos digo é verdade. O duque de Lorena já o mandou desafiar por tres vezes; de todas se recusou elle ao combate, e na ultima jurou que enforcaria qualquer mensageiro, que a elle voltasse, da parte de René, com este ou com outro recado. Mas duvidaes? Pois bem; eu sou homem da casa de Lorena, e como tal vos fio que o duque, meu senhor, por vós mandará ao borgonhez novo desafio, se, apesar do que vos acabo de dizer, ousardes ir a elle com esta incumbencia.

« — E por que não? — exclamou aquelle generoso cavalleiro. — Nunca se dirá que Luiz Fernandes Baldaia se recusou a um feito de honra, e sobre tudo tal como este, em que tanto vai á gloria da cavalleria. E, juro a Deus! — acrescentou pondo-se de pé e estendendo com intimativa o braço para mim — juro a Deus, que, se Carlos se recusar ao repto, eu o proclame principe tyranno e cavalleiro cobarde e desleal em todas as côrtes da Europa.

— Bravo! Muito bem! — exclamou aqui o barão de Craon, dando uma gargalhada e batendo as

palmas — Bem se vê que o cavalleiro Baldaia nasceu na terra, onde se escreveu o Amadis.

— Ou antes, que não nasceu na côrte de França — replicou severamente o duque — onde n'estes degenerados tempos que vão de todo se esqueceu o que é a verdadeira cavalleria.

— Perdoai, monseigneur — volveu com dureza o senhor de Craon — mas do que me contastes deduz-se evidentemente que ella não se conhece melhor na côrte de Lorena. Vós bem sabeis que Carlos de Borgonha não deixará de cumprir o juramento que deu de enforcar o mensageiro que de vossa parte a elle voltar; e comtudo aceitastes a promessa de um enthusiasta, que não sabe quem é Carlos de Borgonha...

René de Lorena ia a interromper severamente o senhor de Craon; mas a porta da sala abriu-se de subito, e um pagem que appareceu no limiar d'ella, disse, depois de fazer profunda mesura:

— Monseigneur, acaba de chegar um cavalleiro, que diz vir de Tours, e que insta por fallar immediatamente comvosco.

— É elle — balbuciou o duque, fitando significativamente o senhor de Craon.

— Fazei-o entrar — respondeu este immediatamente ao pagem.

Minutos depois sentiu-se o roçar das peças de uma armadura, jogando umas sobre as outras, e o som metallico e pesado de uns sapatos de ferro, caminhando sobre as lages que formavam o pavimento do corredor, que conduzia á sala d'armas. Em seguida assomou no limiar da porta a figura varonil e

esbelta, agora completamente armada, do filho do vereador Baldaia.

— Ah! esse sois, messire de Baldaia! — exclamou Jorge de la Trimouille, correndo para elle com os braços abertos e um sorriso de alegria nos labios — Sêde bem vindo, mancebo: ha muito que aguardo por vós, e grandes devéras tem sido os cuidados, em que me tem posto vossa tardança e as cartas sobre cartas, que a vosso respeito tenho recebido d'el-rei.

— Dou-vos as graças, monseigneur de Craon — respondeu cortezmente o Baldaia; — e em quanto á minha tardança não ha que pasmar. De Tours a Commercy não é tão facil o viajar, como se pensa; e, eu fiador, que el-rei de França não governa nos caminhos e estradas do seu reino, com poder tão absoluto como em Paris ou em Tours. Se eu lograr voltar a Plessis, hei-de dizer-lhe que mais mingoa ha por aqui, do que lá, do preboste Tristão e dos seus serventes. Nunca pensei que para chegar até vós, monseigneur, me fosse preciso quebrar tantas lanças, saltar por cima de tantas ciladas, punir tantos espias, e escorraçar tantos salteadores. Por minha fé, que este vosso reino de França se assemelha em muito ás charnecas e ás florestas da minha terra, onde os ursos e os lobos fazem guerra uns aos outros para saber a qual d'elles pertence o prear sobre o viandante, que a necessidade obrigou a atravessar por aquelles desvios. Mas graças a Deus que me deu forças e arte para me livrar com a vida do meio de todos esses azares, e poder assim chegar até vós e entregar-vos a carta que el-rei Luiz con-

fiou com tamanhos esconjuros á minha guarda. Eil-a aqui pois.

Assim dizendo, puxou da adaga, e, rasgando com ella um chumacete capeado de couro, que trazia pregado á parte interna do tonelete do lado direito, tirou d'elle uma carta, e entregou-lh'a.

O senhor de Craon tomou-a cortezmente, e dirigindo-se para distancia, pediu licença, rompeu o fio de sêda e os sellos e pôz-se immediatamente a lêl-a.

Entretanto o moço Baldaia reparou melhor no companheiro do senhor de Craon, e, reconhecendo-o, aproximou-se immediatamente d'elle.

— Ah! vós aqui! — exclamou, fitando-o como admirado de vêr um simples homem d'armas tão commoda e familiarmente sentado na presença do barão de Craon.

— Eu mesmo, messire de Baldaia — replicou o joven duque, tomando-lhe affectuosamente a mão e puxando-o para junto de si — eu mesmo, René de Lorena, que aqui vim esperar-vos, não só para receber de vós o recado que el-rei de França vos confiou, mas para vos agradecer de todo o coração a offerta generosa que em Bar-le-Duc me fizestes.

— Ah! ereis vós! — replicou o Baldaia, forcejando cortezmente por desaferrar a mão da presa, totalmente familiar, com que o duque lh'a tinha entre as d'elle — Perdoai, monseigneur, se alguma cousa então disse que vos offendesse. Eu não vos conhecia; nem, por minha honra, sou homem capaz de dizer uma cousa por outra, seja quem fôr aquelle a quem fallo. Em quanto ao recado d'el-rei Luiz...

— Antes de o ouvir — atalhou o duque — per-

mitti que vos diga duas palavras, messire de Baldaia. Juro-vos por minha honra que em tudo o que a meu respeito dissestes em Bar-le-Duc ao homem d'armas do duque de Lorena, em nada vi eu offensa, antes por isso vos tive logo na conta de um nobre e valente cavalleiro. Monseigneur de Craon póde abonar a verdade d'isto que vos digo. Em quanto á vossa promessa, cavalleiro — acrescentou, relanceando o barão de Craon com um sorriso de soberba ironia — espero que me façaes a justiça de acreditar que eu vos não considero por fórma alguma obrigado por ella. O juramento que fez o duque de Borgonha, quando lhe mandei o meu ultimo recado, estorva á minha honra que eu de novo confie a pessoa alguma uma missão que, depois d'elle, significa uma verdadeira sentença de morte.

Luiz Baldaia ouviu respeitosamente o duque até o fim.

— Sobre isso depois fallarei, monseigneur René — disse, logo que elle se calou — Por agora permitti que vos diga o recado que el-rei Luiz me incumbiu de vos dar.

— Dizei pois.

— Dai-me então licença — continuou o Baldaia; e curvando-se para o ouvido do duque, disse-lhe em voz apenas audivel por elle — « Agua molle em pedra dura tanto dá até que fura; e na vossa a Providencia poz uma tal liga, que não só a furará, mas despedaçal-a-ha. Teima, e vencerás. » Tal é o recado d'el-rei Luiz.

— Ah! isso vos disse?

— Isso, e estas as proprias palavras de que se ser-

viu — continuou o Baldaia — agora em quanto á minha promessa, perdoai-me, mas não tornarei atraz com o que disse. Eu não sou homem que morra de abafas, e o duque de Borgonha é tal cavalleiro que não ha-de esquecer as ordenanças da cavalleria, que professa e que jurou. Irei, pois, aconteça o que acontecer. Como homem de honra, devo cumprir o que prometti; como cavalleiro, não devo consentir que as leis da cavalleria se calquem e violem diante de mim. Irei, pois, monseigneur.

René de Lorena poz-se de um salto a pé, e, tomando o Baldaia entre os braços, apertou-o com força contra o coração.

— Nobre e generoso mancebo! — exclamou com os olhos rutilantes de enthusiasmo cavalheiresco — vós ereis digno dos bons tempos da cavalleria! Mas os que vão, são um laço armado de continuo ás vossas grandes e leaes aspiraçoens. Não ireis, não; porque eu não quero que um tão bom e leal cavalleiro como vós, morra ignobilmente por minha causa; porque deveis desenganar-vos, messire de Baldaia, Carlos de Borgonha é um touro furioso, que na impetuosidade do furor que essencialmente o domina, calca aos pés os mais nobres e generosos sentimentos, pelos quaes a parte sensata e fidalga da sua alma o obrigaria a sacrificar a vida, se por ventura o furor, que lhe é natureza, o não trouxesse vendado de continuo. Não ireis, pois; não ireis, que o não consinto eu, porque ficaria eternamente deshonrado, se vol-o consentisse.

— Monseigneur de Lorena — volveu serenamente o Baldaia — irei. O duque de Borgonha é neto

de D. João I de Portugal, que foi em seu tempo um dos mais nobres e mais leaes cavalleiros do mundo. Assim não póde praticar villanias. Mas quando tal não fosse, sabei, monseigneur, que irei, porque disse que havia de ir. Sou portuguez e nasci n'uma cidade, onde o primeiro sentimento que as mães inspiram aos filhos é o de sacrificarem a vida ao dever e á honra; e o mais honrado exemplo que n'ella lhes deixam os paes é o de cumprirem o que uma vez prometteram, é o de jámais dizerem *não*, depois de dizerem *sim*. Assim irei, monseigneur, irei; porque, se não fôr para desafiar Carlos de Borgonha em vosso nome, irei para o desafiar no meu.

Quando o Baldaia acabou de dizer estas palavras, o senhor de Craon, que estivera até ali com um olho na carta e o outro nos dous moços, acabou de a lêr e metteu-a na escarcella.

—Monseigneur de Lorena — disse então — já posso dizer-vos francamente o que tendes a esperar de mim. Podeis confiadamente avançar para Nancy, que, se cumprir a vosso serviço, tenho ordem expressa de el-rei para cahir sobre o duque de Borgonha com o exercito, que commando.

—Ah! sim — respondéu o duque, franzindo ironicamente os labios e fitando com firmeza o senhor de Craon — Ah! sim! Mas dizei, será antes ou depois de romper a batalha?

— Isso segundo aprouver a Deus — replicou com toda a gravidade o valido de Luiz XI — Um capitão prudente nunca toma resolução definitiva senão na presença dos acontecimentos. Assim, será, segundo elles me requererem que obre.

René de Lorena avivou mais o seu sorriso ironico, e, sem desfitar o barão de Craon, soltou uma risadinha de escarneo, por entre a qual deixou cahir uma a uma estas palavras:

—El-rei de França tem devéras capitaens muito leaes e muito prudentes. Ora proverá a Deus, monseigneur de Craon, que eu e os suissos vos forremos ao incommodo de meditar ácerca do melhor modo de cumprir as ordens, que acabaes de receber. E assim será melhor, porque ficareis de todo em paz com a vossa consciencia.

Acabando de dizer estas palavras, o duque dirigiu immediatamente a conversação para os acontecimentos que haviam difficultado a jornada do Baldaia desde Tours até o Barrois, forcejando, mas inutilmente, pelo desviar do proposito de ir a Nancy desafiar o duque de Borgonha.

Ao cahir da tarde, René e o cavalleiro portuguez pozeram-se a caminho em direcção ao exercito dos confederados suissos. O senhor de Craon metteu-se com elles na barca, que os transportou para a margem esquerda do Meuse, e ahi se despediu d'elles. Em seguida voltou para Commercy. Durante o trajecto, os dous cavalleiros e Pero Nagalho que os acompanhava, desappareceram por fim por entre as tortuosidades de uma vereda, aberta por entre a espessa floresta, que ali sombreava as margens do rio. Jorge de la Trimouille que os não desfitára, entretanto que elles foram visiveis, voltou então a cabeça, e continuou pensativo até desembarcar na margem opposta. Minutos depois encolheu os hombros, e rosnou por entre um sorriso de cynica ironia:

—Elles lá vão. Duas boas cabeças devéras! Mas vêde agora como ellas se armam! É o proprio Baldaia que aporfia em procurar occasião, onde o façam calar para sempre! Pois o borgonhez é homem ainda para mais. Tanto melhor. Assim se cumprem as ordens d'el-rei, sem pecha de desaire para nós, nem remordimentos de consciencia.

Aqui parou e calou-se de golpe, fitou os olhos abstractos em terra, e assim esteve por mais de um minuto.

—Mas, pardiez! —irrompeu em seguida, continuando a caminhar—mal sabe Luiz o que tem no loreno. Elle cuida cegal-o com estas negaças; e o rapazelho é mais esperto e matreiro, que rapoza de muitos dias. Mas, vá! Lá diz o ditado, *rira bien qui rira le dernier.*

X

Peza-me de vir dar n'esta tristeza:
Mas quem póde escusar tristes queixumes,
Vendo que o bem se engeita e o mal se présa.

BERNARDES. — *O Lima. Carta II.*

Tinham passado alguns dias depois das scenas, que o leitor acaba de lêr. Durante elles, havia entrado o anno de 1477, a uma quarta feira.

Eram dez horas da manhã do dia 3 de Janeiro. O frio chegára até onde póde chegar, sem que transforme de golpe tudo em gelo. Soprava do lado do nordeste uma briza verdadeiramente glacial. O sol luzia no espaço como que por detraz de uma leve poeira, que lhe esbranquiçava os raios. Os cumes dos bosques e das florestas, litteralmente envolvidos nas espessas camadas de neve, que se haviam agglomerado sobre elles, assemelhavam montanhas alvissimas e scintillantes, levantadas sobre enormes espeques acima da superficie da terra. As arvores, que n'esta se destacavam solitarias aqui e ali, pareciam gigantes columnas de jaspe rutilante, de dentro das quaes se sentiam estalejar a espaços surdos ruidos, ao som

dos quaes se desprendia e desabava um florão de gelo, dos que se lhe recortavam caprichosamente nas faces. Aquelle era um verdadeiro dia de frio — do frio que se sente nos paizes do norte da Europa, e que arremeda muito de perto o que infesta eternamente as regioens polares. A natureza parecia encolher-se entorpecida diante d'aquella espessa camada de neve, debaixo da qual jaziam paralysados todos os primores da vida vegetal.

Ás dez horas, pois, da manhã d'este dia frigidissimo, uma cavalgada de dez ou doze homens d'armas, precedida por tres cavalleiros, que d'elles se distinguiam pelas plumagens, que lhes fluctuavam sobre os morrioens, descia a passo travado pela encosta da collina, que se levanta a pouca distancia da margem direita do Moselle, a cousa, pouco mais ou menos, de duas leguas e meia distantes de Nancy.

Os tres cavalleiros, que vinham cobertos por grandes mantoens escarlates, que os resguardavam desde o pescoço até os pés, e que se alargavam ao mesmo tempo fartamente por cima dos arreios dos cavallos, ligeiramente acobertados, eram precedidos por um outro, que, a despeito do frio, vinha sem manto nem ferragoulo, e que trazia por unicas armas defensivas uma cervilheira na cabeça, e uma cota de malha, por sobre a qual vestia uma jorneia de velludo carmezim. Trazia á cinta, do lado esquerdo, uma espada d'armas, mais comprida e mais larga do que as usuaes, e da direita uma adaga de punho de ouro, na maçã da qual rutilava um enorme rubim. Cavalgava n'um possante e soberbo cavallo rosilho, cujo freio era de ouro, e de ouro igualmente os estribos, bem como

as nominas e o espigão da testeira da rica e comprida coberta de couro imprensado, que lhe encouraçava o corpo.

Este cavalleiro era Carlos, duque de Borgonha; e os outros tres, Oliveiros de la Marche, seu principal favorito e capitão dos seus ginetes; o conde de Chimay; e Josse de Lalain, bailio soberano de Flandres, um dos mais esforçados cavalleiros da época, e descendente de uma familia afamada por altos feitos de cavalleria.

Quando esta comitiva chegou á margem do Moselle, Carlos fez parar o cavallo de golpe, e descavalgou com desenvoltura e de um salto. Em seguida espalmou a mão sobre os olhos, para arredar os raios do sol, que n'elles lhe batiam de chapa; observou por um momento a collina, que se erguia na margem d'além, e depois disse algumas palavras em italiano a um pagem, que acudira a tomar-lhe o cavallo da redea. O pagem relanceou a margem opposta, e respondeu apenas um monosyllabo. Carlos poz-se então a passear, com manifestos signaes de impaciencia, ao longo da borda do rio, resmoneando sons indistinctos e inarticulados, e parecendo totalmente esquecido dos cavalleiros e homens d'armas que o acompanhavam, e que haviam descavalgado ao mesmo tempo que elle.

Carlos, o temerario, duque de Borgonha, tinha quarenta e quatro annos de idade. Era de estatura gigantesca, reforçada e espadaúda, tal qual era preciso que fosse para poder grangear a reputação, que tinha, de ser o primeiro justador e o mais vigoroso lutador e jogador de barra, que então havia na Eu-

ropa. Tinha o aspecto duro, imperioso e colerico. Os olhos rutilavam-lhe com luz scintillante e como que reflexo do furor em ebullição permanente. No rosto lia-se-lhe a soberba, que não admitte superiores, nem mesmo iguaes; fusilava a ambição para quem o mundo é espaço estreito, e que com nada se farta, porque tudo é pouco para as altas aspiraçoens que alimenta; e resplandecia a coragem, a rapidez de acção e a cega ousadia, que lhe adquiriram a alcunha, porque é conhecido na historia, e que devéras compendia o caracter d'aquelle homem singular, que, sendo pequeno potentado feudatario da França, chamou, durante annos, a attenção da Europa sobre si, e viu a sua amizade requestada pelos reis mais poderosos d'ella.

Ao valor pessoal, á audacia das aspiraçoens, á presteza de execução e ao amor excessivo da guerra, Carlos juntava outras muitas qualidades, que são essenciaes em todos os conquistadores. Tinha corpo e saude de ferro; era grande soffredor de trabalhos e fadigas; possuia caracter incançavel, pertinaz e activissimo; e era disciplinador rigoroso e severo. Antes dos desastres de Granson e de Morat, era lhano e affavel para com todos, apesar do seu genio excessivamente irritavel; e grande favorecedor de cavalleiros, que procurava authorisar pelas attençoens, com que os tratava. Era largo de mãos sem ser perdulario; opulento e faustuoso no vestuario e no tratamento de sua pessoa e casa; grande caçador, musico e poeta; e amigo de receber embaixadores, diante dos quaes se comprazia em ostentar a sua opulencia e a sua grandeza. Os grandes thesouros, accumulados por seu pae, Filippe, o Bom, que eram taes que nem

todas as guerras, nem todos os desastres, nem todos os desvarios cavalheirescos de Carlos foram capazes de exhaurir totalmente, davam-lhe meios para poder saciar fartamente esta condição essencial do caracter, que tinha, e para se poder apresentar diante da Europa como um dos mais opulentos e magnificos principes d'ella.

As derrotas de Granson e de Morat alteraram radicalmente o caracter d'aquelle homem soberbo, e que não soffria sequer a possibilidade de ser suspeitado inferior a alguem n'este mundo. Assim a natural iracundia transformou-se em furor quasi insano; e a lhaneza e a affabilidade tornaram-se soberba ferocissima e dureza intratavel, que pretendia metter tudo debaixo dos pés, como que para protestar contra aquella injuriosa suspeita. Ao mesmo tempo a incançavel e energica actividade que tudo prevenia, e tudo preparava, esbarrando de encontro áquelles dous desastres, que não podéra sobrepujar, esfriou, como que amuou concentrada no furor impotente, e foi substituida pelo desleixo quasi total de todas as cousas, desleixo contra o qual o orgulho e a natural impetuosidade se pretendiam sanear, arrojando-o cegamente aos perigos, sem reparar se estava ou não preparado para elles. A vontade de ferro, que não pedia nem admittia conselho, amolleceu a ponto de o collocar na necessidade de ouvir as opinioens dos outros para poder systematisar as proprias ideias; mas a soberba, fazendo-lhe crêr desairosa esta necessidade, reagia, espicaçando-lhe o furor e fazendo-o desprezar os conselhos alheios, por isso mesmo que tinha a consciencia de que lhe eram necessarios. O

amor, com que cultivava as artes liberaes e todos os feitos da cavalleria, foi substituido pela indifferença ou antes pelo aborrecimento d'ellas. Ao fausto, e á opulencia succederam a incuria e até o desleixo pelo aceio da propria pessoa. Foi em razão de todas estas modificaçoens tão salientes e tão importantes, que os contemporaneos acreditaram, e não sem razão, que a impressão, causada pelas derrotas de Granson e de Morat n'aquelle caracter singularmente orgulhoso e altivo, tinham deixado após si alguma cousa, que se assemelhava á insania [1].

Tal era o duque de Borgonha, Carlos, o temerario, depois que viu esmagado, pela titanica impavidez dos montanhezes helveticos, o orgulho provocador e impetuoso, com que se reputava superior a todos os principes da Europa.

Carlos, havia cinco minutos se tanto, que tinha desmontado. Durante este curto espaço de tempo levára mais de vinte vezes a mão espalmada para cima dos sobr'olhos, e fitára impaciente, e batendo com o pé no chão, a collina fronteira. De repente bradou em voz aspera e irritada:

— Messire de la Marche, não me dissestes que el-rei meu primo mandára recado de que chegaria hoje ás dez horas da manhã?

— Senhor, sim — respondeu o capitão dos ginetes e futuro historiador das grandezas da casa de Borgonha — e a julgar pelo sol, a mim se me afigura que não deve estar longe. Aquelle será... por

[1] Commines. Mémoires. Liv. I., chap. 4: liv. III, chap. 3: liv. V., chapp. 3, 5, 6 e 9: liv. VI., chap. 13. — Oliv. de la Marche. Mémoires. Introd. chap. 5.

vida! — exclamou de repente, apontando para a margem esquerda do Moselle.

Carlos volveu os olhos para a direcção indicada. Na crista da collina fronteira assomava n'aquella occasião uma apparatosa cavalgada de mais de duzentos pagens e homens d'armas, cujos bacinetes e lanças aprumadas, lampejavam aos raios do sol, como myriadas de relampagos de vivissima luz argentada, que tivessem escolhido um retalho do espaço, para doudejarem a capricho. Á frente d'esta companhia vinham uns quarenta e tantos cavalleiros, cobertos de mantoens e ferragoulos de côres variegadas e vistosas, e sobre cujos elmos e morrioens ondejava, ao grado da briza frigidissima, uma verdadeira floresta de plumas brancas e vermelhas.

A cavalgada, que principiava a descer a passo largo a encosta, metteu de subito a trote rasgado, como se tivera por fim descortinado a comitiva do duque de Borgonha. Ao trote seguiu-se logo apressado galope, apenas o terreno se tornou menos declive. D'ahi a minutos a comitiva estava toda junta da margem do rio, em frente do logar, onde Carlos se achava. N'um momento os cavalleiros atiraram com os mantos para as ancas dos cavallos, e toda a cavalgada pôz pé em terra.

O duque de Borgonha dirigiu-se então apressadamente para o rio, e por cima da vidraça de gêlo, em que o frio transformára as aguas, correu ao encontro dos seus hospedes. Ao mesmo tempo, destacou, da frente dos recem-vindos, um cavalleiro, que com passo igualmente apressado, se dirigiu tambem por cima do rio ao encontro de Carlos de Borgonha.

Este cavalleiro era de facto Affonso v.

Carlos, o temerario, e Affonso, o africano, chegaram por fim um ao outro. Estavam precisamente sobre o meio da corrente do impetuoso Moselle, cujas aguas geladas lhe offereciam agora pavimento tão solido como se fôra de rigissimo granito: —solo na verdade dignissimo para taes dous homens, se encontrarem pela primeira vez [1].

—Sêde bem vindo, senhor primo, sêde bem vindo — exclamou com franco enthusiasmo o duque de Borgonha, apertando com força o primo contra o peito, e em bom e legitimo portuguez, que elle fallava, como quem o aprendera da mãe na infancia. —Sêde bem vindo e bem chegado, e crêde que de todas as mercês a maior que a ventura me podia fazer n'esta hora, era a de me realisar o grande desejo, que ha muito trago commigo, de poder, algum dia, abraçar o filho do irmão de minha mãe [2].

Ao dizer estas palavras, que lhe sahiam ás lufadas pelos labios fóra, e como que impellidas por commoção igual á que agita os leoens, quando sen-

1 El-Rey, per terra regellada e toda cuberta de neve, se foy vêr com o Duque, e viram-se e abraçaram-se ambos a pée sobre o meo de huum grande rio todo tam regellado, que per elle seguramente passavam bestas e carretas como per huma forte ponte. Pina. Chronica de Affonso v., cap. 198.

2 Carlos, o temerario, duque de Borgonha, era filho do duque Filippe, o bom, e da infanta D. Isabel de Portugal, filha do nosso rei D. João I. Esta senhora, cujo tino politico, prudencia e coragem varonil foram admirados em França e na Allemanha, morreu e foi sepultada em Gonnaut, d'onde depois da morte de Filippe, succedida em Bourges, poucos annos depois d'ella morrer, Carlos, seu filho, a fez trasladar, conjunctamente com elle, para Dijon, capital do ducado de Borgonha, onde foram os dous sepultados no convento dos Cartuxos.

tem as caricias dos filhos, o duque de Borgonha apertava o primo contra o peito com visiveis signaes de fundamente commovido. Este franco e cordial acolhimento despertou na grande e bella alma de Affonso v todo o amor de familia e o enthusiasmo cavalheiresco, que lhe era inspirado pela alta reputação de grande e esforçado cavalleiro, que tinha, por toda a Europa, aquelle homem, seu parente tão proximo. Por alguns minutos, pois, o rei de Portugal, com as lagrimas a marejarem-lhe ao de leve nos olhos e os labios entre-abertos, mas sem poder articular palavra, cingiu Carlos duas ou tres vezes contra o peito. Por fim arredou-o, sem o soltar de entre os braços, um pouco de si, fitou-o firme e exclamou:

— Deixai-me olhar bem para vós, senhor primo. Os que ainda conheceram o nosso valoroso avô, dizem que vossa senhora mãe tinha com elle singular e admiravel parecença. Por ventura herdarieis vós estas nobres qualidades da grande formosura d'ella. Deixai vêr. Mas, por Deus! tanto pelo rosto, como pelos feitos, vós sois por sem duvida verdadeiro neto do esforçado cavalleiro e grande capitão de Aljubarrota e de Ceuta.

— Por S. Jorge! — exclamou o duque, apertando de novo o primo entre os braços — para que fallar em bons cavalleiros e grandes capitaens, onde vós sois, senhor primo? Por vida vossa! Se el-rei D. João, lá onde jaz, não tem que envergonhar-se pelos feitos do neto, de que foi mãe sua filha Isabel, aquelles do filho d'el-rei D. Duarte de Portugal devem ter causado muitas e bem aventuradas invejas a um tão esforçado e grande cavalleiro como elle foi. Sêde, pois,

muito bem vindo, senhor primo; sêde mil e mil vezes bem chegado á minha terra, não só como meu tão proximo parente e amigo, mas como tão grande e nobre rei e valente cavalleiro, cuja visitação enche de muita e grande honra um tão pobre principe como eu sou. Messire de la Marche, messire de Lalain, e vós, conde de Chemay, aproximai-vos — continuou, erguendo a voz, sorrindo e apertando ao mesmo tempo, ao de leve, com o braço direito o primo contra o peito, como que para lhe abafar o comprimento, com que pretendia responder-lhe — Senhor primo, eis aqui tres dos melhores cavalleiros da minha casa, e os tres maiores amigos que n'ella tenho.

Os tres cavalleiros, que haviam seguido o duque a distancia conveniente, aproximaram-se do rei de Portugal, e curvaram diante d'elle o joelho. Affonso v levou-os immediatamente nos braços, dizendo-lhe muitas palavras de louvor, com a franca e rasgada cortezia, com que os cavalleiros da época se tratavam uns aos outros. Depois apresentou ao duque os seus dous proximos parentes D. Affonso, conde de Faro e D. Alvaro de Bragança, filhos do duque de Bragança e netos, como elle e Carlos de Borgonha, de el-rei D. João I; e em seguida D. Lopo de Albuquerque, conde de Penamacor, agora seu camareiro mór e grande privado, e mais tarde pertinaz e desgraçado conspirador contra a vida de D. João II. Depois foi apresentando os outros, entre os quaes se achavam — D. Francisco de Almeida, ainda então joven cavalleiro, mas depois tão notavel na historia portugueza, como primeiro vice-rei da In-

dia; D. Fernando de Almada, filho do celebre Alvaro Vaz de Almada, conde de Abranches; Gonçalo Vaz de Castello Branco, valente cavalleiro, que na batalha de Toro commandava uma das alas da vanguarda portugueza, e foi o primeiro que ensopou a lança no sangue castelhano; Pero de Sousa, e outros, todos notaveis pela sua dedicação ao monarca de quem tinham nascido vassallos.

O duque a todos acolheu com a rude e cordial cortezia, que lhe era propria, fallando a uns nos feitos, que os tinham tornado notaveis, a outros nas recordaçoens gloriosas que tinham herdado dos paes, valorosos cavalleiros de D. João I, e a todos no futuro de glorias e de famosas cavallerias, a que podiam aspirar, em razão de servirem um rei tão bellicoso e de tão altas aspiraçoens, como era Affonso V.

— Mas, senhor primo — disse Carlos, por fim, vendo que o rei de Portugal cessava de lhe fazer mais apresentaçoens — a mim me haviam dito que vós, para me fazerdes mais honra e mercê, vinheis acompanhado do grande capitão Bandarra; e eu não o vejo.

— Ah! é verdade — exclamou Affonso V, mergulhando a vista por entre os fidalgos que o acompanhavam. — Mas onde está elle? Capitão Bandarra, acercai-vos. Onde sois vós?

A estas palavras os fidalgos abriram aos lados, e alguns cavalleiros mais jovens como que desentocaram do meio de si, e empurraram, sorrindo, para junto d'el-rei e do duque uma especie de gigante cabelludo, hirsuto, de grandes barbas e de grandes

olhos assombrados por sobrancelhas tão espessas, que assemelhavam dous enormes matagaes de cerdas suinas. A armadura, que trazia, era toda de ferro batido; e a espada, a calcular pelo volume, devia pesar pelo menos o triplo das usadas pelos mais alentados. Este gigante, que se escondera até então acanhadamente por detraz dos outros cavalleiros, do meio dos quaes emergiu agora como que a grunhir, e apparecia, com fóros de urso, no espaço livre, que havia entre os fidalgos e os dous principes, era nada menos que o famigerado Pero Rodrigues Galvão Bandarra, o homem de maiores forças e um dos mais valentes cavalleiros, que Portugal possuia então; e que pelas suas proezas e grandes cavallerias nas guerras de Inglaterra, na conquista de Africa e ultimamente na guerra de Castella havia grangeado, com o nome de capitão Bandarra, reputação verdadeiramente europeia. Como o leitor já deve ter percebido, a natureza não fôra com elle tão prodiga de intelligencia, como de validez muscular. Por este lado o bom do cavalleiro era totalmente peccante. Parece que nunca pôde chegar a fazer um raciocinio completo; e consta que na guerra de Inglaterra nunca chegou a perceber cabalmente qual das duas Rosas combatentes é que servia; de fórma que, desejando servir a rosa vermelha, isto é, a casa de Lencaster, contra a rosa branca, ou a casa de York, por ser d'aquella que os reis portuguezes eram parentes mais proximos, ora servia uma ora outra, segundo o exercito, com que deparava primeiro. Afóra este defeito, Pero Rodrigues tinha as melhores e as mais nobres qualidades possiveis, e, sobre tudo, era dota-

do de todas aquellas que eram necessarias para fazer notavel, n'aquella época, um homem de guerra.

Pero Rodrigues arrancado, pois, pela voz de Affonso v, á obscuridade que o seu acanhamento procurava em todas as occasioens solemnes, e empurrado pelos cavalheiros mancebos para o meio da clareira, formada em torno dos dous principes, ficou ahi grunhindo sons inarticulados, torto e de ilharga, como um verdadeiro urso, que entra pela primeira vez na escóla de ensino de um instructor piemontez. Era mesmo o typo que a maledicencia do cão do gracioso poema de Casti attribue injustamente ao elephante [1]:

. . . . . simigliante alla balena,
D'ossa e di carne entro gran massa assorto
Torpe lo spirto, e vita, e moto appena
Scorgeva in lui; che come sconcio aborto
Senza articolazion, senza giuntura
Lo costrui, quando dormia, natura.

Ao vêl-o assim, Affonso v fitou-o com o olhar descontente e irado, com que o mestre fulmina o discipulo que escolheu para apresentar como especimen do seu systema de ensino, e que lhe falha na occasião opportuna.

—Capitão Bandarra, acercai-vos—disse-lhe pois, puxando-o pela mão — Homem — acrescentou em voz baixa — quando deixareis de ser desgeitoso e cobarde! Senhor primo, aqui o tendes; tomai-o lá.

[1] Casti. Gli animali parlanti; canto II., est. 32.

E, dizendo, o rei de Portugal aproximou do duque de Borgonha o bravo e famoso soldado, que ficou para ali de todo atrapalhado e tolhido de movimentos.

Carlos tivera até então os olhos fitados n'aquella enorme corporatura, acanhada e desgraciosa, em que lhe sahia o famigerado capitão Bandarra; e que, se pelo acanhamento lhe causava surpreza, pela grandeza do vulto e apparencia muscular, que nada desdizia da fama grangeada, lhe inspirava admiração e enthusiasmo.

— Deixai-me olhar bem para vós, capitão Bandarra — disse pois o duque em resposta ás palavras de Affonso V — deixai-me olhar bem para o esforçado cavalleiro, cujo valor faz espantar o mundo, e tem causado milhares e milhares de invejas a Carlos, duque de Borgonha.

Pero Rodrigues torceu-se em todas as direcçoens, e por fim respondeu em voz de trovão, arremessando e gesticulando brutalmente:

— Senhor, eu cá não sou homem de donaires nem de cortezias. Por S. Barrabás! Mau mez para mim que nunca encarreirei quatro cousas com geito. Mas aqui me tendes; e tal qual sou, se de mim haveis mister para alguma cousa, não ha senão dizel-o, que emfim todo eu sou vosso, porque, pelo inferno! não sois homem, a quem façam o ninho atraz da orelha, nem voltaes a cara a satanaz em pessoa.

Pero Rodrigues findou de chofre este discurso, o maior que fez em toda a sua vida, e ficou como

que esfalfado pelo muito que disse. Os olhos de Carlos brilhavam de enthusiasmo cavalheiresco.

— Tomai esta mão — exclamou, tirando o guante ferrado, e estendendo a mão nua ao Bandarra; — tomai-a como penhor de eterna amizade, de amizade para a vida e para a morte. Por S. Jorge! Que outra cousa devéras não podieis vós ser, do que o que a fama vos apregôa. Capitão Bandarra, o dito dito; e poderá ser, que, mais breve do que cuidaes, eu vos tome pela palavra de offerecimento, que me acabaes de fazer.

— É mandar, e basta — grunhiu Pero Rodrigues, tirando a manopla e apertando na mão gigantesca a mão robusta e possante de Carlos.

D'ahi a pouco, os dous principes e as suas respectivas comitivas montaram a cavallo, e dirigiram-se a passo travado para o acampamento borgonhez, em frente de Nancy. Os dous primos caminhavam na frente entretidos a recordarem as glorias da familia, que lhes era commum, e que pela ultima guerra com a Hespanha e pelas conquistas das primeiras praças, que a Europa possuiu no solo africano, se tinha tornado famosa em toda ella. Seguiam-n'os os cavalleiros portuguezes e os tres que acompanhavam Carlos, os quaes empregavam todos os graciosos expedientes da galanteria borgonheza para receberem convenientemente os seus hospedes na côrte então reputada a mais polida e cavalheiresca da Europa.

— Capitão Bandarra — disse Oliveiros de la Marche, aproximando-se do gigante portuguez, n'uma d'aquellas sem numero de evoluçoens, que os tres cavalleiros de Borgonha faziam por entre os fidalgos

que acompanhavam Affonso v, como que centuplicando-se por meio dos esforços que empregavam para cortezmente os agasalhar e contentar a todos elles — Capitão Bandarra, permitti-me que saúde mais especialmente o primeiro cavalleiro do mundo.

— Umph! — grunhiu Pero Rodrigues, enviando um olhar desconfiado sobre o polido cortezão, que se dirigiu a elle com todos os primores e donaires da cortezia franceza.

— Crêde que tenho á conta de grande ventura — continuou de la Marche sorrindo — o poder cortejar-vos e apertar-vos amigavelmente a mão.

— Umph! — re-grunhiu o gigante, e estendeu ao mesmo tempo brutalmente, e sem tirar o guante, a mão estupenda para o cortezão dos duques de Borgonha.

Este tomou-a, sorrindo, e apertou-a cordialmente.

— Graças a Deus que a posso apertar como amigo — continuou Oliveiros — Tão contente vos juro que não era eu quando um dia a encontrei diante de mim como inimiga. Sabeis, senhor cavalleiro, que já estivemos como inimigos em frente um do outro?

— Ah! — exclamou Pero Rodrigues, abrindo grandes olhos.

— Foi no rapto da duqueza de Saboya [1]. Lembraes-vos?

— Por S. Barrabás! — exclamou em voz de trovão, o Bandarra, com olhos cada vez mais arregalados.

[1] O. de la Marche. Mémoires. Liv. II., chap. 8.

— Não vos lembraes do que aconteceu á porta de Genova? — continuou de la Marche — Mas primeiro que tudo cumpre que vos diga que se tal feito fiz, foi por obediencia ao meu principe e senhor, que não soffre ser desobedecido, e que m'o ordenou sob pena de morte.

— Ah!

— Mas olhai que elle teve grande razão para o fazer, e em cousas de guerra não é mau feito de cavalleria as prevençoens, que toma um capitão prudente para não ser surprehendido pelo inimigo.

— Bofé, não. E bem?

— E bem, cavalleiro, vós deveis saber que esta Yolanda, duqueza viuva de Saboya, é tão velhaca, traiçoeira e refalsada, como o proprio Luiz XI, de França, de quem é irmã. Tal é que o proprio Luiz se receia d'ella. Crede-me, que m'o disse sire Filippe de Commines, senhor de Argenton, meu grande amigo, e intimo privado do rei de França [1]. Ora a causa de todas estas grandes guerras, que temos, capitão, foram originadas de nós a protegermos contra o rei de França, que a queria despojar de algumas de suas terras, depois que lhe morreu o marido. E sabeis como ella intentava pagar estes favores ao duque meu senhor? Passando-se por fim para Luiz, e appellidando toda a sua terra contra nós. Vêde vós que grande ribalderia!

— E pois? — disse Pero Rodrigues, como quem

[1] Ledit seigneur l'amena eu sa chambre et la fit bien traicter. Vray est qu'il avoit très-grande envie d'en estre despeché. Elle estoit très sage, et s'entreconnoissoient bien tout deux, et desiroit encore plus son partement. Commines. Mémoires. Liv. v., chap. 4.

ainda não percebera bem o que lhe ia dizendo o borgonhez.

— Que fazer? — continuou este sem desanimar diante d'aquella porfia de monosyllabos, que na bocca de outro seriam tidos na conta de insultos — O duque deu ordem para a haver á mão, e segural-a de modo que não podesse fazer tão mau feito. Era eu então em Genova, e como o duque soubesse que ella partira para aquella cidade, para d'ahi entrar em França, ordenou-me que me apossasse da pessoa d'ella. E assim o fiz. Eram duas horas da noite, bem me lembro. Lancei-me em cilada fóra da porta da cidade, por onde ella determinava entrar com os filhos, dos quaes o mais velho, o joven duque Felisberto, é que meu senhor mais desejava ter seguro de sua mão. Ella chega, eu caio sobre a comitiva que a acompanhava, ponho tudo em espanto, e lanço mão d'ella, dando ordem aos outros para que lhe fizessem o mesmo aos filhos. Estava o negocio assim, e nós com a empreza em termos de bom acabamento, quando n'isto nos cahe, como que das nuvens, em cima... Sabeis quem, capitão?

— Eu — respondeu Pero Rodrigues, soltando uma gargalhada que assemelhava o ribombar do trovão em um temporal desfeito.

— Vós, vós mesmo — continuou Oliveiros — que, segundo depois me disseram, vinheis casualmente, n'essa noite, para a cidade, e que portanto acudistes ao arruido... porque era um arruido. O que é certo é que cinco dos homens armados que me acompanhavam, e que eram saboianos, voltaram-se logo contra nós. Vendo isto, eu, que pretendia

levar o meu salto a cabo, dei ordem para retirarmos, e metti esporas ao cavallo, levando a duqueza atravessada sobre o arção, e seguido dos outros de quem cuidava que traziam o moço duque, e as duas donzellas suas irmãs. Ora vêde vós...

— Ha! ha! ha! — trovejou Pero Rodrigues com faceta gargalhada trovejadora.

— Ora vêde vós — continuou de la Marche, sem fazer caso da jovialidade escarnecedora, com que o Bandarra solemnisava, sem intenção de offensa, o desapontamento que tinha causado. — Ora vêde vós como eu fiquei quando me vi sem o moço Felisberto, que era por quem mais se empenhava o duque Carlos, meu senhor! E, pardiez! que a grão custo livrei com a vida da grande sanha que elle me tomou quando me viu chegar só com a duqueza e com as filhas. Mas dizei-me, senhor cavalleiro — continuou o capitão dos ginetes com signaes de curiosidade — como é que fizestes para obrigar o moço duque a acompanhar-vos? A mim me disseram que elle refertava e se revolvia como um leão, aporfiando que não havia de deixar a mãe; e que taes eram os saltos e taes os impetos, que fazia, que os cinco homens d'armas mal o podiam segurar. Como conseguistes aquietal-o? Como fizestes para o obrigar a acompanhar-vos para Genova?

— Assim — respondeu o Bandarra, soltando uma gargalhada atroadora.

E, empolgando ao mesmo tempo por um braço um alentado e espadaúdo peão, armado de bacinete e cota de malha, que lhe caminhava a geito, levantou-o em cheio, atravessou-o n'um relance sobre o

arção dianteiro, e, pondo em seguida esporas ao possante cavallo normando que acarretava sobre si aquella espantosa machina de guerra, despediu a toda a brida para a frente, com toda a gravidade e como quem desejava responder plenamente á pergunta, que lhe haviam feito.

—Por S. Jorge! — exclamou o duque de Borgonha, ao vêl-o passar d'aquella fórma por junto de si.

—Pero Rodrigues, Pero Rodrígues, aonde ides assim? — bradou Affonso v, envergonhado d'aquelle destempero do portuguez.

Ao ouvir a voz d'el-rei, o pobre Bandarra cahiu em si. Sofreou de golpe o cavallo, atirou com o homem fóra do arção, e voltou corrido e envergonhado para o centro da comitiva, por entre as gargalhadas de Carlos, que sabendo o caso, o comprimentava jovialmente por mais aquella sua façanha muscular.

A comitiva chegou, por fim, ao arraial borgonhez, sem mais nenhum outro episodio importante. Mal chegou, Carlos, para honrar o seu hospede, levou-o, acto continuo, a visitar o imperfeito e fragil palanque, por onde tinha distribuidos todos os engenhos de guerra e o pequeno exercito, com que cercava Nancy. Os soldados receberam o afamado batalhador portuguez com uma salva enthusiastica de vivas e de saudaçoens clamorosas, que de repente atroaram estrepitosamente os ares. Os lorenos, sentindo aquelle inesperado alarido, acudiram ás suas bombardas e mais tiros de guerra, e fizeram chover sobre o arraial um sem numero de balas e de pedras. A artilheria sitiante correspondeu immediatamente a

esta provocação. N'um relance a cidade e o acampamento ficaram envoltos em espessas nuvens de fumo. Quando os dous primos terminaram a sua revista ao palanque, o esbombardeamento estava no seu auge. Seguiu-se então o lauto e faustuoso jantar, que o opulento duque de Borgonha mandára preparar para os seus hospedes ao ar livre, em frente de Nancy, entre o palanque e as muralhas sitiadas. O ribombar da artilheria estrondeava trovejando no espaço, os borgonhezes atroavam os ares com vivas e acclamaçoens, e os lorenos correspondiam do alto dos muros com gritos e apupos clamorosos, como que escarnecendo sem receio d'aquellas confiadas manifestaçoens do poder dos seus inimigos.

Foi n'esta côrte e com estes festejos que o guerreiro Carlos de Borgonha recebeu o bellicoso Affonso v de Portugal.

Eram tres para as quatro horas da tarde. O sol havia mergulhado por detraz de uma espessa e escura muralha de nuvens, que se erguera, a pouco e pouco, forrando o horisonte desde o norte até o poente. O jantar terminou, e o trovejar da artilheria e o alarido da gente dos dous exercitos tinha ido descahindo gradualmente. Os dous primos recolheram-se então á espaçosa barraca de campanha habitada por Carlos, sobre a qual fluctuava o pendão dos duques de Borgonha.

Poucos minutos depois de chegarem, Carlos entrou francamente no pequeno repartimento, que fôra assignado ao rei de Portugal, e que era o proprio por elle até então habitado.

— Senhor primo — disse o duque, apertando

cordialmente entre as suas as mãos de Affonso v — perdoai a pobreza do acolhimento, com que vos recebo; mas eu fio que um soldado tal como vós não ha-de estranhar estas rudezas da guerra.

— Senhor — disse Affonso v, sorrindo — vós sois em tudo magnifico e digno do grande nome que tendes no mundo. De nenhuma outra fórma me podieis acolher mais a meu sabor. Eu estou avezado desde moço a estes festejos, e crêde que em Africa o vosso arraial seria reputado côrte regalada e mimosa.

— Crei-o, senhor primo — replicou o duque, soltando um suspiro — vós cavalleiros das guerras africanas é que sabeis o que é ser verdadeiramente soldado. Mas prazerá a Deus que se me aze occasião de me igualar de alguma fórma comvosco, porque se me não faltar a vida, ainda espero levar a cabo a grande empreza da cruzada contra o turco de Jerusalem, que o meu senhor pae não pôde realisar, e para que vós vos mostrastes tão prompto, e vos apercebestes como tão grande rei e cavalleiro que sois [1]. Mas basta d'isto por agora, e vós, senhor, dizei-me em que posso servir-vos, que aqui estou prompto para vos ouvir ácerca do negocio, sobre que me mandastes recado, e para em tudo vos ser leal e verdadeiro amigo, como cavalleiro que sou e tão conjunctamente apparentado comvosco.

Ao ouvir estas palavras, o rei de Portugal que não conhecia toda a impaciente impetuosidade do primo, e que portanto não esperava que elle preci-

[1] O. de la Marche. Mémoires. Introduction, chap. v.

pitasse por aquella fórma a conferencia sobre o negocio, que o trouxera a Nancy, fitou surprehendido os olhos em Carlos, e ficou alguns instantes sem lhe responder.

— Senhor — disse por fim — eu não quizera que assim vos enfadasseis por minhas cousas; mas, pois que tanta mercê me quereis fazer, beijo-vos as mãos por ella, e tenho-vol-a em conta de mais uma prova do amor, que o sangue que vos gira nas veias, vos inspira por mim. Vindo pois ao ponto: vós haveis de ter ouvido da guerra que trago com Castella, e do muito que tenho batalhado para estorvar a grande sem-razão, que pretendem fazer á minha senhora sobrinha e esposa...

— Senhor primo — acudiu o impetuoso Carlos — apesar de, como vêdes, eu estar envolvido em grandes emprezas, se de mim vos quereis servir...

— Perdoai — atalhou Affonso v — eu bem sei todo o bem que me viria de ter em meu auxilio um exercito borgonhez, commandado por tão grande capitão e por tal cavalleiro como vós sois. Mas eu conheço que seria abusar do grande amor de familia, que tendes, o pedir-vos que me ajudasseis com vossa pessoa e exercito, em tal occasião como esta. A mercê, que vos tenho a pedir, é muito differente.

— Fallai pois, senhor, e crêde que tudo o que de mim requererdes já de ante-mão vol-o tenho concedido em minha alma.

— Dou-vos as graças por tamanhos favores. Mas vindo ao meu caso, mister é que vos informe, senhor primo, que as maiores forças que a princeza Isabel tem por si, são as com que a auxilia el-rei

D. João de Aragão, pae do principe D. Fernando seu marido. Ora, senhor, como vós sabeis, el-rei de Aragão vendeu a el-rei de França os condados do Roussillon e da Cerdagne; e, depois de receber o dinheiro, negou-se a entregar-lhe a parte d'elles d'além dos montes. Em razão d'isso eu tratei com el-rei Luiz...

—Com Luiz de Valois?—exclamou o duque. E os olhos fuzilaram-lhe de repente scintillantes e cheios de furor.

Affonso v relanceou sobre o primo um olhar perscrutador e profundo, e em seguida continuou, como se elle o não tivesse interrompido:

—Com el-rei Luiz de França tratei, pois, que elle fizesse guerra ao aragonez pelo lado de França, entretanto que eu a faria ao filho pelo lado de Castella. Divididas d'esta fórma as forças dos dous reinos, facil me seria a empreza de vingar a filha da minha senhora irmã da deshonra, que lhe assaca aquelle traidor de Aragão, e da injustiça que lhe pretende fazer. Taes foram, pois, as lianças e tratados que fiz com el-rei de França; e segundo elles, mal eu entrei pela Castella, entrou elle pelo Roussillon, e veio até Fuenterabia, que cercou...

—Ha! ha! ha!—exclamou o duque, soltando uma gargalhada estridente e tremula de colera.

—Mas depois, depois... Vós bem sabeis—continuou Affonso, sorrindo—vós bem sabeis, e entre nós seja dito, que el-rei Luiz, que é devéras um rei muito sabio e prudente...

—Por S. Jorge! Dizei traidor!—bradou Carlos, batendo enfurecido com o pé no chão.

Affonso v sorriu-se, meneando ao mesmo tempo a cabeça ao de leve.

— Mas depois — seguiu dizendo — veio o caso da vossa invasão da Lorena; e el-rei de França, que se me afigura que é pouco amigo das armas e grandemente desconfiado e suspeitoso, com o grande medo que de vós tem, e que por ventura — acrescentou o rei de Portugal, accentuando intencionalmente as palavras — tem mais que bastantes razoens para ter, viu n'ella, viu na vossa guerra com o duque de Lorena o intento disfarçado de invadir o Barrois, e, em sua grande suspeita, deu-se logo por impossibilitado de cumprir nossos tratados, e levantou por então o cerco de Fuenterabia...

— Por S. Jorge! — interrompeu o duque, batendo de novo com o pé no chão, gesto e jura que lhe eram habituaes [1] — E isso vos disse elle?

— Taes foram as razoens, que allegou, para se desculpar de não poder por então cumprir o que commigo havia tratado, senhor primo — respondeu Affonso v — e a mim se me afigura que fallou verdade no que disse, pois que prompto está agora a cumpril-o, se vós o segurardes de lhe fazer guerra durante o tempo, que elle fôr no Aragão...

— Ah! o perfido! o infame! — balbuciou Carlos, abafado pela colera e batendo violentamente com o pé no chão — E isso vos enviou a dizer-me?

— Isso me aconselhou que vos viesse dizer — continuou com dignidade Affonso v — porque se de vós o não conseguir, não ousará arredar pé de Fran-

1 Commines. Mémoires. Liv. IV., chap. 8.

ça, porque aporfia em suspeitar que, depois de conquistar a Lorena, vos arremessareis sobre o Barrois e sobre a Champagne. Tal é, senhor, a mercê que venho requerer-vos, e que tomarei á conta de grande prova do vosso amor para commigo; porque sabei, que se de vós não consigo que pacifiqueis os receios d'el-rei Luiz, dando-lhe tal segurança que elle, sem receio da vossa guerra, mais livre e poderosamente me possa ajudar, eu por sem duvida nada conseguirei d'elle, o que será quasi que impossibilitar-me de todo a minha empreza de Castella.

O duque de Borgonha ouvia o rei de Portugal com os olhos scintillantes de colera fitados n'elle, os labios tremulos, batendo amiudadas vezes com o pé no chão e balbuciando a sua jura favorita. Quando Affonso acabou de fallar, Carlos ergueu-se, e poz-se a passear rapidamente a todo o comprimento do aposento, onde se achava, sem poder dizer palavra, convulso de furor, e fazendo violentos esforços para asserenar-se.

Esta luta durou cinco ou seis minutos. Ao cabo d'elles, o duque parou diante de Affonso v, e disse-lhe serenamente, mas ainda com o rosto esverdeado pela colera e a voz apressada e ligeiramente convulsa.

— Senhor primo, vós sois entrado com o homem mais falso e traidor que ha n'este mundo. Em Luiz de França não ha nem virtude nem verdade.

— Senhor, podeis crêr que d'esta vez... — disse Affonso v, vendo que o duque se calava de novo abafado pela colera.

— Escutai-me — bradou ferozmente Carlos, ata-

lhando o primo, quasi que de todo dementado pela ira, mas esforçando-se vigorosamente pela dominar —Ninguem melhor que Luiz de Valois sabe que das guerras que lhe tenho feito foi elle sempre causa infame e traiçoeira. Ás grandes obrigaçoens que deve á minha casa; aos grandes sacrificios que em todos os tempos fizemos por elle; á propria rebellião com que cheguei a desobedecer a meu pae só para o servir correspondeu sempre aquelle infame com intrigar-nos com os nossos visinhos, com insultar-nos por todas as maneiras, e por fim com procurar tirar-me a vida ou pelo menos despojar-me do patrimonio, que os serviços dos principes meus antepassados mereceram aos reis de França, de quem descendemos. Esta é, senhor primo, a causa de todas as guerras que tem havido entre mim e el-rei de França; e ainda assim, attendei ao fim e ao começo de todas ellas. Findam com portar-me eu generosamente com elle, não abusando das victorias que alcanço, nem da decadencia a que por mais de uma vez o tenho reduzido; começam, arremessando-se elle á falsa fé e em plena paz sobre mim, a despeito dos tratados, das lianças, e das pazes, com que a ultima guerra foi terminada...

Carlos calou-se de golpe, e poz-se a passear agitadamente e sem poder dar palavra.

—Mas agora — disse então Affonso v — mas agora, eu vos fio...

—Por S. Jorge! — atalhou o duque, parando e batendo enfurecido com o pé no chão — Agora! Senhor primo, do que elle fará agora, não queiraes vós logo outra prova senão o que está acontecendo. At-

tendei bem. Envia-vos a vós a mim, a vós que sois no mundo tal e tão excellente rei, e envia-vos com requerimentos e mostranças de tanta paz, amor e lianças, e ao mesmo tempo dá dinheiro a René para levantar contra mim um exercito de suissos, e, para auxiliar este, manda para Commercy o senhor de Craon com oitocentas lanças e um sem numero de peonagem franceza. Eis-aqui a lealdade e a boa fé, com que el-rei de França vos trata [1].

Carlos interrompeu-se de novo, e poz-se a caminhar agitadamente, e resmoneando enfurecido sons inarticulados e inintelligiveis. Affonso v seguia-o com os olhos e sem dizer palavra, mas deixando vêr no rosto o grande pasmo, que as revelaçoens, que o duque lhe fizera, haviam produzido n'elle.

— Escutai-me, senhor primo — disse este serenamente, mas de golpe, depois de alguns minutos de silencio. — Vós desejaes que eu segure el-rei de França de toda a guerra da minha parte durante a sua estada no Aragão. Por vosso amor, farei mais ainda. Não só o segurarei de mim, mas segurar-lhe-hei, de todos e contra todos, o reino de França, por todo o tempo que elle fôr ausente por vossa causa. Ha ahi entre nós pazes de nove annos, assignadas ainda de fresco. Mas, como vos fiz vêr — continuou Carlos, sorrindo com ironia feroz — isto não é seguro que preste para um villão tão infame e traiçoeiro como Luiz de Valois. Que diga pois a segurança que exige, que pela minha parte prompto estou a fazer-vos em tudo a vontade.

1 Pina. Chron. de Affonso v., cap. 198.

Assim dizendo, apertou affectuosamente a mão de Affonso, e sahiu, fazendo-lhe uma grave mas amigavel inclinação de cabeça.

O rei de Portugal ficou por muito tempo com os olhos fitados no reposteiro, por traz do qual desapparecera o duque de Borgonha — distrahido e como que atordoado pela impressão que lhe causára o que ouvira. Á voz de Carlos a luz da verdade illuminára de subito a razão d'aquelle *pobre rei, que era bom e que era justo,* mas que era tambem voluntarioso, e que, portanto, teimára até então em fechar os olhos diante d'ella, e a deixar-se embalar pelos sonhos que o desejo e a necessidade lhe inspiravam á imaginação. Ao cabo de alguns minutos, encostou os cotovellos á mesa, junto da qual estava sentado, mergulhou a cabeça entre as mãos e assim ficou engolfado na melancolica meditação dos tristes e desairosos resultados, que, desde então, começou a antever que teria a imprudente e caprichosa resolução, que tomára, de ir pessoalmente á côrte de França.

XI

O tempo dirá o que faremos. Agora vamos ordenar nosso presente. — Vamos.

J. Ferreira. — *Ulyssipo.*

A noite, que se seguiu á scena descripta na ultima parte do capitulo antecedente, foi noite tormentosa e de insomnia para o cavalheiresco monarca portuguez. Rei como era, estava sujeito como todos os homens ás leis communs da humanidade. Pesavam sobre elle cuidados gravissimos, e os cuidados por mais leves que sejam, são capitaes inimigos do somno. Ainda está para nascer o bemaventurado que seja capaz de traduzir litteralmente na pratica o *sufficit diei malitia sua,* uma das maximas mais preciosas da divina philosophia do Evangelho [1].

Eram já altas horas da noite, e o pobre rei de Portugal revolvia-se ainda sobre o estreito catre, onde jazia vestido, em luta com a recordação, que, com a sua natural pertinacia cruel e imaginosa perversi-

[1] Matth., cap. vi. 34. Nolite ergo soliciti esse in crastinum. Crastinus enim dies solicitus erit sibiipsi. Sufficit diei malitia sua.

Não antecipeis os cuidados do dia de ámanhã. O dia de ámanhã cuidará de si. Bastam a cada dia os males, que lhe são proprios.

dade, lhe punha, sem cessar, diante dos olhos as desairosas e funestas consequencias, que se iam immediatamente seguir da imprudente resolução, que voluntariosamente tomára contra a unanime opinião do seu conselho.

Umas vezes, corria-se de pejo ao lembrar-se que tinha de voltar a Portugal com todos os seus planos e esperanças burlados, e assim apparecer, com tamanhas provas de incapacidade para conhecer os homens e as cousas, diante dos seus conselheiros, e, sobre tudo, diante de seu filho, o, apesar de muito moço, já grave e perspicaz principe D. João, o homem que havia de ser um dia o grande rei D. João II. Outras, sentia abatida a sua dignidade de rei, e os seus brios e bom nome de valente cavalleiro e de, poderoso e afamado batalhador. Antolhava-se-lhe logo, a zombaria que d'elle haviam de fazer em Castella; e via o sorriso de escarneo com que Fernando e Isabel haviam de solemnisar a noticia; e via igualmente o desprezo que haviam de sentir por elle os fidalgos castelhanos, que se tinham perdido pela filha de Henrique IV, porque haviam acreditado que o rei de Portugal era homem de conselho e prudencia, capaz de saber aproveitar-se dos grandes meios de que o partido da sobrinha dispunha em Castella; e poderoso bastante para fazer valer pelas armas os direitos que tinha á corôa castelhana a filha herdeira do ultimo rei, que legalmente a pozera na cabeça. E esta, a pobre princeza D. Joanna, a orphã desvalida, que um pae moribundo havia entregado á honra do rei cavalleiro e á sua fama de denodado e invencivel pelejador; a ella, a triste, via-a sacrificada ás imperio-

sas exigencias da politica e aos frios calculos d'aquelles que pensavam que o futuro de uma nação valia mais do que o futuro de uma mulher. — E tudo isto era resultado dos seus desatinos politicos, dos seus erros militares e das suas leviandades governativas!

Diante d'estas visoens de necessaria realidade futura o somno fugia espavorido de cima das palpebras do pobre rei de Portugal. Entretanto que o corpo teve forças para corresponder á violencia da agitação produzida pelo estuar do espirito, conservou-se com os olhos bem abertos e meio reclinado sobre um braço. Mas por fim as forças principiaram a desfallecer e o corpo a desejar descanço. Affonso deitou-se então de todo para baixo, cerrou os olhos, e preparou-se para conciliar o somno. Não o pôde porém conseguir. A despeito de todos os esforços, de todos os meios e de todos os ardis, não pôde alcançar que o somno se apossasse inteiramente d'elle, e lhe pacificasse aquelle temeroso tumulto interior. Debalde o corpo alquebrado exigia imperiosamente o repouso; debalde a razão, o raio da luz de Deus, o fanal portentoso que elle nos accendeu no craneo para nos alumiar a navegação atravez dos bastos escolhos e innumeros parceis do mar da vida, lhe demonstrava a loucura de antecipar pela imaginação as desgraças futuras: a recordação, esse terrivel *memento* do bem e do mal, esse temeroso despertador, cuja voz entra pela alma dentro como espinho pungentissimo, lá estava atirando, sem cessar, alimento á fogueira, e ao brilho pavoroso d'ella fugiam de jun-

to do pobre rei até as mais ligeiras sombras do descanço.

Ao principio tentou despontar aquelle espinho oppondo-lhe a suave pertinacia da resignação. Procurou esquecer-se, sofrear a agitação, conservar-se socegado. Para isso fechou os olhos, procurou dormir, fingiu que dormia, chegou até a principiar a dormir. Mas de subito ergueram-se-lhe no cerebro milhares de visoens indistinctas e vagas, e logo a cabeça principiou a incendiar-se-lhe, o sangue a galopar-lhe nas arterias, estas a dilatarem-se-lhe, e o coração a suffocar e a pulsar descompassado. O rei de Portugal acordou então de sobresalto, allucinado por aquelle fogo que lhe tinha a cabeça a arder e o sangue a referver em cachão. Aquellas visoens phantasmagoricas fundiram-se logo na realidade das suas tristes lembranças. Eil-o outra vez diante do seu medonho recordar, mas agora inflammado pelo desespero, produzido pela pertinacia d'aquella implacavel tortura interior. A resignação acabou; principiou o frenesi. A razão fugiu espavorida. Começou então a luta, a luta medonha, a luta infernal. A materia ficou só com os seus instinctos brutaes diante da firme tenacidade da recordação. O desgraçado revolvia-se no leito como se estivera sobre carvoens accesos. Procurava todas as posiçoens; arrastava-se, de pollegada em pollegada, sobre o colchão; collocava a cabeça de mil modos sobre o travesseiro; atravessava-se, encolhia-se, estirava-se, contorcia-se, revirava-se, blasphemava...

Por fim o corpo, a materia, não pôde mais. Desfalleceu, entorpeceu-se, cahiu em atonia. Seguiu-se

então o mais pavoroso de todos os episodios da insomnia, que é já de per si a mais pavorosa das torturas, que Deus poz dentro do homem. Toda aquella medonha guerra concentrou-se-lhe dentro do craneo. O corpo dormia, mas a cabeça não. N'essa, o calor, que já d'antes incendiava o sangue e descompassava o pulsar do coração suffocado, entrou todo para dentro d'ella, e transformou-se n'uma como fogueira accesa em chumbo derretido, á luz da qual redemoinhavam turbilhoens de phantasticas imagens, umas vagas e indistinctas, outras claras e vivas, e todas recordaçoens dos infortunios que o affligiam e torturavam.

De subito aquelles turbilhoens principiaram a redemoinhar com velocidade tal que tudo ficou reduzido a uma confusão verdadeiramente cahotica, illuminada por uma nebrina luminosa e côr de sangue, no meio da qual passavam, repassavam, barulhavam-se, misturavam-se milhares de sombras e phantasmas, eccoavam gritas guerreiras, soavam os tambores e os clarins, estrondeava a artilheria e tirlintavam as espadas sobre os arnezes. Era a confusa representação d'uma batalha o que se estava passando dentro da cabeça d'aquelle pobre homem coroado.

Esteve assim por muito tempo. Mas aquelle marulhar infernal foi crescendo, crescendo... até que chegou a estrondo tal que nem a propria atonia era capaz de resistir-lhe. O rei de Portugal acordou de subito, e ergueu-se a meio corpo de golpe no leito. Olhou espavorido em derredor de si, passou e repassou as mãos pelos olhos, e conseguiu por fim assenhorear-se. Então conheceu que toda aquella es-

pantosa e confusa algazarra, que a imaginação lhe incendiára dentro da cabeça, partia de uma causa exterior. De facto, atroador e bellicoso alarido ribombava por sobre todo o acampamento. O troar da artilheria, o som dos instrumentos guerreiros, os gritos da soldadesca e o rapido galopar dos cavallos trovejaram em rebramante confusão no espaço.

Affonso v, vestido como estava, lançou-se então de um salto abaixo do catre, que, aquella noite, fôra para elle peior que o leito de Procusto.

—Senhor, entrarei?—ouviu-se logo dizer uma voz, com certa inflexão de desassocego, da parte de fóra do reposteiro.

—Entrai—respondeu com anciedade o rei.

O reposteiro ergueu-se, e Lopo de Albuquerque, conde de Penamacor e camareiro-mór, entrou immediatamente para dentro.

—Conde, que alarido é este?—perguntou Affonso v, fitando anciosamente o camareiro-mór.

—Senhor—respondeu este com mal disfarçado cuidado—os suissos chegaram esta ante-manhã a S. Nicolau de Varengeville, d'aqui pouco mais de tres leguas. O duque, vosso primo, corre desvairado por todo o acampamento, fallando aos soldados com brados descompostos. Os senhores, que o seguem, não o podem conter. A artilheria faz fogo sem ter ordem. A soldadesca corre desenfreada d'aqui para ali, atroando tudo com gritas e alaridos. Está tudo em confusão, e afigura-se-me... que perdido.

—Ajudai-me a vestir estas armas—disse o rei de Portugal, envergando á pressa o arnez, cujas enlaçaduras o camareiro-mór o ajudou a apertar.

Affonso v estava já quasi que armado de todo, quando se sentiu erguer o reposteiro com violencia, e o duque de Borgonha entrou immediatamente para dentro, acompanhado de seu pagem favorito, que lhe trazia o manto dependurado do braço esquerdo, e sopesada na mão direita uma espada de ambas as mãos embainhada. Este pagem chamava-se João Baptista Colonna, e era irmão do celebre general Prospero Colonna, que tão famoso se tornou, alguns annos mais tarde, nas guerras que os allemaens sustentaram em Italia contra os exercitos dos reis de França Carlos viii e Luiz xii.

Carlos de Borgonha estava agitado por um d'aquelles accessos de furor quasi insano, em que a natural impetuosidade e coragem se lhe haviam transformado depois dos seus tão recentes desastres. Tinha o rosto medonhamente esverdeado, os olhos a parecerem querer saltar das orbitas para fóra, e os labios convulsos e lividos. Mal entrou, fitou um momento no primo o olhar desvairado e feroz, e em seguida disse em voz tremula e cavada, sorrindo ao mesmo tempo com um sorriso de pavorosa ironia:

— Senhor primo, os suissos já estão em S. Nicolau, e o senhor de Craon avançou de Commercy para Toul, que fica no caminho de Metz, a cinco leguas d'aqui. Vêde a boa fé e a lealdade com que Luiz xi, rei de França nos trata! Por S. Jorge! — exclamou de subito, batendo o pé no chão com tal violencia que fez estremecer os que o rodeavam — que venham, que venham todos, que os não temo; que venha o proprio rei de França em pessoa, que em tanto desprezo o tenho que, juro a Deus! que

com este só pagem que vêdes, me atrevo a dar-lhe batalha, com a certeza de o desbaratar como sempre.

—Senhor, serenai—replicou Affonso v, mal podendo disfarçar a ancia, que lhe causava o vêr o primo assim allucinado em occasião de tamanha importancia como aquella—quererá Deus que tudo será para maior gloria e honra vossa. Assim provede em vossas cousas, como tão excellente capitão que sois, e como cumpre a fim de alcançardes a victoria que desejaes de vossos inimigos, e que sem duvida alcançareis, se não permittirdes que a ira vos cegue vosso grande entendimento e vos faça esquecer que sois capitão e não soldado.

Entretanto que o rei de Portugal fallava, o duque passeava de uma esquina á outra do repartimento, inquieto e convulso, como leão que se encontra pela primeira vez encerrado na jaula. Quando o rei acabou de fallar, parou elle de golpe, e disse com voz sacudida e convulsa.

—Assim se fará, assim se fará. Agora, senhor, mandei reunir meu conselho para se tratar o que mais é de razão que se faça em tal caso, e, se vos apraz, assistireis a elle, e n'isso me fareis grande mercê, pois que muito desejo ouvir a opinião de tão experimentado capitão como vós.

—Senhor, todo eu sou vosso—respondeu Affonso v—Guiai o caminho que prompto estou a seguir-vos.

A estas palavras, Carlos voltou-se como que automaticamente, e, sem uma palavra nem um gesto de cortezia, dirigiu-se para o reposteiro, que o pa-

gem Colonna levantou para lhe dar passagem. O rei de Portugal seguiu immediatamente após elle, com o rosto visivelmente alterado pela anciedade, que lhe causava o estado de agitação allucinada, que em tal occasião dominava o primo.

A grande tenda, habitada por Carlos de Borgonha, era formada por umas poucas de barracas, que communicavam umas com as outras, e que estavam collocadas em circulo, de fórma que faziam no centro uma grande praça, que proporcionava commodo e separado logar de desenfadamento e de exercicio ao grande numero de officiaes e dignatarios, que serviam o principe n'aquelle seu palacio provisorio.

Foi para este logar que o duque de Borgonha conduziu Affonso v, porque era n'elle que havia ordenado que se reunisse o conselho. Como eu já disse algures, estas reunioens, depois das derrotas de Granson e de Morat, faziam-se com mais frequencia que d'antes; e a soberba natural de Carlos, que repugnava com a consciencia, que, sem elle o perceber, o levava a reconhecer o estado de enfraquecimento em que lhe deixaram a cabeça as impressoens n'elle produzidas por aquelles dous desastres, procurava sempre dar a estes ajuntamentos toda a publicidade possivel, com o fim de pelo seu procedimento n'elles e até pela contradicção em que se punha com todas as resoluçoens tomadas, persuadir aos outros, que as fazia por capricho e não por necessidade.

Quando os dous principes chegaram á pequena praça, já n'ella estava um grande numero de cavalleiros, conversando em voz baixa e de pé, do lado de fóra de uma quadra, formada por bancos cober-

tos de alambeis, no topo da qual se via uma magnifica cadeira espaldar e dous ou tres escabellos forrados de couro branco imprensado, e cravado a grandes tachoens de prata.

O duque dirigiu-se, seguido por Affonso v, para a cadeira espaldar.

— Este é o vosso logar, senhor primo — disse Carlos, ageitando a cadeira.

— Senhor, desculpai — respondeu o rei de Portugal — mas esse logar pertence-vos.

E, dizendo, fez menção de aproximar um escabello.

— Senhor, sentai-vos — acudiu o duque soberbamente e tomando-lhe o braço de golpe. — Vós estaes em minha casa, e ademais sois filho do irmão mais velho de minha mãe.

O rei de Portugal sentou-se, sem dizer mais palavra. O rosto revelava-lhe toda a grande dôr, que o opprimia, ao vêr aquelle grande cavalleiro assim tão fóra do que era. Devéras, enorme devia de ser a allucinação, que n'aquella hora dominava Carlos, para que elle proferisse aquellas palavras tão pouco delicadas e cortezes. Os cavalleiros borgonhezes e de Portugal, que se achavam de pé do lado de fóra da bancada, deixaram vêr, no silencio profundo que guardaram, e na melancolia que lhes assombrava os rostos, o quanto os magoava o verem assim aquelle homem illustre, e o quanto harmonisava a dôr de Affonso v com a que lhes ia a elles no coração.

Logo que Affonso se sentou na cadeira espaldar, o duque de Borgonha fez signal ao seu pagem, apontando sacudidamente para um dos bancos que esta-

vam por traz da cadeira. O pagem aproximou-o, e o duque sentou-se immediatamente n'elle.

N'este entretanto uns vinte e tantos cavalleiros, todos elles grandes dignatarios ou do palacio ou do exercito borgonhez [1], haviam entrado para dentro da quadra, e conservavam-se de pé, ao longo dos bancos.

— Senhores do conselho, podeis sentar-vos — disse então o duque em voz imperiosa e rude.

Depois ficou alguns instantes silencioso, com o corpo curvado um pouco para a frente e como que apoiado sobre os braços, que tinha arqueados em razão de ter as mãos bifurcadas pelos pollegares sobre os coxotes.

De repente endireitou-se de golpe.

— Messire de Neufchatel — bradou em voz de trovão — aqui falta gente. Por S. Jorge! Estranho descuido tivestes devéras. Onde está o sire d'Ange? Porque não convocastes o sire de Monfort?

Thibaut, sire de Neufchatel, d'Espinal e de Blamont, cavalleiro do Tozão de Ouro e marechal de Borgonha, curvou, sem responder, a cabeça para o peito, e os outros cavalleiros fizeram o mesmo, ficando todos em silencio melancolico e profundo.

Carlos rodeou como surprehendido os olhos por

[1] Quem tiver curiosidade de saber como se compunha o conselho do duque de Borgonha em tempo de guerra, leia o livrinho intitulado — *L'estat de la maison du duc Charles de Bourgogne, dit le Hardy* — escripto pelo celebre Oliveiros de la Marche e publicado por Buchon na sua *Choix de chroniques et mémoires sur l'histoire de France*. O livro de la Marche é precioso por narrar minuciosamente o que era n'aquella época a famosa côrte de Borgonha.

elles, e depois de aguardar alguns minutos, irrompeu de novo com extraordinaria violencia:

— Que quer isto dizer? Sire de Neufchatel, por que não convocastes o sire d'Ange e o sire de Monfort? Onde estão elles?

O marechal continuou silencioso e sem se mover da attitude melancolica, em que a pergunta de Carlos lançára, havia pouco, todo o conselho. Entre os demais cavalleiros, que de pé assistiam á sessão, reinava um silencio profundissimo, que indicava alguma desgraça extraordinaria.

O duque ergueu-se então de golpe, fulo de anciedade e de raiva, e com os olhos luzentes como os de um tigre irritado.

— Fallai, por Satanaz! fallai — tartamudeou por entre os dentes cerrados, e batendo violentamente com o pé na terra.

De entre os conselheiros, ergueu-se então um velho de fronte totalmente escalvada, e cuja barba, que era branca como a neve, descia até meio do peito. Tinha o aspeito venerando mas duro, e no brilho severo e provocador do olhar reluzia uma alma incapaz de receiar cousa alguma. Este velho era João, sire de Normanville, que o leitor já conhece, e creio que bem a fundo.

— Monseigneur — disse em voz severa e desempenada — o sire d'Ange e o sire de Monfort fugiram esta antemanhã para os allemaens. É por isso que os não vêdes aqui.

Carlos soltou um grito medonho de raiva, e deu um passo para o velho cavalleiro com a mão aferrada convulsivamente no punho da adaga.

— Calai-vos, messire de Normanville — bradou por fim em voz cuja entonação nada tinha de humana — calai-vos que não sabeis o que dizeis. Isso me ousaes vós de referir?

E, soltando de repente uma gargalhada medonha, rodeou os olhos pelos cavalleiros que o cercavam, e disse com ferocissima ironia:

— Fugiram! fugiram! Ah! por S. Jorge! Ide todos, ide todos, que não quero nem falsos, nem traidores junto de mim. Ide, que Luiz de Valois tem muito ouro, e René d'Anjou dispõe da bolsa de Luiz de Valois. Eu só basto para sustentar a honra da casa de Borgonha — exclamou de repente n'um brado temeroso e batendo allucinadamente com o pé no chão — Ah! messire João de Monfort, que fazeis aqui? Porque não seguistes aquelle vosso honrado irmão? Ficastes para espionar os nossos conselhos... as nossas tençoens? Por S. Jorge!...

E, dizendo, enviou-se, de todo dementado e com a adaga fóra da bainha, a um dos cavalleiros, que estava no conselho.

Affonso v poz-se de um salto ao lado d'elle, e embargou-lhe o passo, enlaçando-o entre os braços musculares. Oliveiros de la Marche e Josse de Lalain, bailio soberano de Flandres, pozeram-se-lhe immediatamente na frente.

N'este entretanto o cavalleiro, a quem o duque se havia dirigido, homem de meia idade, reforçado e espadaúdo, e de aspecto nobremente grave, pozera-se de pé, deixando vêr na lividez esverdeada do rosto e no tremulo convulso, que o meneava, os grandes esforços que fazia para conter-se.

— Monseigneur — disse em voz serena mas abafada — vós erraes no que dizeis. Eu nunca vos fui traidor.

— Senhor primo, voltai a vós. Por Deus! Olhai pela honra do vosso nome — balbuciou o rei de Portugal quasi ao ouvido do duque.

— Monseigneur — disse severamente Oliveiros de la Marche — Vêde que affrontaes um dos vossos mais leaes servidores, aquelle que vos salvou a vida em Montlhery e em S. Quintino.

A estas palavras a adaga descahiu da mão do duque de Borgonha, e elle ficou entre os braços do rei de Portugal a tremer convulsamente, e com o olhar feroz e rutilante immovelmente pregado na figura veneravel de João de Monfort.

O sire de Normanville deu então tres ou quatro passos para o meio da quadra. Parou em frente do duque, endireitou-se magestosamente, aprumou a cabeça com soberania de inspirado, e bradou em voz cheia e imperiosa:

— Duque de Borgonha, a ira de Deus pesa de certo sobre vós, que em tal occasião vos poz assim fóra do vosso natural entendimento. Os allemaens estão a quatro leguas de distancia, a hoste do traiçoeiro rei de França aproximou-se para de mais perto espreitar a occasião de vos esmagar; e vós, em logar de proverdes a melhor maneira de esconjurar a tormenta, affrontaes os vossos mais leaes servidores, insultaes os vossos mais esforçados cavalleiros, deixaes tumultuar infrene a peonagem, e cavaes assim á gloria do nome da vossa familia um abysmo, sobre o qual Luiz de Valois ha-de vir depois rir ás garga-

lhadas! Voltai a vós ou estamos perdidos; voltai a vós ou a esplanada de Nancy verá terminada a obra que os suissos tanto adiantaram em Granson e em Morat.

Ao ouvir estas ultimas palavras, Carlos, que, apenas o sire de Normanville principiára a fallar, desviára os olhos de cima de João de Monfort, e os cravára n'elle, estremeceu, fitou-o com um olhar ferocissimo, e em seguida baixou os olhos para o chão.

Esteve assim por alguns minutos. Ao cabo d'elles, dirigiu-se a João de Monfort, estendeu-lhe a mão e disse-lhe em voz rude mas franca e serena:

— Messire João de Monfort, perdoai-me. Eu disse-vos o que vos não devera dizer; mas outra cousa não podia ser, vendo vosso irmão, que, assim como vós, commigo folgou na infancia, passar-se para o lado dos meus inimigos, e procurar traiçoeiramente a minha ruina. Messire de Normanville — continuou, voltando-se para o velho e audaz cavalleiro — escusamos maior prégação. Podeis sentar-vos.

Assim dizendo, voltou para o banco, que lhe servia de assento, e o conselho ficou de novo em silencio, como que esperando ser interpellado por elle.

Carlos fitou-o, aprumado agora em toda a nobre magestade da sua reforçada mas airosa corporatura. Estava sereno e de todo senhor de si; mas na lividez cadaverica das faces e no vivo resplendor que lhe rutilava nos olhos, via-se claramente que as cinzas, que haviam suffocado aquelle temeroso vulcão, eram finas e leves de mais, de sorte que, ao mais ligeiro sopro da aragem, levantar-se-hiam, e elle rebentaria outra vez com forças cada vez mais pavorosas.

— Senhores do conselho — disse o duque, ao

cabo de alguns minutos de silencio — vós bem sabeis o estado em que as cousas d'esta guerra se acham ao presente. Aqui portanto vos fiz reunir para sobre ellas ouvir vossos alvitres, e d'elles tirar, como cumprir, a conclusão que mais conveniente se me afigurar. Dizei pois o que pensaes ácerca do que devemos agora fazer.

Os cavalleiros fitaram os olhos uns nos outros, como que a vêr quem havia de primeiro fallar. Parecia porém que nenhum d'elles estava resolvido a fazel-o, por que nenhum se levantou, e todos ficaram calados.

Carlos rodeou com impaciencia os olhos por elles. Aquelle silencio principiava a assoprar as leves cinzas, que haviam sopitado o vulcão. Depois de esperar alguns minutos, o duque encolheu os hombros, sorriu com ironia, e disse para um dos cavalleiros:

— Conde de Campobasso, parece que os cavalleiros da Borgonha tem pejo de fallar ao seu soberano. Bem pois; fallai vós que sois italiano, e a quem tenho dado tamanhas provas de favor e de amizade.

O cavalleiro, a quem o duque se dirigia, era homem já de idade, e de estatura reforçada e meã. Tinha os olhos verdes e luzentes de um brilho que parecia lampejar, e o nariz fino e tão recurvado e adunco, que chegava a mergulhar-se no espesso bigode branco, que lhe cobria o estreito labio superior. A expressão d'aquella physionomia era repellente e incommodativa. Por detraz d'ella via-se uma alma traiçoeira, avara, hypocrita, dotada emfim de todos os instinctos e de todos os sentimentos baixos,

que degradam a humanidade, ainda mesmo quando existem separadamente.

Tal era Nicolau de Monfort, conde de Campobasso, caudilho de uma companhia franca, composta de quatrocentos aventureiros francezes, italianos e allemaens, que estava n'aquella occasião, ao serviço do duque de Borgonha.

Interpellado por Carlos, o conde de Campobasso ergueu-se, e, depois de relancear um olhar traiçoeiro sobre elle e sobre todo o conselho, baixou os olhos para o chão, e principiou a fallar em voz cheia mas dôce, acompanhada de gestos desempenados, mas modestos.

— Senhor — disse elle — vós bem sabeis que eu sou um dos vossos mais leaes e fieis servidores; e assim o devo ser, porque tudo o que sou a vós o devo. Por quanto depois que aprouve a Deus chamar a si (*aqui suspirou piedosamente*) o meu nobre senhor, Nicolau d'Anjou, duque da Calabria, com o qual vim do reino de Napoles, minha amada patria (*novo suspiro ainda mais piedoso*), d'onde fui obrigado a desterrar-me, quando o muito poderoso senhor rei René d'Anjou de todo perdeu aquelle florentissimo throno; depois, digo, que elle morreu (*aqui outro suspiro piedosissimo, limpando ao mesmo tempo uma lagrima que fingiu no canto do olho*) vós, senhor, me recolhestes como filho para vós, velho e pobre, sem amigos, sem riquezas, e de todo desbaratado; e me emprestastes logo de entrada quarenta mil escudos de ouro, com os quaes volvi á Italia a formar minha companhia, que vós pagaes agora a mil escudos por anno, ajudando-me assim a

vencer minha pobreza [1]. Portanto, senhor, não só por isso, mas pela muita bondade, que vos leva a honrar com toda a vossa confiança um tão pobre homem como eu, fôra maldade grande e mui culposa, que eu vos não aconselhasse bem e verdadeiramente, como devo a quem tem sido para mim um como que pae. Assim, meu nobre senhor, vou dizer-vos com toda a franqueza a minha opinião, e praza a Deus, que sempre os meus amigos me aconselhem em meus contratempos com tanto amor e lealdade, como eu vou agora aconselhar-vos a vós.

Chegando aqui, Campobasso parou, enviezando á surrelfa um olhar sobre Carlos, que o escutava com toda a attenção e com visiveis signaes de affecto, e relanceando um outro, e rapido e scintillante, sobre todos os conselheiros, que o ouviam com manifestos symptomas de aborrecimento e de indignação. Campobasso não era, porém, homem para acurvar-se facilmente diante de tempestades, ainda maiores; assim continuou, sem a menor alteração de aspecto, de voz ou de gesto.

— Senhor, a mim me parece que não só a honra do vosso illustre nome, mas igualmente os interesses d'esta guerra, exigem que vamos pelejar com os suissos. E' verdade que elles são em muito maior numero que nós; mas vós bem sabeis que é tudo peonagem desordenada e sem disciplina, que não resistirá á cavalleria, quando ella queira arremetter com elles devéras. E não se diga que elles nos venceram em Granson e em Morat. Granson e Morat — continuou animando-se — não devem recordar-se senão

[1] Commines. Mémoires. Liv. v., chap. 6.

para incitar-nos a pelejar. Em Granson e Morat foi vencida pelos suissos a nobre e valente cavalleria de Borgonha; e foi vencida, e perdeu ahi a alta reputação que tinha por toda a Europa, não em razão do esforço e do valor dos inimigos, mas por se ter caprichosamente apavorado, ao vêr homens a pé e mal armados correrem audaciosamente ao encontro de homens bem encavalgados e cobertos de fortes arnezes de prova. Granson e Morat foram devéras dous grandes desaires. Sejam pois elles o grito, com que o brio nos incite a aproveitar-nos da presente occasião de vingar-nos; e sejam os campos de Nancy a sepultura da recordação d'aquellas duas temerosas vergonhas. A gloria do vosso nome o pede, senhor; a honra da Borgonha o exige; a opinião de toda a Europa o demanda. A elles, pois, aos suissos.

— Bem fallado, conde, bem fallado! — exclamou com enthusiasmo o impetuoso Carlos.

Apesar dos applausos do duque, o conselho permaneceu silencioso. Campobasso abaixou respeitosamente a cabeça para Carlos, e, relanceando o conselho com um ligeiro sorriso de escarneo nos labios, continuou assim;

— Senhor, juro a Deus, que em tudo o que digo não tenho em vista senão a honra da vossa reputação e a gloria do ducado de Borgonha. Tudo vos devo; portanto tudo, em minha gratidão, vos sou obrigado a dar. Se érro, que outro me corrija; que eu nem por teima nem por soberba, aporfiarei em sacrificar a prosperidade de vossos senhorios á victoria da minha opinião. Portanto, senhor, digo que não só por honra e gloria vossa e de todo o paiz

da Borgonha devemos aqui aguardar e combater os suissos; mas tambem assim o devemos fazer, por que assim cumpre ao bom desenlace d'esta guerra. Crêde, senhor, por sem duvida que d'esta feita havereis vencimento d'aquella horda de selvagens, que desceu lá das montanhas como vara de javardos, que o parvo do René vos offerece para desporto em monteria. Se os esperardes, se com elles arremetterdes, desapparecerão diante de vós como sombras; e a guerra será finda, porque, assim escarmentados, nem a astucia de René nem o ouro do rei de França serão capazes de os reunir outra vez. Mas se fugirdes diante d'elles, se retirardes, se lhes mostrardes os mais leves assomos de receio, então cuidado... cuidado com elles. Aos grunhidos da jactancia d'aquelles porcos selvagens acudirão logo outros e outros; e tantos virão finalmente que inundarão toda a Borgonha e toda a Flandres, de sorte que em razão do seu grande numero não sereis finalmente poderoso bastante para os expulsar. Portanto, senhor, a mim me parece, que devemos aqui esperar os allemaens; e com a ajuda de Deus e da Virgem, pelejarmos com elles, e aqui os desbaratarmos de todo.

Assim dizendo, abaixou humildemente a cabeça ao duque, cortejou com um leve meneio de cabeça a assembléa, e em seguida sentou-se, sem em nada desconcertar a modestia dos gestos e do semblante.

Mal elle se sentou, Oliveiros de la Marche ergueu-se de golpe. Impava de indignação, isso via-se-lhe no rosto; mas de la Marche conhecia muito a fundo o amo que servia e era cortezão mais que o bastante para a não deixar correr á redea solta e em

harmonia com o brilho indignado e colerico que lhe rutilava nos olhos; e com o sorriso de ironia e de desespero que lhe encrespava os labios ligeiramente convulsos.

— Monseigneur, daes-me licença que falle? — disse, fitando o duque de Borgonha.

— Fallai, messire de la Marche — replicou este com ar prazenteiro, resultado da boa impressão, que n'elle fizera o discurso do arteiro Campobasso.

— Messire de Campobasso — disse cortejando o velhaco capitão dos ginetes — perdoai-me, mas eu não acompanho em tudo a vossa ajuizada opinião.

— E porque? — bradou o duque, encrespando colericamente as sobrancelhas.

— Porque, monseigneur — continuou severamente de la Marche — os suissos são muitos e nós muito poucos; elles enthusiasmados e nós descoroçoados; elles contentes, submissos aos seus chefes, decididos a pelejar e convencidos de que hão-de vencer, e a nossa soldadesca descontente, quasi que rebelde e sem vontade de pelejar com elles, porque se arreceiam de serem por elles vencidos. Ademais, senhor, elles estão frescos e com todas as forças inteiras, porque chegam agora de suas casas, e nós estamos, ha muito, longe das nossas e cortados pelos frios, pelas fomes e por todas as miserias d'um tão longo cerco como este. Ora, senhor, quer-me parecer que n'estas circumstancias não estamos em estado de resistir á arremettida de tantos e tão impetuosos javardos, como messire de Campobasso judiciosamente lhes chama. E depois esta deserção de messire d'Ange e de Monfort é cousa forte e sobre

que se devem fazer muito serios juizos. É possivel — continuou fitando Campobasso com escarneo e com bem manifesta intenção — é natural, é até quasi certo que não sejam elles os unicos traidores, que hajam no campo. E sendo assim, como aconselhar-vos a ir desafiar os suissos, como fiar-vos nas opinioens que vos aconselham, em taes condiçoens, esperal-os e combaterdes com elles? Assim, senhor, não serei eu que vos diga...

— Calai-vos, messire de la Marche, calai-vos — atalhou o duque com gestos e voz enfurecida — Vós não sabeis o que dizeis.

O conde de Campobasso ergueu-se de novo.

— Monseigneur, permittis?... — disse mellifluamente e como a medo.

— Fallai, conde, fallai.

— Monseigneur, messire de la Marche mostrou em tudo o que disse seu grande juizo e o muito amor que vos tem. Mas a mim se me afigura que este lhe turva o seu grande entendimento de fórma, que lhe faz vêr gigantes onde não ha senão sombras de anoens; e, para salvar a vossa pessoa e casa, sacrifica a ellas a vossa gloria e a reputação do vosso imperio. Como? Pois é possivel acreditar-se que um exercito de soldados borgonhezes se arreceie de combater com uma horda de indisciplinados selvagens das montanhas allemaens? Como? Pois é possivel que haja mais brio e mais esforço n'uns poucos de centos de javardos suissos do que em toda a valente e illustre cavalleria de Borgonha? É possivel que a presença d'um tão famoso, e esforçado capitão, como Carlos, duque de Borgonha, seja menos capaz de in-

cutir esforço a soldados aguerridos, do que o são para o dar a uma multidão de pegureiros imbelles os torpes e ignorantes camponios, que os commandam, e o não menos ignorante e obscuro René de Lorena? Ah! messire de la Marche, por vida vossa! tal não digaes. Em quanto á fugida dos sires d'Ange e de Monfort, a mim se me afigura que não são elles taes capitaens... Com vosso perdão, messire João de Monfort — acudiu aqui de subito, fitando aquelle cavalleiro, que logo o cobriu com um olhar de supremo desprezo — A mim se me afigura que não são elles taes dous cavalleiros, que, por sua falta, se haja de perder tal azo como este para nos sanearmos dos desaires passados. E se por ventura — continuou relanceando severamente de la Marche — se por ventura ha ahi mais traidores além d'elles, então aos suissos, aos suissos e já, monseigneur, por que assim não haverá tempo para realisar as traiçoens. E aqui está o meu compatriota messire Jacques Galiotto; que, como tão experimentado capitão, não dirá de certo o contrario.

A estas palavras, levantou-se um cavalleiro de figura gigantesca e espadaúda, que depois de relancear com profundo desprezo o conde, disse rudemente e em francez que travava á ervilhaca italiana:

— Monseigneur, fazei o que vos aprouver, que eu aqui estou para de todos os modos vos servir. Mas quanto ao caso presente, digo-vos que o conde de Campobasso vos aconselha como não deve, e que vos cumpre por agora não aceitar batalha aos suissos.

— E porque, messire Galiotto? — disse o duque, franzindo severamente o sobr'olho.

— Porque... porque... — balbuciou o cavalleiro italiano, que pelo que se via não era muito forte em dar a razão do seu dito.

— Porque? — exclamou em voz de trovão João de Normanville, levantando-se rijo e com gestos de inspirado, e avançando magestosamente alguns passos para o centro da quadra — Porque vós não deveis seguir o parecer de Campobasso, que vos é traidor e desleal, como por vezes vol-o tem mandado dizer por astucia Luiz de Valois, por isso mesmo que deseja que o não acrediteis, e como vol-o quiz certificar Cifron Vachiéres, modormo de René, que vós mandastes desasisadamente enforcar ha poucos dias, e cujo enforcamento Campobasso fez traiçoeiramente apressar, para que elle, como o pedia, não chegasse a fallar comvosco.

— Por S. Jorge, messire de Normanville!.... — exclamou o duque erguendo-se impetuosamente.

— Messire de Normanville, vós mentis pela gorja — bradou em voz abafada Campobasso, pondo-se d'um salto a pé.

— Silencio, tentador! Silencio, Judas infame e traiçoeiro! — replicou com soberania e desprezo o sire de Normanville — Tu és indigno de que um homem de bem te responda.

— Calai-vos, messire, calai-vos — bradou o duque por entre os dentes cerrados e com a mão no punho da adaga, mas fazendo violentos esforços para conter-se.

— Escutai-o, por Deus, escutai-o — rumorejou

Affonso v ao ouvido do primo — afigura-se-me que falla Deus n'aquelle homem.

Carlos sentou-se machinalmente, e fitou por um momento o rei de Portugal com expressão de vivamente impressionado. O enfraquecimento intellectual, que lhe ficára depois de Granson e de Morat, produzia por vezes estas pasmosas hesitaçoens quasi infantis n'aquelle caracter voluntarioso e indomavel, no qual, antes d'aquelles dous desastres, jámais se notaram nem as mais leves sombras de quebra. Carlos fitou pois, por um minuto, o rei de Portugal com expressão de fascinadamente impressionado pelo que elle dissera; e em seguida cravou no sire de Normanville um olhar entre desconfiado, curioso e colerico. O velho cavalleiro estava de pé, no meio da quadra, aprumado a toda a sua magestosa corporatura e com os olhos fitados serena e gravemente no duque.

—Monseigneur — disse por fim em voz grave e authorisada — messire de la Marche e messire Galiotto dizem a verdade, e aconselham-vos como amigos leaes e dedicados, que vos desejam todo o bem. Com quem pretendeis fazer frente aos suissos? Olhai em de redor de vós. Em volta de Nancy tendes apenas tres a quatro mil homens; e d'esses poucos mais de mil serão capazes de manejarem as armas. E é com tão pequeno numero de soldados que pretendeis pelejar com um exercito de doze a quatorze mil homens, destemidos, valerosos e enthusiasmados com a recordação das recentes victorias? Senhor duque, não deis ouvidos ás vans palavras d'aquelles que tentam irritar-vos o orgulho para assim vos perder. De-

senganai-vos. Aquelles não são javardos, são homens e homens valerosos; não são selvagens indisciplinados, são soldados corajosos e bravos; são emfim os vencedores de Granson e de Morat, onde vós, senhor, pelejastes á frente de melhores e mais numerosos exercitos de que tendes aqui. Retiremos, pois. Retirar não deslustra, quando a necessidade aconselha a retirada; o que deslustra, o que envergonha, o que deshonra eternamente qualquer capitão na historia, é o avançar, é o combater, quando a prudencia lhe aconselha que retire, e a derrota realisa em seguida as previsoens da prudencia. Retiremos, pois, monseigneur; retiremos, que se não retirarmos, seremos derrotados, seremos esmagados, e Nancy será a sepultura da vossa gloria e do vosso poder. Recolhamos-nos a Pont-à-Mousson, afortaleçamos as praças commarcans que possuimos aqui, e deixemos passar a torrente. O que os suissos pretendem é abastecer Nancy. Conseguindo o fim com que desceram das suas montanhas, voltarão a ellas, dispersar-se-hão; porque, apesar de combaterem como verdadeiros soldados, aquelles não passam de ser homens livres, que fazem a guerra por necessidade e não por officio. Dispersados elles, René ficará sem exercito, e por muito tempo não será capaz de o tornar a reunir, porque lhe faltarão os meios para isso. Entretanto vós provereis ao augmento e á disciplina do vosso. Sobram-vos riquezas, sobejam-vos homens para soldados. Voltaremos então. O abastecimento, que os suissos darão agora a Nancy, não póde ser grande. A esse tempo, já deve portanto estar acabado, e a cidade reduzida á penuria em que ao presente se acha.

Onde estarão então os suissos? Com o que ha-de René resistir-vos? Em poucos dias será vossa toda a Lorena, e o infame e tençoeiro Valois verá então cada vez mais poderoso diante de si o unico principe, capaz de enfrear-lhe os instinctos despoticos, e de o esmagar de encontro ás sordidas infamias, de que a vida d'elle é immundo tecido. Monseigneur, attentai bem por vós; vêde o que arriscaes. A vossa honra, a vossa gloria, a existencia da vossa familia e a salvação d'aquelles de quem sois o derradeiro arrimo, tudo, tudo jogaes n'este lance supremo. Attentai bem por vós, Carlos, duque de Borgonha; olhai que estaes frente a frente com uma occasião, pela qual o presente e o futuro ha-de chamar a contas estreitas a gloria da vossa reputação.

Acabando de dizer estas palavras, João de Normanville abaixou magestosamente a cabeça a Carlos, e em seguida sentou-se.

O duque de Borgonha esteve muito tempo sem dizer palavra, com os olhos fitos no velho cavalleiro, e como que enlevado em intima abstracção de espirito.

— Senhores do conselho — disse por fim — qual é a conclusão que tomaes?

— Senhor — responderam todos á excepção de Campobasso — nós nos atemos á opinião de sire João de Normanville, a qual temos por boa e por leal.

Carlos tornou a cahir no passado silencio e abstracção, e assim esteve por mais de cinco ou seis minutos.

— Bem pois — disse por fim em voz serena, mas grave e cheia de soberba — nós veremos, nós

veremos. Pelo entretanto, determinamos observar o que os suissos pretendem fazer. Senhores — continuou, voltando-se para os quatro cavalleiros relatores do conselho [1] — vós nos dareis a summa das opinioens aqui aventadas.

A estas palavras, Carlos ergueu-se, e com elle todos os membros do conselho. N'este momento rebentou, da parte de fóra da tenda, um borborinho surdo, mas como de muita gente, que principiava a agitar-se amotinadamente.

— Tosão d'Ouro, que arruido é esse ahi fóra? — bradou Carlos, franzindo severamente o sobr'olho, e dirigindo-se a um cavalleiro, já homem de idade, que sahira, havia pouco, da quadra, chamado por um pagem, e que ia agora entrando outra vez para dentro d'ella com visiveis signaes de desassocegado.

Mas os acontecimentos, que se seguiram, demandam capitulo especial. Para elle, portanto, convidamos o leitor a passar.

1 Vide o supracitado escripto de de la Marche intitulado *L'estat de la maison du duc Charles de Bourgogne, dit le Hardy.*

*

XII

> Senhor, respondeu elle, em bom tempo vos tomou esse desejo, que se em outro viereis, essa vossa mocidade fôra posta no derradeiro extremo da vida.
>
> MORAES — *Palmeirim.*

— Tosão d'Ouro, que arruido é esse ahi fóra? — bradou pois o duque de Borgonha em voz irritada e carregando duramente o sobr'olho.

João Lefebvre, senhor de S. Remy, author de uma das chronicas mais importantes, que a França possue — que este era o cavalleiro, a quem, na occasião que vamos descrevendo, o duque de Borgonha se dirigiu pelo epitheto de Tosão d'Ouro, designação official do nobilissimo cargo de rei d'armas da *nobre ordem* do Tosão d'Ouro — fitou os olhos em Carlos com manifestos signaes de irresolução, e respondeu como que a medo:

— Monseigneur, é chegado um emissario do campo dos suissos, que diz que pretende fallar-vos para vos dar um recado, que sire René de Vaudemont vos manda por elle.

A estas palavras, o rosto de Carlos illuminou-se de subito com pavoroso furor, e os olhos rutilaram-lhe com tamanha luz, que parecia que dentro d'elles haviam lampejado simultaneamente milhares de relampagos.

— Aqui, messire de Neufchatel — bradou o duque em voz que lhe irrompeu do peito como o ribombo d'um trovão repentino — aqui marechal de Borgonha. Prestes, ordenai ao preboste que enforque o villão na arvore mais alta da floresta visinha.

— Monseigneur, attendei que é um cavalleiro... — balbuciou o rei d'armas.

— Por S. Jorge! — bradou Carlos, cravando n'elle o olhar enfurecido — E não o eram tambem os cento e vinte prisioneiros, que René fez enforcar do alto da torre de Santo Epore, em Nancy [1]? Messire de Neufchatel, a uma arvore com elle, a uma arvore com elle. Prestes, andai.

O rosto, a voz e os gestos de Carlos exprimiam tudo o que o furor da loucura tem de mais pavoroso. Affonso V, que, ao principio fitára o primo com manifestos signaes da desagradavel surpreza que lhe causava a ordem por elle dada, ouvindo-a assim repetir, ergueu-se de golpe, com o aspecto carregado e duro.

— Senhor primo — disse-lhe em voz grave e fitando-o com severa magestade — tornai em vós; vêde que é um embaixador.

1 Esta carnificina foi ordenada pelo duque de Lorena em vingança da morte de Cifron Vachières, seu mordomo, que o duque de Borgonha aprisionára, e mandára enforcar. Vid. Commines. Mémoires, liv. V., chap. VI.

— É um voto... é um voto; cumpril-o-hei, que o hei jurado — tartamudeou o duque, impando de soberba e de furor.

— E deshonrar-vos-heis para sempre — volveu com soberana rispidez o rei de Portugal.

Ao ouvir estas palavras, o duque de Borgonha soltou um rugido abafado e feroz, fitou por um momento os olhos luzentes no rei, depois baixou-os e cravou-os na terra, e assim ficou hirto e com os punhos convulsamente cerrados. Graças porém á admiravel força de vontade, de que era dotado, aquelle temeroso espasmo de furor foi diminuindo gradualmente, e acalmou-se em menos tempo do que era para esperar. Passados alguns minutos, Carlos, já quasi que de todo senhor de si, voltou ao logar, onde estivera sentado, e disse em voz rude e imperiosa:

— Fazei entrar esse homem.

O marechal e o Tosão d'Ouro sahiram immediatamente, e voltaram, pouco depois, acompanhados por Luiz Fernandes Baldaia, armado de todas as peças, e precedido por um arauto, cujo brial de setim azul semeado de leopardos de ouro, tinha bordado no peito as armas do duque de Lorena.

O moço Baldaia entrou na teia com porte nobre e altivo, e deixando vêr na severidade, que lhe carregava o aspecto, o quanto trazia o espirito descontente e irritado. Entrando, abaixou a cabeça a Carlos, e fitou-o com um olhar perscrutador, metade de quem observa um inimigo que se aborrece, e metade de quem deseja satisfazer a curiosidade de examinar bem as feiçoens de um homem celebre, que se vê pela primeira vez.

Carlos cravou n'elle os olhos, onde rutilava o brilho provocador de escarneo feroz; mas n'isto os olhos do Baldaia haviam relanceado um olhar sobre os que rodeavam o duque, e, ao deparar com Affonso v, illuminaram-se subitamente de pasmo e de affecto.

—Senhor, vós aqui! — exclamou o moço cavalleiro, cahindo de joelhos aos pés do rei de Portugal e levando aos labios com amor e respeito a mão que o monarca estendia para elle.

—Luiz Baldaia, que loucura é esta? — disse soberanamente o rei de Portugal, carregando com severidade o aspecto, onde rebrilhavam ainda os derradeiros reflexos da affectuosa alegria, que o illuminára ao dar com os olhos no moço Baldaia.

Este, ouvindo-lhe aquellas palavras, levou novamente aos labios a mão do monarca, e respondeu com respeitosa dignidade:

—Senhor, eu sou vosso vassallo, e como tal espero morrer em vosso serviço; mas por agora, perdoai-me, que a minha palavra e as obrigaçoens da cavalleria não me deixam ser mais do que embaixador de René, duque de Lorena.

Assim dizendo, tornou a beijar-lhe a mão, ergueu-se, e foi de novo plantar-se em nobre e altiva postura em frente de Carlos de Borgonha.

Este, ao vêl-o cahir aos pés de Affonso v, fitou os dous com vivos signaes de surpreza; e, ao tempo que elle se erguia, depois de tão claras demonstraçoens de affecto da parte d'el-rei, mediu-o com um quasi imperceptivel sorriso de ironia nos labios, e pondo os olhos no monarca, disse em voz galhofeira:

— Ah! é vosso natural!... E vós conheceis-l'o?

Depois, repousou o cotovello direito no coxote da perna do mesmo lado, encostou a face ao punho, e assim recurvado e com a cabeça na posição forçada, a que esta collocação o obrigava, disse-lhe, avivando o seu sorriso de ironia:

— E bem, dom cavalleiro, nunca vós ouvistes dizer que eu fiz voto de enforcar todo e qualquer emissario, que René ousasse enviar-me?

— Monseigneur — replicou com serena altivez o Baldaia — a muitos ouvi eu dizer essa aleivosia, mas a todos respondi sempre que mentiam pela gorja, e que prompto estava a defender com meu corpo que Carlos, duque de Borgonha, se é tal cavalleiro como a fama o apregôa, é incapaz de commetter uma tamanha villania.

— Ah! Por S. Jorge! E dizeis vós, mancebo?... — exclamou o duque, aprumando-se de golpe e fitando o olhar incendiado no Baldaia.

Mas de subito baixou os olhos para o chão, e, depois de uma breve pausa, disse com magestade e conservando a posição aprumada que a colera lhe fizera tomar.

— E bem; podeis dizer vosso recado. Fallai.

Luiz Baldaia acenou ao arauto, que o acompanhava, e este, desbarretando-se, ergueu a voz, e, dirigindo-se para os quatro cantos da quadra, bradou rijamente:

— Viva Lorena! Ouvide! ouvide! ouvide!

A estas palavras o duque de Borgonha deu um salto sobre o banco em que estava sentado, e levou, cheio de furor, a mão de repente ao punho da ada-

ga. Ao mesmo tempo, os cavalleiros borgonhezes, que presenciavam em silencio esta scena, rumorejaram ameaçadoramente, e no meio d'elles, sentiu-se o roçar metallico de mais d'um punhal, que sahia arrebatadamente da bainha.

— Silencio! — bradou Carlos, fitando os cavalleiros com olhar enfurecido.

Depois voltou-se para o Baldaia, e disse em voz serena, mas sem olhar para elle.

— Por S. Jorge! Acabai.

O moço Baldaia aprumou-se com dignidade, e disse então em voz cheia e grave:

— Muito alto e poderoso principe, monseigneur Carlos, duque de Borgonha, de Lotrich, de Brabante, de Lembourg e de Luxembourg; conde de Flandres, de Artois e de Borgonha; palatino da Hollanda, da Zelandia e de Namur; marquez do Santo Imperio, e senhor de Frise, de Salins e de Malines, estas são as palavras, que o muito alto e poderoso principe, monseigneur René, duque de Lorena, conde de Vaudemont e de Guise, e senhor de Aumale, de Joinville e de Elbeuf vos manda dizer por mim, Luiz Fernandes Baldaia, cavalleiro e fidalgo portuguez, actualmente a seu serviço:

— Ouvide! ouvide! ouvide! — bradou de novo o arauto em voz de trovão.

— Por quanto, pois vós lhe invadistes e tomastes sua terra, e lh'a assollastes e destruistes, contra toda a razão e direito, elle vos proclama, diante de Deus e do mundo, principe tyranno e injusto, e sobre isso vos repta e desafia a combate a todo o trance e de morte.

— Ah! por S. Jorge! — bradou o duque de Borgonha, batendo com violencia o pé no chão.

— Outrosim, pois vós lhe tendes assollado, mal e como não devieis, esta sua boa e leal cidade de Nancy, da qual nunca recebestes damno ou desserviço, elle vos proclama, diante de Deus e do mundo, principe sem fé e mau visinho, e sobre isso vos repta e desafia a combate a todo o trance e de morte.

— Ah! — exclamou o duque, com os olhos luzentes como os de um tigre, e os labios a principiarem a encrespar-se com um sorriso de escarneo insolentissimo.

— Outrosim, pois vós lhe ousaes negar e contradizer o direito e acção que elle tem ao ducado de Lorena, como legitimo filho e herdeiro da muito alta e excellente senhora, Yolanda, condessa de Vaudemont e duqueza de Lorena, por cedencia que n'ella fez seu pae, o muito alto e poderoso principe, monseigneur René, rei de Jerusalem, de Aragão, das Duas Sicilias, de Valencia, de Maiorca, da Sardenha e da Corsega; duque de Anjou e de Bar, e conde de Barcelona, de Provence, de Forcalquier e do Piemonte; e outrosim, fallaes do muito alto e poderoso senhor, acima dito, palavras que não deveis, nas costas d'elle e na presença d'aquelles, que por serem vossos vassallos naturaes vos não ousam contradizer, elle vos desmente, e proclama, diante de Deus e do mundo, cavalleiro falso e desleal, e sobre isso vos repta e desafia a duello singular e de morte, armado ou desarmado, á maça ou á espada, e seja Deus e o valoroso senhor S. Jorge em auxilio

d'aquelle, de cuja parte estiver a razão e a justiça. Eis aqui o seu gage de combate.

Assim dizendo, descalçou a manopla da mão direita, e atirou-a com gesto magestoso e altivo aos pés do duque de Borgonha.

— Viva Lorena! — repetiu em alta voz o arauto, e cobriu-se.

A audacia das palavras d'aquelle repto, e a altivez provocadora, em que o moço Baldaia as pronunciára, tinha feito cahir toda a côrte no silencio profundissimo, que é resultado da suspensão e do pasmo. Quando o moço cavalleiro acabou de fallar, e atirou a luva aos pés do duque, todos os olhos se voltaram, e se cravaram afincadamente n'este.

No rosto de Carlos, mesmo nos olhos em que habitualmente luzia a ferocidade que lhe era essencial, não apparecia porém agora nem o mais ligeiro signal de ira ou de furor. Agora todo elle rutilava, mas era desprezo, o desprezo que nem mesmo desabafa em palavras, mas que se manifesta, mas que fulmina por meio de um certo sorriso de ironia, que esmaga, que fere ainda mais que uma bofetada assente bem em cheio na face.

— Acabastes? — disse por fim em voz secca e velocissima.

— Senhor, sim — replicou com altivez o Baldaia — e agora estou aguardando que me digaes onde e como quereis que se faça este combate, a que sois assim reptado com palavras de tanta deshonra vossa.

Carlos fitou por um momento o moço cavalleiro

com um olhar luzente e que parecia estar a rir ás gargalhadas de escarneo.

— Arredai para lá isso, — disse, desviando com a ponta do pé a manopla: — e agora ide dizer a René de Vaudemont, que esta foi a resposta que o duque de Borgonha se dignou dar ao seu emissario.

Ao ouvir estas palavras, o moço Baldaia afogueou-se de indignação e de colera. Deu dous passos para a frente, levou a mão ao punho da espada, e bradou em voz de trovão:

— Em nome de Deus e de bom cavalleiro senhor S. Jorge, eu Luiz Fernandes Baldaia, cavalleiro portuguez, te repto e desafio, a ti, Carlos, duque de Borgonha, como cavalleiro desleal e cobarde quebrantador das leis da cavalleria.

A estas palavras, os cavalleiros, que rodeavam Carlos, soltaram um brado de indignação e de colera.

— Luiz, que loucura é essa que ousaes? — bradou severamente Affonso v, pondo-se machinalmente de pé.

A fama tinha porém razão, quando apregoava Carlos como o primeiro cavalleiro da época. Soberbo como era, e quasi insano, como o haviam tornado as impressoens infligidas pelos ultimos desastres, ainda assim a honra cavalheiresca fallava tão alto no espirito d'aquelle homem, que o perfido Luiz xi obrigou a ser algumas vezes arteiro e desleal, que as palavras do Baldaia não fizeram n'elle outra cousa mais que carregar-lhe altivamente o sobr'olho e dar-lhe ao aspecto expressão verdadeiramente soberana.

Impondo, pois, com um aceno de mão silen-

cio aos seus cavalleiros, voltou-se para Affonso v, e disse-lhe serena e nobremente:

— Deixai, senhor primo, elle faz como deve, e só pelo fazer deve ser tido na conta de um dos melhores e mais nobres cavalleiros do mundo. Messire — continuou, voltando-se para o Baldaia e apanhando a manopla, que lhe jazia aos pés — eu recebo este guante, mas é como gage do repto que me acabaes de fazer, ao qual, querendo Deus, responderei ámanhã na batalha, com que, com a ajuda d'elle e de monseigneur S. Jorge, o bom cavalleiro, irei procurar René e os seus confederados suissos. Mas vós não partireis assim d'aqui — continuou depois de meditar silencioso um momento — não quero que de mim cuideis que sou tão mau cavalleiro que, sem causa e desarrasoadamente vos dei, a despeito das leis da cavalleria, a resposta que acabaes de ouvir. Eu não fui que principiei arbitrariamente esta guerra. René, dizendo-o, accusa-me falsa e mentidamente. Quem a começou foi elle, elle que estando em paz commigo e sendo ademais meu alliado, me mandou desafiar, estando eu no cerco de Neuz, e, por instigaçoens do perfido Luiz de França, me invadiu de surpreza e deslealmente o Luxembourg, pelo qual logo entrou em companhia de monseigneur de Craon, tenente do desleal Valois, que, em nome do amo, lhe promettera fazer d'elle um grande homem [1]. Tambem não falla verdade quando diz que tem direito e acção a este ducado de Lorena; porque deveis saber, senhor cavalleiro, que a Lorena é feudo

[1] Commines. Mémoires, liv. IV., chap. 2.

do imperio, e, como tal, o rei das Duas Sicilias, não podia fazer cedencia d'elle a uma mulher...

— Monseigneur — atalhou impacientemente o Baldaia — vós bem sabeis que depois da morte do duque João da Calabria e do duque Nicolau, seu filho, a condessa de Vaudemont ficou herdeira natural...

— Buscai occasião mais asada do que esta para arrazoar, mancebo — interrompeu o duque, carregando soberanamente as sobrancelhas — por agora dai vossa embaixada por finda. Olá, messire de Neufchatel — continuou, levantando a voz — fazei conduzir este cavalleiro a salvo até o arraial dos allemaens; e mandai apregoar por todo o meu campo, que sob pena de perder a cabeça, ninguem seja tão ousado que saia a empecer-lhe o caminho.

O marechal poz-se immediatamente ao lado do Baldaia. Este aproximou-se do rei de Portugal, beijou-lhe a mão, e despediu-se d'elle. Depois, inclinou a cabeça ao duque, e disse-lhe em voz respeitosa mas firme:

— Monseigneur, adeus até á batalha de ámanhã.

Carlos sorriu-se com bondade desacostumada, e acenou com a mão um gesto de assentimento e de despedida ao Baldaia. Este sahiu então, finalmente, para fóra da quadra.

Messire de Neufchatel conduziu o joven cavalleiro para fóra da tenda do duque, pegado á qual se achava o nosso conhecido Pero Nagalho, vigiando os cavallos, que dous pagens tinham de redea, e discursando largamente em francez, lanhado de pro-

vençal e de espanhol, sobre as conquistas portuguezas em Africa e sobre os seus proprios feitos d'elle. Estes já elle tinha convencido os borgonhezes que eram verdadeiros, porque, tendo vindo alguns entender com elle e desafial-o a espairecerem o tempo, que o amo gastava com o duque, em experiencias de força e de destreza, elle havia-os tratado de fórma que se convenceram de que era melhor aturar-lhe as fanfarronadas a serio, do que experimentar o peso dos argumentos de punho, com que elle jurava fazel-os acreditar como verdades evangelicas.

Messire de Neufchatel ia a dar ordem a cumprirem-se á risca os mandados do duque, quando reparou que, a pequena distancia, se achava uma companhia de homens d'armas, encavalgados e de lanças aprumadas, com ares de quem ia sahir ao campo, á frente dos quaes se via o severo irmão do infeliz Carlos de Melun.

— Olá, sire João de Normanville — bradou então o marechal, sorrindo — dou-vos as graças por me forrardes ao trabalho de fazer reunir esses patifes, que ahi andam desmandados pelo campo. Ora havei por bem ir pôr este cavalleiro a salvo a distancia conveniente do acampamento dos suissos, que assim o ordena monseigneur.

— Farei como ordenaes, messire de Neufchatel — respondeu o velho cavalleiro — e sêde certo que lhe não succederá damno algum.

O moço Baldaia cavalgou então, depois de ter apertado a mão ao marechal, que lh'a estendeu com grandes palavras de elogio á sua coragem e á sua

valentia, e, acompanhado de Nagalho e do arauto e mais serventes, reuniu-se á cavalgada de sire de Normanville, e partiu acompanhado por ella para o acampamento dos suissos.

Havia já quasi meia hora que caminhavam, sem que o velho cavalleiro olhasse sequer para o Baldaia, que lhe ia ao lado, nem este ousasse soltar uma só palavra, apesar dos vivos desejos que tinha de o fazer. Ao chegar ao alto de uma collina, a pouco mais de meia legua distante do acampamento borgonhez, o sire de Normanville fez parar o cavallo, e, apontando para o fundo do valle, onde se viám uns trinta a quarenta cavalleiros e homens d'armas lorenos, que haviam até ali acompanhado o Baldaia, rompeu pela primeira vez o silencio, e disse em voz austera, mas ligeiramente commovido:

— Aqui nos separaremos. Messire de Baldaia, acreditai que o alto conceito que fazia de vós, subiu hoje até onde podia subir.

— Messire de Normanville!... — balbuciou o moço Baldaia, fitando-o com um olhar supplicante, e sem desaferrar a mão que elle lhe havia estendido.

— Bem sei o que quereis dizer, mancebo — respondeu o velho cavalleiro sem fazer alteração na voz nem no aspecto — Yolanda de Melun está em segurança, e a esta hora estará por ventura orando por nós, prostrada diante do altar de Christo. Fazei por esquecel-a.

Assim dizendo, baixou-lhe a cabeça a ponto de tocar com a plumagem do elmo no pescoço do cavallo, e voltando este, encaminhou sem dizer mais palavra para o arraial do duque.

Entretanto este havia despedido o conselho e feito despejar a praça, na qual ficou finalmente a sós com o rei de Portugal e alguns poucos cavalleiros intimos familiares dos dous.

Havia já meia hora que durava a conversação, travada agora entre os dous primos; e durante ella o duque não fez outra cousa senão fallar com soberba e com desprezo do alvitre, que o conselho havia tomado, e em razão do qual se mostrava decidido a pelejar no dia seguinte.

— Senhor primo — disse de subito — vós que sois tão afouto e afamado pelejador não quereereis, por ventura, desaproveitar esta occasião que tão boa se vos aza para fazer uso das armas. Se assim é, rogo-vos que vos vades lançar em Pont-à-Mousson, para a defender, e estorvar por ahi o passo aos allemaens.

Os olhos do rei de Portugal lampejaram de enthusiasmo bellicoso. Durante um momento, Affonso v teve assim fito o duque de Borgonha; mas logo os labios franziram-se-lhe com um sorriso melancolico, e elle baixou os olhos para o chão.

— Senhor — disse depois de uma breve pausa, em que esteve melancolicamente concentrado comsigo — não me tenteis com tão seductora offerta como a que me fazeis.

E abaixando gradualmente a voz acrescentou:

— Não me tenteis a acrescentar ás tantas imprudencias, que já agora tenho commettido, mais esta de comprometter a minha dignidade real, en-

trando tão desacompanhado n'este importante auto de guerra, para que me convidaes [1].

Era tão solemnemente magestosa a tristeza, com que o pobre rei de Portugal proferiu estas palavras, que a grande alma de Carlos, o temerario, sentiu-se vivamente impressionada por ellas.

— Senhor, perdoai-me — acudiu logo, apertando-lhe affectuosamente a mão — Vós tendes razão no que dizeis, e eu andei desassisadamente em para tal auto vos convidar.

Á uma hora da tarde d'esse mesmo dia, a comitiva de Affonso v recebeu ordem de se preparar para partir; e ás tres o rei de Portugal e o duque de Borgonha apertavam-se affectuosamente pela ultima vez entre os braços, e despediam-se como homens que bem sabiam que, por muitos que fossem os annos que lhes restassem de vida, ainda assim não era natural que se tornassem a vêr.

1 Comminès. Mémoires, liv. v., chap. 7.

XIII

Arma, arma, tudo sôa, tudo guerra,
Sôa o mar guerra, guerra a terra sôa,
Dos valles repulsando nos outeiros,
Respondem guerra os echos derradeiros.

QUEVEDO. *Affonso Africano.*

Começava a raiar a aurora do dia 5 de Janeiro de 1477, vespera de Reis e domingo — dia por ventura o mais frio de todos os que n'aquelle inverno foram frigidissimos [1].

Eram seis para as sete horas da manhã. Uma companhia de cento e sessenta homens d'armas via-se a essa hora parada a pouco menos de um quarto de legua de Varengeville, ao sopé de uma collina, por traz da qual a povoação se occulta do lado de Nancy. D'estes homens alguns passeavam de um lado para o outro, ou a pé ou a cavallo; outros estavam com os cavallos de redea, de pé ou sentados de redor de enormes fogueiras, cujos montoens de cin-

[1] Et fut celle journée par un grand froid merveilleusement — diz Oliveiros de la Marche (Mémoires, liv. II., chap. 8), fallando da batalha de Nancy, na qual ficou prisioneiro dos suissos.

zas annunciavam que havia já muitas horas que estavam ardendo.

Quando os cumes dos montes, que horisontam o nascente, principiaram a aureolar-se com aquelle suavissimo fulgor, que precede os arreboes mais afogueados, que annunciam a aproximação do sol, um cavalleiro, que parecia capitão d'aquella gente, fitou por um momento a estrella d'alva que rutilava como enorme diamante no meio d'aquelle dôce luzir, e em seguida, como se por ella tivesse computado ao certo as horas, disse para um pagem que se achava junto da mesma fogueira, a que elle se aquecia:

— Luigi, aproxima os cavallos. São horas.

E, dizendo, ergueu-se, e cavalgou n'um cavallo, que o pagem segurava de redea, e, acompanhado por este que havia tambem cavalgado, seguiu, torneando a collina, em direcção a S. Nicolau de Varangeville, onde estava o acampamento dos suissos.

A meio caminho parou, e estendeu perscrutadoramente a vista ao longo da estrada, como a espiar se vinha alguem. Esteve assim mais de cinco minutos, ao cabo dos quaes continuou a caminhar para a frente, com evidentes signaes de descontente e contrariado.

A duzentos passos pouco mais ou menos de S. Nicolau parou outra vez, e agora com visiveis signaes de inquietação. N'este logar ouvia-se distinctamente o surdo e grosso borborinho, que fazia a grande multidão de homens, que compunham o exercito suisso ou allemão, nome porque n'aquella época eram tambem conhecidos em França os suissos.

O cavalleiro, cujo rosto a luz agora mais clara do dia illuminava perfeitamente atravez do espaço do elmo, que a viseira, que trazia levantada, deixava a descoberto, era nem mais nem menos que o celebre Nicolau de Monfort, conde de Campobasso, que o leitor já teve occasião de conhecer no conselho de guerra reunido pelo duque de Borgonha no dia anterior. Depois de estar quedo por mais de oito ou dez minutos, durante os quaes a inquietação se lhe foi notavelmente augmentando, o conde soltou uma praga em italiano, e, voltando-se para o pagem, disse-lhe na mesma lingua, e em voz, que demonstrava que lhe era impossivel evitar por mais tempo a expansão da anciedade, que o agitava:

—Se virá elle? Faltar-me-ha o traidor?

Como se estas palavras tivessem o condão de apressar o final desenlace d'aquella inquietação, apenas elle acabou de as proferir, viram-se sahir de Varengeville um cavalleiro e dous homens d'armas, galopando a toda a brida em direcção ao logar, onde Campobasso estava aguardando.

Em poucos minutos chegaram junto do conde, cujo rosto se fôra desanuviando gradualmente á medida que elles se aproximavam, e que se aclarou de todo, quando a distancia lhe deixou conhecer que o cavalleiro era René de Vaudemont, duque de Lorena.

—Sire conde — disse René, apenas se reuniu com elle — não me leveis a mal o ter tardado tanto tempo; mas só agora é que me foi possivel desembaraçar-me do muito que tinha a fazer. Vós bem sabeis que em taes occasioens...

— Monseigneur — atalhou Campobasso com um sorriso de amavel ironia — pouco vai o dia além da hora que marcastes, e eu bem sabia que virieis.

— Oh! de certo — replicou o duque com igual amabilidade — eu nunca faltei ao que prometti; por tanto, messire de Campobasso, aqui estou para vos attender, visto que dizeis que é preciso que fallemos antes de vos reunirdes comnosco.

— Havei por bem mandar arredar os vossos serventes — disse o conde, carregando o rosto com certa gravidade severa — Luigi, aparta-te a distancia para lá.

O duque deu a ordem pedida, e os homens d'armas e o pagem arredaram-se para longe dos dous cavalleiros. Campobasso aproximou então o cavallo a tocar no do duque.

— Monseigneur — disse em seguida, dando á voz e ao gesto a grave seriedade que é propria dos negocios importantes — além, na baixa da collina, está a minha companhia aguardando a ordem de vir reunir-se comvosco. Sahi do campo ás quatro horas, a hora mais propria para a minha retirada produzir maior espanto no exercito borgonhez; e n'este deixei numero bastante de homens que me são fieis, uns para, ao romper da batalha, levantarem vozes de pavor e começarem a fugida, e outros para seguirem o duque de Borgonha, se por ventura fugir, e não o deixarem escapar-nos com vida [1]...

— Messire de Campobasso — atalhou René em voz desabrida e carregando com severa arrogancia os

[1] Commines. Mémoires. Liv. v., chap. 8.

sobr'olhos — eu não sou homem para feitos villãos. Já vos fiz saber...

— Monseigneur, perdoai-me; mas isso é commigo e com el-rei Luiz de França... — disse Campobasso, carregando o aspecto com soberba ironia.

— Mas elle tambem não approva tamanha vileza — exclamou o duque — Vós bem sabeis que, em logar de vos responder á proposta que lhe fizestes de assassinar Carlos no seu proprio acampamento de Nancy, elle, ao contrario, lh'o fez saber por monseigneur de Contay, a quem o mandou dizer [1].

A estas palavras o italiano soltou uma gargalhada estridente e prolongada, com a qual abafou quasi que de todo a satanica expressão de rancor e de raiva ferina, com que de golpe relanceou o duque, e se lhe illuminou todo o aspecto.

— Ha! ha! Como conheceis mal Luiz XI de França! — exclamou por fim — Crêde que não ha ahi senão um homem no mundo que mais deseje a morte de Carlos do que elle... e esse homem sou eu. Mandou-lh'o dizer! Ah! monseigneur, como sois cego! Mandou-lh'o dizer; mas sabeis pelo que? Em primeiro, porque ainda me não conhecia bem, e, em razão da minha grande privança com Carlos, receava que aquillo não passasse de apparencias para o enga-

[1] Après que le roy eust vu la continuelle poursuite que faisoit cet homme, pour trahir son maistre, et que cette demenée fust à l'heure, d'une tresve, et *qu'il ne scavoit point de tous poincts à quelle fin il faisoit ces ouvertures, il délibéra monstrer une grande franchise au duc de Bourgogne;* et le luy manda par le seigneur de Contay (qui plusieurs fois a esté nommé en ces Mémoires) tout au long le demené de ce comte. COMMINES: Mémoires, liv. v., chap. 6.

nar a elle: em segundo, porque conhece Carlos melhor do que vós, e sabia que elle menos se precaviria contra mim, se elle Luiz o mandasse avisar. Ademais... ha! ha! — continuou, soltando nova gargalhada, mas agora de franca zombaria — ademais, agora que Luiz me conhece bem, quer vêr se póde conseguir de graça o que tanto deseja... porque elle bem sabe que eu e Carlos não cabemos os dous n'este mundo. Deixai-o commigo, deixai-o commigo; eu conheço-o melhor, e até, pelo conhecer bem, é que vos requeri a mercê de aqui virdes fallar commigo.

— Dizei pois — replicou seccamente René.

— Monseigneur, como vêdes, eu cumpro lealmente as minhas promessas. Ajustei comvosco que impossibilitaria a tomada de Nancy, e assim o cumpri, fazendo com que faltasse tudo que era necessario para o cerco e para as baterias; o que nenhum outro podéra fazer senão eu, em razão da authoridade que eu tinha com o duque, e de estar a meu cargo o provimento de todas aquellas cousas [1]. Ajustei que me passaria para vós na occasião que fosse mais propria para espantar os borgonhezes, e aqui estou. Ajustei que o duque de Borgonha havia de morrer em Nancy, e sêde certo, monseigneur, que se fugir, se fôr derrotado, ha-de infallivelmente morrer [2].

— Não me falleis em tal, messire de Campobasso; não me falleis em tal — exclamou arrebatadamente o duque.

1 Commines: Mémoires, liv. v., chap. 6.

2 Il assuroit bien que, si le duc de Bourgogne fuyoit, qu'il n'en eschapperoit jamais vif. COMMINES: Mémoires, liv. v., chap. 8.

— Cumpri pois o que prometti — continuou o italiano, como se não tivera sido interrompido — agora resta-me saber se ha a mesma lealdade para commigo, e se os vinte mil escudos e o condado em França [1], a pouquidade, emfim, que exigi pelo muito que fiz, está ou não certa, como vós e monseigneur de Craon me promettestes.

— Sire conde — respondeu René, carregando o sobr'olho — o que prometti, cumpri. Vós já recebestes os cem mil escudos de ouro, por que vos ajustastes commigo. Pelo que diz respeito a el-rei de França, bem sabeis que não tenho em minha mão seus thesouros.

— Mas vós promettestes-me que havieis de insistir com elle para aceitar as minhas condiçoens — disse Campobasso, enviezando ao duque um olhar traiçoeiro.

— E assim o fiz; e não só eu, mas tambem monseigneur de Craon — replicou seccamente René — mas ainda até hoje não tivemos resposta de el-rei.

O conde italiano baixou um momento os olhos para o chão, e assim se conservou por algum tempo. Por fim levantou o rosto sereno e impenetravel como se fosse de marmore; e disse, fitando o moço duque de Lorena:

— Monseigneur, depois do que vos disse ácerca do duque de Borgonha, cumpre contar-vos a razão do odio que lhe tenho. Sabei; que, ajustando nós um dia as contas do que elle me paga pelo serviço da companhia dos meus homens d'armas, diminuiu ao

[1] Commines: Mémoires. Liv. v., chap. 6.

meu rol tres mil escudos de ouro, dizendo que já m'os havia pago [1]. Neguei eu que tal fosse. Refertamos, e na referta, deixando-se elle arrastar pelo seu genio soberbo e arrogante, deu-me uma bofetada na cara.

— E vós? — exclamou René, fitando o italiano com os olhos luzentes de pasmo.

— E eu — continuou Campobasso, encolhendo os hombros e sorrindo-se — e eu... O duque, logo em seguida, arrependeu-se do que fizera, pediu-me muitos perdoens, e deu-me muitos abraços... Mas teimou em não me pagar os meus tres mil escudos de ouro. Ora aqui tendes a razão do odio que lhe tenho.

Ao ouvir esta ameaça disfarçada, os olhos de René lampejaram um momento com terrivel expressão de colera: mas o reinado de Luiz XI havia ensinado a dissimulação á cavalleria franceza, e René tinha sido educado no meio d'ella. Dominou-se por tanto, e disse, sorrindo:

— Bem pois, messire de Campobasso, lá vos avireis com elle... e com el-rei de França. Por agora mandai ordem á vossa companhia para vir reunir-se comnosco, e entremos no acampamento, que é tarde.

Campobasso voltou-se, sem se alterar, para o pagem, e deu-lhe as ordens convenientes para fazer aproximar os seus aventureiros. Em seguida, elle e o duque dirigiram-se para Varengeville acompanhados pelos dous homens d'armas lorenos.

Ao aproximarem-se do primeiro posto suisso, vi-

[1] Olivier de la Marche. Mémoires. Liv. II., chap. 8.

ram-se sahir do meio d'elle dous anciãos veneraveis, armados, ao uso antigo, de cervilheiras e saias de meia, e de adagas á cinta, e compridos montantes, que, ao caminharem, traziam aos hombros.

Estes dous velhos eram o *landamman* de Unterwald e o *avoyer* de Berne [1].

Mal os dous grupos se aproximaram um do outro, os suissos fincaram as ponteiras das espadas no chão, e, estendendo gravemente os braços direitos para o duque, bradaram em voz grave e authorisada:

— Monseigneur de Lorena, parai.

O duque susteve immediatamente o cavallo, e fitou nos dous velhos um olhar rutilante de pasmo e de anciedade.

1 *Landamman* (de *land*, territorio, e *amtmann* bailio) é o titulo dado na Suissa ao presidente da dieta geral dos cantoens, e igualmente o dado a cada um dos presidentes ou chefes de cantão, eleitos pelas suas respectivas assembleias. Esta palavra porém não é a exclusivamente empregada, na confederação, para designar estes ultimos funccionarios. Em alguns cantoens, em logar de *landamman*, são chamados *avoyers* (advogados). Em 1477, a confederação era apenas formada por oito cantoens, que eram Uri, Schwitz e Unterwald, que foram os primeiros que se confederaram pela liga perpetua de Brunnen, em 1315, depois da batalha de Morgarten, no tempo da famosa revolução chamada de Guilherme Tell; e Zug, Glaris, Lucerne, Berne e Zurich, os quaes todos estavam definitivamente confederados em 1353. D'estes oito cantoens, o governo dos primeiros era perfeitamente democratico: a assembleia cantonal e o seu presidente, ou *landamman*, reuniam em si e exerciam conjunctamente todos os poderes do estado. Os de Berne e Lucerne eram aristocraticos. Os *avoyers*, que assim se chamam n'elles os chefes, eram eleitos, em numero de tres, pelo povo, e reuniam em si todos os poderes, e os exerciam independentes. O de Zurich era mixto; assim a modo de governo representativo, em que a assembleia cantonal *legislava* e o *avoyer* executava as leis assim legisladas.

— Monseigneur — continuou com magestosa serenidade um dos dous anciãos — nós e nossos irmãos fomos sabedores que esse homem, que vos acompanha, pretendia vir ajuntar-se hoje comnosco; pelo que nos reunimos, e determinamos que nós dous viessemos ante vós a dizer-vos que lhe ordeneis que se retire, porque não queremos traidores entre nós [1].

O duque ficou por um momento enleado, e sem saber o que havia de fazer. Ao lado d'elle, Campobasso ouvia com todo o desplante os suissos, fitando-os com um sorriso de ironia e de escarneo nos labios.

— Messire — disse finalmente René — vós deveis saber que messire de Campobasso nos tem prestado grandissimos serviços, e que, a não ser elle, Nancy...

— Monseigneur — atalhou rudemente o *avoyer* de Berne — nós não temos cousa alguma com isso, e acreditamos que vós tambem nada tendes. Nós os suissos não transigimos com traidores. Jámais o fizemos, e jámais o faremos; e muito menos n'este dia, porque, se al fizessemos, os Santos Reis Magos de Colonia [2], cujas vesperas são hoje, nos voltariam as costas, e se passariam contra nós para os borgonhezes. Esse homem é um grande traidor; basta, por tanto.

1 Commines: Mémoires Liv. v., chap. 8.

2 Colonia é a terra do mundo, onde ha maior numero de reliquias de Santos. É lá, onde existem as, *ut est fama*, reliquias das onze mil virgens e dos Santos Reis Magos!! As d'estes, antes da reforma protestante, eram a devoção principal de toda a Allemanha; e ainda hoje são muito veneradas pela parte catholica d'ella.

Acabando de dizer estas palavras, os suissos voltaram rudemente as costas, e partiram a reunir-se ao seu posto, deixando René inteiramente enleado, e com os olhos fitos em Campobasso, sem saber o que havia de fazer; e este a seguil-os com os olhos, sorrindo e meneando ao mesmo tempo a cabeça com ironia escarnecedora.

— Monseigneur — disse por fim o italiano — não vos desavinhaes com os javardos por minha causa. Deixai-os lá com suas sandices. Aproveitai-vos d'elles, e, em tempo opportuno, mandai-os ao diabo. Pelo que me toca, perdei o cuidado; eu não sou homem a quem a presa se tire das mãos com facilidade. Vou partir para Condé [1]; e crêde que, a vós e a el-rei Luiz, prestarei lá mais serviços, do que se fôra pessoalmente comvosco n'esta batalha.

Assim dizendo, abaixou a cabeça a René, e partiu a galope ao encontro dos seus aventureiros.

O duque seguiu-o com os olhos, mas com aspecto de inteiramente abstracto e alheio a tudo o que o rodeava. Ficou assim por alguns minutos. De repente o grande sino da igreja de Varengeville bateu tres fortes badaladas, cujo som se espraiou, nas azas da frigidissima aragem que estava soprando, por sobre a vasta planicie que então se encontrava derredor d'aquella povoação. Ao ouvil-as, o duque estremeceu, como que despertado de subito; metteu esporas ao cavallo, e, minutos depois, desappareceu mergulhando para dentro das casas da villa.

1 Commines: Mémoires, liv. v., chap. 8. — J. de Troyes. Chron. 1477.

Passado um quarto de hora, pouco mais ou menos, quatrocentos a quinhentos lorenos e francezes entre cavalleiros e homens d'armas, todos elles cobertos de armaduras de ferro batido; e doze mil suissos, cobertos de malha, e com os montantes atravessados ás costas, e uns de alabardas, e outros de trabucos [1] nas mãos — entre os quaes se viam tambem não poucos cavalleiros, dos que viviam nos cantoens de Berne, Lucerne e Zurich, — principiaram a apparecer aos lados e a sahir pelas ruas e caminhos de Varengeville, todos para a planicie, sobre a qual se alastraram rapidamente, e formaram em circulo em torno da povoação. Estiveram assim por algum tempo immoveis e calados. De subito o sino da igreja de Varengeville principiou a tocar á missa; e logo todas as cabeças d'aquella grande massa de homens, lorenos, francezes e suissos, murrioens emplumados, bacinetes simples e cervilheiras de malha, curvaram-se respeitosamente para os peitos, e sobre todos os rostos se fez com devoção o signal da cruz. D'ahi a pouco o sino bateu tres badaladas compassadas e solemnes. O exercito cahiu todo de joelhos, e curvou a face para o chão. Estava o padre a levantar a hostia na igreja de Varengeville. Estiveram assim por dous ou tres minutos; ao cabo d'elles, ergueram-se, e ficaram outra vez de pé e silenciosos, mas agora envolvidos n'um surdo e ligeiro susurro, que nada mais era que o ruido de muitos labios a ciciar oraçoens. Algum tempo depois o sino de Varengeville rompeu em ruidoso e festival repique.

1 *Coulouvrines à main* — diz J. de Troyes: Chron. 1477.

— Viva a Suissa! Viva a Lorena! Deus é comnosco! Aos borgonhezes! Aos borgonhezes! — irrompeu todo o exercito n'um brado tremendo de enthusiasmo, que ribombou no espaço com o estampido de milhares de bombardas.

A missa havia acabado. Áquelle brado, o exercito revirou-se de subito, e com os seus respectivos chefes á frente, principiou a marchar a passo largo em direcção a Nancy.

Eram então perto das oito horas da manhã [1]. A atmosphera estava gelada, o sol assemelhava um grande globo esbranquiçado no meio da nebrina que enfumava o espaço, e o solo, por onde aquella grande massa de homens marchava compacta e sem attender a nenhuma difficuldade do terreno, estava coberto por camadas e camadas sobrepostas de gelo, endurecidas até á consistencia da pedra.

Meia hora depois os suissos chegaram a Neufville, meia legua distante de Nancy, e pararam áquem de uma especie de lagoa, que o Meurthe ahi formava, e que principiára a degelar no dia anterior. Os cavalleiros lorenos e suissos, e os landammans e avoyers dos cantoens confederados, e os de Fribourg e Soleure, que ainda o não estavam, mas que quizeram acompanhar os seus irmãos das montanhas n'esta guerra, que reputavam de gloria nacional — patriotismo que os fez entrar quatro annos mais tarde (1481) para a confederação, — reuniram-se logo, a fim de accordarem sobre as ultimas disposiçoens para a batalha. Em razão d'este accordo, os suissos divi-

[1] J. de Troyes. Chron. 1477.

diram-se em dous corpos de exercito. De um d'elles, em que iam os habitantes de Zurich, de Fribourg e de Soleure, tomaram o commando os *avoyers* de Fribourg e de Zurich e o conde de Abstain, poderoso senhor d'este ultimo cantão, o qual vinha acompanhado por mais de duzentos homens d'armas encavalgados, entre os quaes se contavam alguns cavalleiros de esporas douradas. Do outro corpo, formado pelos habitantes dos outros cantoens confederados, ficaram capitaens os *avoyers* de Berne [1]. Os cavalleiros lorenos, francezes e suissos, e os seus respectivos homens d'armas, formavam um terceiro corpo, á frente do qual se via o duque de Lorena.

— Viva a Suissa! Deus é comnosco! Avante! avante! — bradaram então os *avoyers* de Berne e todo o corpo que commandavam.

E romperam a passo apressado pela estrada de Neufville a Nancy.

— Deus é comnosco! Avante! Viva a Suissa! — bradaram os *avoyers* e os habitantes de Zurich, e dos outros cantoens, arremettendo a passo largo pela margem do Meurthe acima.

— Prény! Prény! [2] — bradou minutos depois o duque de Lorena, baixando a viseira e meneando enthusiasticamente a lança.

[1] J. de Troyes. Chron. 1477. Fique dito de uma vez que a descripção das disposiçoens militares e acontecimentos geraes da batalha de Nancy é feita segundo João de Troyes, que é aquelle que mais minuciosamente a descreve.

[2] O castello de Prény era o solar dos duques de Lorena. Ainda hoje se vêem as ruinas d'elle a 36 kil. de Nancy. O nome d'este castello era o grito de guerra dos duques de Lorena.

E avançou a meio trote, seguido pelos mil e tantos cavalleiros e homens d'armas que commandava, pelo terreno que ficava intermedio das duas alas de infanteria, que haviam avançado antes d'elle.

Entretanto o duque de Borgonha, tendo noticia da marcha dos suissos, havia commettido uma nova e decisiva imprudencia. Em logar de esperar a arremettida dos javardos da Helvecia, como elle lhes chamava, por detraz das estacadas e vallos do seu campo fortificado, determinou, inspirado pelo frenesi da soberba que o tomou ao saber aquella noticia, sahir a esperal-os ao campo. Debalde os seus melhores cavalleiros e amigos mais intimos lhe representavam a loucura de um tal procedimento; Carlos a nada attendeu, e, espantando todos os que lhe aconselhavam o contrario, sahiu com ainda menos de dous mil homens [1], descoroçoados e descontentes, ao encontro dos doze mil suissos, enthusiasmados e aguerridos.

Carlos dispoz o seu pequeno exercito por detraz das altas e espessissimas sebas, que bordavam as margens de um ribeiro, que corria para o Meurthe pelo espaço intermedio do rio e do caminho de Neufville, e que ahi, onde elle se collocou, se colleava, torneando a gafaria da Magdalena, que ficava a menos de meio quarto de legua de Nancy. A artilheria, de que tinha muita e boa, ficou postada na estrada real de Neufville, por onde vinha uma das divisoens dos suissos. A infanteria, que constava de bésteiros e alguns arcabuzeiros, foi dividida em dous corpos, um dos quaes ficou formando a ala direita, e o outro foi collocado

[1] O. de la Marche: Mémoires, liv. II., chap. 8.

á esquerda da artilheria, e fazendo face para a bocca de um valle, em que ahi junto se quebrava o monte, que corria parallelo e a pouca distancia da estrada. A cavalleria ficou no centro, prompta a auxiliar qualquer das alas, sobre que arremettesse a cavalleria inimiga.

Carlos, com uma lança na mão, e uma pesada maça de chumbo pendente do arção trazeiro, collocou-se á frente dos seus cavalleiros, á espera que chegassem os suissos. A ala d'estes, que marchava pela estrada, assomou por fim, avançando com tal rapidez, que afigurava não caminhar, mas rolar-se por cima da neve.

Mal os avistou, Carlos despediu da frente dos cavalleiros, e, acompanhado por alguns d'elles, galopou, para onde estava a artilheria.

— Meus valentes — bradou elle — mal os javardos se aproximarem a tiro, fogo!

— Viva a Borgonha! — responderam os bombardeiros, e com elles toda a ala esquerda que os protegia.

— S. Jorge pela Borgonha! — troou immediatamente ao longo de todas as alas do exercito borgonhez.

N'isto, os suissos appareceram em frente da artilheria borgonheza.

— Fogo! — bradou Carlos, mal os viu a tiro de peça.

De repente, as dez boccas de fogo, que defendiam a estrada, lampejaram, ribombando e vomitando de si nuvens de fumo, que por mais de dous minutos cegaram inteiramente aquella parte do campo.

Dissipada a fumaceira, viu-se que a artilheria havia feito bastante estrago na columna inimiga, e que esta, obliquando sobre a direita, avançava a todo o correr pela montanha acima, internando-se pelo bosque que n'aquella parte a cobria.

Mas n'isto a cavalleria lorena, que viera sempre a meio trote, assomou galopando sobre a ala direita dos borgonhezes, que era commandada pelo cavalleiro italiano Jacques Galiotto. Ao vêl-a, Carlos voou para a frente dos seus cavalleiros, e, á frente d'elles, avançou a galope ao encontro dos lorenos.

As duas alas encontraram-se por fim frente a frente.

— S. Jorge pela Borgonha! — bradou Carlos em voz de trovão.

— Prény! Prény! Deus é comnosco! — respondeu no mesmo tom o duque de Lorena.

A estes brados, aquellas duas grandes florestas de lanças tombaram de subito em posição horisontal, os cavalleiros apertaram-nas nos ristres, curvaram-se um pouco sobre os arçoens dianteiros, e esporearam com vigor os cavallos. Estes arrancaram immediatamente a toda a brida, e, seguindo depois aquellas duas extensas fileiras de lanças, empunhadas por homens armados de ferro e montados em possantes cavallos acobertados, toparam em cheio uns nos outros com a violencia e com o fragor de dous rochedos titanicos despedidos, a rolar, do alto de dous Himalayas oppostos.

As lanças voaram em astilhas pelo espaço; e logo as maças de chumbo, as fachas d'armas, e as espadas principiaram a coruscar, por cima d'aquella im-

mensa mole de homens armados, que, após o encontro, tinham ficado baralhados em massa confusa e indescriminavel, na qual se revolviam os cavalleiros que pelejavam, os cavallos que galopavam sem donos, e os que levavam os donos arrastados após si, ou agarrados aos pescoços d'elles — e tudo isto por cima de centenas de homens e cavallos derribados, uns já cadaveres, outros revolvendo-se ainda nos supremos esforços da vida; aqui um, mal ferido, procurando sahir do meio d'aquelle temeroso turbilhão; ali outro erguido a meio corpo, ullulando gritos pavorosos que se perdiam no meio da vozeria do combate; mais além outro soltando a vida n'um brado terrivel, que lhe era arrancado do peito pelas patas de um cavallo, que de subito lhe haviam cahido sobre elle...

Aquelle era um espectaculo sublimemente pavoroso e medonho; mas, enlevados pelo frenesi do combate, nenhum cavalleiro attendia a elle, ninguem ouvia os brados dos derribados, os gritos dos que morriam, a voz do irmão que chorava pelo irmão, ou a do filho que implorava o pae que o não esmagasse com o peso do cavallo, que arremessava, sem attender a que era o filho quem jazia ali derribado por terra.

No encontro, Carlos havia quebrado a lança no escudo de um cavalleiro, que n'elle trazia pintadas as armas de Portugal. Os cavallos acuaram, mas os dous cavalleiros fizeram-nos pôr promptamente de pé, com o auxilio da brida e da espora. Carlos levou então da maça de chumbo que trazia; e o das armas portuguezas de uma facha d'armas que lhe pendia

do arção. Iam a arremessar-se um sobre o outro; mas o confuso barulhar do combate separou-os n'um repellão para distancia. O das armas portuguezas, mal pôde assenhorear-se, revirou com ademanes de raiva o cavallo; e, com a facha empunhada e sem attender aos golpes que n'aquella confusão choviam sobre elle, ergueu-se nos estribos, e rodeando em todas as direcçoens a cabeça, com vista que parecia fuzilar atravez das fendas da viseira, bradou em portuguez e em voz de trovão:

—Monseigneur de Borgonha, monseigneur de Borgonha, cumpri a vossa palavra.

O duque, combatia a pequena distancia. Ao ouvir estas palavras, revirou o cavallo de golpe, e respondeu em voz igualmente rija:

—Messire de Baldaia, eis-me aqui. Aguardai.

E, dizendo, arremessou cegamente o cavallo de encontro á confusa massa de homens armados, que se revolvia ferozmente entre elle e o cavalleiro portuguez. Mas debalde os dous cavalleiros empenharam todos os esforços para se aproximarem um do outro; debalde com golpes sobre golpes, feridos com forças descommunaes, pretendiam abrir caminho por entre a multidão que os separava. Uns cahiam com os elmos abolados; outros, com os braços decepados, eram arrebatados pelos cavallos que já não podiam conter. Mas apesar d'isso o redemoinhar d'aquelle pavoroso turbilhão, em que já se combatia á adaga e a punhadas, envolvia-os, arrastava-os no seu temeroso girar, e ora os aproximava, ora os distanciava, sem nunca os deixar frente a frente um do outro. De subito atirou com elles a distancia e para lados oppostos; e

aquelles dous homens, cuja referta se tornára momentaneamente notavel, confundiram-se, mal seu grado, no meio da turbamulta, onde depois se distinguiam apenas pelas proezas singulares que praticavam.

Do lado porém, para onde o turbilhão lançára o duque, é que a peleja se tornou mais heroicamente saliente. Ahi os brados de raiva e de pavor eram mais rijos e mais successivos, e os cavalleiros cahiam derribados em torno d'elle tantos e tão rapidamente, que o viram por mais de uma vez no meio de larga clareira. As forças de Carlos, apesar de gigantescas, não eram, porém, sufficientes para produzir per si só tão herculeos resultados; e devéras não os produziam. A causa era outra. Logo em seguida ao brado, com que o moço Baldaia chamára por elle, havia-se visto um cavalleiro de corpulencia gigantesca e de cavallo igualmente possante, voltar-se para lá, e procurar abrir caminho até o duque. Era um terrivel pelejador aquelle. A maça de chumbo, que meneava como se fosse uma penna, com golpe que désse, logo fazia vir a terra toda a parte das armas que alcançava; ou, se dava em cheio, fazia baquear derribado aquelle em quem acertava. Apesar do quasi incontrastavel redemoinhar da multidão, já havia conseguido ganhar muito caminho para a frente, quando ella arremessou irresistivelmente o duque para junto d'elle. Desde então nunca mais se apartára do lado de Carlos, e as forças d'aquelles dous homens corpulentos e audazes começaram a tombar combinadas sobre os lorenos, levando, como o raio, a destruição após de si.

Mas a valente cavalleria da França e da Lorena, e os corpulentos e esforçados cavalleiros de Berne e de Lucerne, não eram homens que assim se apavorassem diante de dous cavalleiros, embora de forças e golpes hérculeos. A peleja revolvia-se da mesma fórma encarniçada e sem mostrar fraqueza de nenhuma das partes. Aquillo mostrava que não terminaria sem a total destruição dos dous bandos, tal era já o numero de homens d'armas que jaziam derribados e mortos, e tal o frenesi sanguinolento, com que se revolviam os que pelejavam.

A briga durava, havia oito ou dez minutos, se tanto. N'isto ouviu-se do lado esquerdo do exercito borgonhez um brado temeroso, em seguida o estrondo da descarga de muitos trabucos, o ribombo de dous ou tres canhoens, e logo viva a Suissa! n'um brado pavoroso, e os gritos de foge! foge! e o confuso tropear de muita gente que corria baralhada e em confusão.

Carlos ergueu-se de golpe sobre os estribos, e olhou para aquelle lado.

Os suissos haviam torneado a posição da ala borgonheza; tinham apparecido de repente no alto do monte e na bocca do valle, descarregado á queima roupa os trabucos, e em seguida arremettido, a todo o correr e de montante em punho, sobre a artilheria e sobre os besteiros da Borgonha [1]. Os artilheiros ainda poderam pôr fogo aos dous canhoens, que já tinham conseguido carregar; mas desappareceram n'um relance, esmagados debaixo d'aquelle temeroso

[1] J. de Troyes. Chron. 1477.

avalanche de gigantes. Os bésteiros e os arcabuzeiros ainda chegaram a disparar as béstas e os arcabuzes; mas sentindo bater de encontro a si aquella mole enorme e furiosa, cujas longas espadas se ergueram de repente e principiaram a ceifar n'elles com temerosa rapidez, abalaram-se, perderam a ordem, e partiram a fugir, misturados em multidão confusa com os javardos da Helvecia, que revolviam por entre elles os pesados montantes, como feroz alcateia de lobos no meio de fracas e indefezas ovelhas.

Ao vêr a derrota da sua ala esquerda, que fugia envolvida com os suissos, que a perseguiam e trucidavam, Carlos, acompanhado pelo cavalleiro gigantesco, por Oliveiros de la Marche e pelo conde de Chimay, e por mais quinze ou vinte homens d'armas, que conseguiu separar da peleja em que se revolviam, arremessou-se a toda a brida ao encontro d'ella, com o intento de cahir sobre os suissos, e dar assim folego aos fugitivos para se reunirem e serenarem. Mas a vinte passos apenas andados, ouviu troar do lado direito igual estrondo e vozeria igual á que acabava de troar do esquerdo. Olhou. A ala suissa, que avançava pela margem do rio, acabava de chegar, e arremessára-se sobre a ala direita borgonheza, como a outra se havia arremessado sobre a esquerda; e o conde de Abstain, abandonando o commando da peonagem aos avoyers de Fribourg e de Zurich, lançára-se, á brida, com os seus cavalleiros e homens d'armas, no meio do combate titanico, em que a cavalleria borgonheza se revolvia ferozmente com a da Lorena e da França.

A ala direita não resistiu porém tanto tempo co-

mo a esquerda, e veio cahir, acossada pelos suissos, de encontro ao redemoinhar dos cavalleiros.

— Viva a Suissa! Prény! Prény! Deus é comnosco! Mata! mata! Morra Borgonha! — bradavam os suissos, cortando terrivelmente nos borgonhezes, que fugiam diante d'aquelles que appellidavam javardos, como vara de porcos immundos e cobardes diante de enorme matilha de furiosos mastins.

— Estamos perdidos! Foge! Foge! Salva quem poder! — bradavam os borgonhezes.

E aquella multidão de soldados apavorados espalhou-se n'um relance sobre o campo, fugindo em todas as direcçoens.

Carlos ficou um momento indeciso e sem saber o quê havia de fazer. A vista parecia lampejar-lhe por traz da viseira do elmo, que trazia na cabeça.

— Monseigneur, é preciso fugir — bradou, um pouco fóra de si, de la Marche, lançando-lhe ao mesmo tempo a mão á redea do cavallo.

Carlos soltou um rugido medonho, ergueu a maça n'um relance, e atirou tal golpe ao capitão dos ginetes, que, a não esquival-o elle, tombaria com o craneo despedaçado. Em seguida ficou immovel e quedo, illaqueado por furor tão violento e insano, que não só o não deixava pensar, mas até lhe não consentia mover-se.

O valente capitão dos ginetes perdeu totalmente a serenidade, ao vêr aquella medonha atonia moral, aquella victoria completa da materia sobre o espirito. D'aquella fórma Carlos estava irremediavelmente perdido. Era, pois, necessario chamal-o de novo a si; e de la Marche, esquecendo no deslumbramento d'aquella

agonia, o perigo a que se expunha, tocando o leão enfurecido e dementado pela raiva, bradou novamente, e agora em voz pavorosa de afflicção:

— Monseigneur... monseigneur... fujamos!... Olhai. Os suissos arremettem a pé com a cavalleria... Jarretam os cavallos... Vêde; fogem os homens d'armas... E' impossivel resistir...

N'isto sentiu-se, á direita e a distancia, mas já bastante audivel, um brado terrivel e estrepitoso de viva a Suissa! de mistura com o estrondo ruidoso de enorme multidão, correndo velozmente. O arruido aproximava-se com medonha rapidez. Eram os suissos da ala direita, que, abandonando a perseguição dos borgonhezes que tinham fugido diante d'elles, voltavam a reunir-se aos seus irmãos da ala esquerda, que, auxiliados pela cavalleria lorena, faziam terrivel destruição nos valentes cavalleiros da Borgonha. Viam-se ainda ao longe; mas aquella mole enorme caminhava com tal velocidade, que assemelhava ingente nuvem lampejante deslisando-se rasteira pela terra sobre as azas de violento furacão.

— Fujamos!... fujamos! — bradou de novo de la Marche, com um grito de agonia medonho, e lançando de novo a mão ás redeas do cavallo de Carlos.

Este ergueu outra vez, n'um relance, a terrivel maça de chumbo; mas quando ia a descarregal-a, e agora de certo que fatalmente, o gigante, que o não abandonára até então um momento, e que assistira a esta scena pavorosa immovel e como que a tudo indifferente, lançou-lhe de subito a mão ao braço, e,

sustendo-o com forças sobrenaturaes, bradou em voz que assemelhava um trovão:

— Fujamos! fujamos!

— Ah! por S. Jorge! dom traidor! — bramiu o duque, soltando-se a custo e por meio de um violento puxão d'entre a presa d'aquelle Hercules — E quem sois vós?

— Sou o capitão Bandarra — trovejou o gigante, levantando a viseira.

— Ah! — exclamou Carlos — Esse sois... e fugis!

Tal era o enthusiasmo que os prodigios de coragem e de forças inspiravam á alma heroica de Carlos, o temerario, que, apesar de estar agora illaqueado de todo pela suprema insania do furor, ainda assim vibrou ao apello d'elles, acordou de repente e voltou por um momento a si!

O Bandarra segundo o seu costume não lhe comprehendeu bem a pergunta, e ficou embobado a olhar para elle.

— E fugis! — repetiu Carlos, soltando uma gargalhada de ironia e de escarneo.

— E foge — bradou então do lado e em voz severa um cavalleiro, que chegára a galope havia apenas momentos — e se alguem lhe achacar, algum dia, a fugida, que diga bem alto que fugiu com Josse de Lalain, que jámais havia fugido até hoje.

Assim dizendo, o valente cavalleiro, a quem o duque de Borgonha havia confiado o commando da ala direita do seu exercito, levantou a viseira, e acrescentou com um sorriso de desprezo e de ironia a tremular-lhe nos labios:

— Houveram-se como uns cobardes aquelles miseraveis! Fujamos, monseigneur, fujamos, não morramos com elles aqui.

E, com estas palavras, aferrou o braço de Carlos, puxando brandamente por elle para a frente.

XIV

C'um brado que abalára altas montanhas,
Coberta a vista de uma sombra escura,
A cabeça no peito, que anhelava
Entre as vascas da morte, reclinava.

CASTRO. — *Ulyssea.*

A reputação européa, a nobre intelligencia e o caracter altamente cavalheiresco de Josse de Lalain, exerciam sobre o duque de Borgonha decidida influencia.

Ao ouvir, portanto, a voz d'elle, Carlos voltou-se, fitou-o, e assim esteve um momento, como que hesitando. De subito soltou um brado pavoroso — um brado semelhante ao do tigre quando se vê obrigado a largar a presa ao grande numero de caçadores que o cercam — poz esporas ao cavallo, e partiu á desfilada em direcção á estrada de Metz [1].

Acompanhavam-no o capitão Bandarra, Josse de Lalain, o sire de Normanville, o conde de Chimay, messire la Mouche de Vère, Oliveiros de la Marche, Antonio de Oiselet, e João de Monfort. Eram, com elle, nove cavalleiros ao todo; mas, a pouca dis-

1 Commines. Mémoires, liv. v., chap. 10. Ediç. Buchon, 1836, nota a pag. 133.

tancia, a cavalgada já constava de cincoenta e tantas pessoas, em razão dos homens d'armas, quasi todos landsknechts das provincias allemaens do duque, que, como de caso pensado, corriam d'aqui e d'ali a reunir-se a elle.

Carlos, de todo dementado e insano, galopava á frente d'elles, a toda a brida, sem consciencia do que fazia, e como que arrastado por um turbilhão. Assim foram atravessando por entre os soldados que fugiam, até um quarto de legoa distante do logar onde fôra a batalha. Ahi acharam pela frente o ribeiro, que passava á gafaria da Magdalena, e que n'esse logar era bastante largo. O degelo, que principiára no dia antecedente, havia-o transformado em extenso e perigosissimo brejo. As margens e o leito, era tudo um lodaçal, em que o lodo e a neve se misturavam formando uma massa embrandecida, que degelava aqui e ali, e ia deslisando em corrego.

— Monseigneur, parai ou estaes perdido — bradou de repente João de Monfort, n'um grito de pavorosa agonia, obrigando ao mesmo tempo o cavallo a dar um salto violento, que o poz quasi que a par do nobre e veloz animal, em que ia cavalgado o duque.

Mas Carlos, na insania do furor que o dominava, não o ouviu, e continuou a deixar correr o cavallo em direcção ao ribeiro; e o brioso corcel, espicaçado pela espora, que o cavalleiro lhe levava cravada na barriga, lançou-se de um salto dentro d'elle.

O mesmo foi cahir ali, que empegar-se. Afocinhou no primeiro impeto, mas ergueu-se de subito, sustentado pelo puxão, com que o cavalleiro levan-

tou a brida, e pela violenta esporada que de subito se lhe enterrou nos ilhaes. Depois afocinhou segunda, terceira, e quarta vez; afocinhou em fim a todos os impetuosos esforços que fazia, para soltar-se e ir ávante. Mas debalde o valente e brioso animal se debatia, contorcia e relinchava irritado; debalde Carlos, de todo dementado, lhe amiudava com ferina pertinacia esporada sobre esporada. Era impossivel desempegar-se.

Ao brado que João de Monfort havia soltado, os cavallos de toda a cavalgada estacaram de chofre e á uma, e viram-se por um momento com as patas dianteiras suspensas no ar, tal foi o puxão que os cavalleiros imprimiram ás redeas, ao reconhecerem a grandeza do perigo, que a perspicacia do affecto extremoso de João de Monfort havia farejado ainda a distancia.

Este, apenas, o cavallo do duque saltou para dentro do brejo, soltou um grito de angustia suprema, deu um pulo do cavallo abaixo, e correu immediatamente para a margem. De la Marche fez, machinalmente e um segundo apenas depois, a mesma cousa.

— Capitão Bandarra, pé em terra — bradou em voz de trovão Josse de Lalain. — E vós, senhores, arregimentai os homens d'armas, e fazei frente a qualquer arremettida, que venha sobre nós.

Assim dizendo, descavalgou de golpe, e, seguido pelo Bandarra que já se achava em terra, correu para junto do sire de Monfort e de de la Marche, que se achavam junto da margem do ribeiro fallando ao duque e bradando-lhe, no auge da agonia, as di-

recçoens com que cada um d'elles imaginava que se poderia desempegar o cavallo. O sire de Normanville descavalgára tambem, e correra igualmente para a margem do ribeiro.

— Senhores... senhores, tornai em vós ou estamos perdidos — bradou Josse de Lalain em voz pavorosa de afflicção — Assim nada se conseguirá. Ajudai-me a lançar penedos no brejo em direcção ao duque, para por meio d'elles chegarmos a elle, e o trazermos em braços para terra.

Assim dizendo, tomou nos braços robustos um enorme penedo dos muitos que o peso da neve fizera rolar do alto da montanha, que corria parallela ao antigo caminho de Nancy a Metz, e lançou-o dentro do brejo. Os outros fizeram immediatamente o mesmo. Mas só o que lançou o Bandarra, foi que ficou com a cabeça ao lume do lodo. A razão era simples; só elle era capaz de empolgar e levantar penedos, que podiam muito bem servir de corôa a qualquer monte de razoavel grandeza.

Mas apenas elles tinham lançado as primeiras pedras no seio do enorme lodaçal, quando os landsknechts, que haviam ficado em ala a distancia, bradaram á uma:

— Campobasso! Campobasso! Morra o tyranno!

E baixando as lanças arremetteram em corpo contra os cavalleiros que haviam ficado encavalgados e contra cinco homens d'armas borgonhezes, que sustinham de redea os cavallos dos que haviam descavalgado.

A esta arremettida inesperada e de subito tres dos soldados borgonhezes cahiram por terra, e os ca-

vallos, que estavam de redea, empinaram-se espavoridos, soltaram-se dos freios e espalharam-se á desfilada pela campanha. Os cavalleiros, porém, não perderam as sellas.

— Traição! traição! — bradaram elles, para advertir os companheiros.

E lançaram-se immediatamente sobre os landsknechts revoltados.

Estes, como o leitor já ha-de ter conhecido, eram os soldados da companhia franca de Campobasso, deixados por elle no campo borgonhez, para, durante o combate, seguirem o duque de Borgonha, e o assassinarem na occasião da derrota.

Ao ouvirem o grito d'alarma soltado pelos tres cavalleiros, os cinco que estavam trabalhando no brejo, voltaram-se e correram para o logar, onde haviam deixado os cavallos. Não os achando, arremetteram, a pé como estavam, em soccorro dos companheiros, e, anteparando-se com os escudos contra os botes de lança, com que os landsknechts os pretendiam derribar, metteram-se por entre elles, jarretando-lhes os cavallos, e fazendo temeroso destroço. O Bandarra, sobre todos, armado de uma ponderosa espada de ambas as mãos, que os suissos ahi haviam deixado ao passar, e que elle, com grande pasmo seu, encontrára em vez do cavallo, no logar onde havia descavalgado, revolvia-se no meio d'elles derribando e lançando por terra tudo o que topava a geito, com mais certeza e maior destruição do que qualquer das terriveis machinas de guerra, que nos ultimos tempos celebrisaram tristemente o admiravel vigor da fecunda imaginação americana.

Entretanto, Carlos, no meio do brejo e de costas para a peleja, rugia e ululava como um milhão de feras de subito illaqueadas por inesperado cepo. No furor d'aquella raiva espancava o cavallo com a maça que tinha empunhada, enterrava-lhe as esporas na barriga, e puxava-lhe em todas as direcçoens pela redea. O valente animal corcoveava, contorcia-se em sacoens e em curvetas, sacudia-se, debatia-se... De subito empinou-se, e, obedecendo ao impulso da redea, rodeou, e voltou-se de face para o logar do combate. Mas na força d'este impeto desesperado, enterraram-se-lhe os pés mais no brejo, e cahindo com as mãos sobre a lama mais solida da margem, ficou descahido da anca, e sem poder empregar as forças que lhe restavam em mais do que em firmar-se bem para de todo não acuar no lodo. Carlos, que nada via, nada ouvia, nada conhecia, continuava a espicaçal-o, cada vez mais enfurecido. Ao principio, o nobre animal, que se não podia mexer, relinchava furioso com a orelha fita, os olhos scintillantes, a bocca cheia de espuma, e d'ella e das ventas, erguidas ferozmente para o ar, a sahirem turbilhoens de fumo. Depois enfraqueceu pouco e pouco, deixou cahir a cabeça para o peito, e só accusava a crueldade e a ingratidão do amo com gemidos dolorosos, em que de quando em quando arquejava.

A briga continuava bem ferida e bem travada. Por fim os landsknechts, apesar da superioridade do numero, começaram a ceder terreno diante dos oito cavalleiros e dos dous homens d'armas, que a par d'elles combatiam. Principiavam já a embaralhar-se e a enfraquecer. O montante do terrivel Bandarra

levava a destruição e a desordem por toda a parte por onde corria, fuzilando como o raio da ira de Deus. Poucos minutos mais e os infames soldados de Campobasso tomariam indubitavelmente a fugida.

Mas n'isto assomou do lado de Nancy uma companhia de cincoenta homens d'armas lorenos, muitos dos quaes traziam na garupa corpulentos soldados suissos. Na frente d'elles galopava um cavalleiro, montado n'um possante cavallo ruão. Ao vêl-os, os landsknechts bradaram Prény! Prény!, separaram-se de golpe de junto dos cavalleiros borgonhezes, e, encorporando-se com os lorenos, cahiram rapidamente todos juntos sobre aquelles.

Tudo isto se passou n'um relancear de olhos. Os companheiros do duque de Borgonha, apenas, para assim dizer, haviam avistado os lorenos, quando os sentiram sobre si, a toda a força da carreira que traziam.

O sire de Normanville cahiu logo atravessado por uma lança, que lhe passou o arnez por junto do gorjal, enterrando-se-lhe algumas pollegadas no peito. De la Marche e o sire de Monfort atropellados pelos cavallos, que se arremessaram sobre elles, ficaram prisioneiros. Josse de Lalain cahiu, derribado por um golpe de maça que lhe assentaram em cheio sobre o elmo. Dos outros, la Mouche de Vère e Antonio de Oiselet foram ao chão com os cavallos atravessados por um sem numero de lanças; e o conde de Chimay teve de ceder ao numero desproporcional de lorenos, que se lançaram sobre elle, e o aferraram á viva força.

O unico, por sobre quem passou aquelle terrivel avalanche sem conseguir sequer abalal-o, foi o Ban-

darra. Passado aquelle primeiro impeto que fez baquear os mais valentes cavalleiros da Borgonha, viu-se o gigante de pé, herculeamente plantado, e rodeando ás mãos ambas o ponderoso montante — no meio de vasta clareira, só, direito e erguido, parecendo, como o Capaneu de Stacio, ameaçar os deuses e os homens. Debalde suissos e lorenos se impelliam contra elle, em massa e cegos de furor. A larga clareira não estreitava uma só linha; o terrivel montante não deixava um segundo de assemelhar, dentro d'ella, enorme lamina d'aço que circumdava o gigante, e, á medida que ia durando aquelle seu pavoroso girar, via-se crescer o parapeito de armas e de membros despedaçados, dentro do qual se ia entrincheirando o Hercules.

De subito ouviu-se, do lado do ribeiro, um grito pavoroso, um grito que troou como o estalar de um trovão por sobre o arruido do combate. Os suissos tinham corrido para o duque de Borgonha, e, para chegar até elle, trabalhavam por acabar a obra que os cavalleiros borgonhezes haviam começado para o mesmo fim, consolidando á força de grandes penedos o lodo. Ao vêl-os, o furor de Carlos cresceu, se por ventura era possivel crescer. Esporeou e esporeou o pobre cavallo atolado; espancou-o com a maça, que tinha na mão, e com a qual ameaçava, rugindo, os suissos, e por fim, arremessou-a com força ao meio d'elles, soltando aquelle brado medonho — gemido pavoroso da insania da raiva ao baquear diante do impossivel, com o qual se atrevera a arcar.

Ao ouvir aquelle grito, o Bandarra respondeu com outro, que assemelhava o bramido do leão, quan-

do, cercado pelos caçadores, ouve o rugir da agonia dos filhos ainda imbelles, que estão sendo trucidados por elles. Como o rei das florestas, o cavalleiro portuguez deu um salto para o meio dos homens d'armas lorenos, e por entre elles abriu n'um relance caminho até á margem do ribeiro. Chegado ahi, parou, fez de novo frente aos adversarios, e, rodeando outra vez o ponderoso montante, recomeçou a sua obra de destruição, entretanto que Carlos lhe ululava nas costas, dementado pelo frenesi da impotencia, a que se achava reduzido.

Suissos e lorenos, peoens e cavalleiros, em massa e em confusão, arremettiam e recuavam em frente do montante do Bandarra, como os vagalhoens de um mar tempestuoso se arremessam e recuam em frente dos rochedos da costa. As pragas, as blasphemias e os gritos de raiva ribombavam medonhamente no espaço, de mistura com os gritos de dôr e de agonia, e o tirlintar das armas despedaçadas pela espada do gigante. De quando em quando ouviam-se por sobre aquelle medonho alarido os ululos da raiva de Carlos. Era uma vista pavorosa aquella; era como um vortice de precitos, condemnados por Deus a arremessarem-se e a desfazerem-se de encontro áquelle homem de ferro, em torno do qual eram obrigados a redemoinhar.

De subito sentiu-se um tiro de trabuco. O gigante estremeceu — oscillou — estendeu os braços — largou o montante — e baqueou, soltando um brado terrivel, que fez recuar lorenos e suissos, e suspendeu por um momento o vozear da refrega.

Fôra um dos trabuqueiros suissos o Jove que

fulminára o titan. Assim ficaram, pelo invento dos homens, igualados, no espaço de um momento, as forças que a vontade de Deus repartira e conservára desiguaes tantos annos.

Mal cahiu o Bandarra, os lorenos aproximaram-se do ribeiro, e recomeçaram a obra, que elle lhes havia interrompido. Carlos bradava, ululava, e rugia diante d'elles, contorcendo-se sobre o cavallo, que já mal podia suster-se, e que ia pouco e pouco acuando no lodo. De subito o duque soltou um brado de alegria selvagem. Era satanaz que achára o meio de despedaçar e de reduzir ao nada a obra de Deus. Após elle, appareceu logo de pé sobre a sella, contrahiu-se um pouco sobre si mesmo, e, de um pulo de tigre, cahiu no meio dos inimigos, despeitorando ao mesmo tempo um grito de satisfação verdadeiramente satanica.

Mal cahiu, arremessou os braços para os lados, com as forças gigantes de que era dotado, e revolveu-se no meio d'aquella ingente mole de homens com a ferocidade e a energia da fera, que acaba de arrebentar as grades da jaula. Lorenos e suissos recuaram de repellão. Por um momento viu-se o duque folgadamente no meio d'elles. Mas a pesada multidão tornou a cerrar-se em breve, e Carlos sentiu-se aferrado por centenares de braços robustos, que tentavam subjugal-o. Apesar da vantagem do numero, não era ainda assim cousa facil o domar de um só impeto o primeiro lutador da Europa, agora dementado pela raiva. Durante um instante conseguiram encadeal-o, segurando-o pelos braços, e pelo corpo. Mas aquelle instante de apparente quie-

tação não fôra outra cousa mais do que o espaço preciso para o gigante concentrar todas as forças de que era senhor. Findo elle, o duque fez um impeto temeroso. Desaferrou-se das presas herculeas, que o seguravam, arremessou os braços de novo para os lados, e de novo appareceu a revolver-se folgadamente entre os adversarios, que conseguira outra vez arredar de si. Arrancou então um montante das mãos de um suisso, e logo a terrivel espada viu-se scintillar uma e duas vezes no espaço, e tombar sobre os inimigos, despedaçando armaduras e soldados. Os lorenos e os suissos recuaram de novo. Carlos deu então dous passos para a frente, e começou a fulminar de alto para baixo o montante com destruidora velocidade. Armaduras, cabeças, braços, e corpos cahiam despedaçados debaixo d'elle. Carlos caminhava a largos passos para a frente; os suissos e os lorenos recuavam, recuavam...

Mas n'isto chegou o sire de Bazemont, que commandava os lorenos, e que estivera até ahi occupado a dar ordem á segurança dos prisioneiros. Ao vêr a destruição que aquelle homem terrivel fazia nos seus, arremetteu a cavallo e com a lança terçada para elle, e ensopou-lh'a logo na barriga, por onde as armas já andavam desfeitas. Em seguida levou de uma facha d'armas, que trazia no arção, e levantou-a n'um relance sobre a cabeça do duque. Ao mesmo tempo um corpulento suisso arremettia com uma alabarda para este, e enterrava-lh'a n'uma coixa, onde já andava despedaçado o coxote.

— Tende-vos, messire de Bazemont, tende-vos que é o duque de Borgonha — bradou então em voz

de trovão o Baldaia, que chegára n'aquelle momento, e reconhecera Carlos pelas armas.

E, com este brado, arremessou o cavallo por sobre a multidão para junto do cavalleiro lóreno.

Mas o sire de Bazemont era totalmente surdo; e assim, antes que o Baldaia lograsse aproximar-se d'elle, a facha d'armas cahiu em cheio, uma e outra vez, sobre o elmo já abolado do duque. Á segunda, o elmo estourou, e a facha entrou para dentro do craneo. Carlos ainda ergueu a toda a altura o montante; mas, logo, a espada cahiu-lhe das mãos, e elle tombou, soltando um rugido surdo e cavernoso. A vida do leão cedia ao numero, mas não cediam nem o odio nem a coragem.

N'aquelle rugido morria Carlos, o temerario; morria o feudalismo francez; morria em fim o derradeiro cavalleiro que representou ao vivo o espirito dos rudes baroens da idade média.

—Sabeis o que fizestes? Era o duque de Borgonha—bradou com raiva mal represa o Baldaia, erguendo a viseira e aproximando-se do cavalleiro loreno.

—Quem? — replicou este, tirando o elmo, e chegando o mais que podia o ouvido ao Baldaia.

—Era o duque de Borgonha—repetiu este, apontando para o cadaver de Carlos, que os lorenos estavam despojando, e a quem já haviam tirado o elmo.

—O duque de Borgonha!—exclamou o sire de Bazemont com indizivel afflicção.

Depois relanceou o cadaver do duque, soltou um grito de agonia terrivel, e bradou:

— Desgraçado de mim, que matei o melhor cavalleiro do mundo!

Assim dizendo, arremessou com furia o elmo contra a terra, e, esporeando o cavallo, tomou o caminho de Nancy, e desappareceu a toda a brida [1].

Os suissos e os homens d'armas lorenos seguiram immediatamente após elle; e Luiz Baldaia achou-se de repente só no logar, onde, havia ainda poucos minutos, se refertára atroadoramente aquella luta de gigantes. Só não; porque junto d'elle estava o fiel Pero Nagalho, que jámais o perdera de olho durante a batalha, e que após elle seguira até ali, acutilando indistinctamente borgonhezes, lorenos e suissos, tudo em fim que encontrava a geito, e sempre declamando philosophicamente ácerca das vantagens da paz e do socego.

Luiz fitou então em triste contemplação o cadaver do duque, o corpo inanimado d'aquelle homem, que fôra poderoso potentado, e que estava agora ali, coberto de lama e de sangue, meio nú e abandonado de todos. Parecia-lhe incrivel que fosse aquelle o cavalleiro irascivel e feroz, que ainda vira no dia anterior á testa do exercito que sitiava Nancy, e com quem elle se atrevera a affrontar frente a frente. De subito a voz de Pero Nagalho cortou-lhe o fio d'aquellas melancolicas reflexoens, e chamou-o de novo a si.

— Por vida! — exclamou o homem d'armas — Aquelle bole todavia. Vivo será, por minha fé!

[1] Ao que ahi fica narrado no texto ácerca da morte do duque de Borgonha, acrescentam as velhas chronicas francezas que o sire de Bazemont morrera de dôr, pelo ter assassinado. Chamava-se Claudio de Bazemont, e era alcaide de S. Dié.

E dizendo, apontava para o cadaver de um dos cavalleiros borgonhezes que tinham sido mortos, e que os lorenos haviam despojado e deixado de bruços.

O moço cavalleiro lançou-se immediatamente do cavallo abaixo, e correu para o corpo do borgonhez, que effectivamente ainda dava signaes de vida. Chegando a elle, poz um dos joelhos em terra, e, tomando o cavalleiro nos braços, recostou-o contra si.

Era João de Normanville, com a comprida barba branca e o rosto severo enlabutado de lodo e do sangue, que lhe corria da larga ferida, que a lança lorena lhe abrira no peito.

— Pero, corre ahi ao ribeiro, e traz agua — bradou angustiosamente o Baldaia.

— Por S. Beelzebut! — resmoneou estupefacto o velho homem d'armas; e correu a cumprir as ordens do amo.

Segundos depois voltou do ribeiro, trazendo o bacinete cheio de agua frigidissima. Luiz tomou uma pouca nas mãos, e banhou com ella o rosto desfigurado do sire de Normanville. Este abriu immediatamente os olhos.

— Ah! esse sois, messire de Baldaia? — disse em voz firme, mas difficilmente audivel — Onde está o duque?

— Ali jaz morto — replicou machinalmente o moço cavalleiro, indicando com os olhos o logar, onde jazia o cadaver de Carlos.

— Morto! — exclamou o sire de Normanville, esforçando-se por seguir com a vista a direcção que Luiz Baldaia indicava — Morto! Então está tudo acabado.

E com estas palavras cerrou os olhos, e pareceu ter morrido.

De subito as feiçoens, que já espelhavam a morte, contrahiram-se medonhamente, o corpo tremulou em convulsão pavorosa, e os punhos cerraram-se-lhe com força. Um segundo depois soltou um grito medonho, e exclamou em voz de trovão:

— Não haverá pois justiça em Deus? Luiz de Valois, infame e deshonrado villão, venceste... por fim!

Ao dizer a ultima palavra, a voz era já quasi um cicio.

— Messire de Normanville, lembrai-vos de Deus... lembrai-vos de vossa sobrinha! — exclamou com mal represo terror o Baldaia.

O velho cavalleiro fitou severamente os olhos n'elle.

— Messire de Baldaia — disse por fim em voz já quasi extincta, e como apenas resultado do esforço supremo de uma força de vontade capaz de lutar até com a morte — correi a Pont-à-Mousson. Os suissos já lá devem de estar a estas horas. Ahi encontrareis Yolanda no convento da Magdalena. Salvai-a... Levai-a ao castello de Fruges, no Artois... N'elle achareis meu pae. Messire de Baldaia, confio Yolanda á vossa honra. Perdei a idéa de tudo o mais... Lembrai-vos que Yolanda... é filha de Carlos... de Melun... Descende de reis...

Aqui a voz era quasi um cicio. Parou então sem poder dizer mais. Fitou a vista firme e severa no moço cavalleiro, e, um segundo depois, os olhos lampejaram-lhe rapidamente com fulgor sobrenatural. Em

seguida, estirou-se, tirou do peito um resfolegar largo e cançadissimo, e ficou morto, sem fazer sequer um só gesto em que se revelasse medo da morte ou saudades da vida.

Luiz Baldaia ficou por alguns minutos com elle nos braços, e sem o poder desfitar. Por fim pousou-o docemente sobre o solo regelado, onde nem mesmo os abutres o podiam despertar d'aquelle derradeiro somno, correu para o cavallo, e lançou-se de um salto na sella, bradando a Pero Nagalho:

— A Pont-à-Mousson.

E, seguido pelo velho homem d'armas, despediu a toda a brida na direcção indicada.

XV

Querer contar suas magoas
Seria areias contar,
Quanto mais se alongando,
Se ia alongando o soar.

B. Ribeiro. — *Menina e Moça.*

Pont-à-Mousson, pequena cidade de oito mil e tantos habitantes, a distancia de cinco leguas e meia de Nancy, no caminho de Metz, nasceu, como a maior parte das povoaçoens da idade media, de umas poucas de casinhas, que no seculo XII se foram agglomerando ao so-pé do castello de Mousson, cujas ruinas se vêem ainda hoje na primeira rechã da montanha, que fica a cavalleiro do formoso valle, banhado pelas aguas do Moselle, até cujas margens se estende a cidade actual.

Em 1477, Pont-à-Mousson não tinha talvez um terço da população que tem hoje; mas era por ventura mais importante, não só em razão da fortaleza do castello que lhe servia de abrigo, mas porque era elle como que a guarda avançada do castello de Prény, solar da casa de Lorena, a cujo ducado pertencia.

Na ultima guerra com o duque de Borgonha, Pont-à-Mousson tivera a mesma sorte que tinha tido todo o ducado de Lorena; cahira em poder de Carlos. Se o desacordado desalento, resultante dos desastres acontecidos nas guerras contra os suissos, não houvessem cegado o bom senso militar do duque de Borgonha, este, quando veio pela ultima vez sitiar Nancy, teria considerado Pont-à-Mousson como importante ponto de apoio, para o caso de nova desgraça, e tel-o-hia abastecido de armas e muniçoens sufficientes para resistir a qualquer cerco. No estado, porém, em que trazia o espirito, Carlos não só não fez caso de Pont-à-Mousson, mas nem menos attendeu aos conselhos d'aquelles que lhe apontavam o seu forte castello como merecedor de toda a attenção de um general prudente e prevenido. Pont-à-Mousson ficou portanto abandonado, e o seu castello foi apenas defendido por uma centena de homens d'armas, que o duque mandou para lá, em attenção a Josse de Lalain, cuja sobrinha, Dianna de Hastir-Lavaux, era abbadessa do convento da Magdalena d'aquella cidade.

Soror Dianna de Hastir-Lavaux tinha uma historia sentimental e romanesca. Seu pae, Jorge, barão de Hastir-Lavaux, era um dos mais poderosos e mais ricos senhores da Borgonha; sua mãe, Isabel de Lalain, era filha da casa dos Lalains, familia n'essa época famigerada na Europa em razão das suas proezas cavalheirescas, e poderosa no ducado de Borgonha, por motivo das vastas possessoens, de que era senhora no Hainaut.

Aos sete annos, Dianna ficou orphã de pae e de

mãe. Seu tio, o senhor de Lalain, trouxe-a então para o seio da familia materna, e ahi cresceu até aos dezesete em graças e formosura. Ao chegar áquella idade a fama da sua extremada belleza e do seu caracter todo doçura e todo meiguice enchia a Borgonha e toda a França. Os mais valentes e famigerados cavalleiros das duas côrtes quebravam lanças sobre lanças, em justas e passos d'armas, em honra da senhora de Hastir-Lavaux. Mas, apesar do seu caracter todo azado para o amor, Dianna ainda não tinha até ahi sentido inflammar-se-lhe no coração o dôce sentimento, que Deus destinára que lhe decidiria mais tarde do futuro de toda a vida. Por esse tempo houve na côrte de Borgonha um esplendido torneio. Durou quatro dias consecutivos. Ao cabo d'elles, Carlos de Albret, senhor de S. Bazilio, e filho do poderoso conde d'Albret, que o leitor já encontrou de passagem n'esta historia, foi julgado o melhor cavalleiro d'aquellas justas.

Carlos d'Albret era então um joven cavalleiro, de vinte e cinco annos apenas, mas já notavel pelos feitos de cavalleria, pela generosidade de caracter e pela galanteria cortezã, de que era primoroso cultor. Era elle desde muito um dos pretendentes ao amor de Dianna, a qual parecia tambem distinguil-o entre os outros. Chamado, logo no primeiro dia, a exercer o direito de escolher a *rainha* do torneio, Carlos, como era de esperar, foi depôr a magnifica corôa de perolas e brilhantes aos pés da formosa herdeira da baronia de Hastir-Lavaux.

A vaidade, em taes casos muito natural e muito justificada em todas as mulheres, soprou então ás

chammas que o amor pretendia, desde muito, accender no coração de Dianna. A formosa menina não podia ser indifferente áquella brilhante prova de affecto, que lhe era dada em tal occasião e tão publicamente pelo mais valente e mais elegante cavalleiro da França. O amor enlaçou desde logo os coraçoens de Carlos e de Dianna com fortes e dôces prisoens; e como a nobreza era igual e as relaçoens das duas familias intimas e affectuosas, aprazou-se, mezes depois, entre os dous jovens um casamento, que promettia um futuro de rosas e de venturas.

Este aprazamento teve logar pelos fins de Agosto de 1472. No meado de Setembro o joven d'Albret partiu para a Guyenne, a dar parte d'elle a seu padrinho, Pedro de Beaujeu, genro de Luiz XI, então governador d'aquella provincia. Em Outubro o celebre João, conde de Armagnac, revolucionou-se contra o rei de França, e apoderou-se por surpreza do castello de Lectoure, onde estava Pedro de Beaujeu e os cavalleiros que o acompanhavam. João d'Armagnac, cujo unico fim era empecer a Luiz XI, soltou todos os fidalgos do sequito do senhor de Beaujeu, e só este conservou prisioneiro. O rei de França prendeu-os immediatamente, desconfiado de que este acto de generosidade fosse resultado de anterior combinação entre elles e aquelle seu pertinaz inimigo. Mezes depois, a 7 de Abril de 1473, a cabeça de Carlos de Albret rolava sobre o cadafalso, em Poitiers, denegrida pela infame accusação de traidor, mas realmente victima do odio que o rei de França votava ao velho conde de Albret, desde o tempo da guerra do

Bem publico, de que elle fôra um dos mais energicos concitadores.

Dianna de Hastir-Lavaux, mal soube da morte de Carlos, cahiu mortalmente enferma. Durante mais de um mez a medicina desesperou-lhe da vida. A mocidade venceu, porém, a morte. Mal pôde caminhar, a pobre menina partiu para Poitiers, correu ao convento dos franciscanos onde Carlos fôra sepultado, fez abrir a peso de ouro o mausoleu onde o conde o mandára encerrar, beijou a fronte da cabeça troncada do seu desposado, cortou-lhe um annel dos longos cabellos escuros, depois fugiu espavorida dos logares infestados pela sombra do tyranno da França, e recolheu-se ao convento da Magdalena de Pont-à-Mousson, onde, a despeito de toda a opposição dos senhores de Lalain, professou, passado um anno.

A vida de Dianna foi desde essa hora um sereno martyrio, um como fogo manso, a que se queimava aquella pobre alma. Não tinha lagrimas nem risos. Parecia que n'ella não havia vida exterior — tal era a serenidade marmorea do rosto formosissimo, e tal a indifferença inalteravel com que olhava os pesares e as alegrias do mundo. A vida concentrou-se-lhe toda no coração, no qual a alma ardia ao lento fogo da saudade como em pyra, onde o amor a havia lançado em holocausto á memoria do assassinado d'Albret.

Um anno depois foi eleita abbadessa. Ainda não tinha vinte annos de idade. A causal d'esta eleição foi, por um lado, a influencia dos poderosos senhores de Lalain; por outro, a devassa soltura de costumes, a que n'aquelle tempo haviam chegado os

conventos de religiosas. As freiras acreditaram que a dôce e inalteravel melancolia de Dianna, e a carinhosa mansidão do caracter com que Deus a dotára, eram seguras garantias de que iam ter abbadessa que lhes não iria á mão, mas antes seria totalmente indifferente ao desregramento de costumes, com que tornavam folgada a clausura; e, animadas por esta convicção, accederam gostosas ás instancias dos senhores de Lalain, que, já que não tinham podido impedir á sobrinha o entrar na obscuridade da vida monastica, pretendiam ao menos accumular sobre ella todas as honras, que avultavam em tal vida. O mundo, que estava affeito a commover-se diante da glacial frieza dos gestos e da impassibilidade mortal do aspecto da joven abbadessa, recebeu indignado a nova d'esta eleição, e acreditou que o convento ia agora transformar-se em desfaçado prostibulo. As cousas, porém, succederam totalmente ao revez do que o mundo e as freiras pensavam. Em menos de um anno, o convento da Magdalena de Pont-à-Mousson tornou-se o modêlo dos mosteiros. Não foram os rigores nem os castigos que operaram a mudança. O exemplo da vida angelica da abbadessa, a suavidade melancolica das suas advertencias, e a dôce soberania da dignidade, com que visitava com o seu poder ainda os mais reconditos segredos do convento, alcançaram em poucos mezes o que por ventura a severidade não poderia conseguir em muitos annos.

Tal era Dianna de Hastir-Lavaux, abbadessa do convento da Magdalena de Pont-à-Mousson, em honra de quem o duque de Borgonha havia consentido

em mandar para aquella cidade uma centena de homens d'armas, que a assegurassem contra qualquer subitanea invasão dos lorenos.

Logo desde pela manhã se soubera em Pont-à-Mousson da batalha que n'aquelle dia se pelejára em Nancy. A noticia produziu dous effeitos totalmente encontrados. Os habitantes, por um lado, desejavam que a victoria favorecesse o duque de Lorena, cujos vassallos eram; por outro, receavam-se dos suissos vencedores, que haviam de considerar Pont-à-Mousson como cidade occupada pelo duque de Borgonha, sem perguntarem se sim ou não lhe estava voluntariamente sujeita.

Por volta do meio dia, começaram a chegar á cidade os primeiros fugitivos do exercito borgonhez, os quaes espalharam desde logo a noticia de terem perdido a batalha. A anciedade dos habitantes tocou as ultimas raias. Os homens d'armas borgonhezes, mal chegavam, desappareciam immediatamente, continuando a fugida para a frente. Os que guarneciam o castello, desampararam então a cidade, e fugiram tambem. Tudo estava no meio das ruas, correndo d'aqui para ali, para saber noticias. Os que chegavam da batalha cada vez se demoravam menos, e cada vez espalhavam noticias mais aterradoras. Por fim deixou de chegar gente; deixou de haver com quem despeitorar a curiosidade do anceio, em que toda a população suffocava. Seguiu-se a suspensão angustiosa que precede momentaneamente a hora do perigo. Assim se passou meia hora.

— Os suissos! Os suissos! — tal foi o brado que,

ao cabo d'ella, se ergueu de repente por toda a parte.

Alguns homens, que tinham subido ás desguarnecidas muralhas, haviam descortinado no horisonte, em direcção de Nancy, uma companhia de homens d'armas, cujas armaduras e lanças aprumadas lampejavam aos frouxos raios do sol. Na retaguarda d'elles, via-se a avançar rapidamente enorme e confusa massa de gente de pé, que parecia seguir-lhes o encalço, com rapidez igual á do vento.

Mal se ergueu este brado de terror, sentiu-se logo por toda a cidade o confuso e surdo borborinho das multidoens apavoradas. A insania do pavor apoderou-se de todos os animos. Velhos e novos; homens, mulheres e creanças corriam, fóra de si, em encontradas direcçoens. Entravam dentro das casas, e d'ellas sahiam logo, trazendo ás costas trouxas de roupa. Aqui via-se alentado mancebo apressando a fugida vagarosa do pae já velho e tropego, que caminhava encostado a elle; ali caminhava uma mulher conduzindo ao collo um filho, e puxando dementadamente por outro que conduzia pela mão; acolá a mãe chamava pela filha, a esposa procurava o marido, o pae bradava pelos filhos, e estes, ainda creancinhas, atravessavam chorando por entre a multidão em procura dos paes, de que se haviam extraviado. Uns iam, outros vinham, empuxavam-se, impelliam-se, encontravam-se, sem fazer caso uns dos outros, correndo uns n'esta, outros n'aquella direcção, uns entrando para dentro das casas, outros fugindo para as portas que levavam para o lado opposto a Nancy. E por cima do tropel e do vozear d'esta multidão de-

mentada, ouvia-se o cerrar apressado das janellas e o estrondo das portas sobre os batentes, impellidas pelo terror d'aquelles que preferiam encerrar-se em suas casas e correr os azares da invasão, a abandonar a terra da patria e o berço onde tinham embalado os filhinhos. Meia hora depois Pont-à-Mousson semelhava uma cidade abandonada — tal era o silencio sepulcral que dentro d'ella succedeu ao estrondear da fugida da população apavorada.

Um ponto, porém, havia dentro da cidade onde a cordura e a confiança na omnipotencia divina haviam conservado de pé a coragem. Era no convento da Magdalena. Logo ás primeiras noticias da perda da batalha, algumas freiras haviam corrido á cella da joven abbadessa, e aterradas e de todo fóra de si tinham bradado que fugissem. A nobre e melancolica impassibilidade da filha dos Lalains não sossobrou n'aquelles escarceus apavoradores. Aquietou com corajosas palavras de consolação o terror das monjas, e convenceu-as com doçura angelical de que as esposas do Senhor deviam preferir a morte a desconfiar da omnipotente vigilancia do esposo, abandonando a casa, onde elle habitava. A nobre e a angelica dignidade, com que lhes fallou, alentou, e deu esforço ás pobres monjas. As mais animosas sentiram a intima convicção de que estavam totalmente seguras, porque a abbadessa era um anjo, e Deus fallava pela bocca d'ella; as mais assustadiças, essas, continuaram a acreditar que estavam em frente do martyrio, mas sentiram-se esforçadas pelo enthusiasmo da resignação, que muitas vezes alenta os covardes,

quando se acham diante de um perigo, a que lhes é impossivel fugir.

Quando o vozear da população dementada subiu de todo o ponto, Dianna mandou fechar as portas do convento, e deu placidamente as ordens necessarias para conter o terror das monjas. Depois revestiu-se dos habitos prelaticios, e, acompanhada de toda a familia monastica, desceu ao vasto côro inferior do convento, seguiu por elle fóra, e, abrindo magestosamente a gradaria que o separava da igreja, entrou n'esta, e foi com as freiras prostrar-se diante do altar-mór, onde já se achava o Senhor exposto sobre o throno, rodeado por um milhão de lumes.

Assim estiveram por mais de um quarto de hora, prostradas com os rostos no chão. Ao cabo d'elle, a abbadessa ergueu-se, subiu os degraus do altar, e de pé, de junto d'elle, ergueu em voz maviosa e dulcissima o bello psalmo que principia *Cœli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum* [1]. Era formosissima assim. O nobre aprumo, que a confiança na omnipotencia divina imprimia áquelle corpo franzino e elegante, dava-lhe um ar de angelical magestade, que inspirava adoração suavissima. Os olhos negros e franjados de longas pestanas assetinadas davam áquelle dôce e meigo rosto, tão pallido como o de uma santa, expressão tão angelica e suave, que fazia acreditar no anjo da guarda, e inspirava o desejo de cahir aos pés d'aquella mulher divina, e ficar eternamente assim, ao abrigo do que ha de mais carinhoso e de mais terno na

1 Psal. XVIII.

essencia de ser omnipotente, que inventou a mulher.

Foi d'esta fórma que Dianna de Hastir-Lavaux principiou a entoar em voz suavissima as primeiras palavras de um dos mais poeticos canticos do rei-psalmista. Mal soou a voz d'ella, o vasto orgão que havia ao fundo do côro inferior soltou um como gemido mavioso, e principiou a acompanhal-a em musica tão suave e tão aerea que parecia deferida pelas harpas dos anjos. Um estremecimento e um murmurio de santo pavor agitou as freiras, que tocaram gemendo com as faces no chão. Quem é que tangia o orgão? Toda a communidade estava ali. Quem pois o tangia?

Ao ouvir a voz do orgão, Dianna calou-se de golpe. Escutou um instante, como para verificar se era verdade o que ouvia; depois fitou os olhos no logar d'onde sahiam aquelles sons, estendeu um pouco o pescoço de cysne, e procurou penetrar com a vista a obscuridade da meia luz que envolvia o fundo do côro. Nada, porém, pôde vêr; ouvia só. E o orgão tangia, tangia sempre, dôce e suavissimamente, como se manuseado por mãos invisiveis, por mãos habituadas a tanger entre os cherubins. De repente perpassou-lhe pela cabeça um pensamento celestial e delicioso. Seria aquillo a alma de Carlos d'Albret, o espirito do seu dôce desposado, que viria revoar sobre as teclas do orgão, e inspirar-lhes aquella melodia dulcissima, que acompanhava a meiga voz, em que a sua adorada Dianna levava até aos pés do Senhor as inspiraçoens do rei poeta? A este pensamento a pobre menina sentiu-se arroubada por toda a ins-

piração do seu amor celestial. Apertou as mãos uma na outra com deliciosa agonia, ergueu o rosto para o céo, e, com as lagrimas a correrem-lhe em fio pelas faces abaixo, continuou a cantar, agora tão suavemente, que a voz assemelhava antes um echo de musica entoada nas regioens ethereas, do que a combinação dos esforços da voz de uma mulher. E o orgão continuava, continuava sempre a acompanhal-a, deferindo sons tão dôces e tão maviosos, como aquelles que a ella lhe esvoaçavam dos labios. Aquella era musica que nem mesmo se ouve nos céos; era em fim a expressão da saudade de uma mulher que amava a memoria de um homem morto, e que ia pouco e pouco morrendo de amor.

De subito ouviram-se brados dentro do convento, e paços de sapatos de ferro, que se dirigiam apressados para o lado da igreja.

As freiras soltaram um grito abafado, e apertaram-se umas contra as outras, sem ousarem levantar os rostos do chão. Dianna continuava sem ouvir cousa alguma, e o orgão seguia tangendo como se nada igualmente tivesse com as cousas da terra.

— Abride, abride — ouviu-se de subito do lado da porta lateral, que communicava a capella-mór com o convento.

E ao mesmo tempo sentiu-se estrondear rija contoada sobre ella.

O pavor dominava as pobres freiras, de fórma que quasi nem respirar as deixava. Na igreja apenas soava a voz de Dianna e os sons do orgão em maviosa e dulcissima consonancia.

A voz, que da parte de fóra da porta, mandára

que a abrissem, e que já tinha repetido por duas ou tres vezes a mesma ordem, ergueu-se então soltando uma blasphemia terrivel, e ao mesmo tempo a grossa fechadura recebeu um tal golpe, que voou feita em rachas, e a porta abriu-se de par em par.

Por ella dentro lançou-se immediatamente um cavalleiro armado de todas as peças, e com uma facha d'armas na mão. Trazia a viseira levantada. Era Luiz Fernandes Baldaia.

—Yolanda! — bradou, com um brado de medonha agonia, dando quatro passos para dentro da capella-mór, e rodeando a vista scintillante por sobre as pobres freiras, que jaziam prostradas pelo pavor.

— Luiz, meu Luiz adorado! — ouviu-se responder de entre as freiras.

Ao mesmo tempo a formosa figura da filha de Carlos de Melun appareceu de pé no meio d'ellas. Apenas a reconheceu, Luiz poz-se de um salto ao lado d'ella.

Mal soou pela primeira vez a voz do moço cavalleiro, o orgão calou-se de subito, e de entre as trevas do fundo do côro viu-se surgir uma figura de homem, correndo em direcção á porta gradeada, que abria sobre a igreja. Quanto mais se aproximava tanto mais distincta se tornava. Era um moço ainda imberbe, armado com uma couraça e uma espada d'armas á cinta; era em fim Arthur de Monfort, o pagem francez do Baldaia.

Fiel á promessa que fizera ao seu cavalleiro, ao separar-se d'elle no castello de sire d'Albret, Arthur seguira Yolanda ao campo do duque de Borgonha, e depois ao convento da Magdalena, onde lográra po-

der introduzir-se e viver como trovador no meio das serviçaes do convento. A causa que lhe inspirara a doçura, com que fizera corresponder a voz do orgão á voz de Dianna, em breve se vai conhecer.

Arthur, chegando junto do moço Baldaia, tomou-lhe fervorosamente a mão, e beijou-lh'a muitas vezes.

— Desempenhei fielmente a minha palavra, senhor cavalleiro — disse por fim — Ahi a tendes; entrego-vos agora Yolanda á vossa guarda.

Luiz Baldaia apertou o pagem contra o coração, sorrindo-lhe com reconhecido affecto; mas quando ia a responder-lhe, viu-o empallidecer, sentiu-o fugir-lhe d'entre os braços, e n'um relance viu-o junto do altar-mór.

Fôra o caso. Ao cessar a voz do orgão, Dianna, qual pomba que se perde nos vastos plainos do céo, ainda soltou alguns trinados, algumas notas vagas, como que respondendo aos sons harmoniosos que lhe iam aereamente fugindo á reminiscencia do ouvido. Depois calou-se de todo, e ficou alguns segundos, na mesma posição em que estivera cantando, com as mãos apertadas uma na outra, e o rosto, coberto de lagrimas, voltado para o céo. Em seguida começou a dobrar pelos joelhos, como quem ajoelhava vagarosamente, sem baixar o rosto e sem desenlaçar as mãos. De subito cahiu prostrada por terra, immovel e sem sentidos aos pés do altar-mór.

Fôra então que o pagem voára para ella. Mal chegado, ajoelhou, ergueu-a nos braços com o rosto illuminado por terrivel agonia; palpou-lhe as fontes, palpou-lhe o coração; depois deixou-a descahir outra

vez para terra, recuou, recuou com os olhos espantados n'ella, e por fim apertou com força as mãos contra o peito, e bradou em voz sepulcral:

— Morta! morta!

De facto a pobre menina havia morrido. A vida exhalara-se-lhe de mistura com as derradeiras melodias d'aquella musica suavissima, como os perfumes das rosas se exhalam com os derradeiros bafejos da briza em tarde de primavera. O anjo da saudade colheu logo entre as azas purissimas aquella dôce martyr do amor; e, com o espirito de Carlos d'Albret a doudejar por entre ellas, foi leval-a ao côro celestial, a que pertencia, e d'onde baixára a inspiração, com que Arthur de Monfort a livrára d'aquelle lento martyrio.

Entretanto Luiz Baldaia, indifferente a tudo o que não era Yolanda, dizia para esta, tendo-a enlaçada com o braço esquerdo contra o peito:

— Yolanda, é preciso fugir... fugir immediatamente. Os suissos avançam sobre Pont-à-Mousson, e o duque de Lorena vem com elles. René é um valente e leal cavalleiro, mas é alliado de Luiz XI; e tu és filha de Carlos de Melun, e ainda herdeira de vastos territorios no Artois. É preciso fugir, fugir immediatamente...

E, dizendo, impellia docemente a amante como que convidando-a a seguil-o. Esta tremia de medo, encostada a elle.

— Repara — disse por fim por entre as lagrimas, que lhe deslisavam suavemente pelas faces abaixo — Amava-a muito...

E com isto, apontava para o altar-mór. Luiz se-

guiu com a vista a indicação da amante. Arthur de Monfort estava de joelhos junto do cadaver de Dianna, immovel como uma estatua, com os olhos fitos n'ella, e as mãos enlaçadas uma na outra.

— Arthur de Monfort — bradou immediatamente o Baldaia — de pé, meu pagem fiel, de pé ou estamos perdidos.

O pagem volveu machinalmente a cabeça para onde ouvira pronunciar o seu nome. De subito, como reconhecendo o Baldaia, ergueu-se, e disse em voz firme e apontando para o cadaver de Dianna:

— Segui vosso caminho, senhor cavalleiro; o meu findou aqui.

N'isto ouviu-se o tropear de muitos cavallos, que chegavam á redea solta, e o tirlintar das armaduras dos cavalleiros que d'elles saltavam em terra. Luiz Baldaia levantou immediatamente a amante entre os braços, e com ella correu para a capella-mór. Chegando em frente do altar parou.

— Arthur, Arthur — bradou n'um brado de indizivel agonia — que direi pois a teus paes?...

— Dizei-lhes — replicou serenamente o moço — que fiquei aqui preso a um cadaver... e Deus se amerceie de mim.

Ouvia-se já mais proximo o tropear dos homens d'armas, e pelos vastos dormitorios soavam os brados dos que por elles se tinham espalhado, procurando o logar onde se haviam reunido as freiras.

— Senhoras, não temaes; é o duque de Lorena que vem em vossa defeza — bradou energicamente o Baldaia, ao ouvir o grito de pavor que aquelles

sons inspiraram ás monjas — Arthur, Arthur, pela ultima vez...

O pagem fez com soberana energia um gesto negativo. Pero Nagalho appareceu de subito á porta lateral da capella-mór com o aspecto rutilante de anciedade e de colera. Luiz lançou-se então por ella fóra, e os dous desappareceram levando comsigo Yolanda.

Sigamol-os, e deixemos as freiras ao seu destino, que nada teve de notavel. O cavalheiresco duque de Lorena apossára-se do convento antes da chegada dos suissos. As freiras nada tinham por tanto a recear.

Luiz, com Yolanda nos braços, seguiu após o velho homem d'armas, que na frente d'elle se dirigia apressadamente para o andar subterraneo do convento. Atravessando por entre os vastos celleiros e adegas, e pelas terriveis masmorras, havia muitos annos, desertas, mas que em outras eras tinham echoado os gemidos de milhares de victimas da tyrannia monastica, chegaram por fim ao vasto pateo do convento, sobre que cahia a frontaria, que olhava para o caminho de Metz.

Achavam-se ali cinco homens d'armas poderosamente encavalgados, e tendo de redea dous possantes cavallos acobertados. Estes cinco soldados eram portuguezes, dos muitos que seguiam os fidalgos que acompanhavam el-rei D. Affonso em França. Levára-os o espirito aventureiro ao exercito do duque de Lorena, quando este avançava para Nancy; e ahi tinham sido congregados em corpo patriotico pelo activo Pero Nagalho, que, d'elles á frente, seguira o

moço Baldaia na batalha, e n'ella fizera maravilhas em armas.

O moço cavalleiro e Pero Nagalho cavalgaram immediatamente. Ouvia-se já o vozear dos suissos a pequena distancia da porta, que, por sobre o fosso, que rodeava o convento, dava sahida por aquella parte para o caminho de Metz. Luiz depois de cobrir com todo o cuidado com o escudo o corpo de Yolanda, que levava diante de si atravessada sobre a sella, bradou em voz rija:

— Com Deus, e ávante!

Dous homens d'armas soltaram então as correntes da ponte levadiça, e esta desceu rapidamente sobre o fosso. A cavalgada, com as lanças aprumadas, rompeu immediatamente por ella fóra, levando Luiz Baldaia na frente.

Um grosso troço de peonagem suissa já ahi havia chegado, e ahi estava postado como que a esperar quem sahiria pela levadiça, que tão rapida e inesperadamente havia cahido sobre o fosso.

— Arredai aos lados! — bradou em voz de trovão o Baldaia.

E, enristando a lança, esporeou com força o cavallo, que despediu a toda a brida. Os homens d'armas fizeram immediatamente o mesmo. Os suissos, vendo-lhes sobre os bacinetes o signal usado pelos soldados lorenos, desviaram-se, e deixaram-nos passar sem opposição. Minutos depois viram desapparecer aquella, para elles, mysteriosa cavalgada pelo caminho de Metz; e esta, passada meia hora, dobrou para o noroeste, em direcção ao Artois, onde ficava o castello de Fruges, ao qual se dirigia o Baldaia,

para cumprir a promessa que fizera ao moribundo sire de Normanville, sobre o campo da batalha de Nancy.

A jornada foi longa, de muitos dias. De Nancy ao Artois o caminho é de muitas leguas. É de suppor que o grande comprimento d'elle não era desagradavel a Luiz e a Yolanda. Dous amantes estão o melhor possivel, quando se acham na companhia um do outro sem peias que lhes embaracem de se communicarem os extremos do amor, que sentem um pelo outro. É preciso porém dizer aqui, e faço ao leitor a justiça de suppor que o ha-de acreditar piamente, que, afóra os cuidados e os carinhos inspirados a Luiz pelo amor extremoso que tinha a Yolanda, tudo mais se passou entre elles com aquella honrosa e galharda bizarria, que era propria de um verdadeiro cavalleiro da idade média, e que nós, pifios cavalleiros da idade de hoje, por nossa derrancada fragilidade, somos incapazes sequer de comprehender.

Durante a jornada, Luiz communicou á amante a promessa que fizera ao fallecido sire de Normanville, de a levar a seu avô, ao castello de Fruges. Yolanda approvou com grato enthusiasmo a resolução do amante, e contou-lhe em seguida o que lhe succedera, depois que d'elle se separou no castello do sire d'Albret. De mistura com esta narração veio tambem a historia dos amores de Arthur de Monfort.

Não arrastaremos a nossa paciencia nem a do leitor pelas peripecias, felizmente pouco importantes, d'esta longa jornada. Resumindo, pois, o mais essencial, diremos só que Yolanda contou a Luiz Baldaia

que dous dias depois d'elle partir do castello d'Albret, sahira ella tambem de lá com o tio em direcção ao campo do duque de Borgonha. Que chegado ahi, o sire de Normanville a levara logo ao convento da Magdalena, e ahi a deixára com tençoens de, logo que Nancy fosse tomada, como esperava que aconteceria, a levar comsigo á côrte de Borgonha. Contou-lhe mais que, dias depois da entrada d'ella no convento, apparecera entre os serviçaes d'elle um trovador, que descantava tão suavemente, e dizia trovas tão bonitas e bem trovadas, que até as proprias freiras mais moças, apesar do ascetismo que reinava no convento, o iam escutar á surrelfa. Reconhecendo no trovador o pagem do seu amante, Yolanda poz-se logo em communicação com elle. Passado tempo conheceu que a suave e dôce melancolia de Dianna de Hastir-Lavaux havia feito profunda impressão na alma poetica do joven Arthur de Monfort. Para acudir aos resultados funestos d'aquella paixão impossivel, Yolanda fez-lhe saber a triste historia da desditosa abbadessa do convento da Magdalena. Baldado intento! Parece que a revelação accendeu mais aquelle fogo desaventurado, e Arthur mergulhou cada vez mais n'aquelle amor impossivel. Era porém elle digno da santa a que era dedicado. Era verdadeira adoração. Arthur não a perturbava com uma attenção, com uma palavra, com um olhar sequer. Amava-a dentro do coração, que depurára de todos os instinctos mundanos para o fazer templo da adoração d'aquelle anjo. Dianna morrera pois sem passar pela dôr de ter inspirado aquelle amor desgraçado. Os canticos suavissimos do pobre moço, as trovas

rescendentes da angelica paixão, que lhe trasbordavam dos labios, não chegavam até ella, que trazia a alma a muito larga distancia das cousas da terra. Assim foi medrando aquelle amor, cujos resultados funestos não eram difficeis de aventar em vista da scena, a que o leitor acaba de assistir junto do altar-mór da igreja do convento da Magdalena de Pont-à-Mousson.

Deixemos por tanto ir seu caminho os dous jovens amantes, e os homens d'armas que os acompanhavam, sem mesmo fazer caso das caturrices de Pero Nagalho, descontente, segundo o costume, com tudo aquillo que o fazia sahir das suas commodidades de veterano. Deixemos tambem o desgraçado pagem, e velejemos n'outro rumo.

Como, porém, é natural que o leitor tenha tomado algum interesse por este ultimo, apesar de figura tão secundaria n'esta historia, prometto não o esquecer de todo, e dizer no epilogo d'este livro o que d'elle me chegou ao conhecimento.

XVI

De que fio tão fraco pendurada
Vejo tanta honra, tantas esperanças,
De que tanta soberba confiada!

A. Ferreira. — *Cartas.*

A scena, a que o leitor vai assistir, passou-se dous mezes depois da batalha de Nancy, no castello de Fruges, no Artois, onde vivia o sire de Melun, avô de Yolanda. Carlos, duque de Borgonha, que levara a vida em lucta pertinaz contra tudo o que aprazia e convinha a Luiz xi, havia acolhido o velho cavalleiro, quando este fugiu de França, por occasião da prisão do desgraçado Carlos de Melun no celebre castello Gaillard, em Andelys, e dera-lhe o castello e senhorio de Fruges, a tres leguas da cidade de Hesdin, para de alguma sorte o compensar do muito que Luiz xi lhe havia confiscado em França. Aqui viera o velho cavalleiro esconder a dôr que lhe amargurava os ultimos dias da vida, e as torturas que de continuo lhe sobresalteavam a consciencia, em razão de ser o seu descuido no cerco de Paris,

no tempo da guerra do *Bem publico,* a principal razão, em que Luiz XI fizera fundamentar a sentença, pela qual a cabeça de Carlos de Melun cahiu sobre o cadafalso, em 1468.

Eram oito horas de uma das noites dos principios do mez de Março. Uma raiz monstruosa ardia, desenrolando de si enorme chamma, no vasto lar de uma das salas do castello de Fruges. Diante d'este lar, cuja desmarcada chaminé de carvalho, toda entalhada de formosos arabescos, se erguia sobre quatro elegantes e finos columnellos de granito, primorosamente lavrados, via-se sentado n'uma cadeira espaldar um velho venerando e de figura apessoada e gigantesca. Tinha o rosto sulcado de rugas profundas; as espessas sobrancelhas brancas assombravam-lhe os olhos encovados, e a barba branca como a neve descia-lhe crescida até á cintura. Cobria-lhe a cabeça um barrete de velludo preto, alto e redondo; e vestia sobre o pelote de panno preto grosseiro um roupão tambem preto forrado de arminhos, tingidos da mesma côr.

Este velho era Luiz, sire de Melun, avô de Yolanda, e pae do desgraçado Carlos. Liam-se-lhe no rosto as amarguras e a profunda tristeza, que lhe torturavam a vida, agora momentaneamente arredadas por grave cuidado, que luctava ferozmente com a soberba natural a um velho senhor-feudal.

Ao lado, de pé e voltado para elle, via-se outro velho. Era alto e magro, de aspecto triste e pensador, e cortado de rugas que mais pareciam nascidas da meditação dos homens que estudam, do que cavadas pelo rigor dos annos. Estava inteiramente

barbeado. Tinha na cabeça uma touca de panno preto, que descia a abrochar-se debaixo do queixo inferior. Cahia-lhe dos hombros um farto mantão de ipres preto, abotoado no pescoço; cujo capuz, pelo modo porque se via lançado para traz, mostrava que havia ainda pouco que fôra tirado da cabeça. Por baixo do mantão trazia um pelote de panno azul, e calças entretalhadas de preto e verde. Nos pés tinha uns borzeguins de couro vermelho apespontados de branco. Na petrina, com que se cingia via-se-lhe do lado esquerdo um bulhão, e do direito uma especie de estojo forrado de marroquim vermelho, de tres dedos de largo, chato, e de palmo e meio de comprido. Este homem tinha a cabeça um pouco inclinada, os braços descahidos ao longo do corpo, e as mãos naturalmente enlaçadas, como quem espiava anciosamente o que se passava na alma do velho cavalleiro, em quem tinha os olhos fitos, e que com a face recostada na mão direita, e o braço esquerdo repousado negligentemente no encosto da cadeira, parecia meditar profundamente no que o outro lhe acabara de dizer.

Havia cinco minutos ou mais que os dous estavam silenciosos e assim. O velho cavalleiro voltou por fim um pouco o rosto para o outro, e disse-lhe sem se desageitar da posição, em que estava.

— E foi o sire des Cordes, que vos deu esse recado?

— Senhor, sim — respondeu o outro.

— Ora fazei-me a mercê de repetir o que elle vos disse, mestre Lopo.

O velho, que estava de pé, tomou folego, como para longa narração, e disse em seguida:

—Como vos disse, messire, depois da perda de Nancy, pareceu-me que me não cumpria mais ficar em França, e assim resolvi voltar para Portugal. Para isso comprei a peso de ouro a monseigneur de Craon um salvo-conducto.....

—Sempre villão! — resmungou o sire de Melun por entre os dentes.

— Com o qual — proseguiu mestre Lopo — podesse transitar por terras de França, a coberto dos graves achaques, que das revoltas, que vão, me podiam advir. O meu salvo-conducto era dirigido a monseigneur de Lude.....

—Sabeis vós quem é o canalha, a cujas garras vos arremessava o outro villão? — exclamou de repente o sire de Melun por entre os dentes cerrados, com os olhos a lampejarem de indignação, e erguendo de golpe a cabeça.

—Oh! se o sei — replicou o outro, dando um suspiro — e, por meu mal, sei-o hoje ainda melhor do que então o sabia. Monseigneur de Lude é uma esponja que tem a propriedade de absorver os haveres de quem d'elle se aproxima dependente, ainda melhor do que o mais bem afiado potro em mãos de carrasco endurecido. Mas que fazer? Monseigneur de Lude é grande valido de el-rei Luiz, e o pobre de mim, como physico que fui do meu nobre amo, o duque de Borgonha, havia mister de forte broquel, para me anteparar dos rancores do rei de França contra tudo o que pertencia ao meu desgraçado senhor. Assim que fazer?

Mestre Lopo interrompeu-se aqui alguns momentos, como meditando nos muitos marcos de ouro, que a bossa da rapina do senhor de Lude lhe havia extorquido.

— Prosegui — disse por fim o sire de Melun.

— De terra em terra vim procurando o protector que a carta de monseigneur de Craon me dava — continuou mestre Lopo, despertado da sua triste meditação pela voz do avô de Yolanda, — e como soubesse que elle seguia o exercito, com que el-rei Luiz invadira o Artois, vim por fim encontrar-me com elle em frente de Hesdin, sobre cujo cerco se acha ha oito dias. Ahi, com grande pasmo meu, encontrei o senhor des Cordes em grande valimento com o rei de França; e ahi me conservei por conselho de monseigneur de Lude, que me mandou esperar até que se levantasse o cerco. Hontem, monseigneur des Cordes chamou-me á sua tenda, e disse-me á puridade: — « Mestre Lopo, vós fostes physico e grande servidor do duque de Borgonha, por isso haveis de amar suas cousas, e todos aquelles que elle amava. Ide, pois, ao castello de Fruges, e dizei ao sire de Melun que el-rei Luiz está determinado a mandar lá gente bastante para lhe tomar o castello e prendel-o a elle. Que se ponha pois a bom recado, que fuja e immediatamente, porque como vêdes hoje ou ámanhã tomaremos Hesdin, e el-rei mandará logo gente a Fruges, apenas tomarmos esta cidade, se é que a não manda antes d'isso. » — Tal foi o recado que me deu o sire des Cordes para vos dar, e eu parti logo para vos advertir d'este perigo.

— Tal foi? — replicou machinalmente o sire de Melun, fitando o olhar abstracto em mestre Lopo.

— Senhor, sim.

O velho cavalleiro recostou outra vez a face á mão direita, e esteve assim muito tempo, silencioso e inteiramente concentrado com o pensamento, que se lhe revolvia dentro do cerebro. Por fim ergueu a cabeça, e disse, carregando o aspecto:

— Agora vos direi, mestre Lopo, que não sei de qual me espante mais, se da audacia com que Filippe de Crévecoeur ousou mandar-me tal recado, a mim... a mim; se da doudice que vos levou a encarregar-vos, a vós que sois tão honrado homem, de me trazer os conselhos de um infame e de um traidor como elle.

Mestre Lopo endireitou mais um pouco a cabeça, e fitou espantado os olhos no velho cavalleiro.

— Messire de Melun... — balbuciou por fim.

— Calai-vos — bradou rispidamente o velho cavalleiro, batendo colerico com o pé no chão — calai-vos que não sabeis o que dizeis, e como homem sem tino e desassisado vos houvestes n'este feito. E como? Pois não sabeis que Filippe de Crévecoeur, senhor des Cordes, foi creado como filho mimoso na casa dos duques de Borgonha, e que o duque Carlos o tinha na conta de irmão, e d'elle fiava todos os segredos e todos os governos de maior confiança, a ponto de o fazer governador da Picardia, senescal de Ponthieu, capitão de Crotoy, governador de Peronne, Mondidier e Roye, e capitão de Bolonha e de Hesdin? Pois não sabeis que esse villão se bandeou com o infame Valois, a quem entregou Arras, e to-

das as outras fortalezas que governava, e que pertencem á herança de mademoiselle de Borgonha, que foi creada pela sua propria mãe d'elle [1], e que é filha do principe generoso que o fez a elle grande, que d'elle era amigo extremoso, que d'elle tudo confiava, e a quem elle havia dado preito e menagem pelas terras de que estava senhor? Não vos pejaes, mestre Lopo, de vos terdes sequer aproximado de um traidor e de um infame como aquelle? E trazer-me seu recado a mim! Ah! pelo inferno... a mim... a mim, a quem o duque de Borgonha protegeu como um pae, quando o infame Valois me perseguia como um ladrão e um assassino! A mim... a mim! Sabeis, vós bem quem eu sou, mestre Lopo? Eu sou Luiz, sire de Melun, descendente dos antigos reis de França, e pae de Carlos de Melun, assassinado em Andelys por ordem do infame Luiz XI. Na minha familia nunca houveram traidores nem ingratos, e nunca tambem se apertou a mão, nem se abriram os ouvidos a palavras de ribaldos e de infames. Fugir! Fugir e deixar amplas as portas de Fruges para que Luiz de Valois se aposse pacificamente de uma fortaleza, que pertence ao ducado de Borgonha! Nunca; e nunca tambem o infame Valois entrará para dentro das portas d'este castello, sem que a derradeira pedra das muralhas d'elle tenha tombado sobre o cadaver do descendente dos Meroveus, e do pae de Carlos de Melun!

Assim dizendo, tornou a fitar os olhos na fogueira, e calou-se. Mestre Lopo conservou-se silencioso

[1] Commines. Memoires, liv. v. chap. 15.

muito tempo, e sem desfitar os olhos d'elle; por fim disse em tom severo e resentido:

—Sire de Melun, perdoai-me, mas não fazeis bem em achacar-me o ter vindo a vós com tal recado. Eu cuidei fazer serviço á memoria do duque de Borgonha, vindo salvar do perigo um homem que elle venerava, e cuja vida é appetecida pelos instinctos sanguinarios d'el-rei Luiz XI de França. Attendei; quasi todo o Artois e a maior parte da Borgonha já estão nas mãos d'elle. Renderam-se Abbeville, Han, S. Quintino, Rohain e Peronne; Arras contorce-se debaixo do jugo, e Hesdin não póde resistir muitos dias. Crêdes vós que Fruges poderá resistir, ou que Luiz de Valois receberá com os braços abertos o pae de messire Carlos de Melun? Por isso é que eu cuidei que vos faria grande serviço, trazendo-vos as novas e o recado que um vosso amigo me dava para vos avisar.

—Mestre Lopo—bradou o velho cavalleiro por entre os dentes cerrados e batendo enfurecido com o pé no chão—de um homem como eu não se cuidam infamias, nem que tem por amigo um traidor. Fugir... fugir eu! Não sabeis vós como João de Normanville morreu? E cuidaes que o pae octogenario e cheio de amarguras tem mais apego á vida do que tinha o filho ainda robusto, e para quem sorria o futuro com a esperança de nos poder um dia vingar a nós todos?

—Sire de Melun—replicou severamente mestre Lopo—em tal caso fugir não é infamia...

—Basta—bradou o velho cavalleiro com terrivel ferocidade—Que sabeis vós outros villoens do

que cumpre á nobreza de um cavalleiro? Basta; nem mais uma palavra sobre tal.

E depois de estar calado alguns minutos, acrescentou apontando para um tamborete:

— Sentai-vos, mestre Lopo, que em grande amor e grande conta ereis vós tido pelo duque de Borgonha, a quem tanto sou devedor.

Mestre Lopo aproximou o tamborete, e sentou-se machinalmente, sem desfitar o velho cavalleiro. Este recostou-se para o espaldar da cadeira, fitou os olhos na esplendida fogueira, que sahia, a espadanar, do seio da raiz incendiada, e assim ficou silencioso por alguns minutos.

— Mestre Lopo — disse por fim — ha quanto tempo pertenceis á casa do duque de Borgonha?

— Desde pequeno o sirvo, messire — replicou o medico.

— Desde pequeno!

— Senhor, sim. Quando a senhora infanta D. Isabel, mãe do duque Carlos teve o seu primeiro parto, el-rei D. João I de Portugal, seu pae d'ella, cuidadoso pelo que succederia em tal occasião á filha, que tanto amava, mandou para a côrte de Borgonha, meu pae, que era physico em sua côrte, e então um dos mais afamados do mundo. Era eu toda a familia, que meu pae tinha, porque minha mãe se finára, deixando-me orphão e tamanino, que d'ella nada me recordo. Trouxe-me elle pois comsigo a Borgonha. Foi o parto da senhora duqueza trabalhoso, mas, graças á boa arte de meu pae, com Deus, livrou-se ella de tal perigo. Após elle, como meu pae amava a terra onde havia nascido, e onde jaziam os

ossos de minha mãe que tanto amára, quiz elle voltar logo para Portugal; mas a senhora duqueza, que grandes saudades teve sempre da patria, e por isso com tudo o que era d'ella se contentava para as serenar, não o deixou levar a cabo sua tenção, e por tal e pelas instancias d'el-rei D. João, que em tudo queria contentar a filha, não tornou a sahir da Borgonha. E assim ficamos ahi.

— E nunca voltastes á vossa terra? — perguntou destrahidamente o velho cavalleiro.

— Senhor, sim. Muitas vezes lá fui, e d'ellas fiquei algumas muitos dias em vida de meu pae, que não queria elle que eu perdesse o amor á terra, onde havia nascido, nem me deslembrasse de que era portuguez. Depois que morreu só lá fui uma; e essa foi quando, segundo elle ordenára, fui levar os seus restos mortaes, a encerral-os na mesma sepultura, onde os de minha mãe jaziam.

O velho calou-se aqui, baixou um pouco a cabeça, e limpou com a ponta do dedo a lagrima furtiva, que lhe ia deslizando pelas faces abaixo.

— E depois? — disse o sire de Melun, abstracto, e como que para dizer alguma cousa.

— Depois — continuou mestre Lopo — depois voltei para Borgonha, e ahi fiquei junto do duque Carlos, meu senhor. Vós deveis saber, sire de Melun, que tudo o que sou e o que valho o devo á casa de Borgonha, onde fui creado como filho. Foi a senhora duqueza Isabel, e o bom duque Filippe, que me mandaram estudar a arte de meu pae em Paris e em Bolonha; e tudo o mais que sei de medicina á custa d'elles o aprendi por varias terras que vi e an-

dei. O duque Carlos estremecia-me como vós bem o sabeis. Mal cuidava eu — continuou o velho, limpando as lagrimas — que havia de vêr aquelle bom e valente cavalleiro, que tanta vez embalei nos meus joelhos quando menino, assim tão desprezado e envilecido como o vi depois jazer sobre as terras de Nancy... .

Aqui o velho calou-se suffocado pelas lagrimas.

— Como! — exclamou o sire de Melun, aprumando-se de golpe na cadeira — Pois sempre é verdade ter sido morto? Aqui se tem dito que elle não morrera; e muitos tem asseverado que o viram retirar do campo como depois de Granson e de Morat.... [1]

— Prouvera a Deus! — exclamou mestre Lopo — mas morto é, e bem morto, e d'isso vos posso eu bem informar, que o vi.

— Contai pois — balbuciou o sire de Melun, fitando o medico com dolorosa curiosidade.

— Vós deveis saber, messire de Melun — replicou mestre Lopo — que no dia seguinte ao da batalha, dia dos santos reis magos, o duque de Lorena, cujo prisioneiro eu era, me fez vir ante si e me disse:

— Mestre, ainda até agora se não poderam ter novas certas do que é feito do duque de Borgonha. Por Metz não passou, que assim m'o manda dizer João d'Ais, que eu lá mandei para o saber. Agora dizem que jaz morto ahi junto do ribeiro da Magda-

[1] Commines. Mémoires. Liv. v. chap. 10. J. de Troyes. Chron. 1477.

lena, a pouca distancia da ponte de Bridores. Segui este homem d'armas, e ide lá, pois que ninguem melhor do que vós, que fostes medico da sua camara, o poderá reconhecer [1].

— Fui, e já lá achei o pagem Colonna, que aquelle infame Campobasso tinha aprisionado, e que lá mandára para tal fim. Ah! sire de Melun, como vos hei-de dizer a dôr que senti quando vi aquelle grande principe, aquelle nobre e valente cavalleiro, o meu querido amo que tanto me amava, e que eu creara em menino sobre os meus joelhos, despido e nú, deitado sobre a neve, coberto de sangue e de lama, rodeado de cadaveres...

— O meu filho... o meu João! — balbuciou em voz angustiada e tremula o sire de Melun, cobrindo o rosto com as mãos.

Mestre Lopo calou-se, não ousando interromper a dôr d'aquelle pae desgraçado, mas passados momentos o sire de Melun descobriu o rosto, e aprumando com orgulho a cabeça, disse em voz firme:

— Continuai.

— Assim o achei — proseguiu então mestre Lopo — tinha tres grandes feridas pelo corpo, e na cabeça uma mui grande, resultante de uma forte pancada

1 Jean de Troyes (Chron. 1477), a quem pertencem todos os pormenores que narro do reconhecimento do duque, diz que o medico portuguez se chamava Matheus. Commines fallando d'este reconhecimento (Mem. Liv. v. chap. 10) chama-lhe Lopo. Preferi o nome dado por Commines, porque este, que viveu familiarmente com o duque, devia saber melhor o nome do seu medico particular, do que J. de Troyes, que escrevia por informação.

que lhe mettera o craneo dentro, e quasi lhe desfigurára o rosto. Mas como desconhecel-o eu? Se eu podéra deixar de conhecer aquelle que desde pequenino curei de suas enfermidades, e tantas vezes trouxe infante nos braços, lá estavam todos os outros signaes, que lhe eram proprios para o fazer logo bem conhecido. A falta dos dentes na frente do queixo de cima, os quaes perdeu n'uma grande queda que deu sendo moço; as unhas que usava maiores que ninguem em sua côrte; a cicatriz da ferida que em Montlhery recebeu na garganta; a chaga que lhe ficou na espadua, em razão d'aquelle perigoso carbunculo, de que por milagre o curei; a fistula que tinha no baixo ventre do lado direito, e a unha que tinha encravada n'um dedo de um dos pés, tudo eram signaes irrecusaveis de que aquelle cadaver tinha sido o duque Carlos de Borgonha. Todos nós o reconhecemos, eu, o grã bastardo de Borgonha, messire Oliveiros de la Marche, o capellão, os criados de sua casa, todos em fim. Ah! messire, messire, antes eu tivera morrido, do que ter sido guardado para pôr em tal vista os meus olhos!

Assim dizendo, mestre Lopo baixou a cabeça, e ficou calado, com os olhos cheios de dôr fitos no pavimento.

— Mas dizei, mestre Lopo — exclamou com anciedade o sire de Melun — assim o deixaram desprezado, maltratado...

— Senhor, não — replicou o medico — O duque de Lorena houve-se devéras como um nobre e generoso cavalleiro. Mal foi reconhecido o cadaver, messire René de Vaudemont deu ordem para que fosse

trazido para Nancy. Ahi foi lavado e preparado. Vestiram-no com umas roupas largas e compridas, e depositaram-no n'um quarto cerrado a toda a luz do dia, e coberto de velludos pretos. Pozeram-no em um rico ataúde, com uma almofada de velludo preto á cabeceira, e coberto o corpo de um panno tambem de velludo da mesma côr. Depois accenderam quatro grandes brandoens em redor d'elle, e aos pés do ataúde pozeram uma cruz e agua benta. Assim o veio vêr no dia seguinte, o duque de Lorena, vestido de luto, e com uma grande barba de ouro até á cintura, em significação dos antigos pares, e da victoria que sobre elle havia alcançado [1]. Quando entrou, tomou-lhe a mão, que tinha sobre o panno que cobria o corpo, e disse:

« — Com Deus seja a vossa alma! Grandes devéras foram os pezares e os males, que me fizestes. »

— Em seguida deitou-lhe agua benta sobre o corpo, e deu ordem para que deixassem entrar todos os que o quizessem vêr. Depois foi levado á igreja de S. Jorge, onde lhe fizeram sumptuosas exequias, no fim das quaes foi enterrado n'uma capella que jaz á mão esquerda do côro, por debaixo do orgão, e no tumulo escreveram-lhe este epitafio, de certo o unico digno do grande nome e da grande alma d'aquelle valoroso cavalleiro:

Ecce leo cecidit, jam pax quaesita vigebit. [2]

1 J. de Troyes. Chron. 1477.

2 Vid. Godefroy, na edição de Commines, 1649. Notas, pag. 468. O verso latino quer dizer — Eis que o leão morreu; já agora durará a paz appetecida. — A traducção é para os que não souberem latim.

Quando mestre Lopo acabava, ouviu-se o som prolongado de uma busina, tangida do lado de fóra das muralhas. Em seguida ouviu-se o *quem vive* da rolda, que vigiava os muros, e logo o rumor surdo de reboliço dentro do castello.

— Escutai — disse o sire de Melun, pondo-se de pé e prestando attentamente o ouvido.

A porta da sala abriu-se então, e um serviçal appareceu no limiar d'ella.

— Monseigneur — disse, andando alguns passos para dentro da sala, e depois que o sire de Melun lhe fez signal para que fallasse — um cavalleiro, acompanhado por uma dama e um homem d'armas, pede por esta noite guarida no castello. Que ordenaes que se faça?

— Baixai a ponte levadiça, e fazei-os entrar — respondeu soberbamente o sire de Melun — e dizei-lhes que o alcaide de Fruges não póde, por sua muita idade, sahil-os a receber á porta do seu alcaçar.

Dez minutos depois a porta da sala tornou-se a abrir, e o mordomo, com a vara branca do cargo empunhada, entrou precedendo um cavalleiro, que trazia de braço uma dama, aos quaes vinham alumiando quatro serviçaes do castello com brandoens accesos na mão.

O sire de Melun ergueu-se, deu quatro passos em direcção aos seus hospedes, depois curvou-se em respeitosa mesura, e disse em voz grave:

— Nobre dama e vós senhor cavalleiro... Yolanda!... És tu... és tu...

Estas ultimas palavras foram balbuciadas por entre um grito de expressão indizivel, e, ao proferil-as,

o velho cavalleiro estendeu com ancioso amor os braços para a frente.

— Meu senhor avô! — balbuciou a formosa donzella, lançando-se nos braços do velho, e apertando-o amorosamente contra si.

— Minha filha... filha do meu... pobre filho! — balbuciou o pobre cavalleiro a tremer, com as lagrimas a correrem-lhe pelas faces abaixo, e cobrindo Yolanda de caricias, ao mesmo tempo que com a mão lhe afagava a cabeça.

De repente escorregou-lhe por entre os braços, e cahiu de joelhos diante d'ella, exclamando em voz de medonha agonia:

— Yolanda... filha do meu desgraçado filho, poderás tu perdoar-me, algum dia, a morte de teu pae?

Yolanda, como quem bem sabia a maneira de apaziguar aquelles terrores imaginarios do velho, não tentou sequer dissuadil-o d'aquelles falsos remorsos, mas erguendo a face e o braço para o céo, exclamou em voz maviosa:

— Arredai de vós esses remorsos sem causa. Em nome de Deus e de meu infeliz pae, eu vos perdôo.

A estas palavras, o pobre octogenario deu um suspiro profundissimo, como quem sentia o peito alliviado do peso de uma montanha; depois baixou a cabeça até tocar com ella o pavimento, e beijou uma e muitas vezes a fimbria da fraldilha ricamente bordada, que a neta trazia vestida.

Por fim levantou-se, e apertou esta com affecto extremosissimo contra o coração, cobrindo-lhe as faces de lagrimas e de beijos.

— Yolanda, quem é este cavalleiro? — disse, ao cabo de alguns minutos.

— Meu senhor avô — respondeu a formosa menina, pondo n'elle os olhos cheios de anciedade — este é messire Luiz Fernandes Baldaia, cavalleiro da casa do principe D. João de Portugal. Foi elle quem, junto de Tours, me salvou, a mim e a meu tio sire João de Normanville, das garras do tyranno Luiz de Valois; foi elle quem me livrou, em Pont-à-Mousson, do poder do duque de Lorena; a elle devo em fim o estar agora nos vossos braços, a despeito dos milhares de perigos e incommodidades, que nos perseguiram em tão longa jornada, como é a da Lorena ao Artois.

Logo ao ouvir nomear o Baldaia, o sire de Melun fitára o moço cavalleiro com vivissimos signaes de curiosidade, e como quem queria estudal-o profundamente, penetrando-lhe até aos mais profundos reconditos da alma.

— Graças, mil e mil vezes, messire de Baldaia — disse por fim, quando Yolanda acabou de fallar. — Nobre e generoso cavalleiro, beijo-vos as mãos com a mais sincera e sentida gratidão por todos os favores, que me tendes feito na pessoa da minha neta.

— Sire de Melun — disse o Baldaia, curvando-se, de todo confundido pela expressão de profundo reconhecimento que soava nas palavras do rude cavalleiro — vós de nada me sois devedor. Prometti, nos campos de Nancy, ao moribundo sire de Normanville, que havia de trazer a salvo Yolanda ao castello de Fruges, e entregal-a a seu avô. Cumpri a palavra que dei, e nada mais. Yolanda está em vossos braços.

— Nobre e generoso mancebo, . . . graças, graças! — balbuciou com visivel commoção o senhor de Melun, estendendo a mão para o Baldaia — Mas, ah! mal sabeis vós a que novos e eminentes perigos trouxestes aquella que tão generosamente tendes protegido até hoje! Sabeis que Luiz de Valois está a tres leguas apenas de Fruges, á testa de numeroso exercito?

— Senhor — replicou o Baldaia — eu soube no meu caminho para aqui que el-rei Luiz de França rendera a seu poder a maior parte das fortalezas do condado do Artois, e que ora está de cerco sobre Hesdin. Por isso é que vim de noite procurar para Yolanda o abrigo das muralhas de Fruges.

— Pois sabei, cavalleiro — volveu o sire de Melun — que o traiçoeiro Valois está determinado a vir ámanhã ou depois sobre Fruges. Mestre Lopo, que presente está, physico da camara do finado duque de Borgonha, acaba de chegar, ha poucas horas, trazendo-me um recado que me aconselha a fugir immediatamente, ou a preparar a cabeça para o cutello dos carrascos, companheiros do preboste amigo do infame rei de França.

— E vós? — exclamou com anciedade o Baldaia.

— E vós? — balbuciou Yolanda com a mais viva expressão de terror.

— Ah! senhora, vêde se o resolveis, ou estamos perdidos — exclamou mestre Lopo, juntando as mãos com afflicção e acercando-se de Yolanda.

— Senhor avô. . . meu senhor avô — balbuciou com indizivel agonia Yolanda, circulando com os bra-

ços o collo do velho — fugi. . . é preciso fugir. Vós não sois assás poderoso para esperar aqui Luiz XI.

O velho cavalleiro arredou de si a neta, mansamente, mas com vivas demonstraçoens dos grandes esforços que fazia para sofrear o vulcão, que as palavras d'ella lhe tinham incendiado no peito.

— Fugir! — exclamou por fim — Fugir, abandonar sem combate o castello de Fruges a Luiz de Valois! Eu fiz d'elle preito e menagem a Carlos, duque de Borgonha; e na familia dos sires de Melun nunca houveram traidores. Fugir! Nunca! Eu defenderei pedra a pedra o castello de Fruges, e o rei de França não conseguirá entrar dentro d'elle sem passar sobre o cadaver do derradeiro sire de Melun.

— Escutai-me, senhor — acudiu com anciedade o Baldaia — convem não nos deixarmos deslumbrar por um falso enthusiasmo. O castello de Fruges, por mais forte que seja, isolado como está n'uma provincia hoje totalmente em poder de Luiz XI, ha-de por fim render-se ou por assalto ou pela fome. Vêde agora quem tendes dentro d'elle, sire de Melun. Yolanda, a filha do vosso filho, a fraca e timida donzella, que veio aqui procurar a vossa protecção, será victima comvosco da vossa imprudente resolução. Ou fugi, abandonai o castello de Fruges como o aconselha a prudencia; ou então consenti que eu vá pôr Yolanda em logar seguro, que, juro a Deus e á minha honra de cavalleiro, que dentro em tres dias virei de novo lançar-me dentro da fortaleza, para morrer comvosco debaixo da derradeira pedra que tombar dos muros d'ella.

— Nobre e generoso mancebo — exclamou o

sire de Melun, estendendo-lhe a mão, e com as lagrimas a bailarem-lhe nos olhos — vós sois devéras um leal e valente cavalleiro. Tendes razão. Yolanda não deve morrer victima dos severos deveres, que a honra me impoem. Tomai-a pois, ide leval-a onde a julgueis segura do poder do infame Valois; mas não volteis vós, que nada tendes que fazer aqui. Graças, cavalleiro, graças por me terdes proporcionado a felicidade de abraçar, antes de morrer, a filha do meu Carlos. Yolanda... adeus — acrescentou, beijando-a ternamente na fronte — quando rogares a Deus pela alma de teu pae, acrescenta tambem uma oração por alma do teu desgraçado avô.

Assim dizendo, o velho sire de Melun desenlaçou dos braços a neta, com as lagrimas a bailarem-lhe mal represas nos olhos, apesar dos excessivos esforços que fazia para as sumir por elles dentro.

Yolanda ficou um momento silenciosa e sem se mexer.

— Não, meu senhor avô, não; eu não vos abandono. Vós não quereis sahir do castello de Fruges, eu não sahirei d'elle tambem.

— Yolanda, filha!... — exclamou com agonia o velho cavalleiro, juntando as mãos convulsamente.

— Yolanda! — bradou o moço Baldaia, fitando a donzella com indizivel angustia.

Yolanda aprumou de subito o corpo airoso com elegante magestade, depois ergueu o braço, e disse em voz verdadeiramente soberana:

— Escutai-me, senhores. A minha resolução é firme e inabalavel; nada é capaz de m'a dissuadir. Eu sou filha de Carlos de Melun; nas minhas veias

gira sangue que se não domina. Vós dizeis, senhor avô, que a honra vos manda morrer debaixo das muralhas do castello de Fruges; pois bem, eu, vossa neta, devo e quero morrer onde a honra manda acabar o derradeiro representante dos valerosos sires de Melun. Juro a Deus, juro á alma de meu pae, que só em vossa companhia é que consinto abandonar este castello.

— Yolanda... neta!...— balbuciou o velho cavalleiro quasi succumbido, cahindo aos pés da joven menina.

— Yolanda... Yolanda, que vos perdeis! — exclamou o Baldaia com agonia.

— Que me perco! — replicou com soberana altivez a donzella — E que direito tendes vós mais do que eu, Luiz Fernandes Baldaia, a morrer debaixo das ruinas do castello de meus paes?

Seguiu-se alguns minutos de silencio, em que o Baldaia e o sire de Melun pareceram esmagados pela magestade do porte e pela firmeza da resolução da donzella. Por fim o velho cavalleiro ergueu-se.

— Escutai-me — disse em voz serena — Deus assim o quer; não contrariemos os designios da suprema omnisciencia divina, curvemos a cabeça aos decretos d'ella pronunciados pela voz d'esta santa e timida donzella. Luiz, Yolanda, ficaremos todos; cumpriremos o nosso dever até o fim. Demais, estes terrores são exagerados, e a minha resolução não é tão imprudente como á primeira vista se afigura. Que serei eu se fugir, se abandonar o castello de Fruges? Um traidor ao juramento que dei; um cavalleiro deshon-

rado que terá de ir mendigar de porta em porta o sustento em terras estranhas. O castello de Fruges foi fundado no tempo dos Meroveus; as suas muralhas são verdadeira obra de gigantes. Não ha ahi artilheria que seja capaz de derribal-as. Defendem-no ademais trezentos bésteiros e homens d'armas escolhidos entre os mais valentes do Artois, e está abastecido de armas e muniçoens para mais de quarenta dias de cerco. Podemos pois resistir muito tempo até cançar o Valois. Se eu viver, assim o obrigarei a fazer tal partido, que o sire de Melun se possa retirar para terras estranhas, sem ter de ir lá esmolar o pão da vida para elle e para a filha do seu desgraçado Carlos. Iremos para Portugal, messire de Baldaia, iremos para a vossa patria, onde a nobreza vive respeitada e poderosa á sombra da consideração, que lhe dá o vosso cavalheiresco monarca. Se eu morrer... Messire de Baldaia — acrescentou, estendendo a mão ao joven cavalleiro — eu sei ha muito do vosso amor por Yolanda, e quanto tem sido generoso e nobre o vosso procedimento para com ella. João de Normanville de tudo me informou; e póde ser que, antes de morrer, elle tivesse a vosso respeito idéas muito differentes d'aquellas que suppondes que elle tinha. Messire de Baldaia, Yolanda descende de reis; mas o vosso aspecto e o vosso procedimento mostram que tendes uma alma digna do amor de uma mulher de sangue real. Tomai-a pois; visto que aceitaes a filha dos sires de Melun, assim desherdada e pobre como está, tomai-a lá, é vossa. Se eu morrer, entrego á vossa honra a filha de um grande nome, honrado e

generoso cavalleiro; defendei vossa esposa, valente e esforçado Luiz Fernandes Baldaia.

— Meu avô... meu senhor avô — balbuciou a donzella, deslisando para os pés do velho com os labios pregados na mão d'elle e as lagrimas a rolarem-lhe mansamente pelas faces abaixo.

— Sire de Melun!... — rumorejou o moço Baldaia, deliciosamente surprehendido por dôce commoção. E, tomando de subito a mão, que o velho cavalleiro estendia para elle, cravou com indizivel gratidão os labios n'ella, e deixou-se-lhe cahir aos pés ao lado da sua Yolanda.

O velho olhou-os por um momento assim com lagrimas ternissimas a bailarem-lhe nos olhos. Por fim desembaraçou as mãos de debaixo dos labios dos dous amantes, e, pondo-lh'as na cabeça, exclamou em voz tão profundamente sentida, que havia devéras de obrigar Deus a escutal-o:

— Creador dos mundos, Deus do amor, Deus de bondade, abençoai-os. Yolanda — continuou em seguida — Deus fadou-te para em ti acabar a nobre raça dos Meroveus; quererá elle tambem que em ti acabe o anathema que fulmina, ha tantos seculos, aquella familia por elle devotada á desgraça.

Seguiram-se alguns minutos de silencio. O moço Baldaia poz-se finalmente de pé.

— Sire de Melun — disse então, apertando entre as suas as mãos do velho — agora que nos unem laços tão sagrados, permitti que vos diga o que penso da vossa heroica resolução. Meu pae — continuou, fitando-o com mais affecto, e levando as mãos d'elle ao coração — vêde que o exercito de Luiz de Fran-

ça é numeroso, e em circumstancias de se poder reparar de qualquer perda; e que Carlos de Borgonha é morto, e vós de todo o ponto cortado de qualquer soccorro que elle vos podia dar. Em tal caso, abandonar Fruges, não é faltar á palavra dada, não é fugir...

Aqui o velho cavalleiro carregou severamente as sobrancelhas, e, desembaraçando as mãos d'entre as mãos do Baldaia, exclamou com dureza:

— Por ventura a posse da mão de Yolanda, mataria em vós os nobres sentimentos, que d'ella vos fizeram digno? Por ventura o direito de chamardes esposa á filha dos Meroveus faria de vós um covarde, Luiz Fernandes Baldaia?

— Não, pelo inferno, sire de Melun, não — balbuciou o Baldaia por entre os dentes cerrados e fazendo-se pallido como um morto — Ah! assim é? Pois bem, ficaremos todos, e veremos quem mais de perto ousará affrontar a morte.

Calou-se aqui de golpe, e depois, como se arrependido da dureza do que dissera, tomou-lhe a mão, e disse em voz dôce:

— Sire de Melun, concedei-me um dom.

— Fallai, senhor cavalleiro.

— Se conseguirmos demorar o cerco até o ponto de obrigarmos Luiz XI a tratar comnosco, permitti que seja eu quem faça o tratado.

— E para que, cavalleiro Baldaia? — replicou o velho cavalleiro, fitando severamente os olhos n'elle.

— Vós bem sabeis, senhor pae — volveu em voz dôce o mancebo — vós bem sabeis que nós homens, no frenesi do brio, levamos a baliza da honra mais longe, do que onde ella se deve lealmente collocar.

Oh! não sacrifiqueis Yolanda... não sacrifiqueis a filha do vosso Carlos...

O velho cavalleiro fitou commovido aquelle mancebo denodado, de cujo esforço e temeridade elle sabia tantas provas. Esteve assim um momento apenas, depois lançou-se-lhe nos braços, balbuciando:

—Assim se fará, como o desejas, meu filho...

XVII

> Uma geração degenerada pisa os restos d'heroes: homens sem crença, blasphemos ou hypocritas, succederam aos que criam na grandeza moral do genero humano e na providencia de Deus.
>
> A. Herculano. — *Eurico*.

No dia seguinte, mal o sol era nado, um cavalleiro, precedido por um arauto e dous trombetas, e seguido de uma dezena de homens d'armas, possantemente encavalgados, parou diante das muralhas do castello de Fruges. Mal chegou, os trombetas tocaram uma musica guerreira para chamar a attenção dos defensores do castello, dos quaes os vigias e atalaias se viam por entre as ameias, a olhar com curiosidade a cavalgada. Um d'elles bradou então de lá:

— Quem sois, e que pretendeis?

— Ide dizer ao mui nobre sire Luiz de Melun — disse então o arauto, que se havia adiantado — que está aqui o mui nobre e poderoso sire Filippe

de Crevecoeur des Cordes, que pretende fallar com elle, da parte d'el-rei de França.

O homem d'armas retirou-se logo para dentro do muro, e o arauto recolheu ao centro da cavalgada, que ficou aguardando resposta.

Um quarto de hora depois, as muralhas de Fruges appareceram coroadas de bésteiros e homens d'armas; e o velho sire de Melun, armado de todas as peças e com uma facha d'armas na mão, sahiu do castello, e, atravessando o terreiro da barbacã, subiu ao alto do parapeito d'ella, e bradou em voz de trovão:

—Aqui sou eu, Luiz de Melun, sire de Melun e de Nantouillet. Quem sois vós que por mim perguntaes?

O cavalleiro recem-chegado esporeou o cavallo, e, sahindo do meio da cavalgada, aproximou-se da barbacã:

— Este sou — disse então, curvando-se em respeitosa mesura até o pescoço do cavallo — este sou, Filippe de Crevecoeur des Cordes, vosso leal amigo e servidor.

— Os senhores de Melun nunca tiveram traidores por amigos — bradou com estentorio desprezo o velho cavalleiro — Dizei o que pretendeis.

Filippe de Crevecoeur mordeu os beiços com colera mal represa, e fez-se pallido como um cadaver. Mas, dominando a ira que o havia salteado, aproximou ainda mais da barbacã o cavallo, e disse em voz mais baixa:

— Sire de Melun, eu fui companheiro d'armas de vossos filhos, os quaes tive na conta de irmãos.

Não ouvi pois o que acabastes de dizer. Attendei agora ás novas que vos trago. O rei de França manda por mim intimar-vos para que rendaes o castello de Fruges, e ponhaes em poder d'elle vosso corpo, armas e gente. Se o fizerdes, correis grande perigo; mas se o não fizerdes, estaes irremediavelmente perdido, porque não sois poderoso bastante para resistir, assim sem esperança de soccorro, ao grande exercito, com que elle occupou o Artois. Mal andastes em não dar ouvidos ao aviso, que por mestre Lopo vos enviei. Ainda, porém, temos tempo. Fugi, logo que eu volte as costas, e se haveis por melhor entregar-vos a Luiz XI, fazei-o sem receio, que eu juro por minha honra que o obrigarei a respeitar o vosso bom talante, e a dar-vos a liberdade, a que d'esta maneira ficaes com direito. Escolhei, pois; não ha tempo a perder.

Entretanto que Crevecoeur fallára, o sire de Melun tivera invariavelmente os olhos fitos n'elle, com um sorriso de desprezo provocador a pairar-lhe nos labios.

— Sempre traidor e villão! — disse por fim — Primeiro Carlos de Borgonha, agora Luiz de Valois! Infame ribaldo! — continuou em voz de trovão — arreda-te para longe d'estes logares, e vai dizer ao carrasco coroado que aqui te mandou, que Luiz de Melun fez preito e menagem do castello de Fruges á casa de Borgonha, e que só a ella é que entregará as chaves d'elle. Se cá vier, com o intento de arrancar-m'as das mãos, eu o tratarei como verdadeiro salteador de caminhos que é. Em quanto a ti, desbragado traidor, afasta-te o mais prestes que possas dos muros

de Fruges, ou, por Santa Maria, que te mando atirar como a perro tinhoso, que infesta com seu mau cheiro aquelles de quem se aproxima.

Ao ouvir estas palavras, o sire des Cordes soltou um grito medonho de raiva, e levou a mão ao punho da espada, fitando no velho cavalleiro um olhar de rancor verdadeiramente satanico.

—Caia o teu sangue sobre a tua cabeça, velho caduco! — balbuciou por entre os dentes, que a colera cerrava violentamente uns contra os outros.

Depois dirigiu-se para a cavalgada, acenando-lhe um signal com a mão. Os trombetas ergueram de novo um toque marcial, e o arauto levantou em seguida a voz e disse estentoriamente:

—Ouvide! ouvide! ouvide!

Após elle, o sire des Cordes fez avançar o cavallo alguns passos para a frente da cavalgada, e, brandindo a lança em todas as direcçoens, bradou em voz de trovão:

—Eu Filippe de Crevecoeur, sire des Cordes, accuso sire Luiz de Melun e Nantouillett, de usurpador do territorio e castello de Fruges, e de falso e desleal cavalleiro, traidor a el-rei Luiz XI, que é o unico e verdadeiro senhor do condado do Artois, feudo da corôa de França, vago ha muitos dias em razão da morte do seu ultimo possuidor varão.

Acabando de dizer estas palavras, terçou a lança, e arremessou-a com violencia de encontro á barbacã, e em direcção ao logar onde fallára com o velho sire de Melun.

Este, apenas Crevecoeur soltára as ultimas pala-

vras, correra pelo terreiro fóra, bradando em altos gritos:

— Olá, bésteiros e homens d'armas, um virote atravez do arnez que defende aquelle traidor. Dez marcos de bom ouro a quem o cravar á terra.

A estas palavras, ouviu-se o estrondear de alguns arcabuzes que se disparavam, e logo toldou o ar uma nuvem de settas e virotes, que desceu do alto da muralha sobre a pequena cavalgada, que acompanhava o sire des Cordes.

Alguns homens cahiram ou feridos ou mortos. Filippe de Crevecoeur parou de golpe, e voltou-se para o castello. Estendeu então para elle o punho cerrado, e, após alguns minutos de provocadora demora, revirou o cavallo, e poz-se de novo a caminho sem apressar o passo. O novo e terrivel mastim de Luiz XI cedia o campo sem confessar fraqueza, mas apresentando raivosamente as presas, como que a ameaçar desforço.

Do meio dia para a uma hora da tarde as florestas dos arredores de Fruges começaram a vomitar de si um sem numero de homens d'armas, bésteiros e espingardeiros, os quaes eram seguidos por quatro peças de artilheria, dous basiliscos e dous falcoens, grossos e compridos canhoens, de que então principalmente se usava para bater muralhas. Ás cinco para as seis horas, Fruges achava-se definitivamente cercado por um corpo de perto de tres mil homens, e quatro peças de artilheria, que, para esse fim, Luiz XI destácara do exercito, que estava cercando Hesdin. Commandava-o sire Filippe de Crevecoeur des Cordes. N'esse mesmo dia começou-se a levantar o pa-

lanque, e a assestar os canhoens em bateria. O mastim voltára como tinha ameaçado, e principiára desde logo a afiar os dentes, para arremetter a tirar a projectada vingança.

Seguiu-se um cerco activo e pertinaz. Durante mais de mez e meio a artilheria sitiante não deixou de jogar um só dia contra os muros; seguraram-se todos os passos de fórma que para dentro do castello não podiam entrar nem viveres nem muniçoens, e o proprio Luiz XI veio por mais de uma vez ao campo a dar calor aos repetidos assaltos. Tudo era porém baldado. As grossas muralhas seculares continuavam firmes e de pé, como que zombando das balas dos basiliscos francezes; os sitiados não mostravam pobreza de qualidade alguma, e os assaltos eram repellidos com heroica energia, e desforrados com usura pelas sanguinolentas e inesperadas arremettidas, com que os homens d'armas do senhor de Melun cahiam de quando em quando sobre o arraial inimigo. Filippe de Crevecoeur raivava indignado ao vêr resistir-lhe tanto tempo aquelle pequeno castello, que, assim de pé e sem o menor signal de enfranquecimento, era como que permanente padrão recordatorio do desprezo, com que o velho sire de Melun o tratára. Luiz XI impacientava-se, mas com a sua natural pertinacia de caracter insistia em continuar o cerco, cujo final desenlace era de primeira intuição que não podia ser outro senão a entrega de Fruges.

E de facto, a cada dia que o cerco avançava para a frente, cresciam tambem para os sitiados as difficuldades da defeza. Aquella energia de resistencia e aquella abundancia de meios, que aos sitiadores se

afiguravam eternamente inalteraveis, foram devéras respeitaveis e verdadeiras ao principiar do cerco, mas após os primeiros trinta dias, existiam apenas em apparencia. As muniçoens ameaçavam faltar em breve tempo; os viveres haviam escaceado a ponto de que pouco já ia da fome á parcimonia, com que eram por fim repartidos; e a guarnição descontente, alquebrada e reduzida a pouco mais de um terço, em razão dos assaltos, das arremettidas e das molestias, principiava a dar signaes de amotinada pelo modo com que proclamava a necessidade de convidar os sitiantes a partido. A prodigiosa actividade do velho sire de Melun, que, apesar dos seus oitenta annos de idade, era o primeiro a apparecer sobre os muros em todas as occasioens de perigo; e a coragem heroica e a admiravel energia do moço Baldaia principiavam por fim a não serem já sufficientes para supprirem a deficiencia que gradual e progressivamente se ia manifestando nos meios da defeza do castello de Fruges, que no meio do Artois, quasi que totalmente conquistado por Luiz XI, semelhava esforçado e indomito leão, no meio de immenso exercito de caçadores, luctando só e sem mais esperanças que as proprias forças, até cahir extenuado por terra.

Alvoreceu por fim o dia 1 de Maio de 1477. Era uma quinta feira. A artilheria e os engenhos dos sitiantes haviam jogado toda a noite. De subito — ia o sol a erguer-se para cima do horisonte — ouviu-se o estrondo pavoroso de muitas pedras que ruíam umas sobre as outras; e logo uma grita de medonha e satisfeita apupada erguida no campo dos sitiadores, um immenso grito de terror soltado pelos si-

tiados, e em seguida o alarido, o tropel e o tirlintar de muitos homens armados, correndo em turbamulta para os muros.

No dia anterior os sitiantes tinham conseguido acabar de cegar a cava; e ao mesmo tempo haviam chegado aos alicerces da quadrella do muro, batida pela artilheria, com a mina, que tinham principiado a abrir havia dias, mas carcada pelos assaltos simulados, pelo frequente picar dos muros, e pela construcção de uma forte bastida, com que ameaçavam abordar a muralha. Acabada assim esta obra de destruição, lançaram fogo, essa antemanhã, ás traves e vigamentos com que os gastadores haviam especado o muro; e este, privado d'aquelle alicerce artificial, ruiu, patenteando ainda assim não mui larga entrada pela brecha que n'elle se abriu. Os soldados de Crevecoeur arremetteram logo em turbamulta para ella, soltando aquelle apupo de victoria, que havia saudado a queda do muro secular. Mas apesar d'ella, a entrada não era tão facil como se lhes afigurou á primeira vista. Da parte de dentro d'aquella abertura appareceu obstaculo por ventura ainda mais sério do que a propria muralha derrocada. Mal ella tombou, Luiz Baldaia, que defendia por aquella parte o castello, correu para a brecha com os cinco homens d'armas portuguezes que o tinham acompanhado desde Nancy, e com elles e com mais uns poucos de soldados do senhor de Melun, saltou para cima das ruinas, e com um pesado montante nas mãos recebeu o furor da arremettida dos soldados de Luiz XI. Travou-se logo ali uma briga bem ferida e pertinaz. Os homens d'armas francezes arremetteram, em on-

das sobre ondas, de encontro ás ruinas da brecha, com o intento de galgar por cima d'ellas; mas o montante do Baldaia, as espadas, as lanças e as fachas d'armas dos seus homens d'armas cortavam n'elles com insuperavel energia, e faziam-nos recuar uma e mais vezes, para uma e mais vezes voltarem de novo a arremetter. Sobre as ruinas e em frente do Baldaia e dos seus homens havia já um parapeito de cadaveres despedaçados, e de armas desfeitas e aboladas. O combate comtudo não esfriava um minuto; e, apesar d'esta heroica resistencia, não era difficil prever-lhe o resultado, considerando o grande numero e o poder dos assaltantes.

Havia mais de um quarto de hora que tal briga renhia encarniçada e sem cessar sobre a brecha, quando eis que de subito troou, do lado opposto da muralha, da parte defendida pelo sire de Melun, uma grita pavorosa, que logo se estendeu retumbando nos eccos interiores do castello. Um minuto depois, Pero Nagalho com a armadura abolada e coberta de sangue, e uma facha d'armas ensanguentada na mão, appareceu ao lado de Luiz Baldaia.

— O castello está tomado — disse-lhe elle em portuguez — Os francezes, auxiliados por alguns perros traidores que estavam entre nós, romperam pela porta falsa. O sire de Melun jaz morto. Tenho os cavallos promptos e sellados. É preciso sahirmos d'aqui.

A ponta do montante do moço cavalleiro descahiu por um momento para o chão. Mas este desanimo passou com a rapidez do vento, e Luiz Baldaia respondeu immediatamente:

— Sóbe á torre do nascente, e traz comtigo Yolanda. Vai com ella esperar-me no postigo do lado de Arras. Lá serei brevemente comvosco.

Pero Nagalho, acompanhado pelos homens d'armas portuguezes, correu a cumprir as ordens do Baldaia. Este arremessou-se immediatamente sobre a multidão de francezes, que, conduzidos agora por um cavalleiro armado de armas azues celestes com abrolhos de ouro, teimavam mais do que nunca em galgar por cima das ruinas da brecha. Travou-se de novo renhida e bem ferida peleja. N'isto uma grande pedra das muitas, que os sitiados arremessavam do alto das muralhas, resaltou sobre uma pavesada, e veio bater em cheio no elmo do moço cavalleiro. Atordoado pelo golpe, Luiz Baldaia não pôde resistir por mais tempo á onda furiosa, que n'essa occasião se alastrava por cima das ruinas. Cahiu, e a multidão passou por cima d'elle, deixando parte dos homens d'armas, que o seguiam, calcados aos pés, e levando o resto diante de si ás cutiladas.

Desde esse momento cessou toda a resistencia séria. Seguiram-se pequenos combates parciaes que duraram momentos. Filippe de Crevecoeur achou-se por fim senhor do castello de Fruges.

Á força do golpe, que recebeu sobre o elmo, o moço Baldaia havia cahido quasi que de todo atordoado. O peso da turbamulta, que sobre elle passou, acabára de lhe roubar totalmente os sentidos. Quando voltou a si, graças á robusta corporatura, com que Deus o dotára, achou-se em profunda masmorra subterranea, alumiada por estreita fresta horisontal, aberta a um canto do tecto ao rez do terreiro exte-

rior do castello. Tinha vestidas as armas ainda ensanguentadas da batalha, menos o elmo que jazia abolado a um canto. Ao lado achou uma bilha d'agua e um pedaço de pão.

A impressão, que recebeu ao achar-se d'aquella maneira, fel-o dar um salto, com o intento de pôr-se de pé. Não pôde porém levantar-se a mais de meio corpo. Estava amarrado a um argolão, que havia na parede da masmorra, por um grosso cadeado, que o cingia pela cintura; nos pés tinha duas pesadas adobas, que nada ficavam a dever ás *filletes* de Luiz XI [1].

O moço Baldaia soltou então um grito semelhante ao do tigre, ao sentir pela primeira vez a resistencia invencivel das grades da jaula. Depois, no frenesi da demencia, poz-se a estrebuxar, com todas as forças gigantes de que era dotado, entre as cadeias que o illaqueavam. Em seguida cahiu como que extenuado de forças, cobriu o rosto com as mãos, e soltou um grito de agonia terrivel, bradando:

—Yolanda! Yolanda!

Esteve assim por muito tempo, com o corpo dobrado sobre os joelhos, os olhos fechados, e o rosto escondido entre as mãos. Parecia querer fugir ao horrendo espectaculo da sorte que era mais que provavel que Yolanda tivesse tido. Mas pouco e pouco o

[1] Autrefois avoit fait faire à des Alemans des fers très-pesans et terribles pour mettre aux pieds; et y estoit un anneau pour mettre au pied, fort malaisè à ouvrir, comme à un carquan; la chaine grosse et pesante, et une grousse boule de fer au bout, beacoup plus pesante que n'estoit de raison, et les appeloit-on les Fillettes du roy. Commines. Memoires. Liv. VI. Cap. 12.

desespero começou a incendiar-lhe o sangue nas veias, estas principiaram a pulsar com mais força, horriveis imagens começaram a bailar-lhe diante dos olhos — e o moço cavalleiro, com os olhos luzentes como uma fera, os dentes apertados, e os punhos cerrados, começou a rugir, a mexer-se, a saltar em todas as direcçoens, e por fim desatou a estrebuxar e a contorcer-se nos cadeados, ululando como lobo enfurecido. Por fim aquietou-se, e ficou com os dentes a bater uns contra os outros e os olhos a luzir medonhamente. Em seguida deu um salto tremendo, sentou-se, estendeu os punhos cerrados para a frente, e poz-se a bradar em voz de entoação sobrehumana:

— Pero Nagalho, aqui, cão maldito! Assim me deixas morrer como um perro, ribaldo traidor! Inferno e maldição! Olá! Lopo Diz, Fernão,... homens d'armas, acorrei... Olá! pelo inferno!... acorrei que me matam como quem mata um villão! Miseraveis! Assim todos me abandonaes! Ah! Sangue de Christo! infames traidores, que todos morrereis pela corda. Perros covardes! de que é que fugis? Perdição e inferno!... Sire de Melun! Sire de Melun! correi á porta falsa! Postai uma manga de bésteiros no caramanchão do norte... assestai os trabucos... preparai os engenhos... Ávante! A elles, meus valentes!... S. Jorge e Portugal! Ávante! ávante... Maldição de satanaz!... De que fugis, covardes! Olá, homens d'armas... aqui! Ávante! ávante! Pero Nagalho... Pero Nagalho! Sobe á torre do nascente, e traz comtigo Yolanda... Inferno e maldição!... Yolanda!... Yolanda!... — acrescentou com um grito de agonia medonha.

E, dando um salto sobre si mesmo, esbarrou com a cabeça de encontro á parede, e cahiu novamente amortecido por terra.

Quando o moço Baldaia voltou a si, já apenas se distinguia o dia atravez da fresta da abobada. Ia chegando a noite. O frio glacial, que fazia na masmorra, havia-lhe acalmado a febre da demencia. O moço cavalleiro fitou então os olhos nos tibios raios de luz, que ainda luziam na fresta, e assim ficou por muito tempo. O furor da insania transformara-se-lhe por fim na agonia da resignação, que é imposta pelo impossivel áquellas dôres, com as quaes ninguem se resigna placidamente. Entenebreceu finalmente, mas o moço cavalleiro nem sequer deu por isso. Estava engolfado n'aquella medonha atonia de espirito, em que se confundem todas as faculdades da alma, em que se descahe quando a dôr é tal que chega a abafar a propria consciencia do soffrimento. Yolanda estava em poder dos soldados de Luiz XI, e elle ali, e o impossivel no meio dos dous. A grande alma e a coragem heroica de Luiz Fernandes Baldaia cahira diante d'estas medonhas realidades, porque, para além d'ellas, não achava senão o infinito da suprema desgraça.

Reinava profundissimo silencio n'aquella masmorra, apenas interrompido pelo respirar largo e pesado do prisioneiro, pelo ramalhar das arvores da floresta visinha e pelo susurrar das aguas do Aa, pequeno rio que corria a distancia do castello de Fruges. A noite começou então a avançar lentamente, mas o moço Baldaia não despertava d'aquelle pesado somno moral, em que a desgraça o havia mergulha-

do. Por fim principiou a re-apossar-se da consciencia de si. Com a lembrança de Yolanda principiou a sentir recordaçoens do pae e da patria. Duas lagrimas rolaram-lhe então, sem as elle sentir, pelas faces abaixo. Estas lagrimas fizeram-lhe bem. A febre da desesperança recuou diante d'ellas, e o moço lembrou-se, a primeira vez, de si, e pensou em salvar-se. Principiava a concentrar-se n'esta idéa consoladora, e que arrastava comsigo uma esperança vaga e indefinida, mas sempre esperança, quando, atravez do restulhar das arvores da floresta e do longinquo susurro do rio, se lhe afigurou distinguir o som quasi indistincto de uns sapatos de ferro caminhando sobre um pavimento de granito.

Applicou o ouvido. Pareceu-lhe ao principio que se não enganára. Depois o rumorejar mais violento das folhas das arvores, tangidas pelo vento, confundiram de todo aquelles sons. Luiz Baldaia affirmou-se mais. As arvores aquietaram então o vozear. Não se tinha de facto enganado. Os sons ouviam-se cada vez mais distinctos — mais distinctos — por fim ainda mais proximos. Por ultimo não havia que duvidar; pelo corredor subterraneo caminhavam em direcção á masmorra passos apressados, e que, pelo tinir metallico com que soavam, mostravam serem dados por um homem armado. Minutos depois, a rija porta ferrada, que havia no alto da escada de pedra de dez a doze degraus, que, a meia altura do muro, dava descida para o fundo da masmorra, deixou passar atravez das fendas os raios de luz, com que o homem se vinha alumiando. Luiz Baldaia sentiu então metter uma chave na fechadura — a chave desandou — a porta abriu-

se — e, no limiar d'ella, appareceu um homem com uma tocha accesa na mão. Era um cavalleiro, que vinha armado de um arnez completo, excepto o elmo, em logar do qual trazia um barrete de velludo preto enfeitado por uma pluma branca. Por cima das armas trazia vestido um tabardo forrado de arminhos.

Mal appareceu no alto da escada, inclinou a tocha, e mergulhou o olhar perscrutador para o fundo da masmorra. Depois desceu, deixando a porta aberta atraz de si.

— Messire de Baldaia — disse por fim, encostando a tocha á parede, e aproximando-se do moço — é preciso partir immediatamente. Achai-vos com forças para isso?

— E vós quem sois? — exclamou o moço, fitando espantado os olhos n'elle.

— Sou Filippe de Commines. Reparai — volveu o outro, aproximando-se de todo a elle.

— Vós... vós, monseigneur d'Argenton!

— Eu mesmo, messire de Baldaia; eu mesmo que, por ser vosso amigo e amigo de vosso pae, venho aqui para salvar-vos, entretanto que é tempo. Mas deixai-me desatar-vos d'esses cadeados.

Assim dizendo, tirou da escarcella uma pequena chave, metteu-a no loquete que cingia o Baldaia pela cintura, e abriu-a. Em seguida abriu da mesma fórma as adobas que lhe peavam as pernas.

Ao sentir-se desatado d'aquellas peias, o moço cavalleiro poz-se de um salto a pé.

— E Yolanda? — bradou, com os punhos convulsamente cerrados e fitando o sire d'Argenton com

os olhos scintillantes de toda a ferocidade orgulhosa da fera, que se sente liberta das grades da jaula.

— Yolanda — respondeu serenamente Commines — está em poder d'el-rei Luiz XI, agora seu tutor natural, e a estas horas deve de estar no convento das benedictinas de Hesdin.

— Oh! o infame ribaldo! — balbuciou o moço cavalleiro por entre os dentes cerrados e com o olhar allucinado de todo — ai d'elle, se ousar levar a vingança...

— Socegai d'essas loucas fantasias, que são indignas do filho de um tão sabio pae como o que tendes, mancebo — atalhou em voz dura Filippe de Commines, carregando severamente o sobr'olho — Messire de Baldaia — continuou em seguida, abrandando a voz, e dando-lhe um tom de grave authoridade — olhai que o tempo dos Amadises e dos Galaores acabou, se é que por ventura existiu algum dia. Deixai, pois, esses sonhos fantasiosos, que destoam com a época em que vivemos, e descei ás realidades praticas que d'ella são feição caracteristica. Attendei ao que vos vou dizer, que não vim aqui só para vos dar liberdade, mas vim tambem, para, como leal amigo que sou de vosso pae, vos avisar dos perigos que de toda a parte vos cercam, e contra elles vos aconselhar, segundo a experiencia que tenho dos homens, e o muito a fundo que conheço o caracter d'el-rei Luiz.

O tom de severa gravidade, com que o senhor d'Argenton disse estas palavras, fez profunda impressão no moço cavalleiro, e despertou n'elle subitamente uma desconfiança, que de todo o chamou a si.

A privança de Filippe de Commines com el-rei de França era facto publico e de todos conhecido; e do seu fino tacto politico e sciencia de illudir os homens tinha elle por mais de uma vez ouvido fallar a Fernão d'Alvares Baldaia, que o tinha no conceito do homem mais astuto da côrte de França, e d'elle, a esta conta, dizia maravilhas e grandes elogios. Por todas estas razoens, suspeitou o moço cavalleiro que por traz d'aquella amizade, que o sire d'Argenton dava como causal da sua inesperada apparição na masmorra do castello de Fruges, havia um outro motivo, ao qual Luiz XI não era por ventura estranho.

— Monseigneur d'Argenton — disse pois de chofre, e fitando-o com um olhar perscrutador, mal elle acabou de fallar — como é que vos achaes, assim como que cahido das nuvens, no castello de Fruges?

— Muito naturalmente, messire de Baldaia — replicou o astuto diplomata, fingindo não dar pela bem clara desconfiança, com que o moço cavalleiro o interrogava — El-rei de França, aborrecido por fim das delongas do cerco de um tão pequeno castello como este, enviou-me hontem a monseigneur des Cordes, com ordem expressa de se tomar immediatamente Fruges, custasse o que custasse. No assalto d'esta manhã fui eu proprio que conduzi os soldados francezes na ultima arremettida, que fizeram contra a brecha. Como sabeis, entramos por cima do corpo derribado do esforçado cavalleiro, que tão heroicamente nos havia repellido até então. Ao passar, em seguida, no terreiro do castello, deparei com um valente homem d'armas dos sitiados, que se revolvia

como um leão no meio de uma vintena dos nossos soldados, que pretendiam lançar-lhe a mão. Corri para ali para salvar aquelle valente homem, e pensai qual não foi o meu espanto quando conheci n'elle o velho homem d'armas portuguez, que tantas vezes vi com vosso pae e comvosco em Tours! Fiz arredar os que o cercavam, e fallei-lhe; elle reconheceu-me, e rendeu-se. Soube então que ereis vós o cavalleiro, que defendia a brecha. Corri a ella, achei-vos ainda desanimado, mas vi que não estaveis morto. Considerando as tristes consequencias que vos resultariam de cahirdes em poder do senhor des Cordes, vi logo a necessidade de vos fazer sahir esta noite de Fruges, e, para mais facilmente lograr o intento, mandei conduzir-vos para aqui, e tratar-vos como prisioneiro de importancia, como todos conheciam que ereis. Eis a razão porque me vêdes em Fruges. Nada de mais natural, messire de Baldaia. Estou em Fruges, porque el-rei Luiz XI me mandou n'esta occasião a Fruges; e aqui n'esta masmorra, porque sou verdadeiro amigo de vosso pae e de el-rei Luiz, e quero poupar ao primeiro a grande dôr que lhe causariam as consequencias de serdes feito prisioneiro a defender este castello, e ao segundo o grande embaraço de ter de mandar justiçar o filho do embaixador portuguez, e isso na propria occasião, em que el-rei de Portugal se acha de visita em França.

Acabando de dizer estas palavras, Filippe de Commines, calou-se, e fitou o moço Baldaia, sem revelar no aspecto o mais ligeiro signal de um sentimento qualquer. Luiz Baldaia esteve por alguns minutos sem responder, com os olhos fitos n'elle e

como que fascinado por aquella grave impassibilidade, em que nem ao menos transluzia um vislumbre da vaidade de quem acaba de prestar um grande serviço, e espera as manifestaçoens de reconhecimento que lhe são por elle devidas.

— Monseigneur d'Argenton — disse por fim — dou-vos mil e mil graças pelo muito que acabaes de fazer por mim, e sêde certo que Fernão d'Alvares, meu pae, ha-de saber compridamente esta nova prova, que acabaes de dar, do grande amor que lhe tendes.

— Escusai esse trabalho, messire de Baldaia — replicou o sire d'Argenton sempre imperturbavel e grave — Vós nem vosso pae de nada me sois devedores. Elle bem sabe o grande amigo que tem em mim, e o admirador que sou da sua muita prudencia e grande juizo. Em quanto a vós, mancebo, eu sempre vos presei, por que tive sempre em muita conta as nobres e generosas qualidades que tendes; e prasa a Deus dar-vos um dia o conhecimento de que a época dos cavalleiros andantes é ha muito passada, e então sereis um homem perfeito. Carlos de Borgonha morreu miseravelmente pelo querer ser em tempo, em que taes aspiraçoens são impossiveis; e todo o seu grande poder e altas imaginaçoens vieram a parar n'um cadaver que foi encontrado, despedaçado e nú, envolto no lodo das margens de um mesquinho ribeiro, que corre a pequena distancia de Nancy. Attentai bem n'este grande exemplo, mancebo; é elle como que um espelho que a prudencia vos aconselha a trazer sempre diante dos olhos das vossas imaginaçoens.

Filippe de Commines calou-se aqui. O moço cavalleiro sorriu-se com aquelle ligeiro sorriso, que protesta civilmente a incredulidade de quem por benevolencia não quer discutir, e, tomando affectuosamente a mão do seu salvador, disse-lhe em tom de quem desejava fugir totalmente áquelle assumpto:

— E agora, monseigneur d'Argenton, que ordenaes de mim?

— Eu fiz sahir o vosso velho homem d'armas com dous cavallos apparelhados — replicou gravemente Commines — Espera por vós na floresta visinha. Vou conduzir-vos á porta falsa, e por ella sahireis e ireis ter com elle.

— Partámos, pois, monseigneur — disse o Baldaia, em tom de quem estava prompto a seguil-o.

Filippe de Commines não se moveu, e ficou assim por alguns minutos com os olhos cravados no moço cavalleiro.

— Messire de Baldaia — disse por fim — nada mais tendes a dizer-me, a mim, que tão grande amigo sou de vosso pae, e acabo de dar-vos tamanha prova de dedicação para comvosco?

— Monseigneur — replicou em tom de surprehendido o moço cavalleiro — eu já vos dei as graças pela grande mercê que de vós acabo de receber, já vos disse todo o reconhecimento que sinto por este grande serviço. Que mais pois quereis que vos diga?

O futuro chronista de Luiz XI ficou outra vez silencioso, mas sem se mover, e com os olhos fitos no Baldaia. Ao cabo de alguns minutos, disse-lhe sempre imperturbavelmente:

— Nada mais pois pretendeis saber de mim?

— Não vos comprehendo, monseigneur d'Argenton — balbuciou Luiz, cada vez mais surprehendido.

Filippe de Commines fitou o moço cavalleiro com olhar firme e perscrutador.

— Eu disse-vos — continuou depois de alguns minutos de estar assim, sem dar palavra e sem que o aspecto lhe atraiçoasse o mais ligeiro symptoma da idéa que tinha — eu disse-vos que não vim aqui só para vos dar liberdade... Messire de Baldaia — acrescentou, fitando-o cada vez com mais firmeza — ao sahir do castello de Fruges, achar-vos-heis pisando o solo do reino de França, armado, de lança em punho, e cavalgado no mais ligeiro e vigoroso cavallo, que as planicies normandas produziram ha muito. Quaes são as vossas intençoens?

A estas palavras, levantou-se nova e desairosa desconfiança no espirito do moço cavalleiro. Segundo ella, o astuto valido de Luiz XI não lhe dava a liberdade sem condiçoens. Franziu, pois, severamente o aspecto, e replicou soberbamente:

— Tendes razão, monseigneur d'Argenton; vós sois valido d'el-rei Luiz XI, e não quereis assim lançar desenfreado no mundo o homem, que bem sabeis que deve ser de hoje ávante inimigo implacavel do tyranno da França. Tendes razão; e a minha honra exige de mim que vos diga franca e lealmente o que intento fazer. Sabei, pois, que sahindo para fóra das muralhas de Fruges, irei logo d'ellas direito aonde estiver el-rei de França, e que ou elle me ha-de entregar a minha noiva, aquella de quem hoje sou o unico defensor natural, ou o desafiarei a combate de morte e a todo trance, appellidando-o de infame e

refalsado tyranno, e cavalleiro deshonrado e desleal, inimigo jurado das leis da cavallaria.

Os olhos de Filippe de Commínes lampejaram subitamente illuminados.

— Louco estaes, mancebo! — exclamou com rude severidade. — Messire de Baldaia — continuou, abrandando o tom de voz — vós não fareis tal desacerto, porque se o fizesseis deshonrarieis as cinzas de vossa mãe, pois que mostrarieis que em vós não ha nem a minima parcella da prudencia e do tino do grande homem, que tendes por pae.

— Monseigneur d'Argenton!... —bradou o moço cavalleiro, levando a mão ao logar, onde devia ter a espada.

— Messire de Baldaia — proseguiu Commines grave e severamente —vós sois injusto para commigo. Se fossem verdadeiras as suspeitas que de mim formaes, bastava deixar-vos aqui esquecido n'esta masmorra, ou pelo menos dizer ao senhor des Cordes, que estava aqui preso o cavalleiro, que defendeu Fruges contra o exercito d'el-rei de França. Eu já vos disse que vim aqui para vos avisar dos grandes perigos de que estaes rodeado — acrescentou em tom grave e affectuoso — e, apesar de mostrardes tal desprezo pelos conselhos do amigo de vosso pae, devo e quero cumprir a minha intenção... porque vós sois uma nobre e grande alma, mancebo.

Depois, rodeando os olhos em volta da masmorra, como quem receava ser ouvido por outrem, acrescentou:

— Aguardai.

E, tomando a tocha, que ardia junto da parede,

subiu rapidamente a escada, e fechou a porta sobre si.

— Messire de Baldaia — continuou depois de tornar a descer para o fundo do carcere, e de ter de novo deposto a tocha — vou dar-vos a maior prova, que posso, do muito que vos préso, e de quão grande amigo sou de vosso pae e de suas cousas. Dizeime; que pensaes que vos aconteceria se, quando estaveis, ha oito mezes, em Tours, fizesseis isso que dizeis que ides agora fazer?

— Por Deus! monseigneur d'Argenton, dizeis bem. Luiz de Valois é um covarde... — exclamou o Baldaia.

— El-rei Luiz XI de França — atalhou com severa gravidade Commines, — foi na mocidade um cavalleiro esforçado e valente, e assim mesmo se mostrou na batalha de Montlhery. Hoje é o rei mais sabio do mundo [1], e como tal aceita a época como ella é, e do sceptro não faz lança de cavalleiro andante. Crêde, moço, os reis cavalleiros acabaram. D'ora ávante a realeza não se baixará ao nivel de homem algum; e os reis, considerando-se, como devem, os primeiros cavalleiros do mundo, não enristarão a lança contra aquelles que n'elle não podem aspirar a mais do que a serem os segundos. Luiz XI governa a França não pelo direito da lança e da espada, mas pelo direito do sangue que lhe gira nas veias; e por isso emprega outros meios para fazer respeitar a sua authoridade soberana...

— Ah! bem sei — exclamou, interrompendo-o,

[1] Commines. Mémoires, *passim*.

o Baldaia e soltando uma gargalhada sarcastica — agora bem vos comprehendo, monseigneur d'Argenton. Hoje o cavalleiro de Montlhery emprega o compadre Tristão e o companheiro Petit-Jean; e as unicas liças, que manda armar, são taes como aquellas que armou para sire Charles de Melun, para monseigneur de S. Pol...

— Enganai-vos, messire de Baldaia — atalhou-o Filippe de Commines, — ha oito mezes não seria esse para vós o resultado da vossa imprudente façanha. El-rei Luiz XI é grande amigo de vosso pae; e ademais — continuou, abaixando a voz e tornando a rodear inquietamente os olhos em volta de si, — el-rei de Portugal está em França, e el-rei Luiz é muito sabio para o affrontar em tal tempo, fazendo-lhe justiçar nas barbas um seu vassallo natural, porque... porque era um inimigo de mais, e para inimigos já eram de sobejo Carlos de Borgonha e a alta aristocracia franceza. Ha oito mezes, se ousasseis, assim affrontar-lhe a dignidade real, indo fazer-lhe em sua côrte, isso que dizeis que tendes intenção de fazer, vós não morrerieis como o sire de Melun ou como o condestavel de S. Pol. Um tiro de arcabuz, um punhal, um pouco de veneno n'uma masmorra ignorada...

— Oh! o infame! Como vós o conheceis bem, monseigneur d'Argenton! — exclamou o moço Baldaia com os olhos luzentes de indignação.

Filippe de Commines meneou pausadamente a cabeça, e continuou:

— Hoje... hoje, porém, é outra cousa. Messire de Baldaia, vós estaes ha muito longe da côrte, e

por isso vos quero contar as grandes mudanças que n'ella se tem operado.

E depois d'um momento de silencio, continuou:

— Vós deveis saber, messire, que el-rei, em razão do bom serviço da posta, foi logo advertido do desbarate do duque de Borgonha em Nancy. A cada instante esperava elle noticias ácerca d'aquelle feito, porque já sabia da chegada dos allemaens, e mais cousas que a essa diziam respeito. Havia ahi muita gente que tinha os ouvidos bem abertos a quem primeiro ouviria noticias, para lh'as ir levar; porque, como sabeis, elle dá sempre alviçaras áquelle que lhe leva grandes noticias, e d'ante-mão se apraz em prevenil-as dizendo: — « Eu darei tanto a quem primeiro me der tal noticia. » Assim, monseigneur de Bouchage e eu, estando ambos juntos, fomos os primeiros que tivemos noticia da batalha de Morat, e juntos lh'a demos, pelo que nos mandou contar duzentos marcos de prata a cada um. D'esta de Nancy foi monseigneur de Lude quem lhe deu a primeira nova.

— Mestre João das habilidades — continuou com o sorriso de ironia da rivalidade a revoar-lhe nos labios — dormia fóra do Plessis. Ha muito o fazia acinte para assim aproveitar melhor os ensejos. Foi pois elle o primeiro que soube da chegada do correio, que trazia as cartas ácerca da derrota de Nancy. Mal o soube, foi logo ter com elle, e exigiu-lhe que lh'as entregasse, ao que o pobre homem não ousou recusar-se, visto o grande valimento que elle tem com el-rei Luiz. Mal houve as cartas á mão, não descançou até as entregar, com receio de que alguem o antecipasse. Assim veio logo de madrugada, ainda

mal se via, bater á porta mais proxima da camara d'el-rei. Abriram-lh'a, e elle entregou as cartas. No primeiro impeto, Luiz XI ficou de tal maneira fóra de si de alegria, que mal sabia o que havia de dizer nem fazer. Não vos direi as mil tençoens que imaginou, porque as cartas, que eram de monseigneur de Craon e de outros, diziam só que o duque fôra desbaratado, e que ninguem sabia d'elle, mas não davam a certeza da morte. É, porém, escusado fallar-vos d'isto, porque vós ereis em Nancy, e bem sabeis como estas cousas se passaram.

Monseigneur d'Argenton parou aqui um momento, e logo continuou:

— Agora ouvide como esta noticia foi recebida na côrte. El-rei mandou logo chamar a Tours, todos os capitaens e outros muitos grandes personagens, e lhes mostrou aquellas cartas. Todos fizeram grandes mostranças de profunda alegria; mas a quem n'elles reparasse bem, era facil de conhecer, que aquillo era tudo contrafeito; e que, apesar dos gestos e palavras em contrario, todos desejavam que de outra maneira tivesse acontecido ao duque de Borgonha. E ao jantar, que em seguida nos deu, eu e todos fizemos por ter bom appetite, mas, por minha fé — vós direis se seria por tristeza ou alegria — não houve ahi um só que comesse metade do que costumava comer. Pois olhai que não era por pejo ou acanhamento de comerem com el-rei á mesa; que todos os que ali estavam, eram avezados a jantar amiudadas vezes com elle [1]. Ora sabeis d'onde vinha esta falta de ap-

[1] Commines. Mémoires. Liv. v. Chap. 10.

petite, messire de Baldaia? Agora vol-o direi. Era porque havia ahi muitos, como o conde de Dammartin, que o tinham desservido no tempo da guerra do Bem-publico; outros nas questoens que elle teve com o duque de Guyenne; e todos, emfim, sabiam muito bem que o medo que o rei de França tinha ao duque de Borgonha era a unica peia que ainda o continha, e que, cortada ella, deixando de existir aquelle poderoso nucleo que centralisava a resistencia da fidalguia franceza, Luiz XI não mais teria a que guardar consideraçoens, e daria amplas azas ao seu caracter naturalmente vingativo e despotico.

— E assim foi, messire de Baldaia — acrescentou o astuto politico, rodeando outra vez os olhos, com mal disfarçada anciedade, em volta de si — a pratica mostrou logo que não eram infundados os receios que tinhamos. Desde que Carlos de Borgonha morreu, o rei de França perdeu aquelle caracter de permanente bonhomia com que parecia querer metter a todos no coração. Agora já não procura convencer; manda, e exige ser rapida e cegamente obedecido. Agora já não procura ganhar homens; antes falla altaneira e soberbamente a todos. Agora emfim ordena como despota, e volta as costas sem attender a consideraçoens de qualidade alguma que sejam. Assim, messire de Baldaia, se ha oito mezes o fosseis desafiar em sua côrte, morrerieis occultamente e sem ninguem mais saber de vós; hoje morrereis no cadafalso, mas peior e mais ferozmente do que morreu monseigneur de S. Pol. Luiz XI estima devéras Fernão d'Alvares, vosso pae, porque é naturalmente amigo de todos os homens prudentes e de tão

grande juizo como elle é; mas estima ainda mais a sua dignidade real, e por cousa alguma do mundo deixaria actualmente de a vingar com ostentação. Em quanto á presença do rei de Portugal... Que importam hoje a Luiz XI os inimigos de fóra das fronteiras da França? E ademais não o tem elle em seu poder? Meditai pois isto que vos digo, mancebo; se levardes a cabo a imprudente resolução em que estaes, morrereis no cadafalso, e Yolanda de Melun... n'um convento.

Quando o sire d'Argenton acabou de fallar, o moço Baldaia estava, havia já minutos, pensativo e com os olhos abstractamente fitados no chão. Por fim ergueu o rosto.

— Vós dizeis bem, monseigneur d'Argenton — disse gravemente — e conheceis devéras a fundo o rei de França. Mas pensaes vós, que eu seja homem para vêr a mulher que amo sacrificada á vingança d'aquelle villão, e eu vivo, e eu com uma espada pendente do cinto? Por Satanaz! Não será assim; morrerei, mas não no cadafalso; morrerei mas com a lança em punho, e, por ventura, que antes de morrer, livrarei a França do verdugo que a trucida lentamente!

— Por Deus, moço, acalmai-vos! — exclamou apavorado o sire d'Argenton, levando a mão á bocca do Baldaia — Acalmai-vos que ha ahi melhor maneira do que essa de haverdes á mão a vossa noiva...

— Por Deus, fallai, monseigneur...

— Escutai; é esse o conselho que tanto desejo dar-vos — replicou o astuto Commines — Eu fui muito amigo de Carlos de Melun — acrescentou triste-

mente—E depois de um momento de silencio, ergueu o rosto, e fitando o Baldaia, continuou — Ide ter com vosso pae; el-rei tem por elle grande amizade e veneração. Noticiai-lhe que o sire d'Argenton lhe manda dizer que trate afoutamente este negocio, que o ha-de conseguir por sem duvida; porque sabei, messire de Baldaia, que el-rei Luiz é homem que prefere levar as cousas pelo bem a leval-as pelo mal. Se póde comprar a dinheiro um castello, prefere compral-o a havel-o por meios de guerra; se póde ganhar a realisação de uma idéa, desviando o embaraço d'ella, prefere desvial-o a aniquilal-o. Yolanda de Melun é herdeira de grandes senhorios, quer no Languedoc, quer no Artois. Luiz XI receia-se de que ella se case com quem venha, um dia, a puxar por aquellas vastas possessoens, e se faça grande e poderoso senhor á sombra d'ellas. Assim Yolanda de Melun está condemnada a morrer n'um convento; mas, se vós a quizerdes, pobre e desherdada, e assim a levardes para vossa terra, para tão longe de França, crêde, mancebo, que Luiz XI ha-de por todas as razoens fazer-vos a vontade. Fingirá que vos faz isso por grande amor que vos tem, por querer fazer mercê a vosso pae; mas no fundo da alma agradecerá a Nossa Senhora de Clery o estardes vós apaixonado pela moça. Ide, pois, messire de Baldaia, ide ter com vosso pae. Confiai tudo de sua grande prudencia e fino juizo; e sêde certo que é este caminho seguro para conseguirdes vossos desejos.

Filippe de Commines calou-se. Luiz Baldaia esteve muito tempo sem lhe responder, e sem levantar o olhar pensativo. Por fim estendeu-lhe a mão, e disse-lhe:

— Monseigneur d'Argenton, creio que assim é como dizeis. Dou-vos sinceramente as graças pelo bom conselho que me daes. Irei d'aqui procurar meu pae...

— A poucas leguas o tendes d'aqui, messire de Baldaia. Como sabeis o senhor des Cordes entregou a cidadella de Arras a el-rei de França, e a cidade em razão d'isso entrou em ajustes amigaveis com elle. Parece porém que estes ajustes eram tençoeiros e só para ganhar tempo; porque depois mandaram a Gand alguns dos burguezes mais grados a tratar o soccorro da cidade, com mademoiselle de Borgonha, filha do duque Carlos. Como estes homens sahiram de Arras a titulo de irem fallar com el-rei Luiz, para o que alcançaram um salvo-conducto do bastardo de Bourbon, e foram apanhados indo para Flandres, foram logo mettidos em processo, e em seguida sentenciados e degolados em Hesdin, em numero de dezoito. Aqui para nós, a mim se me afigura que esta ida a Flandres é pura invenção de el-rei Luiz, tudo para se poder vingar de Oudart de Bussy, procurador geral de Arras e do condado de Artois, que bem o desserviu no tempo da guerra do *Bem-publico*. O que é certo é que este foi decapitado, como por escarneo com a cabeça mettida n'um capuz de escarlate com forro cinzento [1], e que em razão d'estas execuçoens, Arras desatou-se em grande revolta, que tem obrigado el-rei a tel-a, ha muitos dias, de cerco. Ahi pois o encontrareis em seu acampamento, e com elle vosso pae, que o acompanha.

[1] J. de Troyes. Chron. 1465 e 1477.

— Monseigneur d'Argenton, partirei? — disse o Baldaia, com mal disfarçada impaciencia.

Filippe de Commines tomou a tocha, com que se viera alumiando, e, com ella na mão, sahiu da masmorra com o moço cavalleiro. Ao fim do corredor subterraneo, atirou com a tocha para o chão, sahiu para o terreiro do castello, e d'elle conduziu o moço Baldaia até á sahida da barbacã. Aqui encontraram um homem d'armas com um elmo e uma espada. Luiz Baldaia armou-se immediatamente e, despedindo-se de Filippe de Commines, sahiu ao campo, e dirigiu-se á visinha floresta, onde, no logar por aquelle indicado, encontrou o nosso já conhecido e respeitavel Pero Nagalho, tendo de redea dous magnificos e possantes cavallos ajaezados.

Ao vêr diante de si o filho do seu velho amigo, que elle reputára perdido, o honrado Nagalho, lançou-se-lhe nos braços, e apertou-o n'elles com toda a força do affecto, que o tinha quasi suffocado. Depois aproximou n'um relance um dos cavallos, quasi que baldeou o amo na sella, e em seguida, lançando-se de um salto no outro, poz-lhe as esporas rijamente, bradando:

— A galope!

O moço cavalleiro obedeceu machinalmente, e os dous partiram a toda a brida para a frente. Ao cabo de quasi uma legua, sustaram o furor d'aquella corrida. Então Pero Nagalho escarrou, aflautou a voz, e disse em tom de prégador:

— Viva Deus, senhor, que bem merecieis ficar esmagado debaixo das ruinas de Fruges! Quando se vos acalmará esse sestro volteiro e batalhador! A paz,

senhor, é a primeira das bemaventuranças. O homem não foi feito para andar aos cachaçoens ao seu semelhante. Que dirá Fernão Alvares, senhor? Por Satanaz! Da parte d'elle e de Deus vos requeiro que lhe façaes saber, que não foi por meu talante, mas por vos ser fiel, que tenho andado mettido em semelhantes arruidos.

XVIII

> Mais é muito o que vos queria dizer se ousasse. Mas porque recearei dizer-vos o que vos digo com tão igual condição que, se o não provar e fizer certo, fique ante vós duvidoso o que até aqui vos tenho dito?
>
> D. Antonio Pinheiro.

O cerco de Arras estava no seu auge.

Luiz XI senhoreava a cidadella e a velha cidade; isto é, aquella parte de Arras que era governada senhorialmente pelos duques de Borgonha, e que Filippe de Crevecoeur, senhor des Cordes, lhe havia entregado, depois da derrota de Nancy, por suggestoens do astuto Filippe de Commines [1]. A cidade nova, a Arras municipal, que se governava pelos seus magistrados e segundo os seus privilegios; e que estava dividida da cidade velha por uma forte muralha, cujas portas os livres e orgulhosos burguezes fechavam todas as noites na cara da velha cidade senhorial, essa, depois de estar alguns dias debaixo do

1 Commines. Mémoires. Liv. v. Chap. 11.

jugo simulado do rei de França, havia-se levantado, e proclamado de novo o senhorio da casa de Borgonha, que lhe garantia o gozo dos seus foros e privilegios. Ao levantamento seguiu-se immediatamente o cerco, tão facil para os sitiadores como perigoso e apertado para os sitiados, em razão da cidadella e da velha cidade, que lindavam, paredes meias, com a cercada cidade municipal. O exercito sitiante era numeroso, bem armado e opulentamente aprovisionado de artilheria, de muniçoens e de viveres. A muralha que defendia a cidade nova era fraca e quasi arruinada, a artilheria pouca e má, e os defensores mal armados e pouco acostumados á guerra. Mas, apesar d'isso, o amor da liberdade e a esperança do soccorro, que lhes fôra promettido pelo leal e esforçado cavalleiro, Guilherme de Vergy, senescal da Borgonha, que defendia a visinha cidade de Douay, esforçavam a resistencia e davam inquebrantaveis alentos para protrahir a defeza [1].

De dia para dia se esperava a chegada do soccorro, que aquelle cavalleiro e outros senhores borgonhezes estavam reunindo. Receioso de que elles chegassem de golpe e subitamente; e avisado, ademais, pelos perigos que havia corrido no cerco de Liege, Luiz XI havia deixado o acampamento, e recolhido a uma antiga albergaria fortificada, que havia, a legua e meia da cidade, nas abas do monte de S. Eloy, no proprio logar, onde depois se fundou a celebre abbadia d'aquelle nome, da qual a revolução de 1789 apenas deixou as ruinas.

[1] Commines. Mémoires. Liv. v. Chap. 15.

Eram onze horas da manhã do dia seguinte ao da tomada do castello de Fruges. Tinham passado pouco mais de oito mezes, depois da chegada do rei de Portugal a Tours, isto é, depois das scenas descriptas nos primeiros capitulos d'esta historia.

Áquella hora o rei de França achava-se n'uma das salas da torre da albergaria fortificada de S. Eloy. Os oito mezes decorridos não tinham passado debalde para elle. Não eram só os importantes acontecimentos, preparados pela sua politica egoista e traiçoeira, que lh'os haviam feito sentir fundamente. A terrivel molestia, que o andava minando, e que o devia matar seis annos mais tarde, havia avançado tambem a sua obra destruidora, e tornado mais sensiveis no aspecto d'aquelle homem singular os signaes da sua mortifera laboração. Luiz XI estava mais magro e cadaverico; os cabellos tinham-lhe embranquecido mais, e o corpo curvava-se-lhe em ligeira curvatura, prenuncio de cachexia imminente. Mas a luz scintillante do olhar d'aguia, em que lhe rutilava o caracter energico, cruel e astucioso, em nada havia perdido do brilho. Luiz XI era ainda pela expressão do semblante o tyranno insolente e o despota da França; e essa expressão era por ventura mais notavel agora em razão da imperiosidade sacudida dos gestos, que de todo havia substituido um certo acanhamento fagueiro de maneiras, que d'antes trazia como que sofreada aquella.

O rei de França estava vestido com a sordida negligencia que lhe era habitual. Trazia um gibão de mau panno e por cima um tabardo velho, forrado de pelles já calvas em muitas partes. As calças, das

quaes uma perna era verde e a outra azul, nem justavam convenientemente, nem davam mostra de pouco, nem mesmo de razoavelmente, usadas. Os borzeguins eram de bezerro branco, com esporas de ferro limado. Na cabeça tinha umas poucas de carapuças enterradas até ás orelhas, e por cima o seu pequeno chapéo de mau feltro, com a aba descahida na frente e a imagem da Virgem, feita de chumbo, pregada na copa. Estava sentado n'uma cadeira de alto sobrecéo de castanho lavrado, recostado para o espaldar, com as pernas estendidas, as mãos enlaçadas sobre o estomago, e o olhar d'aguia fitado no personagem com que estava conversando.

Este era Fernão d'Alvares Baldaia. O embaixador de Affonso v estava de pé, em frente do rei de França, e junto de um tamborete que, a instancias d'elle, havia aproximado, mas em que recusára respeitosamente sentar-se. Tinha vestido um pelote de velludo azul, acairelado de retroz da mesma côr, e as mangas de tal largura na bocca, que chegavam em ponta aguda até os joelhos. As mangas do gibão, que dentro d'aquellas se viam, eram de setim escarlate, bordadas a preto. As calças eram de magnifico meinim; os borzeguins de carneira engraixada, e o barrete, que tinha dependurado das mãos, que conservava collocadas á altura do estomago, era de velludo preto dobrado.

— *Pasques-Dieu,* monseigneur de Baldaia! — dizia Luiz XI, em tom levemente resentido, mas sem que o rosto apresentasse o menor signal de colera ou de despeito — *Pasques-Dieu!* E julgaes-me vós

homem capaz de negociar com o aragonez a Cerdagne a troco de el-rei de Portugal!

— Senhor, não — respondeu serenamente o Baldaia — Vós sois um grande e nobre rei, de todo o ponto incapaz de feitos villoens. Mas vêde, senhor, que ha já oito mezes que el-rei, meu senhor, se acha em França, entretido com esperanças de vosso soccorro, sem que até hoje tenhaes dado resolução alguma a este negocio. Os embaixadores, que por vosso alvitre foram a Roma, já são ha muito chegados. Ora, senhor, a mim me parece que cumpre á vossa gloria dar final conclusão a este feito.

— Ó Virgem Senhora de Clery! — exclamou Luiz XI, pondo as mãos com expressão de beata afflicção, e fitando compungido Fernão d'Alvares — Mas, monseigneur de Baldaia,... mas, meu grande e especial amigo, que conclusão posso eu tomar em tão apertado tempo como este?

— Sire — replicou o Baldaia — vós tendes razão. Devéras que, ao tempo presente, impossivel cousa vos é o cumprir com o tratado que fizestes com el-rei, meu senhor. Mau de achar e escuro seria o direito que vos obrigasse a dar-lhe auxilio para elle cobrar um reino estranho, ao tempo que vós careceis de todo o vosso poder para não deixar perder, antes cobrar vossa terra. Mas, senhor...

— Ó meu grande e especial amigo — atalhou, exclamando, Luiz XI — vós sois homem devéras mui justo e mui santo. Outro qualquer não me fizera essa justiça; antes cortára por toda a razão para me sacrificar a seu proveito. Vós dizeis muito bem; e agora vos juro, e tende por mui certo, que sempre

tive intenção de auxiliar el-rei de Portugal para esta guerra de Castella. Se o não tenho feito até agora, tem sido isso por fortes respeitos, taes como a falta de justo titulo para el-rei meu irmão fazer esta guerra; a continua ameaça em que o duque de Borgonha me trazia de me invadir minha terra; a minha muita pobreza, em fim... Ah! monseigneur de Baldaia, quanto aquelle terrivel batalhador, a quem Deus perdoe, me custou! Aquelle tratado de Pequigny foi um abysmo onde se sumiram todos os meus cabedaes. Fiquei empenhado para muitos annos; e tanto que ainda devo aquella grade de prata que para cumprir minha promessa, mandei fazer para o altar do senhor S. Martinho, da abbadia de Tours. E quando a poderei eu pagar! *Pasques-Dieu!* Mas como poderei eu auxilial-o agora, monseigneur de Baldaia! — continuou, revirando segundo o seu costume de subito para o negocio, que era assumpto da conversação — Ainda bem que me fazeis inteira e completa justiça. Assim é como dizeis. Ahi tenho eu ás costas toda a Borgonha e todo o Artois, em revolta contra mim, e sem me quererem reconhecer o meu direito de suzerano, e a reversão d'este feudo á corôa de França, pela morte do duque Carlos, meu primo. Como sabeis, cada palmo d'esta minha terra, custa-me uma batalha ou um cerco. E como se isto ainda não fôra bastante, ahi estão os de Gand apossados da pessoa de mademoiselle de Borgonha, em guerra contra mim, e o imperador ameaçando auxilial-os, por elles a quererem casar, a pobre orphã desvalida, contra vontade — contra vontade, asseguro-vol'o eu, monseigneur de Baldaia — com o archi-

duque Maximiliano, seu filho, a quem o fallecido Carlos andava, ha muito tempo, fazendo negaças com ella. Ora vêde vós os trabalhos em que me acho mettido! Como pois cumprir com os meus bons e sinceros desejos para com el-rei de Portugal? Como poder auxilial-o em tamanho aperto, como este em que ao presente me acho?

—Sire—retrucou o Baldaia com cara de magoado—assim é como dizeis, e quererá Deus que vossa muita prudencia e saber se ha-de tirar de tamanhos trabalhos com muita honra e proveito vosso. Porém, senhor, este negocio d'el-rei de Portugal é cousa forte, e requer prompta e immediata conclusão. Elle aperta afincadamente por ella; e assim, em nome d'elle e de vossa honra, eu vos requeiro uma e muitas vezes, que a tomeis, e me deis finalmente vossa resposta.

Assim dizendo, Fernão d'Alvares aprumou-se com dignidade, e fitou com fria e grave impassibilidade o rei de França. Este relanceou sobre elle um olhar chammejante que parecia querer descer-lhe ao fundo da alma e lêr-lhe a verdadeira intenção, com que dizia estas ultimas palavras, que tanto destoavam com as primeiras. Depois lançou-se de golpe contra o espaldar da cadeira, apertou com bem fingida afflicção as mãos uma na outra, e exclamou:

—Oh! Virgem Senhora de Clery! Mas que resposta, mas que conclusão hei-de tomar, monseigneur de Baldaia!

O embaixador revolveu entre as mãos o barrete com ar pensativo, e ficou silencioso e meditabundo durante alguns minutos.

— Senhor — disse, como tendo-se vencido por fim a dizer o que sentia áquelle respeito — eu sou devéras primeiro que tudo embaixador d'el-rei de Portugal, mas crêde que sou tambem vosso amigo sincero e leal. A minha longa demora em vossos reinos, o bondoso acolhimento com que me tendes tratado a mim e a meu filho, os grandes favores que ambos temos recebido de vós, tudo emfim me faz ser tão amigo de vossas cousas como das d'el-rei de Portugal, meu amo. Assim, senhor, sou eu o primeiro a reconhecer a impossibilidade em que estaes, quanto ao soccorro promettido; mas a mim me parece que o negocio se poderá resolver sem desaire vosso, e com grande satisfação para todos nós.

— Dizei... dizei, monseigneur de Baldaia, vêde se em vosso grande tino e juizo podeis achar o que a minha ignorancia e pobreza de entendimento não podem descobrir.

Fernão d'Alvares enviezou um relance de suprema velhacaria sobre o velhaco Luiz XI, e em seguida continuou, sem desfitar o barrete, que continuava a revolver sobre os dedos:

— Senhor, el-rei D. Affonso é homem razoavel e de bom entendimento, e ademais bondoso e facil de se convencer da razão. Assim me parece que cumpre a vossa honra e prol, que o envieis honradamente para sua terra, despedindo-o com as justas razoens que sabeis, e de que elle se convencerá tão facilmente, como eu me acho convencido, se vós franca e lealmente lh'as expozerdes.

Ao ouvir estas palavras, Luiz XI deu de subito

um salto na cadeira, como se se sentisse tocado inesperadamente pela ponta de um punhal.

— Despedil-o assim sem mais nem mais para sua terra, sem auxilio e desajudado, depois de o ter deixado demorar oito mezes em França! — exclamou após de curto silencio, e fitando com admiração Fernão d'Alvares — *Pasques-Dieu*, monseigneur de Baldaia! Essa não parece de um tão grande juizo e saber como o vosso. Que de escarneo não havia de fazer de mim aquelle patife d'el-rei de Aragão! Como se não riria o principe de Castella! E como se não havia de zombar em Portugal de minha pobreza e pouco poder, se vissem chegar de França o seu rei mais pobre e desacompanhado do que veio! Ah! monseigneur de Baldaia, que grande desacerto o ter vindo o vosso rei a França em pessoa!

— Assim é, como dizeis, senhor — respondeu com triste gravidade Fernão d'Alvares — o mal porém está feito, e agora cumpre sanear-nos airosamente de suas consequencias. O unico meio que vejo para isso, é o que acabo de lembrar. Portanto, senhor, não vos deixeis illudir por falsos pundonores, e crêde que ninguem por elle ha-de zombar de vós, antes ha-de louvar vosso grande saber e prudencia...

— Ó Virgem Senhora de Clery! Despedil-o! *Pasques-Dieu!* Isso nunca, monseigneur de Baldaia, isso nunca!... — exclamou Luiz XI com bem contrafeita má vontade, e como que despertando subitamente da profunda e alheadora meditação da difficuldade, em que se achava.

Fernão d'Alvares enviezou de novo sobre elle

um relancear de olhos de velhacaria perscrutadora e desconfiada; depois disse gravemente, carregando com dignidade os sobr'olhos:

— Sire, é preciso que vós saibaes toda a verdade, para assim avaliardes melhor a necessidade, em que estaes de adoptar o alvitre que vos proponho. Diz-se por esse mundo fóra, e é corrente n'estes vossos reinos de França, que vós demoraes ha tanto tempo el-rei de Portugal em vosso poder como que em arrefens e penhor da parte da Cerdagne, que el-rei de Aragão vos não quer restituir. Ora sêde certo que se estas falsas e infames calumnias chegam a Portugal aos ouvidos do principe D. João, vós o vereis fazer logo pazes com Castella, e, em seguida, um exercito portuguez invadir com outro castelhano e aragonez o Roussillon e a parte da Cerdagne, que já tendes em vosso poder. Demais os reis de Portugal são muito ricos; ora como el-rei Eduardo de Inglaterra gosta de passear até ás costas de França, e os inglezes fazem e desfazem tratados, segundo lhes pagam...

— *Pasques-Dieu,* monseigneur de Baldaia! — atalhou Luiz XI, batendo violentamente com o pé no chão.

Mas, reprimindo-se subitamente, pôz-se a pé de golpe, tirou o chapéo, pousou-o sobre a cadeira, e atirou-se de joelhos diante da imagem de chumbo que tinha n'elle, batendo nos peitos e bradando:

— Ó Virgem de Clery, minha amiga, minha boa protectora, vós bem sabeis que em nada sou culpado da grande imprudencia, que este rei de Portugal commetteu em vir a minha terra; nem dos damnos e

grandes vergonhas que d'ella por ventura lhe possam advir. Vós bem sabeis tambem que sempre em meu coração lhe fui leal, e desejei ajudal-o em suas cousas; e se o não tenho feito até hoje tem sido pelas grandes e importantes razoens que conheceis. Portanto, ó minha querida Senhora, meus amores, minha boa amiga, livrai-me d'este grande aperto em que sou, e dos maus pensamentos que estas infames calumnias me estão inspirando; e dai-me forças para vencer o orgulho que me persuade a que o não deixe ir, com tanto desaire meu, assim desajudado para sua terra, como elle m'o requer e exige. *Ora pro me, dilectissima: ora pro me, ara cœli, virgo potentissima...*

E depois de assentar uns poucos de sopapos no peito e de fazer umas poucas de mesuras á imagem, tomou o chapéo, pôz-se de pé, e voltou-se de novo para o Baldaia. Este, que, apenas o rei de França se prostrara diante do seu bicudo chapéo, se lançara tambem de joelhos, fazia n'aquelle momento a ultima mesura beata, beijando a terra, e erguia-se por fim, persignando-se. Luiz XI relanceou-o com um sorriso de velhaca ironia nos labios.

— Ora, meu grande e especial amigo — disse por fim — não fallemos mais n'este negocio d'el-rei de Portugal. Eu pensarei, eu pensarei; e por ventura farei por vosso amor aquillo que por minha dignidade não deveria de certo fazer. Agora para distrahir estes pensamentos melancolicos, fallemos em outra cousa. Já sabeis da tomada do castello de Fruges?

— Senhor, sim. No arraial me deram esta manhã a noticia.

— E sabeis quem era o heroico pelejador, o valente e esforçado cavalleiro, que protrahiu até hoje tão valerosamente a defeza?

— O sire de Melun é quem defendia Fruges — disse o Baldaia, fitando com anciosa desconfiança o rei.

— *Pasques-Dieu!* meu especial amigo — disse Luiz XI, sorrindo sarcasticamente — Luiz de Melun era muito velho para uma façanha de tamanha valia. Oh! não; para tal feito era mister um cavalleiro valeroso, joven, destemido, namorado... Apostarei eu, monseigneur de Baldaia, que já atinaes com quem foi.

— Sire... por minha fé!... não.

— Era vosso filho — perorou Luiz XI, avivando o seu cruel sorriso sarcastico.

— Meu... fi...lho!... — balbuciou Fernão d'Alvares, empallidecendo — Ora vós zombaes de certo, senhor; meu filho não podia achar-se no castello de Fruges.

Luiz XI franziu magestosamente as sobrancelhas.

— Eu fallo-vos o que é verdade, senhor embaixador — disse com soberania. — Vosso filho foi aprisionado sobre a brecha, na tomada do castello de Fruges.

Fernão d'Alvares ficou como que embobado por alguns minutos, pallido como um cadaver e com os olhos fitados em Luiz XI.

— Sire — balbuciou por fim em voz que dizia toda a agonia que lhe lacerava a alma, e cahindo de joelhos diante do monarca — vós sois um bom e generoso senhor, e aquelle é o unico filho que tenho...

— Ó meu grande e especial amigo — acudiu

Luiz XI, levando-o nos braços — que loucura é essa! *Pasques-Dieu!* Pois, pensaes!... Olhai, monseigneur de Baldaia — disse de subito com os olhos lampejantes e os labios encrespados por um medonho sorriso satanico — se Luiz Fernandes Baldaia tivesse nascido em terras de França, grande risco de certo lhe corria n'esta hora a cabeça; mas assim... vosso filho e tão meu grande amigo!... O' Santa Maria! maior travessura quizera eu que elle tivesse feito, para mais fortemente vos mostrar o grande amor que vos tenho, e o muito que a elle lhe sou agradecido pelos grandes serviços, que em outras partes me tem feito.

Fernão d'Alvares ergueu-se então, e beijou respeitosamente a mão, com que Luiz XI puxava por elle, para o fazer levantar.

— Senhor — disse gravemente o embaixador portuguez — beijo-vos as mãos por vossa grande benignidade, e peço-vos que me façaes a mercê de consentirdes que eu despeça immediatamente meu filho para Portugal, para lá o mandar castigar segundo merece sua grande doudice.

— Ó minha boa Senhora de Clery! — exclamou Luiz XI em tom prazenteiro — Que estaes vós ahi a dizer, homem? Como! Pois que outra cousa esperaveis vós de um mancebo cortezão e namorado? Ademais isto de ser namorado é achaque de vós outros homens de Portugal; portanto elle o fez como bom portuguez que é. Ora não fallemos mais n'isso, que, por ventura, já vós tereis ouvido contar d'estes negregados amores.

— Senhor, alguma cousa tenho ouvido dizer ácer-

ca d'isso; mas, por minha honra! que jámais elle me disse cousa alguma, nem de nada me fez sabedor — replicou o Baldaia, pondo gravemente a mão sobre o peito.

— Olhai o marinello! — exclamou Luiz XI, soltando uma gargalhada jovial — Pois, por minha fé! que grande razão tem elle para estar namorado, que a moça é formosa e tal que tentaria um santo. É mesmo a figura de Perrette de Chalons aqui ha seis annos a esta parte — acrescentou com um sorriso de revoltante cynismo. E logo fazendo uma cara de beato, tirou de repente o chapéo, curvou-se com devoção para a imagem, e pôz-se a bater no peito, bradando piedosamente: — *Ora pro me, ora pro me, dilectissima; sancta mater dei, ora pro me.*

Em seguida cobriu-se, e, revirando de chofre e como se não se tivera interrompido, continuou em tom de quem não admittia opposição:

— Mas n'esse ponto, monseigneur de Baldaia, n'esse ponto nada posso fazer por elle, não consinto cousa alguma; porque vós deveis de saber que esta Yolanda de Melun é filha d'aquelle grande ingrato e grande traidor, Carlos de Melun, que foi justiçado em Andelys. Todos os seus bens e senhorios foram confiscados para a corôa; mas, como sabeis, n'estas grandes revoltas que vão, póde ahi haver gente que cuide que alguns d'elles não devem ser encorporados no patrimonio real; e sobre tudo se a moça casar... Nada, nada; o melhor é prevenir o futuro. A moça será freira. D'esta maneira fica cerrada a porta a todas as difficuldades futuras. E, demais, quem a quererá assim pobre e desherdada? *Pasques-Dieu!* O

tempo dos tolos já lá vai. Hoje um palmo de boa cara não faz prescindir de dous palmos de boa bolsa... E demais... Nada... nada; não consinto. É preciso prevenir o futuro. E Luiz Baldaia tem muito juizo. Pobre e desherdada! Vós nunca o consentireis, não é assim, monseigneur de Baldaia? E demais... o futuro, o futuro; é preciso prevenir o futuro. Ainda se a levassem para longe, muito longe de França, vá. Mas assim, pobre e desherdada! O tempo dos tolos já lá vai. Será freira, por vida minha! será freira. Nada, nada, é preciso prevenir o futuro. Não consinto, não consinto. Portanto não fallemos mais n'isto, monseigneur de Baldaia; eu nada vos posso fazer n'este caso. Não consinto... não consinto. Não fallemos mais n'isso, não fallemos mais n'isso.

Assim dizendo, o rei de França relanceava olhares sobre olhares para o embaixador portuguez, repenicando-lhe ao mesmo tempo com a mão sobre o hombro. Fernão d'Alvares escutava-o frio e impassivel, remexendo sobre os dedos o seu barrete de velludo dobrado, e enviezando-lhe de quando em quando, por debaixo das pestanas, um olhar profundo e perspicaz, a vêr se da expressão do semblante, ou de algum gesto, que casualmente se desmanchasse, poderia colher o verdadeiro sentido do embroglio, que o rei de França estava fazendo.

De repente a porta abriu-se, e o barbeiro favorito appareceu no limiar d'ella.

— Sire — principiou elle — . . .

— Buz! homem — bradou Luiz XI, pondo o dedo sobre os labios — Ora olhai para aquella cara,

monseigneur de Baldaia — continuou com um gesto burlesco e um sorriso de escarneo — não vos parece que Oliveiros, depois que escapou á forca que os de Gand lhe tinham apparelhado, está com cara mais alarve que d'antes? *Pasques-Dieu!* que soez conde de Meulan eu fiz! Ora diz, homem, diz; que noticia trazes tu que vens tão esbaforido com ella?

— Sire — disse o barbeiro com cara de pouca vergonha, e como se não acabasse de ser alvo das chufas do monarca — el-rei de Portugal está descavalgando á porta da torre, e diz que deseja fallar-vos immediatamente.

— El-rei de Portugal! — exclamou Luiz XI, levando atrapalhado as mãos á cabeça — S. Martinho! S. Gaciano! Ó minha Senhora de Clery — acrescentou, tirando o chapéo e batendo no peito — *ora pro me, dilectissima, ora pro me; turris eburnea, sancta virgo virginum, ora pro me...*

N'isto ouviu-se o som metallico de sapatos de ferro, tinindo no alto da escadaria de pedra, que dava para o aposento, onde estavam. Luiz XI poz de repente o chapéo na cabeça, e correu para a porta da sala. Antes porém de chegar a ella, Affonso V assomou de subito no limiar — armado de um magnifico arnez esmaltado de azul e ouro, com lagrimas de prata por todo elle; e levantada a viseira do elmo, sobre cuja cimeira fluctuava um enorme penacho de plumas multicôres.

Luiz XI tirou de golpe o chapéo e as carapuças, e exclamou:

— Ó meu senhor irmão e especial amigo. Como!

Assim tão de subito e sem nada mandardes dizer de vossa vinda!...

—Senhor—respondeu com fria polidez o rei de Portugal—vós me mandastes dizer pelo conde de Penamacor que viesse a Arras fallar comvosco [1]. Aqui me tendes.

Luiz XI voltou para dentro, fingindo não entender a dureza do remoque que o rei de Portugal fazia, mais na voz do que nas palavras, á pouca cortezia d'aquelle recado; e, dirigindo-se á cadeira espaldar onde estivera sentado, preparou-a e collocou-a convenientemente elle proprio, e em seguida disse para Affonso V:

—Ora, senhor, fazei-me mercê de descançar, e perdoai-me este pobre acolhimento com que sois recebido. Outra cousa bem sabeis vós que seria, se eu pensára que assim tão de repente me farieis a honra de vir ter commigo a Arras. Mas assim, tal qual me vêdes, em toda a simplicidade e pobreza de coração lavado e todo vosso, sêde certo que ninguem mais vos estima e respeita. Ora sêde servido mandar-vos sentar.

O rei de Portugal sentou-se sem mais ceremonia, e sem dar logar a nenhuma d'aquellas instancias e primores, que eram julgados indispensaveis pela cortezania da época. Parecia fazel-o acinte para com a grosseria do procedimento se vingar da sobranceria d'aquelle recado do rei de França, que lhe havia ferido fundamente a dignidade e o orgulho, apesar de toda a sua extrema bondade de caracter.

[1] Pina. Chronica de Affonso V. Cap. 200.

Luiz XI fingiu que não dava por aquella acintosa grosseria do seu hospede. Continuou prazenteiro e attencioso como principiara; e apenas, ao tempo que Affonso V se lançou rudemente na cadeira que elle lhe offerecia, o cobriu com um relancear de olhos cheio de ironia e de sarcasmo, o qual brilhou e durou apenas o espaço de um relampago. Em seguida aproximou o tamborete, que fizera chegar, havia pouco, para junto de Fernão d'Alvares, sentou-se, e disse com a maior amabilidade possivel:

— Ora, meu senhor irmão, dizei-me como ides de vossa disposição, e como é que vos tendes dado n'estes vossos reinos de França. Sêde certo, que muitas e muitas vezes tenho pensado n'isto, porque desejo que não tenhaes senão motivos de contentamento e de satisfação, em quanto estiverdes em minha terra.

— Dou-vos as graças — respondeu seccamente Affonso V — Em quanto á minha disposição, tem sempre sido boa, e como devéras a não mereço a Deus; em quanto ao contentamento que tenho tido em vosso reino... Oh! bem, optimamente — continuou com ligeira entoação de ironia — Juro-vos por minha fé, que assim d'elle me não cuidei contentar, quando sahi de minha terra. Mas, senhor, se vos apraz, entremos no ponto sobre que temos a fallar, que não quero tomar-vos tempo de vossas muitas occupaçoens, nem, como sabeis, vim aqui para outra cousa.

— Oh! meu senhor irmão e especial amigo — replicou Luiz XI com a mais affectuosa bonhomia possivel — vós nunca me tiraes tempo, porque todo eu sou vosso, e vossas cousas tenho tanto a peito,

como as minhas proprias. Aqui estava eu agora fallando ácerca d'ellas com Fernão d'Alvares, vosso embaixador. Porém, senhor irmão...

— Senhor — atalhou seccamente Affonso V — os embaixadores que mandamos a Roma, já são, ha muito, chegados. Por ventura, ainda vos lembrareis da resposta que elles trouxeram do papa?

— Ó Virgem de Clery! Se me lembro! — exclamou Luiz XI — Pois tão esquecido cuidaes que eu seja de vós e de vossos negocios, que assim me deslembre do que tanto a elles releva! Se me lembro! A propria resposta é tal, que de per si mesmo se faz bem lembrada. Parece que, n'este caso, Sixto IV avalia o direito que tem a igreja de dispensar parentescos, pelas maiores ou menores probabilidades que vos acompanham de levar a bom cabo a guerra de Castella. Segundo elle, vós, só por vosso poder, não sois capaz de já hoje a levar a boa conclusão. Assim a dispensação não será senão mais uma causa de incendiar em Castella uma guerra inutil e impossivel, e portanto a igreja não póde concedel-a. Mas, auxiliado por mim, vós podereis reconquistar o throno de vossa sobrinha e expulsar d'elle a usurpadora Isabel; e em tal caso a igreja acha-se com direito a conceder a dispensa. « — E por quanto pelas razoens allegadas — diz o papa — a el-rei D. Affonso, por si, sem França, a dita dispensação não se deve conceder, e com a inteira ajuda de el-rei de França é razão que se dê, portanto a elle mesmo rei de França se deve de dar, tomando-a elle com seu cargo » [1].

[1] Pina. Chron. de Affonso V. Cap. 199.

Luiz XI parou aqui de repente, e ficou um momento, como que pasmado, com os olhos fitos em Affonso V.

— Viu-se nunca uma cousa como esta! — exclamou de repente — Ha! ha! ha! *Pasques-Dieu!* Vós sois o que haveis de casar, mas o dispensado hei-de ser eu! Por minha fé! Esta santa theologia de Roma tem tão enredadas e obscuras razoens, que ás vezes fica um sem saber por onde ha-de cortar segundo ellas!

— Senhor — atalhou aqui Affonso V — a mim se me afigura que o papa foi n'este caso muito claro e bem explicado. Concede a licença com a condição de vós cumprirdes com os tratados que commigo fizestes; quer dizer, deixa a justiça de minha senhora sobrinha, e com ella a corôa de Castella, inteiramente dependente do cumprimento da vossa palavra. Depois d'isto, o que resta a saber é a vossa final determinação a este respeito.

A estas palavras, Luiz XI fitou no monarca portuguez o olhar subitamente rutilante de apavorada afflicção.

— Ó minha Virgem Senhora de Clery! — exclamou, apertando a cabeça entre as mãos.

E em seguida continuou em voz afflicta e como de quem pede compaixão:

— Ó senhor, e que resolução hei-de eu tomar em tamanho aperto como este em que ao presente me acho? Agora estava eu fallando com vosso embaixador ácerca d'isto mesmo; e me estava lastimando dolorosamente, por esta guerra de Borgonha, e a que os de Gand e o imperador me ameaçam fazer, me não deixarem sahir por vossas cousas, como em

meu coração sinceramente desejo sahir. Ora dizei, monseigneur de Baldaia, não concordaveis vós tambem em que isto me é por agora de todo o ponto impossivel? Fallai, fallai, homem bom e justo; acorrei vós por minha honra, e dizei aqui a vosso rei e senhor o quanto me marteira a impossibilidade, em que estou de ao presente lhe ser util como desejava.

Fernão d'Alvares, que se achava de pé a respeitosa distancia, enfileirado com o barbeiro Oliveiros e com o conde de Penamacor, que havia entrado na sala com el-rei de Portugal, fez uma profunda mesura, e disse de lá, alongando para Affonso v um olhar velhaco, em que reluzia visivelmente o conselho de apertar com toda a força o rei de França:

— Sire, assim é. E devéras que vós, ao presente, com as guerras, em que estaes empenhado, não podereis mandar forças fóra do vosso reino.

Affonso v fitou espantado o seu embaixador. Luiz xi exclamou immediatamente:

— Ouvides-l'o? Deus falla pela bocca d'elle a verdade; e tende por mui certo, meu senhor irmão, que em vosso reino nunca nasceu homem mais sabio nem mais justo do que elle...

— E pois, senhor; assim que conclusão tomaes? — interrompeu subitamente Affonso v, alentado pelo olhar significativo, com que o seu embaixador o continuava a fitar por debaixo das palpebras.

— Ó Santa Maria! — exclamou Luiz xi com bem contrafeita afflicção — Mas vós bem o ouvistes. Ao presente é para mim de todo o ponto impossivel o mandar tropas fóra de meu reino...

— Entendo — interrompeu severamente o rei de Portugal — Vós quereis dizer que daes por nullo e de todo rompido o tratado, que commigo fizestes...

— Não é assim, não digo, não quero dizer isso. *Pasques-Dieu!* senhor irmão, como estaes bravo! — exclamou Luiz XI em tom de contrariado. E logo continuou em voz piedosa e como quem se achava de todo o ponto afflicto — Ora vinde cá, senhor; olhai a grande afflicção em que me vejo; e depois dizei-me em vossa consciencia e por vossa honra, se julgaes que eu possa, ao presente, fazer cousa alguma a favor de reinos estranhos. Deixai-me sahir d'estes grandes apertos, em que hoje me encontro, deixai-me apasiguar a Borgonha e o Artois; deixai-me mostrar ao imperador que a França não o teme, quando peleja pela sua justiça; deixai-me consolidar seguramente o meu poder e soberania sobre todo o solo da França, e depois aqui me tendes com os braços abertos para vos soccorrer e dar auxilio em todas as vossas afflicçoens. Espaçai por est'arte as vossas exigencias, e então vereis que não ha ahi homem mais leal nem mais vosso amigo do que eu. Ademais esta guerra de Castella é grande e forte cousa, que se não póde decidir assim do pé para a mão, e quando um se acha enredado em tão importantes e emmaranhados negocios, como vós bem vêdes que estou. Ora, senhor irmão, tende mais uma pouca de paciencia, espaçai, demorai a conclusão, que pedis, para tempo mais opportuno, e então fallaremos mais á vontade, sem tamanho afogadilho, e como cumpre a tão importante negocio. E demais, senhor — acrescentou, adoçando a falla — vós que sois tão bom e

tão justo, haveis de concordar, que, depois da grande e espantosa responsabilidade que o senhor papa lança por vossa causa sobre mim, o tratado, que fizemos, deve ser revisto e alterado, e n'elle devem entrar condiçoens, as quaes me garantam não só que as intençoens do santo padre hão-de ser cumpridas, mas tambem que me forrem dos grandes trabalhos e despezas que á vossa conta vou fazer. Vós bem sabeis que a parte da Cerdagne d'além dos montes é muito pequena cousa a par da corôa de Castella, que vos vou ajudar a conquistar. Para eu o não fazer, mais do que isso de certo me quereria dar el-rei d'Aragão.

Chegando aqui, Luiz XI calou-se de golpe. Toda esta velhaca moxinifada de palavras, quasi soltas umas das outras, e umas ditas com significação intencional, e outras sem significação alguma, fôra arrevessada por elle de um folego, como rapaz que papagueia diante do mestre a lição que aprendeu materialmente e de cór. Affonso V quiz-lhe ir por mais de uma vez á mão; mas tal era a rapidez, com que o rei de França fallava, e de tal fórma levantava a voz, quando sentia que elle o queria interromper, que o pobre monarca portuguez ficava como que entalado e sem poder desafogar pela falla. Ao ouvir porém as derradeiras palavras do rei de França, as quaes encerravam o seu verdadeiro pensamento, a idéa para expender a qual havia emmaranhado todo aquelle embrulhado aranzel, Affonso V corou indignado, e, fitando n'elle um olhar severo, disse magestosamente:

— Agora vos comprehendo, senhor. Bem pois. Rogo-vos que hajaes por bem dar immediatamente

ordem para se aviarem as cousas precisas para eu voltar para Portugal; ou então que me deis licença para eu mandar vir de lá o que para tal auto me é necessario que venha.

O rei de França fitou de subito Affonso v com bem arremedado pasmo.

— Ó Virgem Senhora de Clery — exclamou passado um minuto — Que é o que dizeis, senhor! *Pasques-Dieu!* Que tamanha pressa é essa que tendes agora! Demorai mais algum tempo, e tudo se fará segundo vossa vontade. Não deiteis a perder com vossa precipitação o muito que podemos fazer em Castella...

— Senhor — atalhou Affonso v rispidamente — ha oito mezes que estou fóra dos meus reinos; e vós bem sabeis que um rei não deve andar tanto tempo fóra de sua terra. Cumpre, portanto, que eu parta sem demora.

— Mas, senhor — volveu Luiz xi — que dirá o mundo, se assim vos vir partir de meus reinos? Por Deus! não me desauthoriseis. Vêde o que de mim se dirá em Castella; o que se dirá no Aragão; o que se dirá em Portugal...

— O que se dirá não sei — volveu com magestosa dignidade Affonso v — O que porém se deve dizer é que eu deixo junto de vós um embaixador para comvosco dar final determinação ao negocio, que eu não pude concluir em oito mezes.

Luiz xi ia a responder, mas o rei de Portugal continuou, erguendo a voz:

— Senhor, adeus. Espero que me não negareis este derradeiro favor que vos peço, e portanto que

o aviamento para minha partida se não demorará muito tempo. Onde ordenaes que eu vá esperar por minha embarcação?

Luiz XI ficou um momento como indeciso ácerca da resposta, que devia dar a estas ultimas palavras; mas por fim acudiu dizendo:

—Crêde que me peza n'alma a resolução que tomaes, e praza a Deus que, algum dia, vos não venhaes a arrepender d'ella. Mas pois que assim o quereis tão afincadamente, a mim me parece que Rouen é boa e grande terra, onde podereis agradavelmente esperar o aviamento da armada, que vou mandar apparelhar em Honfleur [1] para vos levar a Portugal.

O rei de França disse estas palavras com ademanes e em voz de compungido e pezaroso; mas aquellas exterioridades, com que mascarava os seus verdadeiros sentimentos, não eram d'esta vez tão perfeitamente compostas, que atravez d'ellas não atravessassem alguns ares da mofa irrisoria, com que o travesso garoto das ruas escarnece do companheiro que logrou.

Affonso V aprumou de subito a magestosa corporatura, e fitou o rei de França com um sorriso e com um olhar de ironia e de desprezo, dizendo ao mesmo tempo:

—Vós sois devéras um nobre monarca! Beijo-vos as mãos por tamanhos favores, como os que sempre me tendes feito. Agora, senhor, dai-me licença para partir. Dou-vos adeus.

[1] Honfleur é uma pequena cidade de 10:000 habitantes, na foz do Senna, defronte do Havre-de-Grace. É o *Ainafrol* dos nossos chronicas.

Assim dizendo, abaixou-lhe soberbamente a cabeça, sem mais algum outro signal de cortezia. N'aquelle momento era devéras «o ultimo rei cavalleiro.» Nada de mais magestoso do que aquelle desprezo e do que aquella soberba. A nobreza d'alma ficaria de certo bem vingada da baixeza e da deslealdade de espirito, se por ventura estas fossem capazes de resentir-se de bofetadas moraes.

Luiz XI não era, porém, homem que se desconcertasse com taes cousas. Apesar da fria e soberba polidez d'el-rei de Portugal, abriu de repente os braços, e, com elles abertos, arremessou-se sobre elle, abraçando-o com grandes effusoens de ternura.

Affonso V desviou-o mansamente de si, sem desfitar d'aquelle truão coroado o olhar de desprezo e de compaixão, com que o cobria.

—Senhor — disse em seguida por entre um sorriso de ironia — pela ultima vez, adeus... Rogo-vos mui afincadamente que vos não deslembreis do derradeiro pedido que vos fiz. Cumpre a meus negocios partir immediatamente para Portugal... Não mais d'aqui ávante — acrescentou, forcejando polidamente para fazer parar Luiz XI, que se movia para o acompanhar — senhor, perdoai-me, mas não passareis d'aqui.

— Ó senhor, consenti que, ao menos, n'esta ultima vista, eu vos acompanhe como devo...

— Perdoai, mas não passareis — atalhou Affonso V. E em seguida acrescentou com um sorriso entre affectuoso e mofador — Olhai que, apesar de estarmos em Abril, o frio vai rijo lá fóra, e essa grave molestia, de que estaes soffrendo, póde aggravar-se

grandemente com elle. Ora, senhor, não passareis, não passareis, que não quero que se diga que perdestes a vida por me serdes tão leal e affectuoso amigo.

Assim dizendo, desceu rapidamente a escadaria. Ao ouvir-lhe as ultimas palavras, os olhos do rei de França lampejaram de colera ferina. O motejo feria-o no ponto mais vivo das suas exquisitas susceptibilidades — no amor da sua pessoa, e nas suas apprehensoens pela vida. Parou, pois, e, enfiando rapidamente na cabeça as carapuças que trazia nas mãos, balbuciou, dominando-se a custo:

— Senhor, seja como ordenaes... Crêde que tendes em mim um leal e verdadeiro amigo... Mandai-me sempre em vossas cousas; e em quanto á guerra de Castella...

Ao chegar aqui parou de subito. N'este ponto, Affonso v havia chegado ao patamar do primeiro lanço da escadaria; abaixou-lhe de lá pela ultima vez a cabeça, e desappareceu dobrando immediatamente a esquina da parede que dividia o primeiro lanço do segundo.

— Safa! — disse o rei de França, voltando para dentro, e dirigindo-se a Oliveiros do Diabo, que estava rindo e piscando burlescamente os olhos, como quem o entendia perfeitamente — Safa! Até que por fim estou livre d'este maldito e estouvado andante. Pois, por Nossa Senhora de Clery! que o caso era mais difficil do que o do proprio touro de Borgonha. *Pasques-Dieu!*

E depois de dar algumas voltas distrahido, pela sala, parou em frente do barbeiro, e disse-lhe em

voz sacudida e com visiveis signaes de inquietação:

—Olha bem para mim. Achas-me alguma novidade no rosto? Tenho alguns signaes... Sinto-me mal, doente. Que dizes? Falla, homem, *Pasques-Dieu!* falla, claro... Que dizes?

—Senhor, vós nada tendes no semblante. Ao contrario, pareceis estar de optima e excellente saude — acudiu o barbeiro em tom animador.

—Nada tenho, dizes tu? — replicou Luiz XI, forcejando por animar-se, mas cada vez mais inquieto — Nada tenho? Sim, eu não tenho nada... Estou bom. Deixa vêr. Isto passa... não ha-de ser nada. Mas em todo o caso, Oliveiros, meu amigo... faz chamar monseigneur de Vienne... mas não saihas tu d'aqui... Chama... diz que chamem monseigneur de Vienne. Nossa Senhora de Clery! S. Martinho! S. Gaciano!... Parece que me arrefece o sangue nas veias... Anda-me a cabeça á roda... Monseigneur de Vienne... chama monseigneur de Vienne...

Deixemos o rei de França a braços com um d'aquelles medonhos ataques de scisma, que então principiava a ter frequentes vezes, e que foram n'elle os admiraveis precursores da terrivel molestia, que tres annos mais tarde se revelou em plena força, e o tornou humilde e abjecto escravo da tyrannia grosseira e avara de Jacques Coittier, seu medico particular [1], ataques que ainda n'aquella occasião se dissipavam facilmente diante da presença e das palavras severas

[1] Commines. Mémoires. Liv. VI. Chap. 12.

do celebre Angelo Catto, arcebispo de Vienne, seu esmoler-mór, e um dos medicos mais famosos da Europa — e sigamos el-rei D. Affonso v, que, acompanhado por Fernão d'Alvares Baldaia e pelo conde de Penamacor, descia apressadamente para o terreiro da albergaria, onde se achava a cavalgada de cavalleiros e homens d'armas, que com elle tinham vindo.

Apenas entrou no terreiro, um dos moços de esporas, que o acompanhavam, aproximou-lhe immediatamente o cavallo. Affonso v tomou as redeas, e metteu o pé no estribo.

— Fernão d'Alvares — disse então em voz baixa, curvando-se para o vereador do Porto, que estava junto d'elle — parti immediatamente para Portugal. Ide dizer ao principe, meu filho, o estado em que as cousas se acham, e as bem claras intençoens d'el-rei de França para commigo.

Assim dizendo, lançou-se desenvoltamente na sella.

— Senhor — exclamou anciosamente Fernão d'Alvares, perfilando-se com o cavallo para que el-rei podesse ouvir-lhe a voz sumida, em que lhe respondia — por Deus! tende paciencia. Agora mais que nunca precisamos de andar com cautella. Tal recado porá o principe em grandes cuidados. E vós bem sabeis como elle é. Dará logo grande rumor de si, e el-rei de França...

— Tambem vós, Fernão d'Alvares, tambem vós me sereis desleal! — exclamou Affonso v, fitando severamente o Baldaia.

— Senhor, essas palavras a mim! — replicou o velho, com as lagrimas a rebentarem-lhe pelos olhos

fóra — Mas, por Nossa Senhora, attentai no que fazeis...

— Parti, que assim cumpre a meu serviço — atalhou rudemente o monarca — As intençoens d'el-rei Luiz são bem manifestas. Quer entregar-me a el-rei d'Aragão. Parti pois, que assim o quero, e vol'o mando.

Acabando de dizer estas palavras, voltou as redeas ao cavallo, e partiu a galope na frente da comitiva de que viera acompanhado.

Fernão d'Alvares seguiu-o tristemente com os olhos, até que de todo o perdeu de vista.

— Santa Maria, vale! — rumorejou em seguida — El-rei está dementado de todo. Grande desgraça se nos está de certo apparelhando. O' Santa Maria! Como a desventura nos muda e transforma! Pois este homem suspeitoso e tão fero será o bondoso e tão confiado D. Affonso v, rei de Portugal!...

Assim dizendo, encaminhou-se, rodeando a torre, para o vasto e informe casarão da albergaria, que com ella estava pegado, e no qual elle tinha seu aposento. Ao entrar para dentro da larga porta ogivada, por onde se sahia do pateo interior do edificio, deparou com o respeitavel Pero Nagalho, que ia, n'aquelle momento, a pôr o pé no primeiro degrau da escadaria, que subia para o andar superior, levando philosophicamente um razoavel almofreixe carregado sobre o hombro esquerdo.

— Ah! ahi sois vós, ahi sois vós, homem de prol — exclamou de golpe Fernão d'Alvares — Com que, vos tenho por fim. Agora me direis...

Ao ouvir as primeiras palavras, Pero Nagalho

voltou-se de golpe, deixou cahir o almofreixe, e fitou os olhos em Fernão d'Alvares, como homem fulminado de subito, ou tomado de chofre pela inesperada apparição de um espectro. Mas, assenhoreando-se logo, exclamou voz em grita:

— Por S. Barrabás! Juro a Deus, voto a S. Pero Gonçalves, meu advogado, que não ha em mim culpa d'estas voltas e arruidos por que tenho andado. Juro-o a Deus, collaço; o rapaz tem mais sangue nas veias do que vós lhe emprestastes. Por mais que eu lhe bradasse que cumpria ser socegado e sisudo, nada feito; por mais que eu lhe dissesse que a paz era a maior das bemaventuranças...

— E assim sois vós pacato e sisudo! — atalhou Fernão d'Alvares, meneando com mofadora ironia a cabeça — Vêde, como rima! Ah! bilhardão, tu m'as pagarás. Mas onde é elle... onde está o meu filho?...

— Lá em riba o achareis... em vosso aposento — replicou casmurramente Pero Nagalho.

Fernão d'Alvares lançou-se apressadamente pela escadaria acima, sem dar mais palavra ao velho homem d'armas.

— Com que, assim sou acolhido! — rosnou por entre os dentes Pero Nagalho, seguindo-o com um olhar enfurecido — Ora, senhor, que haja um homem pacato e de cans, como eu, de pagar as rapaziadas de um creancelho desmamado e volteiro!... Por S. Barrabás! Isto não se soffre.

Assim dizendo, atirou embezerrado com o pesado almofreixe para cima do hombro, e subiu a resmungar após Fernão d'Alvares.

Este havia corrido para a sala, que lhe servia de aposento, abrira a porta de golpe, e lançara-se dentro, bradando:

— Luiz, meu filho, meu Luiz!...

— Meu senhor pae... meu querido pae! — exclamou o moço cavalleiro, erguendo-se da cadeira, onde estava sentado, com a cabeça mettida entre as mãos, e atirando-se nos braços do velho embaixador de Affonso v.

Este apertou-o freneticamente entre os braços, cobrindo-lhe ao mesmo tempo as faces de beijos affectuosissimos, e como que allucinados pelo excesso da alegria, em que trasbordava. Mas, de subito, arredou-o mansamente de si, dirigiu-se com razoavel gravidade á cadeira, d'onde o filho acabava de erguer-se, e sentou-se, dando ao semblante um aspecto de seriedade, que tinha o seu tanto de comica, em razão do grande esforço que o bom do homem fazia para dominar os impulsos que lhe eram inspirados pelo affecto extremoso que tinha áquelle seu unico filho, e dar-se ares de pae offendido e severo.

— Então, com que — disse por fim, meneando pausadamente a cabeça — assim me andas inimisando com el-rei de França, e jogando a cabeça aos dados, á conta de tuas ribaldarias...

— Senhor pae, acabo de chegar do castello de Fruges...

— Cala-te; cuidas tu que não são por cá bem sabidos os teus leaes e excellentes serviços? Agora os acabo de ouvir da propria bocca d'el-rei Luiz! Ah! marinello! E não vês que andas maquinando minha morte, e tua destruição...

— Senhor pae — atalhou o moço cavalleiro, ajoelhando, e depois de lhe beíjar muitas vezes a mão, que tomou affectuosamente entre as d'elle — Yolanda, a minha noiva, a mulher que amo como vós amastes minha mãe...

— E tanto ousaste? Ah! doudarrão, doudarrão! — exclamou Fernão d'Alvares cravando olhos enfuriados no filho, mas acariciando-lhe ao mesmo tempo as mãos, com que elle lhe tinha uma das d'elle aferrada.

— Escutai-me, por Deus! escutai-me — exclamou o moço cavalleiro, exaltando-se — Vós vêdes-me aqui á beira de um feito gravissimo. Yolanda de Melun, a minha desposada, a mulher que amo, que adoro como vós adorastes minha mãe, a orphã desvalida que jurei defender de todos e contra todos, está em poder d'el-rei de França, do tyranno infame e ingrato que fez justiçar sire Charles de Melun em Andelys...

— Filho... filho, que te podem ouvir! — exclamou apavorado o embaixador de Affonso v, tentando tapar com a mão a bocca do filho.

— E que importa que me ouçam? — bradou asperamente o moço cavalleiro, pondo-se de pé — Fallo alto, porque desejo que todos me ouçam; porque a minha resolução é firme e inabalavel...

— Filho... filho, que estás dizendo?

— Digo, senhor pae — replicou o moço em voz de magestosa firmeza — digo que jurei defender Yolanda de todos e contra todos. Entendeis-me?

Ao ouvir estas palavras, Fernão d'Alvares fez-se pallido como um cadaver, e exclamou, apertando con-

vulsivamente as mãos e em voz de apavórada agonia:

— Desgraçado de mim! Que te perdes, filho!

O moço cavalleiro tornou a ajoelhar aos pés do pae, e tomou-lhe de novo as mãos com affecto. Em seguida disse-lhe em voz branda, e cheia de extremoso carinho:

— Meu senhor pae, perdoai-me a dôr que assim involuntariamente vos causo. Mas não póde ser de outra maneira. E comtudo se o quizerdes, vós tudo podeis...

— Eu, Luiz! eu, filho! Ensandeceste!

— Escutai-me — continuou o moço cavalleiro. — Eu acabo de sahir da masmorra do castello de Fruges, aonde me levaram atordoado do golpe de uma pedra, que do alto da muralha me resvalou sobre o elmo. Foi monseigneur d'Argenton que me deu a liberdade...

— Ah! monseigneur d'Argenton!... Foi elle!... — exclamou de chofre Fernão d'Alvares, cravando no filho um olhar perscrutador e como que alheando-se n'um pensamento, que aquella revelação lhe inspirára de subito.

— Foi, monseigneur d'Argenton, senhor pae — continuou o moço, fitando-o espantado d'aquelle aspecto alheado, que de subito lhe vira tomar — foi elle proprio, que me deu a liberdade, e, ao partir, disse-me — Messire de Baldaia, vosso pae, póde tudo com el-rei de França, que tem por elle grande veneração e amizade. Ide pois ter com elle. Dizei-lhe, da minha parte, que falle afoutamente a el-rei no vosso negocio. Asseverai-lhe que eu affirmo, que se

elle lh'o pedir, Yolanda será por sem duvida vossa...

— Ah! foi elle... monseigneur d'Argenton — atalhou Fernão d'Alvares, sem tirar o olhar abstracto de cima do rosto do filho — foi elle que te deu a liberdade?... E isso te disse?...

— Senhor, sim — balbuciou cada vez mais estupefacto o moço cavalleiro.

— Elle... monseigneur d'Argenton — continuou Fernão d'Alvares, sem desfitar o filho, mas como que respondendo ao pensamento que se lhe estava desenvolvendo e combinando no cerebro — Elle... e assim te disse? Monseigneur d'Argenton... Foi elle? — Ah! Luiz XI, Luiz XI, agora te comprehendo — acrescentou, sorrindo e como que voltando a si.

Luiz Baldaia fitou o pae de todo o ponto assoberbado pelo pasmo que as palavras e os gestos d'elle lhe inspiravam. Este porém chamou-o immediatamente a si, dizendo-lhe gravemente:

— Luiz, juras-me, pela tua honra, que essa donzella póde ser mulher de meu filho?

— Senhor pae — replicou com severa dignidade o moço — e julgaes vós que eu a amaria, se ella não fosse digna de o ser?

— Porém, tenho ouvido dizer que ella é muito nobre... que descende dos antigos reis de França... — tartamudeou indeciso o velho Baldaia.

— E que importa? — exclamou com nobre orgulho o mancebo — Não sou eu cavalleiro da casa do principe D. João de Portugal? Não ganhei eu por minha lança um brazão?

— Mas és filho de um burguez da cidade do Por-

to. Esquecel-o-has, por ventura, algum dia, Luiz? — volveu com severa dignidade Fernão d'Alvares.

— Não, senhor pae — replicou solemnemente o moço — antes Deus me mate, do que nunca esquecer que nasci tão honrado. Fóra de França, Yolanda de Melun não será outra cousa mais do que a mulher de Luiz Fernandes Baldaia.

Fernão d'Alvares ergueu-se então, e abraçou o filho com amor e com enthusiasmo.

— Bem pois — disse em seguida — quererá Deus que tudo nos saia ao pintar. Eu fallarei a el-rei. Mas por agora cumpre que nos separemos. Tu vaes partir immediatamente para Arras. Logo que chegues, vai ter com monseigneur de Lude, e diz-lhe que te vaes pôr ás suas ordens, para servir el-rei de França...

— Senhor pae — exclamou o moço cavalleiro, entre duvidoso e estupefacto — que quereis dizer com isso?...

— Quero dizer, filho — replicou, sorrindo, Fernão d'Alvares — quero dizer que el-rei Luiz quer representar um auto de farça, em que, havemos, por força, de aceitar os papeis, que nos distribue, para assim conseguirmos o que desejamos. Parte pois immediatamente para Arras; e não digas uma palavra... não faças um só gesto ácerca d'esta nossa empreza. Deixa o negocio por minha conta.

Luiz Baldaia lançou-se cheio de gratidão e de amor nos braços do velho, e apertou-o affectuosamente contra o coração.

Meia hora depois o pae e o filho sahiam para fóra da porta da albergaria. Junto d'ella estava Pero

Nagalho, armado de todas as armas, e com elle um serviçal de Fernão d'Alvares tendo de redea dous cavallos ajaezados.

— Voto a Christo — bradou, mal os avistou, o velho homem d'armas, ainda embezerrado com a passada reprehensão — voto a Christo, que vos não entendo, Fernão d'Alvares. Ainda agora bradaveis contra as voltas e arruidos em que vosso filho, por seu sestro, tem andado mettido, e já o mandaes outra vez para onde ellas se jogam devéras! Pois, juro a S. Barrabás! collaço, que vós me dissestes o que não devieis, por quanto eu não hei culpa alguma nas rapaziadas volteiras de vosso filho...

— Oh! homem de Deus — atalhou Fernão d'Alvares, sorrindo — pois eu podia lá dizer cousa como essa! Eu sei muito bem quanto tu és agora pacato e cordeiro...

— Isso agora é outro fallar, collaço — exclamou gravemente e muito cheio da sua gravidade Pero Nagalho — Isso podeis vós dizer com o dedo sobre a bocca. O passado passado. E, juro a Deus, que a paz é a primeira das bemaventuranças, e por tanto, voto a S. Barrabás! que nem em Arras nem no inferno jámais tornarei a metter mão a cutelo, nem a espada, nem a facha, nem a lança...

— Homem, homem — exclamou Fernão d'Alvares, sorrindo — tem-te, ao menos por agora, em tal juramento. Vê que de novo te entrego meu filho, e que os de Arras não são lá muito boa peça de gente...

— Que, por Satanaz! — atalhou Pero Nagalho, arremessando — Pois menino o julgaes vós para de

mim carecer! Olhai o Benjamim! E, pelo inferno! — continuou com os olhos a faiscarem e erguendo o volumoso punho cerrado — voto a S. Belzebut! que entretanto que do cinto me pender esta que trago, não são taes os de Arras, que me mettam no papo... nem centos d'elles...

— Assim, assim, homem pacifico — disse o Baldaia, sorrindo.

O moço cavalleiro despediu-se então do pae, e, minutos depois, elle e Pero Nagalho trotavam em direcção a Arras, de cujo lado se ouvia estrondear a artilheria, com que monseigneur de Lude estava esbombardeando a cidade municipal.

XIX

> Ainda que como leão esfaimado busca sempre quem trague, não vai sempre bramindo, nem ensanguentando as unhas e os dentes: torna-se muitas vezes cordeiro para segurar grandes prezas e tragar mais.
>
> SOUSA. — *Vida do Arcebispo.*

No dia seguinte, eram tres para as quatro horas da tarde, parou á porta da albergaria de S. Eloy uma cavalgada de dez a doze archeiros da guarda escoceza, a cuja frente vinha Filippe de Commines, segundo se via em razão de trazer levantada a viseira do elmo. Ao lado d'elle e montada n'um anafado e formoso trotão de jornada, vinha uma dama, com o rosto inteiramente occulto pelo babete, e o corpo resguardado por um farto mantão de sêda, cujo capuz lhe cobria a cabeça.

Mal pararam, o sire d'Argenton descavalgou, e, em seguida, tomou a dama nos braços, e desceu-a do palafrem. Depois pegou-lhe da mão, e entrou imme-

diatamente com ella para dentro do pateo interior da torre.

A dama parecia caminhar a custo, e tremia visivelmente; mas não fazia resistencia de qualidade alguma, e deixava-se conduzir sem um gemido, sem uma palavra, sem ao menos um só meneio que condissesse com o tremulo, que convulsivamente a agitava.

Ao chegar, porém, ao primeiro degrau da escadaria, que subia do pateo interior para os andares superiores da torre, parou de subito, e encostou-se á parede, como se as forças lhe tivessem falhado de todo. O sire d'Argenton passou-lhe immediatamente o braço direito derredor da cintura, e, curvando-se um pouco para ella, disse-lhe, a meia voz e em tom carinhoso e animador:

— Que estranho tremor é este, senhora? Eu já vos disse que nada tendes que recear; e crêde, que vol-o juro agora por minha honra, que se outra cousa fosse, nada ha ahi no mundo bastante para fazer deslembrar a Filippe de Commines que sois filha do homem, com quem teve amizade de irmão.

A estas palavras, a donzella pareceu reanimar-se, e, dando um profundo suspiro, subiu a escadaria da torre, encostada ao braço do futuro historiador de Luiz XI.

Atravessaram assim alguns repartimentos, onde se achavam criados do paço e soldados da guarda escoceza, todos os quaes comprimentavam respeitosamente no sire d'Argenton o principal valido e privado d'el-rei; e no segundo andar da torre, para onde subiram pela mesma escada, por onde descêra Affon-

so v, chegaram por fim á porta de um aposento, que o sire d'Argenton abriu immediatamente com uma chave, que tirou da escarcella.

Era este um pequeno quarto, cujas paredes estavam cobertas por velhas tapecerias, nas quaes se via a tosca pintura de uma batalha, que, em razão do Lábaro, pintado nos ares, todos diriam ser a batalha do Tibre, em que Constantino venceu Maxencio — isto apesar do imperador e dos soldados romanos se acharem armados com as pesadas armaduras, que se principiaram a usar na Europa depois das primeiras cruzadas; e de alguns curiosos, que se achavam presenciando a batalha, lá do alto de um monte que se via ao fundo, usarem chapéos, garnachas e borzeguins, de que nem de certo sonharam a moda os antigos vassallos do Cesar, que fundou Bizancio. O pequeno catre, que se via a um dos lados, as cadeiras e escabellos, e todos os demais moveis do repartimento, pareciam contemporaneos dos pannos que forravam as paredes. N'uma palavra, apesar da tal ou qual ordem que de fresco se lhe havia dado, e dos esplendidos raios do sol de Maio, a descer vagarosamente para o horisonte, que entravam pela janella, o aspecto desusado d'estas velherias davam ao quarto um ar tristonho e sombrio, pouco azado para espairecer magoas ou para alliviar coraçoens melancolisados.

Filippe de Commines entrou pois com a dama para dentro d'este quarto, e foi sental-a n'uma cadeira espaldar, que estava a pequena distancia da janella, d'onde se avistava em formoso panorama a pobre cidade d'Arras, assentada sobre as margens pittorescas

do Scarpe; e, a pouca distancia d'ella, a planicie d'Acques, celebrada pela batalha em que o famoso Balduino derrotou Carlos, o calvo, derrota que custou ao neto de Carlos Magno uma filha e as terras de Flandres, que teve de dar, em condado, ao genro que a má sorte das armas lhe havia imposto.

A dama, apenas o sire d'Argenton a sentou na cadeira, ficou immovel e como que insensivel a tudo que em roda d'ella se achava. Filippe de Commines esteve alguns minutos defronte d'ella, silencioso e como que vivamente impressionado por aquella dôr muda, que parecia absorver todas as potencias da alma d'aquella pobre mulher.

— Senhora — disse por fim, em voz em que se entoava a profunda compaixão que sentia — tende animo, não vos afflijaes assim. Sêde certa que nada tendes a recear aqui, e que muito em breve haveis de tornar a reunir-vos áquelles que vos são caros...

A estas palavras, a dama levou de repente as mãos ao rosto. Por um momento viu-se-lhe o seio a arfar violentamente, como que de tal fórma opprimido pela agonia que nem mesmo tinha gemidos para a despeitorar. Depois estes começaram a irromper docemente e abafados pelo pranto copioso, em que a fraqueza feminil desatou finalmente.

— Por Deus, donzella! — exclamou o sire d'Argenton, verdadeiramente commovido — acalmaes-vos, senhora. Para que vos martyrisar d'essa fórma? Nada receeis, nada tendes a recear, juro-vos por Deus, juro-vos pela minha honra de cavalleiro...

A dama tirou então as mãos de cima do rosto.

Ao fazel-o, o babete desprendeu-se, e, cahindo, deixou vêr o dôce e meigo rosto de Yolanda de Melun. Nada mais admiravelmente formoso do que elle n'aquella occasião. Ali reluzia tudo o que a agonia e a dôr tem de mais poetico e meigo na encantadora fraqueza de uma mulher formosa. O sire de Commines juntou machinalmente as mãos, como se se achasse de subito diante de um anjo, e, apesar de já estar longe da idade das grandes paixoens, fitou-a com os olhos humidos de lagrimas, e rutilantes de uma afflicção, que parecia pedir áquella agonia uma palavra, pela qual se sacrificasse e morresse por ella.

— Monseigneur d'Argenton — disse ella por fim em voz em que o medo luctava com a coragem da resignação — que pretende el-rei Luiz XI de mim?

Filippe de Commines esteve alguns instantes, como que procurando coordenar a resposta que lhe devia dar.

— Senhora — disse finalmente — juro-vos pela minha honra, juro-vos pela memoria de vosso pae, de quem fui um como irmão, que nada de mal tendes que recear de el-rei Luiz. Nada mais vos posso dizer, donzella; mas crêde-me, que vol-o jurei pela minha palavra de cavalleiro, e pela alma do vosso pae, cuja memoria deveis respeitar.

E depois de estar alguns minutos calado, como se indeciso se sim ou não devia dizer o que lhe ia no pensamento, aproximou-se mais d'ella, e disse-lhe a meia voz:

— Vós sois filha de Carlos de Melun... para mim sois como que uma filha. Bem pois. Eu não posso demorar-me aqui por mais tempo; mas sabei, don-

zella, que el-rei Luiz pretende casar-vos com o cavalleiro Baldaia... Silencio! — continuou, vendo que ella o queria interromper, estupefacta por aquella inesperada revelação — crêde-o, que o deveis crêr, pois bem vêdes os juramentos com que vol-o asseguro. Pobre donzella! Parece-vos isto impossivel? E com tudo Luiz XI deseja-o tanto como vós. Não é por amizade, não... vós melhor o comprehendereis no futuro. Agora ouvide. El-rei ha-de vir fallar comvosco... não tardará por ventura em vir. Não receeis d'elle, não vos apavoreis com o que elle vos disser. Elle é rude e pouco azado para conversar com damas; e ademais convem-lhe por agora occultar o que sente...

Yolanda fez aqui um gesto entre duvidosa e admirada.

— Não o duvideis, senhora — continuou o sire d'Argenton em voz severa e carregando o sobr'olho. — Filha — disse em seguida em voz carinhosa — isto parece-vos um sonho, mas é uma realidade. Crêde que os reis têem mysterios, em que é preciso acreditar sem os discutir. Tambem ás vezes de um puro céo e sereno desce subitamente o raio que esmaga e fulmina; e outras o espaço encarrancado e tempestuoso se abre de subito, e deixa apparecer, quando menos se espera, um sol esplendido e formosissimo. Assim é o vosso caso. Em breve o conhecereis, donzella. Nada pois vos receeis, nem temaes das palavras nem dos modos d'el-rei Luiz. Elle não nasceu para viver com damas. E agora adeus; mentai bem isto que vos digo, e aguardai com coragem.

Dizendo isto, curvou o joelho e beijou-lhe a mão, e em seguida sahiu, fechando a porta sobre si.

Ao vêr-se só, a pobre menina estremeceu aterrada, e rodeou apavoradamente os olhos em derredor. Depois cobriu o rosto com as mãos, e desatou a chorar.

Entretanto Filippe de Commines dirigiu-se para a sala, habitada por Luiz XI, e, chegando á porta, bateu familiarmente com os dedos, dizendo:

—Senhor, entrarei?

—Ah! esse sois, monseigneur d'Argenton? Entrai, entrai, meu amigo.

Commines abriu a porta, e entrou para dentro. Luiz XI estava sentado na sua cadeira espaldar, com uma carta aberta nas mãos, e conversando com expressão de curiosidade com um homem ainda novo e vestido popularmente, que estava de joelhos diante d'elle. Ao lado e quasi que apegado ás costas da cadeira do monarca, via-se o barbeiro favorito com os olhos velhacamente alvares, fitados no homem, com toda a curiosidade da bisbilhotice plebeia.

—Sêde bem chegado, monseigneur d'Argenton, sêde bem chegado—disse o rei, abanando familiarmente com a mão ao valido—Então, com que trouxestes a moça? Muito bem, muito bem. Ora chegai-vos cá, e ouvide... Aqui n'esta carta me manda dizer monseigneur de Lude que os de Douai reuniram por fim a gente que esperavam, e que hoje ou ámanhã virão sobre Arras. Monseigneur de Lude diz que está determinado a sahir-lhes ao encontro, se eu não mandar o contrario. Que dizeis a isto, monseigneur d'Argenton?

— Senhor — respondeu o valido — a mim me parece que vós deveis dar ordem a monseigneur de Lude para levar a cabo o intento que tem. Com elle estão forças bastantes, cumpre que o sire de Vergy não entre em Arras...

— Assim é, dizeis muito bem — atalhou Luiz XI — Mas agora diz-me este bom homem que o Vergy sahiu esta ante-manhã de Douai, e que monseigneur de Lude estava sahindo de Arras, quando elle correio partia com sua carta para aqui. Então que dizeis? — perorou Luiz XI, fitando o valido com um sorrisinho de despotismo despeitado nos labios.

O sire d'Argenton comprehendeu bem toda a significação d'aquelle sorriso; mas monseigneur de Lude era um dos mais perigosos rivaes que lhe affrontavam a sua privança com Luiz XI. O astuto politico não respondeu, portanto; contentou-se com fazer um ligeiro movimento de cabeça e deixar apparecer nos labios um sorriso, que parecia mesmo estar a dizer:

— Então que quereis, senhor? Se elle é assim! se pensa que póde fazer o que entender sem ter que esperar pela vossa approvação!

Luiz XI correspondeu áquelle sorriso com outro, que monseigneur de Lude se não contentaria de certo se por ventura o presenciasse.

— Ora sentai-vos ahi e escrevei, monseigneur d'Argenton — disse em seguida.

O futuro chronista tomou o tamborete, para que o monarca lhe apontava, e, pegando de uma penna que se achava junto de um enorme tinteiro de

prata, que havia sobre a mesa, esperou as ordens do amo.

« — Monseigneur de Lude, meu amigo — disse Luiz XI, ditando — sei pelo vosso correio que fostes ao encontro dos de Douai, sem esperar por minha determinação. Vêde que saihaes da empreza com victoria, que o contrario vos ficará muito mal, e eu o terei na conta de um grande desserviço, visto que por vossa cabeça o fizestes. Escripta em S. Eloy, hoje 3 de Maio de 1477. »

— Ora dai cá — acrescentou, tomando a penna das mãos de Commines, e endireitando para si o papel. Em seguida assignou em letras grandes e bem talhadas — LUIZ.

Filippe de Commines subscriptou a carta, prendeu-a com um fio de sêda, e, depois de fixar este com o sêllo real, ficou com ella na mão, á espera das novas ordens d'el-rei.

— Olá, villão — disse este para o correio, que mal chegára o sire d'Argenton se havia erguido, e arredado para junto da porta — toma esta carta, e vai leval-a immediatamente ao senhor de Lude. Entrega-lh'a, seja onde fôr. Se já estiverem travados, tanto melhor. Faz com que te quebrem a cabeça, mas entrega-lh'a. Prestes, andar.

O correio recebeu com o joelho em terra a carta, que Luiz XI lhe mandava entregar, e sahiu immediatamente acompanhado pelo barbeiro Oliveiros.

— Não ha-de lá ficar muito contente o tal mestre João das habilidades — disse então, sorrindo, Luiz XI — Sobre tudo por a carta ser escripta por

vós. Mas é bem feito. *Pasques-Dieu!* a modo que se vai excedendo demais o tal espertalhão.

Aqui sorriu-se com ironia mofadora, desviou machinalmente com a mão a penna que ficára ahi junto d'elle, e esteve assim um minuto, distrahido com o pensamento que aquellas ultimas palavras lhe haviam inspirado.

— Então, com que trouxestes a moça? — disse por fim, erguendo a cabeça com aspecto prazenteiramente assombrado — Que diz ella? que diz ella?

— Senhor, corta o coração ouvil-a assim gemer e chorar, sem dizer uma palavra... — respondeu em tom magoado Commines.

— Corta o coração! — exclamou Luiz XI, soltando uma gargalhada e fitando com mofa o valido — corta o coração! *Pasques-Dieu!* monseigneur d'Argenton, quem vos ouvir ha-de cuidar que não assististes aos seroens de Genappe! Pois, por Nossa Senhora! que lá estivestes e fostes um dos que melhores historias contastes, em que pese áquelle patife Antonio de La Sale [1], que se vos esqueceu ou foi por inveja... ou quem sabe se por vós lh'o pedirdes? Mas é verdade, agora me dizei — continuou com curiosidade — Então o rapaz está enamorado devéras?

1 Antonio de La Sale foi o compilador das *Cent nouvelles nouvelles du roi Louis* XI, collecção de pequenos contos burlescamente devassos e cynicos, narrados por Luiz XI e pelos seus amigos, durante o tempo, em que, sendo ainda delfim, esteve exilado no castello de Genappe. Luiz XI tinha grande amor por estes contos obscenos. D'elle, já depois de rei, diz Brantome — «*la piuspart du temps mangeoit en pleine salle avec force de gentils hommes de ses plus privez. Et celuy qui luy faisoit le meilleur et le plus lascif conte de dames de joye, il estoit le mieux vénu et festoyé. Et luy-mesme ne s'es-*

Contai-me isso pelo miudo, que da vossa carta não se podia colher senão o principal.

— Quanto a isso, senhor — respondeu Commines — eu vos fio que não ha ahi mais Amadis do que elle é. Namorado, dizeis vós? Mais do que isso. Está doudo pela rapariga, se é que se póde ser doudo sem licença dos verdadeiros namorados. Haveis de vêl-o, senhor; estava como uma fera quando o fui desamarrar. Não fallava senão em sangue, em mortes... Por Nossa Senhora! havia ali tamanha matança, que se lhe não vou á mão, receio-me que não escapasse homem vivo n'estes reinos de França. Por fim quando lhe aconselhei que viesse ter com o pae para que elle vos pedisse...

— Consentiu n'isso? — interrompeu com anciedade Luiz XI.

— O rapaz no meio de todos aquelles arremessos de mata-mouros tem alguma cousa de bom senso do pae — replicou o valido — Vós conheceil-o bem. Pareceu-lhe bom o alvitre, e eil-o que ahi veio trotando...

— Muito bem, muito bem — atalhou Luiz XI, esfregando as mãos com ar satisfeito — Por ahi estamos nós seguros. Mas o que me receio é do velha-

pargnoit à en faire, car il s'enqueroit fort et en vouloit souvent savoir; et puis en faisoit part aux autres publiquement. C'estoit bien un scandale grand que celuy-lá. Il avoit très-mauvaise opinion des femmes et ne les croyoit toutes chastes. »

Antonio de La Sale foi tambem um dos narradores de Genappe, e author do celebre romance intitulado *Histoire du petit Jehan de Saintré et de la dame des Belles-Cuisines.* A collecção das novellas, como se vê da dedicatoria, foi feita por ordem de Carlos, o temerario, a quem foi dedicada, e de quem ha n'ella tambem algumas historietas.

co do pae. Fernão d'Alvares não é homem que se deixe pilhar facilmente na rede, e, como homem de juizo e de dias, parece-me que não consentirá em que por causa de um palmo de boa cara, o filho case com uma rapariga que de bolsa nem sequer tem signaes. *Pasques-Dieu!* monseigneur d'Argenton; pois, por Nossa Senhora, que muito me cumpre tal casamento. Além da vantagem de pôr fóra de França esta rapariga, que, pelo que sabeis, me póde vir a ser causa de graves desgostos, acresce que emfim... emfim eu não tenho coragem para me livrar d'ella por outra maneira. Carlos de Melun, como muitas vezes vos tenho dito [1], foi-me traidor e desleal. Quando eu não tivesse outra prova, bastava aquella da porta da Bastilha de Santo Antonio no tempo da revolta, que os patifes chamaram do Bem-publico; mas emfim... emfim... aquellas palavras d'elle no cadafalso em Andelys... Ora sabeis, monseigneur d'Argenton, que eu tenho devéras este casamento muito a peito... e receio de Fernão d'Alvares... *Pasques-Dieu!* Cuido que a empreza ainda me ha-de dar grande arremettida na bolsa. Que vos parece?

— Senhor — replicou gravemente o valido — a mim se me afigura que Fernão d'Alvares, vendo o filho assim tão perdido, não ha-de cuidar se a moça é pobre se é rica...

— Ah! monseigneur d'Argenton, vós não o conheceis bem — atalhou Luiz XI — Aquelle é homem de grandes e manhosas tretas. Não é pelo dinheiro, que d'esse é elle pouco ambicioso; mas emfim vós

1 Commines. Mémoires. Liv. I. Chap. 11.

bem sabeis que o moço é muito querido do filho do rei de Portugal, e que, por tal ser, o pae sonhará casal-o mui nobre e avantajadamente em sua terra. E de modo é este Fernão d'Alvares que me arreceio que seja capaz de voltar o doudo do filho...

— Perdei o cuidado, senhor — disse Commines, aproveitando aqui uma pausa que Luiz XI fez de chofre — o moço está tal que nem o bemaventurado S. Martinho fôra capaz de o converter. Ora o pae querlhe muito; e por ahi julgareis o que deverá acontecer.

Luiz XI ficou um momento meditabundo e a olhar abstractamente para Commines.

— Praza a Deus que assim seja — resmoneou por fim, levantando-se — Mas receio-me do velhaco do Fernão d'Alvares. É homem de muito juizo e de tretas muito velhacas. Emfim, Nossa Senhora de Clery porá tudo de sua mão. Ora irei vêr a moça, irei vêr a moça. Cumpre que de nossa parte tambem se faça alguma cousa. Ora irei já vêr a moça... a... a rapariga... a... filha de Carlos... de Melun — perorou em voz tão sumida, que o astuto valido, por mais que apurasse o ouvido, nada pôde distinguir.

Luiz XI dirigiu-se então vagarosamente para a porta, seguido por Filippe de Commines. Ao chegar junto d'ella, tirou de repente o chapéo, lançou-se de joelhos, e, voltando para si a imagem de chumbo, pôz-se a bradar, batendo grandes pancadas no peito:

— *Ora pro me, sancta dei genitrix, ora pro me, ora pro me, virgo virginum,* minha protectora, meus queridos amores, minha boa Senhora...

Assim dizendo, fez á imagem uma mesura quasi que a tocar com a fronte no chão, e, erguendo-se, dirigiu-se para o segundo andar da torre, atravessando vagarosamente, distrahido, e com as mãos mettidas na petrina, que lhe apertava o pelote, por entre os soldados da guarda escoceza e alguns fidalgos, que se achavam nas salas, por onde elle passava, e que se curvavam diante d'elle repeitosamente e alguns até pondo o joelho no chão.

Ao chegar junto da porta do aposento, onde se achava Yolanda, Luiz XI parou e esteve um momento com os olhos fitos n'ella, como quem estava receioso de entrar. Filippe de Commines detraz d'elle com a chave na mão, aguardava que elle mandasse abrir.

— Abride — disse por fim, com rosto carregado.

O valido abriu a porta de par em par, e desviando ao lado, deixou entrar o rei, e entrou em seguida após elle.

Ao sentir rodar a chave na fechadura, Yolanda que se achava sentada na cadeira espaldar, contemplando em melancolica abstracção o pittoresco panorama do Scarpe, estremeceu e voltou-se cheia de medo para a porta. Quando viu esta abrir-se e Luiz XI apparecer no limiar, soltou um grito de terror e cravou espavorida os olhos n'elle. Áquelle grito o monarca parou. Ella ergueu-se de subito, juntou as mãos com ademanes de medonha agonia, deu alguns passos em direcção a elle, e veio por fim cahir no meio da sala, de joelhos e sem poder dizer uma só palavra.

Luiz XI encaminhou vagarosamente para a cadei-

ra espaldar, sem descravar os olhos de cima do rosto da desgraçada menina.

— Por Nossa Senhora de Clery! Que semelhança — ia elle rosnando — É mesmo elle! Ó minha boa Senhora, meus amores, sêde em meu auxilio. Santa Maria! que semelhança... que semelhança! *Pasques-Dieu!* monseigneur d'Argenton, é mesmo elle... é mesmo a cara de Carlos de Melun quando era rapaz. Ó Santa Maria! Que semelhança! Monseigneur d'Argenton, por alma d'elle, *pater noster*...

E foi ávante, em direcção á cadeira, resmoneando palavras inintelligiveis.

Yolanda, surprehendida por estas extravagantes exclamaçoens do monarca, ora o fitava a elle, ora o valido, entre admirada e espavorida. Filippe de Commines fazia-lhe, nas costas do rei, signaes sobre signaes para que tivesse animo; por fim cravou n'ella o olhar carregado e severo. A pobre menina sentiu-se animada por aquella dura reprehensão do rosto do unico homem, em quem se via obrigada a ter confiança. Deixou pois cahir as mãos enlaçadas para sobre os joelhos, baixou os olhos resignadamente para o chão, e ficou assim como estava, sem dizer uma palavra nem fazer um só gesto.

Luiz XI havia entretanto chegado á cadeira, e de junto d'ella lançara pela janella fóra um olhar para o lado d'Arras.

— *Pasques-Dieu!* monseigneur d'Argenton — disse por fim — a modo que ha medo na cidadella d'Arras. A artilheria está calada. Que aconteceria áquelle maroto de mestre João das habilidades? Estou com cuidado.

— Será por elle estar fóra, senhor — respondeu o valido — É natural que deixasse ordem para cessar o fogo durante a sua ausencia. Irei saber novas, senhor?

— Por Deus! não — exclamou Luiz XI vivamente. E em seguida enviezando um olhar, e logo fitando Yolanda, continuou resmoneando — Nossa Senhora! que semelhança, que semelhança!

E depois de estar alguns minutos em silencio e com os olhos fitos n'ella, continuou em tom sarcastico:

— Ora chegai-vos para cá, moça. Tendes medo? Ora deixai-vos d'esses biôcos, que não sou eu homem, que por elles me deixe cegar. Tendes medo! *Pasques-Dieu!* As mulheres terem medo dos homens! Isso é porque eu sou velho, moça; que se eu fôra mancebo... As mulheres não tem medo dos homens mancebos; e quando em camisa... ainda menos medo. Ah! conheço-vos bem? Ora chegai-vos para cá; imaginai que sou ainda moço...

Apesar do cynismo grosseiro e sarcastico com que Luiz XI dizia estas palavras, conhecia-se bem que elle não estava ali muito á sua vontade. Podia até asseverar-se que recorria áquillo para desafiar o desassocego supersticioso, que d'elle tentava apoderar-se, em frente da real ou imaginaria semelhança de Yolanda com o injustamente sentenciado, Carlos de Melun. A não ser em lances de perigo extremo, nos quaes a extraordinaria energia d'alma d'este homem singular se levantava superior a todas as consideraçoens e a todas as occorrencias, a superstição do fanatismo tinha sobre elle tão decidido dominio, que

muitas vezes o fazia parecer doudo varrido, como affirma o seu contemporaneo Claudio de Seyssel.

Ao ouvir aquellas grosseiras palavras de Luiz XI, Yolanda cobriu o rosto com as mãos, e desatou a chorar.

— E esta! — exclamou elle, — e chora! Ora vêde, monseigneur d'Argenton! Donzella, escutai-me — continuou em voz firme, e como quem pretendia sahir d'aquelle estado de violento desassocego, em que se achava — ouvide... Nossa Senhora! Que semelhança!... Escutai-me. Vosso avô — grande patife! — disse aqui em á parte e em voz sumida — era réo de lesa-magestade por defender o castello de Fruges contra mim, seu senhor suzerano: vós o sois tambem por terdes desencaminhado e feito igualmente traidor messire Luiz de Baldaia, filho do embaixador d'el-rei de Portugal. Ora vosso avô já lá está, onde terá dado a Deus contas severas dos grandes males que me fez; mas vós e messire de Baldaia... Em França os traidores tem a sorte de monseigneur de S. Pol...

— Senhor, tende piedade de nós! — exclamou, soltando um grito de agonia, a pobre menina.

— E esta, monseigneur d'Argenton! — exclamou Luiz XI, já um pouco desnorteado — de que haverá medo esta tola? Mas, donzella, eu digo-vos que em França os traidores têem por premio o cadafalso; mas vós e o cavalleiro Baldaia...

— Senhor, tende piedade d'elle!... Elle não tem culpa. Tomai a minha vida, mas poupai-o a elle. Por alma de meu pae... que foi tão vosso amigo... perdoai-lhe a elle...

Yolanda não disse estas palavras, arremessou-as

para assim dizer n'um só grito, sahido do peito com tão cruciante agonia, e acompanhado por um olhar tão afflicto e tão docemente supplicante, fitado em Luiz XI, que este ficou por um momento sem dizer palavra, e com os olhos espantados n'ella. Depois estrebuxou na cadeira, ergueu-se, e exclamou em voz rude e sacudida:

— *Pasques-Dieu!* Acabemos com isto. Moça, vós casareis com messire de Baldaia, ou com outro que vos leve para fóra de França. Não sendo assim, ireis morrer n'um convento; e elle... elle que vá para o diabo, lá para sua terra. Eu farei com que elle aqui venha ter comvosco. Dizei-lhe isto que vos digo, e lá vos acordai, lá vos acordai... *Pasques-Dieu!* Eu não quero saber mais d'isto. Elle que case comvosco, ou, por minha fé, que morrereis n'um convento... morrereis n'um convento...

Assim dizendo, sahiu pela porta fóra, acompanhado por monseigneur d'Argenton, que, ao passar, sorriu animadoramente para Yolanda, que, ouvindo aquellas palavras de Luiz XI, ficára como que embobada a olhar para elle.

— Monseigneur d'Argenton — disse severamente o monarca, parando no primeiro patamar da escada — jámais digaes a pessoa alguma que vistes assim Luiz XI, desnorteado pelas lagrimas de uma mulher. Mas, *Pasques-Dieu!* que extraordinaria semelhança!... E depois aquellas ultimas palavras no cadafalso de Andelys... Parece-vos, meu amigo, que eu disse bastante para que ella entenda a necessidade que tem de obrigar messire de Baldaia a leval-a para sua terra?

—Senhor, sim — respondeu gravemente o astuto Commines — e ademais crêde que o cavalleiro Baldaia não precisa de espora para deixar correr n'esta direcção o corcel.

—Assim será, monseigneur d'Argenton, assim será — replicou Luiz XI — Mas Fernão d'Alvares, aquelle Fernão d'Alvares... Nossa Senhora! que extraordinaria semelhança!...

E, resmoneando uma e muitas vezes estas palavras, poz-se a descer o segundo lanço da escada. Ao chegar a meio d'elle topou o barbeiro, que vinha subindo, e que lhe disse com ar mysterioso:

—Sabei que está lá fóra monseigneur de Baldaia, que deseja fallar-vos. Traz comsigo o filho, e vem muito azafamado...

Luiz XI cruzou um relancear de olhos significativos com Filippe de Commines, e disse ao barbeiro:

— Diz-lhe que venha, diz-lhe que venha.

E em seguida dirigiu-se rapidamente para a sala, onde costumava dar audiencia, atravessando outra vez por entre os escocezes e cortezãos, sem d'elles fazer caso algum.

Dous ou tres minutos depois de se ter sentado na cadeira espaldar, com ares de quem ali estava havia muito, o embaixador portuguez appareceu no limiar da porta com a cara toda sorrisos, e com ademanes de alegremente alvoroçado!

—Senhor, alviçaras — exclamou, mal avistou o rei — alviçaras. O sire de Vergy foi derrotado e feito prisioneiro. Arras offereceu a monseigneur de Lude entregar-se por capitulação.

Luiz XI, ouvindo estas palavras, ergueu-se de um salto, e correu de braços abertos, para o embaixador portuguez.

— Ó meu grande e especial amigo! — exclamou com sincera alegria — Mas como o soubestes? De quem o soubestes?

— Sire, acaba de chegar aos meus aposentos o proprio cavalleiro, que aprisionou o sire de Vergy, e que vem, da parte de monseigneur de Lude, com uma carta para vós. Daes licença que o faça entrar?

— Por Nossa Senhora! Fazei-o entrar, fazei-o entrar...

O velho Baldaia correu immediatamente para a porta, e desappareceu por ella fóra.

— Seria o filho? — disse rapidamente o rei de França para Filippe de Commines.

— Pelo visto — respondeu no mesmo tom o valido...

Mas não pôde continuar. O velho embaixador appareceu n'aquelle momento, trazendo pela mão o filho, sem elmo, mas armado de todas as armas, e estas cobertas de sangue e de pó.

— Sire — exclamou alegremente — aqui tendes o traidor que tanto vos desserviu em Fruges, e que vem pedir-vos humildemente perdão. Foi elle quem aprisionou o sire de Vergy, e é elle que vos póde contar como se passou a derrota.

— Ah! patife... patife — exclamou Luiz XI jovialmente, circulando com o braço esquerdo o moço cavalleiro, que pretendia ajoelhar, e batendo-lhe familiarmente com a mão no peitoral do arnez —

Pasques-Dieu! Agora vos tenho. Por Nossa Senhora! Ah! Luiz, meu joven amigo, só vós é que me podieis trazer uma tão grande noticia. Ora dai-me a carta, dai-me a carta.

O moço cavalleiro tirou da escarcella uma carta sellada, e entregou-a a Luiz XI, pondo ao mesmo tempo o joelho em terra. Elle tomou-a, rompeu de golpe o fio de sêda com que vinha atada, leu-a sofregamente, depois passou-a a Filippe de Commines, e fez erguer o moço, a quem se poz a dar muitos e affectuosos abraços.

— Então com que — dizia ao mesmo tempo — esses patifes de Arras já pedem misericordia? E fostes vós que decidistes a briga, aprisionando o sire de Vergy! Mas, por Nossa Senhora!... João de la Driesche! João de la Driesche!

O thesoureiro, que estava na sala contigua, appareceu immediatamente no limiar da porta.

— Contai aqui a monseigneur de Baldaia mil marcos de prata — disse Luiz XI — e mil e quinhentos a este meu joven amigo. Tende paciencia, monseigneur de Baldaia, mas elle merece mais, muito mais. Vêde estas armas como estão aboladas...

Fernão d'Alvares não o deixou continuar. Lançou-se então de joelhos diante d'elle, fazendo ajoelhar ao mesmo tempo o filho, a quem travára subitamente da mão.

— Sire — disse com ar piedoso — meu filho é um cavalleiro portuguez e eu um pobre mercador de Portugal; não vos vendemos por ouro o grande amor que vos temos. Em muito mais do que n'isto

vol-o desejaramos mostrar. As alviçaras, que de vós desejamos, são de outra qualidade.

— Ora dizei, dizei — exclamou Luiz XI, relanceando-o com um olhar reluzente de anciedade.

— Senhor, rogo-vos muito afincadamente que hajaes por bem conceder a meu filho a mão de damoiselle Yolanda de Melun...

O rei de França deu um salto, e levantou os olhos e os braços para o céo, como quem fôra surprehendido por impossivel e inesperado pedido.

— Ó Virgem Senhora de Clery! — exclamou em tom plangente — que me pedis vós, meu grande e especial amigo! Mas vós bem sabeis que isso é impossivel; vós bem sabeis que em tal não posso consentir, pelos grandes damnos que d'ella ser casada podem advir a meus reinos...

— Sire — atalhou gravemente o Baldaia — vós nada tendes a recear de nós. Somos estrangeiros, e em breve estaremos fóra de França.

— Pois sim, meu particular amigo — replicou Luiz XI — mas ao vosso fino juizo não fogem de certo os grandes embaraços, que de tal casamento se me podem levantar no futuro. Ó meu grande e especial amigo, escusai-me, por meu amor, de uma tal graça. Pedi tudo o que quizerdes, que tudo vol-o concedo; mas isso, monseigneur de Baldaia...

Aqui o moço Baldaia poz-se de subito a pé.

— Sire — disse solemnemente e com aspecto carregado — eu nada vos peço mais do que a mão de Yolanda de Melun, e com ella nada de vós quero, nada de vós exijo. Não tendes que recear de mim. Dentro de oito dias serei fóra de vossos reinos, e,

se assim o quizerdes, não mais voltarei a elles. E fóra de França, juro-vos por minha honra, que Yolanda de Melun não será outra cousa mais que a esposa de Luiz Fernandes Baldaia.

Luiz XI fez um gesto de quem se achava extraordinariamente afflicto.

— Porém, meu joven e especial amigo — exclamou por fim em tom de grandemente agoniado — vós já pensastes bem em que a moça é pobre e desherdada, e que não deve cuidar mais nos grandes senhorios, de que os seus passados foram possuidores, e que perderam por suas grandes traiçoens á corôa de França?

— Sire — respondeu gravemente o moço cavalleiro — eu não me caso senão com Yolanda; e fóra de França, torno a dizer, ella não será outra cousa mais do que minha esposa.

— Mas, Luiz, meu especial amigo... Ó Virgem Senhora de Clery! — continuou Luiz XI, contorcendo-se com grandes esgares de verdadeiramente afflicto — Porém, meu joven e particular amigo... Vós não sabeis o que me pedis. Ó Virgem Santissima! Mas que remedio! Ora, pois; sabei que este era o maior favor que me podieis pedir; esta a maior prova de amor que vos posso dar, e que dando-vos esta moça, metto em vossa mão a chave da quietação e da paz do meu reino. Sêde certo que isto não o faria a outro, Luiz. Mas, em fim, vá, seja assim. Tomai pois a moça; é vossa desde agora, e, para mais vos honrar, esta seguinte manhã se fará o casamento, e eu serei o padrinho por parte d'ella, como suze-

rano... que fui — acrescentou com a sua desengraçada ironia brutal.

— Sire, beijamos-vos as mãos por tamanha mercê — exclamou o velho Fernão d'Alvares, arremettendo-lhe para as mãos, com ares de extatico enthusiasmo.

— Ó meu grande e particular amigo! — retrucou Luiz XI, levando-o nos braços — em mais desejava eu poder mostrar-vos o quanto vos préso e venero. Ora ide, ide vêr a vossa noiva, Luiz; ella ahi está, lá em cima, honradamente aposentada. Ora ide, ide — continuou com um sorriso de cynica galhofa — ah! patife, homem feliz, ide, ide...

E, dizendo, empurrava familiarmente o moço cavalleiro para a porta.

Este resistiu respeitosamente, e disse, carregando gravemente o aspecto:

— Sire, concedei-me a graça de ser eu o portador da vossa resposta á carta de monseigneur de Lude, que vos entreguei. Vós, senhor pae, visto que el-rei me faz tamanha mercê como esta, havei por bem, o irdes tomar conta da minha noiva.

Luiz XI fitou o moço cavalleiro com um olhar de sinceramente surprehendido.

— Por Nossa Senhora, minha grande amiga! — exclamou por fim — Monseigneur de Baldaia, dou-vos os parabens; vós tendes devéras um nobre e honrado filho. Pois, Luiz, meu joven amigo, sêde certo que em tal occasião eu não levaria a mal que esquecesseis o serviço do rei de França pelo... serviço de Yolanda de Melun. *Pasques-Dieu!* A moça é de tentar. Mas, emfim, seja como desejaes. Isso vem de

não terdes assistido aos seroens do castello de Genappe — acrescentou com cynica ironia.

Meia hora depois, Luiz Fernandes Baldaia galopava em direcção da cidade de Arras, levando a monseigneur de Lude uma carta, em que Luiz XI lhe ordenava que recebesse os habitantes a partido das vidas e das fazendas salvas.

Á mesma hora, Yolanda sentiu rodar de novo a chave na fechadura da porta do quarto que lhe servia de prisão. Aberta ella, assomaram no limiar Filippe de Commines e um homem já idoso, cujas feiçoens lhe não eram de todo desconhecidas, mas de que não se podia recordar.

O sire d'Argenton ficou no limiar da porta, e o velho avançou vagarosamente para ella, fitando-a com um olhar de indizivel ternura.

— Senhora — disse por fim — eu sou o pae de Luiz Fernandes Baldaia, e el-rei de França acaba de conceder a vossa mão a meu filho.

A estas palavras Yolanda ergueu-se de um salto em pé; fitou com ancioso pasmo o rosto de Fernão d'Alvares, e, lendo a verdade do que elle dizia no affecto dulcissimo e extremoso que lhe irradiava do sorriso e dos olhos, lançou-se, a chorar de alegria, nos braços d'aquelle bom velho, balbuciando com terna gratidão:

— Meu pae... meu querido pae!

— Minha filha... minha filha adorada — tartamudeou o bom do Fernão d'Alvares por entre as lagrimas de prazer, que lhe corriam pelas faces abaixo.

— Então não vos dizia eu, donzella? — disse aqui vivamente commovido o sire d'Argenton, que

se havia aproximado — Sêde certo que ninguem folga mais do que eu com este desenlace, porque emfim sois filha de Carlos de Melun, que... apesar de tudo, era um leal e honrado cavalleiro.

Alguns minutos depois, Yolanda embrulhada no seu grande manto de sêda, e a cabeça e o rosto inteiramente occulto pelo grande capuz, que elle tinha, atravessava, encostada ao braço do embaixador portuguez por entre os cortezãos e os soldados da guarda d'honra d'el-rei de França, e dirigia-se aos aposentos occupados pelo pae do seu noivo, na albergaria de S. Eloy.

No dia seguinte, ás seis horas da manhã, celebrou-se na pequena capella da albergaria o casamento de Luiz Fernandes Baldaia e de Yolanda de Melun. Luiz XI, para honrar os noivos, em lugar dos trajes grosseiros e velhos que habitualmente usava, vestia um rico pelote de brocado forrado de magnificas martas, e os golpes tomados com troçaes de ouro e pedraria, e por cima uma opa roçagante de velludo encarnado, e coberta de esplendidas bordaduras de ouro e perolas. Na cabeça, porém, trazia as suas costumadas carapuças de lã, e, por cima, o seu pequeno chapéo velho de mau feltro, adornado com a grosseira imagem da Virgem, feita de chumbo.

Acabada a ceremonia, Fernão d'Alvares aproximou-se d'elle, e disse, pondo-se de joelhos:

— Sire, agora me haveis de fazer outra mercê.

— Dizei, monseigneur de Baldaia — respondeu Luiz XI, em voz suave, mas enviezando-lhe um olhar altaneiro e desconfiado.

— Sire — volveu o embaixador portuguez — ha

pouco que tive noticia de que está prestes para partir para Portugal uma minha caravella, que está ancorada no porto de S. Valery. Concedei-me, pois, licença para eu e meus filhos partirmos n'ella para nossa terra.

— Já! Assim tão de subito! — exclamou Luiz XI — Ora sêde muito certo que em nada me podieis fallar n'esta hora que maior desprazer me désse. Ó Virgem Senhora de Clery! Mas emfim, seja como desejaes. Senhora — continuou, voltando-se com grave magestade para Yolanda — acreditai que vos desejo tanta felicidade como a minha propria filha Anna; e vós, cavalleiro Baldaia, se algum dia quizerdes deixar o serviço d'el-rei de Portugal, lembrai-vos que Luiz XI de França vos présa sinceramente, e sabe apreciar em seu justo valor os cavalleiros valentes e leaes como vós. Ora Nossa Senhora de Clery vos cubra com todas as suas bençoens — continuou, descahindo para a sua habitual bonhomia burgueza — e tenham muitos filhos, tenham muitos filhos — acrescentou, sorrindo com o devasso cynismo, que lhe era essencial.

A frase usada pelo rei de França não foi esta precisamente; mas a decencia não permitte repetir aquillo que a indole devassa lhe fez arrebentar pelos labios fóra.

Algumas horas depois, Fernão d'Alvares, o filho e a noiva, punham-se a caminho de S. Valery, cidade situada na margem esquerda da foz do Somme, acompanhados por vinte homens d'armas e um sem numero de criados portuguezes, que formavam em França o cortejo do embaixador de Portugal.

Pelas cinco horas da tarde d'esse mesmo dia — domingo, 4 de Maio de 1477 — Luiz XI entrava em Arras, que fôra n'essa manhã occupada pelo exercito commandado por Filippe de Crevecoeur e por monseigneur de Lude. Apesar da capitulação garantir aos cidadãos de Arras as vidas e as fazendas, os soldados estavam ainda saqueando a cidade, e as ruas e as praças estavam cobertas de forcas, d'onde pendiam um sem numero de cadaveres, e em que Henrique Cousin e seu filho Petit-Jean continuavam a dependurar os mais grados e ricos burguezes da cidade municipal. D'esta falta de palavra, d'este infame e traiçoeiro quebrantamento do que ha, por ventura, de mais sagrado no direito das gentes, diz Filippe de Commines, que teve a maior culpa a sordida e deshumana avareza de João de Daillon, senhor de Lude [1]. Mas fosse ou não fosse assim, o que é certo é que na manhã do dia seguinte, as grossas dobradiças com que a cidade municipal se fechava contra a cidadella e contra o velho burgo dos principes, foram arrancadas das umbreiras do lado da cidade livre, e cravadas nas do lado da cidade escrava [2].

[1] Laquelle composition fut assez mal tenue; dont ledit seigneur du Lude eut partie de la coulpe. Et fit l'on mourrir plusieurs bourgeois et autres. Et beaucoup de gens de bien, présent ledit seigneur du Lude et maistre Guillaume de Cerisay, qui y eurent grand profit, car ledit seigneur du Lude m'a dit que par ce temps il y avoit gaigné vingt mille escus et deux panes de martres. Et firent ceux de la ville un prest au roy de soixante mille escus, qui estoit beaucoup trop pour eux... COMMINES. Mémoires. Liv. v. Chap. 15. — D'aqui póde o leitor inferir que tal era a moralidade de Luiz XI e dos seus funccionarios e validos. D'estes feitos de salteador são milhares os exemplos.

[2] COMMINES. Mémoires. Liv. v. Chap. 15.

D'esta fórma era esta que fechava a porta, e ficava com a chave na algibeira. Ao mesmo tempo, viam-se erguidas ao alto, de espaço a espaço, sobre os muros, enormes quadros de pau de pinho, pintados de preto, com grandes letras que diziam:

FRANQUIA. *Assim se chama de ora ávante a terra rebelde, que se chamou Arras. Pena de morte a quem por outro nome lhe chamar.*

Aos fóros e privilegios, em nome dos quaes se haviam levantado os livres burguezes de Arras, a tyrannia ironica de Luiz XI respondia com a palavra — *Franquia!*

A Europa, porém, zombou do tyranno. Apesar d'elle, Arras ficou sempre chamando-se Arras.

XX

> Na pintura as sombras fazem sahir mais as côres: no espelho a opacidade do aço faz que o vidro represente melhor as especies: na musica o baixo concilia graça e harmonia ás vozes altas. Por isso tambem depois do naufragio é mais agradavel o porto; depois da doença mais estimavel a saude; depois da prisão mais formosa a liberdade.
>
> M. Bernardes. — *Os ultimos fins do homem.*

Apesar de eu ter deixado, no capitulo antecedente, casado e feliz Luiz Fernandes Baldaia, que é o verdadeiro heroe da minha novella, ainda assim não posso, infelizmente, dar-me por quite e desembaraçado dos meus compromissos para com o leitor, em razão de alguns outros personagens d'ella, que naturalmente o devem ter interessado. Affonso v, sobre tudo, Affonso v, aquelle *pobre rei que era bom e justo,* como diz Filippe de Commines; o *ultimo rei cavalleiro,* como lhe chama o mais illustre dos redactores

do antigo *Panorama* [1], não póde ser abandonado por mim, sem mais satisfaçoens, em poder de Luiz XI e na situação em que o leitor o encontrou a ultima vez, em que o fiz apparecer diante d'elle.

Ahi vai pois o desenlace, que teve a ida d'el-rei D. Affonso V a França.

No dia 29 de Setembro de 1477, — segunda feira — isto é, perto de cinco mezes depois da partida de Fernão d'Alvares Baldaia para Portugal, Antão de Faria, camareiro e grande valido do principe D. João, que então se achava em França, para onde o principe o havia mandado a tratar certos negocios com o pae, estava commodamente sentado e lendo com curiosidade alguns papeis, n'um dos quartos da casa, que Affonso V habitava em Honfleur, para onde viera de Rouen, havia ainda pouco. Por ventura que as grandes desconfianças, que laboravam o rei portuguez, de que Luiz XI o pretendia entregar traiçoeiramente a el-rei de Castella [2], influenciaram por não pouco n'esta mudança. Honfleur é porto de mar, e então immensamente florescente, na foz do rio Senna; e por isso mais azado, para uma fugida clandestina, do que Rouen, terra sertaneja, a quatorze leguas distante do mar, pelas margens do mesmo rio acima.

Antão de Faria lia, pois, commoda e attentamente os papeis que tinha na mão, quando n'isto a porta do gabinete arrebentou aberta de par em par, e por ella dentro entrou Luiz Fernandes Baldaia.

— Ah! Luiz Baldaia, vós em França! — excla-

[1] *Panorama*. Volume III, pag. 251.
[2] Commines. Mémoires. Liv. V. Chap. 7.

mou o camareiro-mór, desencarrancando o sobrecenho iracundo ao dar com os olhos no seu companheiro em valimento para com o principe D. João de Portugal.

— Assim é, Antão de Faria — replicou o Baldaia — O principe mandou-me com cartas para el-rei. Mas, por Deus! que foi o que aconteceu? A cidade está toda alvoroçada. Não se vê senão homens correndo d'aqui para ali, uns a pé, outros a cavallo; fallando uns para os outros á puridade, e como que dando noticias; logo partem, voltam... Pareceu-me ouvir dizer que não apparece el-rei. Que aconteceu?

O camareiro-mór pousou com todo o socego sobre a mesa os papeis, que ainda tinha na mão, e respondeu com a maior imperturbabilidade possivel:

— Muito ou muito pouco; isso é lá como vós o imaginardes. Sabei, pois, que el-rei D. Affonso havia alguns dias que costumava ir só, em romaria, ante-manhã, ahi a não sei que sanctuario junto da cidade. Sabbado, faz hoje dous dias, cavalgou como sohia, e levou comsigo Soeiro Vaz e Pedro Pessoa, ambos seus moços da camara, e a elle muito aceitos, e dous moços de esporas. Antes d'elle já havia sahido tambem Estevão Martins, seu capellão. Quando sahiu, era como vos disse, ante-manhã. Ao meio dia ainda não havia voltado. Esta desacostumada tardança principiou então a alvoroçar-nos, e a pôr-nos em desesperado pensamento. Por fim eis que chega um dos moços de esporas com a chave do cofre dos papeis particulares de el-rei, e um recado para o conde de Penamacor, dizendo que com ella abrisse o cofre, e désse cumprimento ao que lá

achasse ordenado. Corremos todos, fóra de nós, ao cofre; e, aberto elle, achamos quatro cartas, todas abertas e por sellar. Uma era para el-rei de França com muitos remoques dissimulados, reportados á sua desaventura, e dando-lhe conta do fundamento que tivera para sua partida, o qual era ir servir a Deus desconhecido em Jerusalém, como lhe fizera voto depois da morte da rainha sua mulher, para quando o principe fosse, como agora é, em idade de reger seus reinos. N'ella tambem lhe pedia que désse amparo, favor e ajuda aos seus, que no reino de França ficavam. A outra carta era para o principe, e n'ella lhe dava uma triste conta de sua viagem, mandando-lhe e encommendando-lhe por sua benção, que logo se alevantasse, e intitulasse rei. A terceira era sobre a mesma substancia para todos os do reino, ordenando-lhes que como proprio e verdadeiro rei obedecessem ao principe. A quarta era para nós, mandando-nos que estivessemos á obediencia e ordenança do conde de Farão.

Antão de Faria parou aqui, deu um profundo suspiro, e em seguida continuou em voz piedosa, e relanceando o Baldaia com um olhar que desdizia da magoa, que reluzia na voz e no gesto do camareiro valido do principe D. João:

—Ora vêde vós como nós todos ficamos com tão triste nova! O conde de Penamacor, por ter maior culpa pois é camareiro-mór, perdeu a cabeça, lançou-se por esses caminhos fóra em busca d'el-rei, jurando de nunca sem elle tornar a Portugal. Dos outros cada um sahiu por aqui e por ali, estonteados e de todo fóra de seus sisos naturaes. Pois, por mi-

nha vida! que a torvação dos francezes não era menos que a nossa. Monseigneur de Lebret, que Luiz XI traz junto d'el-rei para ser melhor aviado e servido, pôz-se logo a clamar em altos brados, praguejando a negligencia dos portuguezes por deixarem ir seu rei, assim só e de noite em terras alheias; e a si proprio se não escusava de muita magoa, por d'elle não dar melhor conta. Despachou logo por todos os caminhos e por toda a terra muita gente assim de pé, como de cavallo; e mandou logo com muita trigança infindos avisos, dando voz que el-rei de Portugal, que lhe fôra encommendado, era fugido contra prazer e serviço d'el-rei de França [1]. Moveu-se logo infinita gente; eis a causa do arruido em que anda a cidade. Eu não fui, em razão de ter de despachar para Portugal, como effectivamente despachei, a carta para o principe e a carta para o reino. Ha dous dias que não apparece. Eis-aqui o que se passa, Luiz Fernandes.

O moço Baldaia ficou por alguns segundos sem poder dar palavra.

—Estranhas novas me daes vós por certo, Antão de Faria — disse por fim — Mal cuida o principe o que por cá vai a estas horas em França; ao sabel-o devéras que fica...

— Fica rei — atalhou o camareiro-mór, fitando o Baldaia com um olhar significativo.

— Assim é — replicou este — mas sem um tão bom e generoso paę como o que tinha.

— Por Deus! que era assim — volveu Antão de

[1] R. de Pina. Chron. de Affonso V, cap. 202.

Faria — mas em fim, um dia havia de acontecer; e aqui entre nós, já que aconteceu, bom foi que acontecesse, porque el-rei D. Affonso, se fosse rei mais tempo, não deixava ao principe, como elle proprio o diz, mais que os atalhos e as estradas do reino.

Assim dizendo, Antão de Faria enviezava para o Baldaia um olhar perscrutador e velhaco. Este meneava com triste assentimento a cabeça.

— E comtudo — disse por fim melancolicamente — era um nobre senhor, e um leal e valente cavalleiro!

— Santa Maria! Se o era!... — replicou com profunda tristeza Antão de Faria.

Os dous ficaram assim silenciosos por mais de um quarto de hora, sem darem palavra nem olharem um para o outro. De subito sentiu-se bater com os dedos na porta.

— Senhor, entrarei? — disseram da parte de fóra.

— Entra — replicou o camareiro do principe.

A porta abriu-se, e a ella assomou um serviçal, vestido de jornada.

— Então, Lopo Fiuza? — disse o camareiro-mór.

— Senhor, el-rei é achado — replicou alegremente o homem.

Antão de Faria empallideceu, e relanceou um olhar significativo para o Baldaia.

— Os troteiros francezes — continuou o serviçal — deram com elle por fim n'uma villagem, a duas jornadas d'aqui. Apesar de ser noite, e elle jazer,

messire Robinet Le Boeuf [1] entrou logo com elle na pousada e camara onde jazia, e despertou-o e reconheceu-o, apesar de Soeiro Vaz o negar afincadamente, porque, segundo se diz, el-rei, para não ser conhecido pelo caminho, nem comia nem dormia apartado dos moços da camara. Messire Robinet fez logo levantar todo o lugar, para guardar el-rei, de modo que não fugisse, ainda que o quizera fazer. E mandou logo um correio a monseigneur de Lebret, o qual está sahindo para lá com o conde de Farão e com o senhor D. Alvaro, a quem o conde de Penamacor, que já lá é com el-rei, mandou tambem seu recado [2]. Alviçaras por tão boa nova, Antão de Faria, dai-me alviçaras que bem vol-as mereço por ella.

Antão de Faria metteu a mão na escarcella, tirou d'ella algumas moedas pequenas de prata, e lançou-as na mão, que o homem estendia aberta para elle.

— Bem pois — disse-lhe ao mesmo tempo — ahi tens por tua boa nova. Agora vai alegrar a outros com ella.

O homem sahiu correndo.

— Luiz Baldaia — disse então o camareiro-mór — é preciso que volteis já para Portugal. Vós bem conheceis el-rei; é natural que mude agora de determinação, e que queira voltar ao reino. Ide prevenir o principe.

— Dizeis bem — respondeu o Baldaia — O barinel, em que vim e que é de meu pae, mal deve ter

1 Commines. Mémoires. Liv. v. Chap. 7.
2 Pina. Chron. de Affonso v. Cap. 202.

ainda colhidas as velas. Vou fazel-o sahir immediatamente. Dou-vos a Deus.

Assim dizendo, apertou a mão que Antão de Faria lhe estendia, e desappareceu pela porta fóra.

Agora entremos nós em Portugal.

As cartas de Affonso v, para o principe e para o reino, que Antão de Faria despedira a 28 de Setembro, isto é, no dia seguinte ao da fugida d'el-rei, graças á morosidade da navegação d'aquella época, e ao mar revolto do canal da Mancha e do golfo da Biscaia, só chegaram a Portugal pelos principios de Novembro. Ávista d'ellas, D. João solemnisou logo o seu alevantamento, em Santarem, no alpendre do convento de S. Francisco, a 10 do mez de Novembro. « O que não foi sem muitas lagrimas e tristeza sua » — diz o chronista [1]; mas apesar d'ellas e igualmente d'aquella tristeza, o que se não póde deixar de confessar é que o principe D. João tinha devéras demasiada pressa de vir a ser o grande rei D. João II.

Alguns dias depois, o novo rei, ainda em Santarem, passeava pelas margens do Tejo, acompanhado pelo celebre D. Jorge da Costa, cardeal de Portugal, vulgarmente conhecido pelo nome de cardeal de Alpedrinha; e por D. Fernando, segundo do nome, e terceiro duque de Bragança.

D. João havia insinuado o pensamento que tinha, e que mais tarde pôz em pratica, de obrigar os fidalgos a prestar-lhe menagem, por um novo regimento e ordem de palavras, que de todo o ponto punha a nobreza debaixo do poder do rei. Esta idéa

[1] Pina. Chron. de Affonso v. Cap. 202.

encontrou logo da parte do cardeal e do duque tenacissima resistencia, de maneira que a conversa se fôra azedando de fórma, que D. Fernando se excedera, e dissera por fim:

— Senhor, se tal quizerdes fazer, a nobreza nunca vol-o consentirá.

Ao ouvir estas palavras, D. João parou de subito, e cobriu o duque com um olhar de ameaçadora e altaneira magestade.

— Primo — disse em voz serena mas soberana — quem é rei de Portugal?

D. Fernando empallideceu, abafado pelo orgulho altaneiro, em que a nobreza impava n'essa época, em razão do muito que recuára diante das pretençoens d'ella o caracter bondoso e condescendente do cavalheiresco Affonso v. Ia a responder, por ventura de modo que offenderia com mau exito para si, como mais tarde lhe aconteceu, a dignidade soberana do soberano D. João II, quando o politico cardeal interrompeu astutamente a conversa, apontando para um homem que se via a distancia, e exclamando:

— Por Nossa Senhora! Aquelle se me afigura Luiz Fernandes Baldaia.

A este nome o rei e o duque voltaram os olhos para o logar, para onde o cardeal apontava. Era de facto Luiz Fernandes Baldaia, que se dirigia a passos largos para elles.

D. João, mal o reconheceu, apressou o passo, e encaminhou-se com visivel anciedade para o seu favorito, que tinha mandado a França, e que lhe apparecia agora inesperadamente.

— Que novas, Luiz Baldaia? — disse apenas se aproximou do moço cavalleiro.

— Senhor — disse este, depois de lhe beijar a mão — el-rei, vosso pae, sahiu de França em direcção a Portugal, e em breve deve chegar ao reino.

D. João não deu palavra durante alguns minutos. Depois, voltando-se para o cardeal e para o duque, disse-lhes imperturbavelmente e com soberana gravidade:

— E bem, senhores; que faremos agora?

— Senhor, é vosso pae — balbuciou o astuto cardeal por entre os dentes.

— Que outra cousa fazer, senhor — respondeu com franco desassombro o duque de Bragança — do que irmos esperar el-rei, vosso pae, e beijar-lhe a mão como a nosso rei e senhor natural, que verdadeiramente é?

D. João voltou as costas, e continuou a andar sem dar mais palavra. A poucos passos, parou, baixou-se, e, tomando da praia um seixo chato e roliço, arremessou-o com força e de soslaio por cima da face lisa e socegada do rio. O seixo foi saltando, a espadanar, por sobre as aguas, até que por fim mergulhou, e desappareceu.

— Luiz Baldaia — disse então o principe — achegai-vos para cá, e contai-me como isso foi.

O moço cavalleiro aproximou-se, e pôz-se a meia voz a contar ao principe o que lhe tinha acontecido com Antão de Faria em França; e em seguida narrou-lhe que o temporal o demorara de fórma, que fôra colhido por alguns navios, que se haviam desgarrado da armada que conduzia Affonso v, dos quaes

soubera a partida d'el-rei, e com os quaes havia chegado na tarde do dia antecedente a Lisboa.

Entretanto o cardeal de Alpedrinha dizia a meia voz ao duque de Bragança:

— Vistes aquella pedra? Juro-vos, senhor, que não ha-de ser sobre a minha cabeça, que ella ha-de bater.

D. Fernando encolheu desdenhosamente os hombros.

D'ahi a poucos dias chegou Affonso v a Oeiras. D. João foi esperal-o, e, apesar das instancias, com que elle lhe commetteu que ficasse com o governo de Portugal, e que elle ficaria só com o dos Algarves, d'onde pretendia servir a Deus, continuando a guerra d'Africa, o principe recusou-se a aceitar tal partido, e entregou o sceptro inteiro a seu pae.

Desde essa época D. João ficou exercendo decidida influencia sobre a governação do estado. Foi elle quem estorvou o casamento de el-rei com a desgraçada princeza D. Joanna; e quem obrigou esta a entrar freira no convento de Santa Clara de Coimbra — tudo para segurar a paz com Castella, n'aquelle tempo tão necessaria a Portugal.

Todos estes dissabores apressaram a final conclusão da vida do cavalheiresco Affonso v. Desde o dia em que D. Joanna, com o nome de Excellente Senhora, vestiu o habito de religiosa de Santa Clara, o generoso conquistador da Africa jámais se tornou a sorrir, nem a ter alegria. Foi-se definhando, definhando, até que por fim veio a fallecer em Cintra, a 28 de Agosto de 1481. Tinha apenas quarenta e nove annos de idade.

Dous annos depois, a 21 de Junho de 1483, levantou-se na praça de Evora um cadafalso, em que foi justiçado por traidor o homem que era o mais poderoso senhor portuguez d'aquella época, e que por nobreza e poderio era naturalmente o chefe da aristocracia portugueza. Este poderoso e nobre senhor era D. Fernando, duque de Bragança. Fôra sobre a cabeça d'elle que batera por fim a pedra, que o principe D. João arremessara, em Santarem, por cima das aguas do Tejo. O cardeal de Alpedrinha, como prudente que era, esse, apenas o cadaver de Affonso v descera á sua ultima jazida no mosteiro de Santa Maria da Batalha, havia sahido de Portugal, e recolhido a Roma.

N'esse mesmo anno, no dia de sabbado 30 de Agosto de 1483 — precisamente dous mezes e nove dias depois que o duque de Bragança subira aô cadafalso levantado na praça de Evora — Luiz xi exhalou tambem o ultimo suspiro no seu castello de Plessis-du-Parc-lez-Tours, que elle havia afortalecido e cercado de tão extraordinarias invençoens de defeza, que mais parecia que se reputava isolado no seio de uma terra de inimigos mortaes e vingativos, do que se lembrava que vivia no meio dia da França, que tremia como escrava submissa ao mais pequeno aceno d'elle. A despeito de todos os recursos que as riquezas, a superstição e o medo da morte lhe inspiraram para vêr se protrahia a vida, Luiz xi succumbiu por fim á terrivel enfermidade que o minava, havia tanto tempo. Morreu lacerado por padecimentos e terrores de toda a ordem; porém morreu quasi que de pé, e foi até o ultimo momento o se-

nhor despotico e absoluto da França. No seu aferro ao poder, ainda pensou estender o seu reinado para além da propria hora da morte. Já tinha, para assim dizer, um braço apenas de fóra da campa, quando mandou chamar o filho. Mal este chegou, fêl-o ajoelhar aos pés do leito em que jazia, e obrigou-o a jurar que cumpriria á risca o testamento politico, que elle deixava após de si. Se Carlos VIII guardasse a palavra que deu n'aquella hora ao pae moribundo, Luiz XI continuaria a reinar em França ainda depois de morto.

Fernão d'Alvares Baldaia viveu muitos annos, depois da morte de Affonso V. Os restos da velhice passou-os, a vêr brincar o neto, e a acirrar o seu collaço Pero Nagalho, a quem a idade requintára comicamente o caracter brigoso e volteiro.

Luiz e Yolanda viveram por muito tempo felizes, amando-se sempre como no primeiro dia d'aquelle casto e cavalheiresco amor, que os havia ligado para sempre um ao outro. Ao morrer, deixaram um só filho, que, pelo andar do tempo, se passou a França, onde, em razão dos grandes serviços que prestou a el-rei Francisco I, houve d'elle parte dos grandes senhorios que haviam pertencido aos antepassados de sua mãe. Com elle acabou em Portugal a familia dos Baldaias do Porto.

Resta-me agora cumprir uma promessa que fiz ao leitor, n'um dos capitulos d'este romance, a respeito do joven Arthur de Monfort, o dedicado pagem francez de Luiz Fernandes Baldaia. O que d'elle me consta é que depois da morte da formosa Diana de Hastir-Lavaux, Arthur vagueou muitos dias, e quasi

que sem consciencia de si, em torno do mosteiro, onde ella jazia sepultada. Depois desapparece-me diante das mais apuradas investigaçoens historicas, até que por fim o vou encontrar de novo em 1515, feito pedaços sobre o campo de batalha de Marignan, a celebre *batalha dos gigantes,* em que, ao lado de Francisco I, combateu pela gloria da França contra os suissos e contra o duque de Milão.

Dadas estas noticias, julgo-me com o direito de pôr o ponto final a esta novella.

FIM

APPENDICE

EPITAFIO DE CARLOS, DUQUE DE BORGONHA

PAG. 383

Ao leitor curioso de antigualhas talvez que não seja desagradavel o lêr por inteiro o epitafio, que alguns tempos depois da batalha de Nancy, o duque de Lorena fez escrever no tumulo do celebre Carlos, o temerario.

A esse respeito lê-se o seguinte nas notas ás Memorias de Filippe de Commines, na edição de Diniz Godefroy, publicada em Paris, em 1649, pag. 468:

EPITAFIO

DE

CARLOS, ULTIMO DUQUE DE BORGONHA, QUE FOI MORTO EM FRENTE DE NANCY NO ANNO DE 1477, VESPERA DE REIS.

Tirado do tumulo do mesmo duque, que está enterrado na igreja de S. Jorge, da velha cidade de Nancy, em uma capella que está á mão esquerda, por baixo do orgão.

Diz do lado da cabeça da effigie:

Carolus hoc busto burgundae gloria gentis
Conditur, Europae qui fuit ante timor.
Ganda rebellatrix hoc plebs domitore, crematas
Post patriae leges perpete pessa jugo est.
Nec minus hunc sensit tellus Leodina cruentum,
Cum ferro et flammis urbs populata fuit.
Monte sub Hentio francas cum rege cohortes,
In pavidam valido truserat ense fugam.
Hostibus expulsis, Eduardum in regna locavit
Anglia, primaevo restituens solio.
Bella ducum, regumque, et cœsaris omnia spernens,
Totus in effuso sanguine laetus erat.
Denique dum solitis fidit temerarius armis,
Atque lotharingio cum duce bella movet;
Sanguineam vomuit media inter praelia vitam,
Aureaque hostili vellera liquit humo.
Ergo triumphator longaeva in secla Renatus,
Palmam de tanto principe victor habet.
O tibi, qui terras quaesisti, Carole, coelum
Det Deus, et spretas ante pacis opes.
Nunc dic, Nanceios cernens ex aethere muros,
A clemente ferox hoste sepulchror ibi.
Discite terrenis quid sit confidere rebus,
Hic toties victor denique victus adest.

Aos pés do mesmo tumulo, lêem-se est'outros versos que se seguem:

Dux jacet hic Carolus belgarum illa ignea virtus,
Cui Mavors dederat bella gerenda pater:
Quem timuit subitis animosus Gallus in armis,
Cuique Alemannorum terga dedere Duces,
Quique animum Hesperias bellis agitabat in urbes,
Sed subito invertit sors temulenta viam:
Nam cum Ranerium bello sibi provocat hostem,
Occubuit, fuso milite, stratus humi:
Et ne tanta viri laus intestata jaceret,
Hoc victor victi condidit ossa loco.
ECCE LEO CECIDIT, JAM PAX QUÆSITA VIGEBIT.

A um quarto de legua da dita cidade de Nancy, no caminho de S. Nicolau, ha uma capella, que se chama Nossa Senhora do Bom Soccorro, fundada em memoria d'esta victoria, pegada e proxima da qual se vê um cemiterio, em que foram enterrados aquelles que morreram na dita batalha.»

Até aqui a nota de Godefroy.

Ao viajante, que visita Nancy, ainda hoje apontam e vão mostrar o logar, onde foi morto Carlos, o temerario. A antiga cruz, que o marcava, foi destruida no tempo da revolução de 1789, mas foi restaurada, ha cousa de vinte e tantos annos, com uma inscripção nova, em frase e orthographia da época, relativa ao facto, que commemora. Vid. Richard. *Guide classique du voyageur en France et en Belgique.* Pag. 174 da 23.ª edição. — Paris 1850.

FIM

ERRATAS

PAG.	LINH.	AONDE SE LÊ	LÊA-SE
28	11	remorejou	rumorejou
33	1	burla e com	burla, com
45	7	aquelle	n'aquelle
49	3	ribaldo e aleivoso	ribaldo aleivoso
64	32	n'ella	n'elle
75	12	Põe-lhe	Põe-lhes
79	26	susteve-se	susteve-a
82	25	jura	jurar
84	5	tirava	tiravam
100	18	muita grande	minha grande
114	25	os feitos	as festas
156	30	perante	durante
162	8	sabeis	sabei
170	26	Monthery	Montlhery
233	6	proverá	prazerá
270	4	de	do
272	11	separado	espaçoso
275	21	aspeito	aspecto
281	15	um outro e rapido	um outro, rapido
284	3	desespero	desprezo
285	7	aconselham,	aconselham a,
315	3	meia	malha
321	20	sebas	sebes
323	23	seguindo	segundos
362	1	das	dos
402	8	mas carcada	mascarada
510	14	pessa	passa

LIVRARIA DE VIUVA MORÉ, EDITORA

BIBLIOTHECA MORÉ

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

AGULHA EM PALHEIRO, 2.ª edição revista pelo author — 1 vol. 500
AMOR DE PERDIÇÃO, 2.ª edição revista pelo author — 1 vol. 500
AMOR DE SALVAÇÃO — 1 vol. 500
DOZE CASAMENTOS FELIZES, 2.ª ed. revista pelo author — 1 v. 500
ESTRELLAS FUNESTAS — 1 vol. 500
ESTRELLAS PROPICIAS — 1 vol. 400
MEMORIAS DO CARCERE, 2.ª ed. revista pelo author — 2 vol. 800
AS TRES IRMANS, 2.ª ed. no prélo — 1 vol. . . . . .
ROMANCE D'UM HOMEM RICO, 2.ª ed. com um prefacio — 1 v. 500
NO BOM JESUS DO MONTE — 1 vol. 500
ESBOÇOS DE APRECIAÇÕES LITTERARIAS. 500
A SEREIA — 1 vol. 500
UM LIVRO, 3.ª ed. com um prologo por Thomaz Ribeiro — 1 v. 500
O JUDEU, romance historico — 2 vol. . . . . 1$000

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

A MOCIDADE DE D. JOÃO V, 2.ª ed. rev. pelo author — 3 vol. 1$500

JOÃO DE ANDRADE CORVO

UM ANNO NA CORTE, romance; nova ed. rev. pelo author — 3 v. 1$500

THEOPHILO BRAGA

VISÃO DOS TEMPOS — 1 vol. esgotada.
TEMPESTADES SONORAS — 1 vol. 500
POESIA DO DIREITO — 1 vol. 500

ADRIÃO PEREIRA FORJAZ DE SAMPAIO

O BUSSACO E A SERRA DA LOUZAN — 1 vol. 500

ARNALDO GAMA

O FILHO DO BALDAIA, romance historico — 1 vol. 600

MANOEL PINHEIRO CHAGAS

ENSAIOS CRITICOS — 1 vol. 500

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

ANNOS DE PROSA, romance — 1 vol. 8.º 500
DIVINDADE DE JESUS — 1 vol. 8.º 600
VAIDADES IRRITADAS E IRRITANTES 200

FR. FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO (O FLAVIENSE)

DICCIONARIO GEOGRAPHICO DE PORTUGAL E SUAS POSSESSÕES — Nova edição — 1 vol. em 8.º 800

JOSEPH GREGORIO LOPES DA CAMARA SINVAL

SERMÕES, com uma introducção por C. Castello-Branco — 1 v. 1$000

FRANCISCO SOARES FRANCO JUNIOR

O PRÉGADOR CATHOLICO, sermões ineditos — 1 vol. 8.º . . 1$000

A. GRATRY

MEZ DE MARIA, vertido em linguagem 240

MAY 201335

LIBRARY OF CONGRESS
0 027 250 917 7